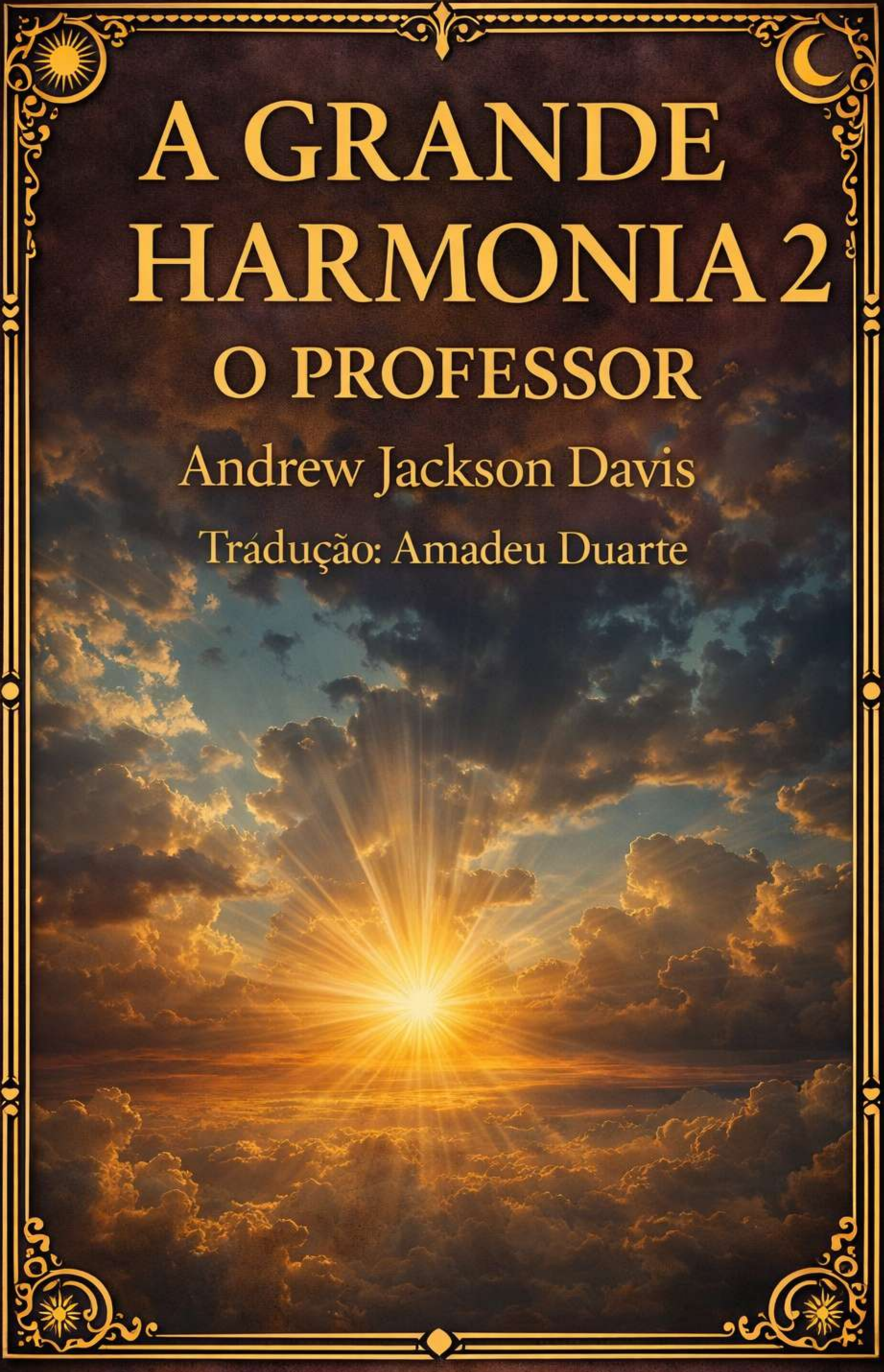




A GRANDE HARMONIA 2

O PROFESSOR

Andrew Jackson Davis

Tradução: Amadeu Duarte

**UMA REVELAÇÃO FILOSÓFICA
DO UNIVERSO NATURAL, ESPIRITUAL E CELESTIAL**

(Primeira edição datada de 1851)

POR ANDREW JACKSON DAVIS
OITAVA EDIÇÃO

Perguntas espontâneas e profundas são representantes vivos dos Desejos internos; mas, para obter e desfrutar aquelas respostas puras e belas, que são intrinsecamente elevadas e eternas, o Inquiridor não deve consultar Autoridades superficiais e populares, mas sim os ensinamentos eternos e imutáveis da Natureza, da Razão e da Intuição.

NOVA IORQUE
A. J. DAVIS & CO.,
PROGRESSIVE PUBLISHING HOUSE,
Nº 24, EAST FOURTH STREET.
1875

Registrado de acordo com a Lei do Congresso, no ano de 1851

Por ANDREW JACKSON DAVIS, no Escritório do Secretário do Tribunal Distrital dos Estados Unidos, para o Distrito de Connecticut.

“Vive egoisticamente para ti mesmo, e terminarás a vida insatisfeito com a existência humana. Serás misantropo, não importa se estás rodeado de riqueza ou de pobreza, de inimigos ou de amigos.

“Portanto, abraça no teu coração o motivo que é belo e celestial por si mesmo, vive para tornar os outros melhores, e tornar-te-ás mais completo, mais doce, mais eficaz em tudo o que fazes, alegre, animado, resistente, nunca desanimado, sempre pronto para boas ações; e um caloroso brilho envolverá o teu lar, acompanhar-te-á pelas ruas e na sociedade, e seres nobres se associarão a ti sempre que interagires com sabedoria e amor com os teus semelhantes.”

(Morning Lectures, página 98)

O melhor amigo é aquele que te devolve a ti mesmo.

(Morning Lectures)

PREFÁCIO DO AUTOR

Conforme anunciado em seu primeiro volume, o autor apresenta agora ao mundo o segundo volume de *A Grande Harmonia*. E, mais uma vez, sente-se movido a repetir que não consente em ser considerado um “mestre” infalível de ciência e filosofia, dirigindo, antes, suas revelações à Intuição e à Razão da alma humana. Sente ser seu dever devotar a vida e os poderes interiores à promoção do progresso humano, da felicidade e da iluminação espiritual — para a harmonização individual e social.

E, para obter os meios e os princípios adequados à realização desses fins sagrados, sente-se impelido a buscar, (na medida de suas capacidades), os departamentos Natural, Espiritual e Celestial do Templo Universal de Deus*, e a escrever — e sugerir a devida aplicação — de tais verdades gerais quanto o organismo físico e espiritual do homem evidentemente requer.

Perceber-se-á, ao examinar os conteúdos dos capítulos seguintes, que o autor incorporou neste volume, assim como fez no anterior, diversos artigos que já haviam sido publicados anteriormente. O presente volume intitula-se *O Mestre*, considerando-se que a maioria de seus conteúdos refere-se especialmente aos temas e interesses comuns da vida quotidiana. De acordo com a quantidade de manuscritos em posse do autor, e os que ainda serão escritos sobre o assunto, supõe-se que o capítulo sobre a Divindade se estenderá até o centro do terceiro volume.

E a razão que sente-se impelido a apresentar, pela qual o presente volume não é inteiramente dedicado à discussão desse tema sublime e sagrado, é a seguinte — a natureza e a amplitude do assunto, especialmente em suas divisões conclusivas, tornam-no demasiadamente laborioso para o leitor comum e extenso demais para a variedade que se considera essencial ao bom equilíbrio de qualquer publicação.

No primeiro capítulo será encontrado, precedendo um relato da experiência inicial do autor, diversos testemunhos a respeito de seus poderes e realizações enquanto esteve na condição de vidente ou sujeito à iluminação interior. Aqueles que desejarem mais informações sobre esse aspeto, podem consultar o relato dado em sua primeira obra, *As Revelações Divinas da Natureza*. Com relação aos escritos do autor, há uma grande variedade de opiniões. George K. Lee, M.D., um escritor muito honesto e sincero, comenta o seguinte a respeito deles:

“Muitos críticos dedicaram-se a analisar os sentimentos do livro conhecido como *As Revelações Divinas da Natureza*. É possível que suas conclusões quanto aos méritos dessa obra estejam corretas em alguns pontos e errôneas em outros; mas todos devem compreender que o Sr. Davis não reivindica infalibilidade nem em si mesmo nem em qualquer outro ser humano. Ele diz: 'Que aquilo que me sinto impelido a

declarar seja aceito como verdadeiro, ou rejeitado como falso, conforme apelar ao seu julgamento'; e novamente: 'Sei que, como todos os demais, progredirei eternamente; portanto, não prometo acreditar amanhã exatamente no que acredito hoje, pois posso saber mais.'

É verdade que os escritos do Sr. Davis podem refletir, em certa medida, a individualidade de sua própria mente — como ocorre com as produções de todos os autores. As ideias escritas de cada pessoa são, em certa medida, expressão de sua individualidade, ou símbolo da inspiração que lhe é peculiar. Os diversos livros da Bíblia ostentam uma impressão óbvia das mentes individuais de seus escritores. Daí os diferentes estilos e modos de expressão evidentes ali. Moisés, Davi, Isaías e São Paulo, todos tinham seus estilos peculiares de escrita, conforme a medida ou grau de inspiração. O mesmo ocorre com escritores modernos, sejam poetas ou teólogos.

Algumas pessoas questionam a propriedade ou consistência do título *As Revelações Divinas da Natureza*. Em resposta, perguntemos: não é a Natureza visível e invisível uma completa corporificação da Mente Divina, representando tanto suas manifestações exteriores quanto interiores? — e este volume não é, acaso, uma transcrição da Natureza em todas as suas formas múltiplas e ramificações infinitas, bem como de Deus nas profundezas insondáveis de seu amor, poder e sabedoria? Se assim for, então possuí, de fato, o caráter indicado por seu título.

Não defenderia os erros do Sr. Davis, caso existam. Que sejam apontados de forma justa e honesta. Mas somos compelidos a considerar seus escritos como o triunfo da clarividência, e, ao refletirmos que são obra de um jovem sem instrução formal, e considerarmos sua filosofia profunda, seus amplos poderes de pensamento e razão, juntamente com a linguagem surpreendentemente bela que emprega, diremos que tais elementos combinados formam a maior maravilha da nossa era.

A história da humanidade pode apresentar outro caso de alguém que, sem educação, e ainda na juventude, tenha se elevado a autor de destaque em ciências metafísicas tão complexas — exibindo, em todas essas áreas, recursos de pensamento e conhecimento que teriam custado, a outros homens, uma vida inteira para adquirir? Digo: pode a história apresentar um caso paralelo? E a humanidade já apreciou plenamente esse desenvolvimento tão extraordinário do poder mental?"

Com relação à visão contida no capítulo sobre as primeiras experiências do autor, há algumas explicações consideradas necessárias. Tal como apareceu originalmente, continha diversas afirmações que não harmonizavam com as revelações constantes do autor acerca da completa naturalidade de todos os acontecimentos humanos. Essas afirmações deram origem a muitas críticas e especulações, de modo semelhante ao método geralmente adotado por comentaristas para harmonizar as declarações bíblicas entre si — e especialmente com o que imaginam que tais

declarações deveriam significar. Os pontos controversos mencionados — aqueles que não podiam ser facilmente explicados segundo o padrão do autor, isto é, Natureza e Razão — foram os seguintes:

Primeiro: o desaparecimento inexplicável do autor na manhã seguinte ao momento em que ele próprio trancara todas as portas e janelas da casa; fato este que o jovem, que dormia em um quarto ao lado, afirmou ter constatado ao descer para o andar inferior — tendo encontrado todas as trancas exatamente como haviam sido deixadas.

Segundo: a jornada extraordinária que o autor supôs haver realizado no curto período de dezasseis horas — implicando uma velocidade, segundo a experiência humana, absolutamente sobrenatural.

Terceiro: o modo misterioso e aparentemente inexplicável como teria atravessado o rio Hudson em direção às montanhas de Catskill.

Quarto: o caminhar ao lado de carroças e outros veículos em seu trajeto até Poughkeepsie; e o fato de ver as pessoas dentro deles, mas estas não o verem — o que implicaria em uma espécie de invisibilidade.

Quando a visão mencionada foi publicada pela primeira vez, o autor anunciou com franqueza sua incapacidade, à época, de oferecer ao público a devida solução para essas declarações aparentemente sobrenaturais e contraditórias — alegando, como razão, o fato de haver relatado com fidelidade tudo quanto recordava, enquanto se encontrava em seu estado interior, a respeito dos incidentes da visão; e os detalhes relativos às portas, janelas etc., foram por ele narrados segundo o testemunho do jovem que, na manhã da visão inicial (descrita no primeiro capítulo), foi o primeiro a observar a condição das trancas.

Cerca de oito meses atrás, no entanto, o autor obteve, por meio de uma retrospectiva interior de toda a experiência, uma compreensão clara dos pormenores das ocorrências mencionadas; e, em virtude da extrema simplicidade — e quase inutilidade — das explicações dos incidentes misteriosos de sua visão, ele optou por apresentá-las ao público dessa forma, em vez de incorporá-las ao corpo principal do volume.

Embora se deva admitir que uma lição muito instrutiva — tanto para comentaristas bíblicos quanto para especuladores de ocorrências sobrenaturais — possa ser obtida a partir das explicações do autor, uma vez que elas evidenciam que todos os “mistérios”, quando devidamente compreendidos, podem ser atribuídos a uma destas três causas: primeiro, aos princípios imutáveis da Natureza; segundo, à má compreensão por parte dos indivíduos; e terceiro, às deturpações de zelosos entusiastas.

O autor descobre, por meio de um exame interior e retrospectivo das declarações referidas, que seus amigos ficaram perplexos diante do caráter misterioso de sua saída da casa, partindo da suposição de que portas e janelas estavam todas bem trancadas pela manhã, conforme afirmado pelo jovem — tudo isso porque este jovem, desejando aumentar a curiosidade dos já excitados moradores da cidade e desfrutar dos comentários gerados por isso, não disse toda a verdade.

O autor apurou que se levantou logo após deitar-se, ainda em estado sonambúlico, preparou-se silenciosamente, desceu as escadas e saiu pela porta dos fundos da residência, atravessando um quintal vizinho até alcançar a rua. Este é todo o “mistério” envolvido nesta circunstância, que deu origem a tantas especulações elaboradas.

A explicação da jornada extraordinária está no fato, agora verificado pelo autor, de que esteve ausente de Poughkeepsie por quase cinco horas a mais do que inicialmente supunha. Isso torna sua caminhada menos extraordinária do que parece, sendo comparável a realizações de pedestres notáveis; embora seja evidente que sua velocidade natural de locomoção foi bastante aumentada pela excitação e força transmitidas pelo magnetismo ao seu sistema.

Talvez nenhuma parte desta visão tenha provocado mais curiosidade e especulação do que a travessia misteriosa do rio Hudson. Mas, ao investigá-la, o autor descobriu que atravessou o rio caminhando sobre o gelo que ainda não havia derretido. Isso é bastante razoável, se lembrarmos que a visão ocorreu em 7 de março, época em que o Hudson, na região de Catskill, costuma estar ainda coberto por gelo.

A parte seguinte do mistério — referindo-se à suposta invisibilidade do autor às pessoas em sua caminhada do cemitério até Poughkeepsie — também se esclarece, ele descobre, pelo fato de ter confundido o voo de seu espírito naquela direção, à frente de seu corpo, com o ato de caminhar em estado ordinário. Como era, então, inexperiente nas práticas e vivências espirituais, por vezes lhe era difícil discriminar com precisão entre o percurso mental de seu espírito (parcialmente separado do corpo físico) e o caminhar comum.

Isso explica por que percebia as pessoas nos veículos na estrada para Poughkeepsie, mas estas não o percebiam — pois sua consciência espiritual havia se adiantado pelo caminho até a vila, depois retornado ao cemitério onde seu corpo permanecia em estado letárgico, e, então, ele naturalmente caminhou de volta para casa. Mas não se lembrava deste último detalhe ao relatar, pela primeira vez, a visão, devido à intensa excitação causada pelas partes mais significativas daquela experiência extraordinária.

O autor anunciou sua intenção de dedicar o próximo ano a palestras públicas e ao ensino dos princípios da Filosofia Harmônica; por isso, seus leitores não deverão esperar, ao final deste ano, o terceiro volume da série.

O Sr. R. P. Ambler, editor do *Spirit Messenger*, faz a seguinte comparação interessante entre Natureza e Teologia:

“O termo Natureza é corretamente usado para expressar todas as inúmeras formas — visíveis e invisíveis — existentes em todo o universo, como efeitos e manifestações do poder do Criador. Abrange não apenas aquilo que pode ser visto com os olhos físicos, mas também os elementos sutis e refinados que, por sua posição exaltada na escala progressiva da existência, estão além do alcance da visão humana.

A Natureza, portanto, engloba tanto o físico quanto o espiritual, pois ambos são igualmente obras de Deus, igualmente sujeitos a leis estabelecidas. Em resumo, tudo no universo pode ser compreendido em dois grandes departamentos: Deus, a Causa — Natureza, o Efeito. Supor, então, que haja ou tenha havido algo abaixo da Mente Divina que seja ‘sobrenatural’ ou ‘acima da natureza’ é envolver-se em impossibilidades e absurdos.

Reconheço que o plano da velha Teologia baseia-se, em grande medida, na ocorrência de eventos considerados sobrenaturais. A base, porém, aqui reconhecida, é tão frágil e insustentável quanto o próprio sistema é corrompido e falso. Os eventos tidos como sobrenaturais foram assim considerados apenas porque as leis pelas quais ocorreram não eram compreendidas.

Encontrando-nos, por assim dizer, no vestíbulo da criação, podemos penetrar apenas uma pequena parte de seus mistérios sublimes e, por não compreendermos todos os princípios essenciais em ação na Natureza, tendemos a limitá-los aos limites de nossa própria visão e imaginar que tudo aquilo que não podemos explicar prontamente deve estar além ou acima da natureza — resultante de algum exercício especial do poder divino.

No entanto, quando fazemos um levantamento mais amplo das obras do Criador; quando consideramos que tudo, abaixo de Deus, que existe como efeito de seu poder, é parte da Natureza — e que essas criações, espirituais e invisíveis ao sentido externo, são regidas por leis tão fixas e imutáveis quanto as que conhecemos neste plano material — então perceberemos que nada pode ser sobrenatural, mas que todos os acontecimentos, por mais misteriosos e maravilhosos que sejam, são resultado de princípios estabelecidos, que, embora ainda não compreendidos, serão conhecidos à medida que avançarmos em conhecimento e a luz de uma sabedoria superior iluminar a alma.”

Em meio a muito do que obscurece o caminho futuro da humanidade, ergue-se uma teologia pura e luminosa, que conduz o buscador honesto da Verdade à contemplação da Divindade em todos os modos e caminhos de seu ser. E aqueles que desejarem participar das doces alegrias que fluem naturalmente de uma consideração filosófica deste tema elevado e sublime, encontrarão os princípios inaugurais de tal prazer neste volume.

A. J. D.

Hartford, 21 de maio de 1851

MY EARLY EXPERIENCE

Leitor, por meio dos sentidos, seu espírito percebe os caracteres aqui impressos e, assim, forma um contato com o meu; pois por meio dessas palavras meu espírito expressa seus pensamentos interiores, que entram em contato com sua percepção espiritual, despertando a reflexão e provocando questões que exigem respostas. A experiência pessoal me ensina a antecipar algumas das perguntas que a visão a seguir pode sugerir, e a essas me sinto impulsionado a responder.

Desde a infância, manifestei uma constante inclinação à meditação, caminhadas solitárias e ao sonambulismo, que surgiam periodicamente e, por vezes, duravam longos períodos. Meus pais me viram com frequência levantar-me da cama durante a noite, construir máquinas, desenhar paisagens e pintar diversos objetos. Certa vez, na vila de Hyde Park, levantei-me por oito noites seguidas e pinteí, numa pequena tela de três pés quadrados, uma bela paisagem que, quando concluída, representava o Jardim do Éden, tal como o imaginava a partir dos relatos históricos.

No entanto, o testemunho de outros sobre esse poder de visão independente será mais convincente para o leitor cético. O reverendo Gibson Smith escreve: “Ao acrescentar algumas observações, respondo a um apelo insistente por um relato do Clarividente e uma breve descrição das circunstâncias em que, de tempos em tempos, suas revelações e experimentos foram realizados. Limitar-me-ei a poucos relatos, como amostras das muitas experiências que poderia apresentar.”

O Sr. Davis é bem conhecido por aqui. Viveu, durante os primeiros doze anos de sua vida, em Hyde Park e arredores, a cerca de cinco milhas daqui. Nos seis anos seguintes, residiu neste local. Ele não teve acesso à educação formal e nunca dedicou sua mente ao estudo de temas científicos. Essas afirmações podem ser confirmadas com facilidade. Já disse que o Sr. Davis não é um homem instruído e que, em estado desperto, não tem ideia das sublimes e lúcidas exposições que faz em estado clarividente, exceto pelo que os ouvintes lhe contam sobre suas próprias revelações.

Estou neste local há sete meses. Antes disso, por muitos anos, fui crente no mesmerismo, mas um descrente decidido na clarividência. No entanto, os frequentes testemunhos que presenciei, feitos por meu vizinho, o Sr. Davis, convenceram-me da verdade desse novo e maravilhoso desenvolvimento das faculdades mentais. Os experimentos foram tão variados e numerosos que não posso mais permanecer incrédulo. A verdade é irresistível, e sou obrigado a aceitá-la.

Na primeira vez em que o observei, Davis examinou meu próprio corpo, descrevendo com precisão a localização de uma doença da qual sofria havia muito tempo, sua causa, a dor associada a ela e a fraqueza que provocava. Ele também prescreveu um remédio que me curou completamente. Além disso, fez um exame de minha cabeça, apontando uma peculiaridade na disposição dos órgãos, que já havia sido observada por outros, e explicou tudo com clareza surpreendente.

Depois, testemunhei seu exame de uma jovem. Ele descreveu perfeitamente sua condição, localizando a dor e a doença com precisão, usando termos técnicos e científicos, nomeando órgãos com extrema naturalidade e exatidão. Desde então, assisti a cerca de setenta ou oitenta exames realizados por ele, nos quais descreveu as doenças, causas e sintomas com igual precisão—muitas vezes em pessoas que foram levadas diante dele após ele já estar em estado magnético, sem nenhum conhecimento prévio delas. Não há dúvida razoável de que o corpo humano se torna transparente diante dele quando está em estado clarividente.

Durante meu exame, pedi ao Sr. Davis que fosse até a casa do Sr. A. P., em New Portland, Maine, a cerca de quinhentas milhas daqui, para descrever a casa, sua família, etc. Ele descreveu com exatidão a casa, do porão ao sótão, começando pela chaminé incomumente alta, passando pelos cômodos, móveis, quadros—inclusive o número de pinturas em determinada sala. Descreveu também o Sr. A., sua esposa e uma criança adotiva, detalhando altura, compleição e aparência, e diagnosticou corretamente uma doença que o Sr. A. enfrentava há anos, causada por uma lesão na coluna sofrida ao levantar um peso três anos antes. Ele ainda descreveu outras casas na região, reconhecendo e apontando meu retrato em determinado cômodo, e fez muitas outras descrições verdadeiras, detalhadas demais para listar aqui.

Dentre outros exemplos de sua capacidade de descrever objetos e eventos distantes, menciono sua “visita” à Inglaterra. O Sr. William Brown, desta cidade, estava preocupado com sua esposa e filho, em visita a parentes na Inglaterra, e pediu que Davis os localizasse e verificasse sua condição. Davis “foi”, retornou e informou que estavam doentes, descreveu suas enfermidades e disse que estavam se recuperando. Representou também a casa onde estavam, mencionando uma antiga igreja nas proximidades. Disse ainda que havia quatro pessoas na casa, uma das quais parecia ser um carvoeiro, por causa das roupas sujas de fuligem e da compleição. O Sr. Brown escreveu imediatamente para a Inglaterra pedindo

confirmação, e a resposta confirmou toda a descrição: havia um carvoeiro na casa, a antiga igreja existia e a esposa e filho haviam estado doentes e estavam convalescendo na época da descrição de Davis.

Como outro exemplo que desejo citar, para ilustrar os poderes do Clarividente, relato o caso de um jovem desta cidade, conhecido como Sr. D., que havia estado ausente por longo tempo no mar. Seus amigos, tomados de ansiedade, pediram que o Sr. Davis, o Clarividente, fosse solicitado a procurá-lo. Assim foi feito. Davis, então em estado clarividente, localizou-o a cerca de oito mil milhas de distância.

Descreveu sua condição exata: ele havia quebrado a perna após uma queda e, naquele momento, encontrava-se de cama, em um prédio comprido—um hospital. Disse também que ele estava conversando com um homem alto, vestido com calças brancas e jaqueta verde, e que chorava, falando sobre sua mãe, a quem temia nunca mais ver. Ainda assim, Davis afirmou que o jovem retornaria são e salvo ao lar.

De fato, o jovem regressou, conforme havia sido previsto pelo Clarividente, e confirmou toda a descrição: sofreu a queda, quebrou a perna, foi levado a um hospital, conversou com o homem descrito, falou da mãe e chorou, exatamente como Davis dissera. Quando chegou, seus amigos lhe contaram que sabiam do acidente, do local e até da conversa. O jovem reconheceu e confirmou tudo.

Apresento agora uma carta recebida de um cavalheiro de caráter íntegro, cujo discernimento e sinceridade são incontestáveis:

Orono, 9 de maio de 1845

Amigo Smith, — Conforme seu pedido, envio-lhe as seguintes declarações a respeito dos experimentos magnéticos que presenciei recentemente em Poughkeepsie, realizados pelo Sr. Davis, o Clarividente. Em primeiro lugar, falo sobre o exame que ele fez de mim mesmo. Não sei por que poder ele fez suas descobertas ou chegou às suas conclusões, mas estou certo de que foram corretas. Ele apontou com precisão dificuldades estomacais que me afligiram no passado, mas que meu organismo conseguiu superar, e das quais eu já me encontrava livre. Indicou também outros problemas resultantes de exposições ao tempo, com tal exatidão que não pude duvidar de que meu corpo era, de fato, transparente para ele. Ao perguntar sobre minha condição geral, ele respondeu que eu não estava doente, que meus pulmões e peito estavam saudáveis, salvo uma leve irritação nos brônquios causada por exposição excessiva e por um resfriado evidente que eu enfrentava.

Também pedi ao Clarividente que fosse, em espírito, até Orono, Maine, examinar um conhecido meu. Ele o localizou e descreveu sua estatura, complexão, e mencionou um grande tumor escrofuloso no pescoço, indicando tamanho, forma e

aparência com mais precisão do que eu mesmo, embora o conhecesse bem. Além disso, sugeriu um método e deu orientações para a remoção do tumor.

Outro caso que testemunhei foi o de uma criança com crupe, em Poughkeepsie. O pai, muito aflito, entrou na sala onde Davis se encontrava em estado clarividente e pediu que ele prescrevesse um remédio. Davis fez uma pausa, como de costume antes de tais esforços, e então prescreveu a medicação. Em seguida, foi solicitado a verificar o estado atual da criança. Após um momento de concentração, disse: “Sim, ele está muito doente; está agora no colo da mãe; está sufocando; seu rosto está muito escuro.” E concluiu: “Você deve ir imediatamente. O remédio que indiquei será bom para ele.” O medicamento foi administrado sem demora, e a criança foi aliviada e se recuperou. Todos esses fatos podem ser confirmados por testemunhos confiáveis.

Agora, querido senhor, tendo redigido tudo isso com cuidado e fidelidade, despeço-me com muito respeito.

L. P. Rand

Gostaria de acrescentar que poderia fornecer muitos outros testemunhos semelhantes, mas creio que os apresentados já são suficientes para demonstrar que o Sr. Davis, quando em estado clarividente, possui poderes verdadeiramente extraordinários. Seu conhecimento transcende largamente as concepções comuns. De fato, parece que, nesse estado, suas faculdades mentais se expandem infinitamente, alcançando todas as áreas do saber humano—desde os segredos do mundo vegetal e animal até as leis dos mundos planetários.

Ele parece igualmente à vontade ao falar da atmosfera terrestre, seus gases, neblinas e nuvens, ou do coração humano e seu sistema circulatório, com todos os seus caminhos vitais. Do mesmo modo, descreve com exatidão uma gota de orvalho, uma erva do campo, ou os princípios que governam o movimento de um cometa. Fala do cérebro, de sua estrutura e funcionamento, da mente atuando em conexão com o corpo físico, e ainda discorre sobre os dons e capacidades dos seres em estados angélicos superiores.

Se um doente é levado à sua presença, ou se ele é solicitado a “visitar” alguém a centenas de milhas de distância, seu corpo se torna transparente diante da sua visão espiritual. Ele examina, diagnostica, descreve a enfermidade e prescreve o tratamento com precisão. Após essa pausa momentânea, como se observasse os segredos da Natureza, ele analisa, combina e recomenda os ingredientes certos com incrível clareza. E mais surpreendente ainda é que, mesmo após semanas ou meses, quando retorna ao estado magnético, lembra-se perfeitamente das prescrições anteriores—com todas as quantidades e composições.

Sua linguagem, geralmente, não apresenta erros; fala com rapidez e correção, usando os termos científicos apropriados às substâncias que recomenda. Consegue se expressar com fluidez em qualquer idioma que lhe seja necessário. Confesso que tais afirmações parecem quase inacreditáveis para serem publicadas, mas são, contudo, verdadeiras.

Esses fatos são evidências externas de que o espírito pode comandar o corpo conforme sua vontade, mesmo sem a luz exterior ou outras ajudas sensoriais comuns—fato que se me apresenta com ainda maior clareza quando estou em estado interior.

Paralelamente aos testemunhos já apresentados, que buscam estabelecer a realidade e a confiabilidade da percepção espiritual, estão diversas experiências interiores de Emanuel Swedenborg. Como ele é o indivíduo que me apareceu na visão que em breve relatarei, fornecerei ao leitor três exemplos de percepção espiritual inquestionável, baseados em sua própria experiência como vidente. Esses episódios ilustram as manifestações que ocorrem como consequência da iluminação mental.

Primeiro exemplo: Swedenborg, segundo afirma Wilkinson em sua biografia do filósofo sueco, provavelmente estava em Londres no final de 1758. No entanto, sabemos que retornou a Gotemburgo, vindo da Inglaterra, no dia 19 de julho de 1759. E foi lá que deu uma prova pública de que possuía uma visão mais abrangente do que era comum em sua época. Immanuel Kant, o filósofo transcendentalista, é quem relata o ocorrido.

Segundo Kant: “No sábado, às quatro horas da tarde, quando Swedenborg chegou a Gotemburgo vindo da Inglaterra, o Sr. William Castel o convidou para sua casa, junto com um grupo de cerca de quinze pessoas. Por volta das seis horas, Swedenborg saiu por um curto período e retornou à companhia visivelmente pálido e alarmado. Disse que um incêndio perigoso havia irrompido em Estocolmo, na região de Sudermalm (lembrando que Gotemburgo está a trezentas milhas de Estocolmo) e que o fogo estava se alastrando rapidamente. Ele demonstrava inquietação, saía frequentemente, e voltou a dizer que a casa de um de seus amigos, cujo nome mencionou, já havia sido destruída pelas chamas, e que a sua própria residência estava em perigo. Às oito horas, depois de outra saída, voltou e exclamou com alegria: ‘Graças a Deus! O fogo foi contido, a três portas da minha casa.’”

A notícia causou grande comoção por toda a cidade, especialmente entre os presentes na reunião. Ainda naquela noite, foi anunciada ao governador. Na manhã de domingo, Swedenborg foi chamado pelo próprio governador, que o interrogou sobre o incidente. Swedenborg descreveu o incêndio em detalhes: como começou, como foi contido, quanto tempo durou. Essas informações se espalharam rapidamente por Gotemburgo e, por terem sido consideradas relevantes pelo

governador, geraram ainda mais comoção, já que muitos estavam aflitos por seus entes queridos e bens, possivelmente afetados pelo desastre.

Na segunda-feira à noite, chegou um mensageiro, enviado durante o incêndio, trazendo cartas que descreviam o ocorrido exatamente como Swedenborg havia relatado. Na manhã de terça-feira, o correio oficial chegou à residência do governador com a confirmação dos danos, da duração do incêndio e da extensão das perdas, em completa concordância com a descrição dada por Swedenborg no momento em que o fogo cessou—às oito horas da noite.

Kant, que investigou minuciosamente o ocorrido por meio de cartas e investigações pessoais, confirmou todos os detalhes com base em fontes confiáveis, incluindo testemunhas ainda vivas da época.

A autenticidade deste episódio torna-se evidente. Hoje, eventos desse tipo não surpreendem tanto quanto antes, devido à frequência com que ocorrem no campo da clarividência. O mesmerismo, por exemplo, revela com frequência indivíduos com capacidades semelhantes. A faculdade de transcender as barreiras do espaço e do tempo é tão antiga quanto a própria história; sempre existiram pessoas que, por meio de uma visão mais elevada, percebiam reflexos do distante e do futuro projetados nas cortinas do presente.

Swedenborg, aliás, já tinha consciência dessa faculdade antes mesmo de se tornar vidente. Em sua obra *O Reino Animal*, parte VII, página 237, ao falar sobre o estado da alma após a morte, ele escreve: “Não preciso mencionar as simpatias manifestas que reconhecidamente existem neste mundo inferior, sendo demasiadas para serem enumeradas: tão grande é a simpatia e o magnetismo do ser humano que a comunicação frequentemente ocorre entre aqueles que estão a milhas de distância.”

Tais afirmações são vistas por muitos como absurdas, mas a experiência prova sua veracidade. Swedenborg acrescenta: “Nem mesmo mencionarei os fantasmas de alguns que foram vistos visivelmente após a morte e o sepultamento”, entre outras observações do gênero.

Para explicar eventos como a visão de Swedenborg sobre o incêndio em Estocolmo (que, segundo Robsahm, ele também teria predito), não é necessário penetrar os segredos mais profundos da natureza. Este mundo contém em si mesmo perfeições mentais, imponderáveis e até físicas, que são suficientes para explicar tais percepções. O universo está, de certo modo, presente em si mesmo telegráfica e continuamente, em cada uma de suas partes, ou então não seria um universo. Há também, na humanidade como um todo, “lentes da alma” capazes de transformar em sensação todas as comunicações rápidas que existem entre as coisas, por meio do magnetismo e de outros mensageiros afins.

Segundo exemplo — "O sobrenaturalismo", continua o mesmo historiador sincero, "possui encantos para todas as sociedades, sejam ateias ou cristãs, selvagens ou civilizadas, científicas ou poéticas. Podemos dizer que ele é o encantamento subjacente de todos os outros interesses, e que, desde a infância, a principal expectativa de toda jornada, a esperança de cada revelação, a alegria de cada novo encontro e de cada palavra brilhante, é que possamos, enfim, tropeçar naquele vão mortal que se abre para a segunda vida."

O sobrenaturalismo, em todas as eras, também assumiu um lado prático, sendo cultivado como meio de recuperar propriedades perdidas ou descobrir tesouros ocultos. Os bons cidadãos de Estocolmo, talvez, fossem espirituais sobretudo nesse sentido. Foi em 1761 que Swedenborg foi consultado sobre um caso assim por uma vizinha sua, viúva de Louis Von Marteville, que havia sido embaixador da Holanda na Suécia.

A curiosidade também motivou sua visita, e ela foi acompanhada por várias senhoras conhecidas, todas ansiosas por "ver de perto tão estranho personagem". Seu marido havia pago vinte e cinco mil florins holandeses, e, sendo novamente cobrada por esse valor, a viúva não conseguia apresentar o recibo. Perguntou a Swedenborg se ele conheceria seu marido, ao que ele respondeu negativamente, mas prometeu, mediante seu apelo, que, se o encontrasse no outro mundo, faria a pergunta sobre o recibo.

Oito dias depois, Von Marteville apareceu-lhe em sonho e revelou o local exato onde encontrar o recibo, bem como um grampo de cabelo cravejado de brilhantes que havia sido dado como perdido. Isso ocorreu às duas da manhã. A viúva, assustada, mas satisfeita, levantou-se de imediato e encontrou os objetos conforme descrito no sonho. Dormiu até mais tarde naquela manhã.

Às onze horas, Swedenborg apareceu. Sua primeira observação, antes que a senhora pudesse falar, foi que "na noite anterior, ele vira Von Marteville, e que desejara conversar com ele, mas este se desculpara, dizendo que precisava comunicar algo importante à esposa." Swedenborg acrescentou que "ele então deixou a sociedade onde estivera por um ano e ascenderia a uma muito mais feliz", provavelmente aliviado do fardo de uma preocupação terrena. Esse relato, atestado pela própria viúva por meio de seu segundo marido, o general dinamarquês Von E., espalhou-se por toda Estocolmo. Vale acrescentar que a senhora ofereceu uma generosa recompensa a Swedenborg pelos serviços prestados, mas ele recusou.

Terceiro exemplo — No mesmo ano, 1761, a rainha Louisa Ulrica, irmã de Frederico, o Grande da Prússia, casada com Adolfo Frederico, rei da Suécia, recebeu uma carta da duquesa de Brunswick mencionando que lera na Gazeta de Göttingen o relato de um homem em Estocolmo que afirmava falar com os mortos. A duquesa

expressava estranheza por a rainha não ter mencionado o assunto em sua correspondência. A rainha, já tendo ouvido sobre o caso Marteville e influenciada pelo desejo da irmã, decidiu conhecer Swedenborg pessoalmente. Entre os muitos relatos disponíveis, escolhemos o de Stahlhammer, capitão do exército, para relatar esse encontro.

Pouco depois da morte do príncipe da Prússia, Swedenborg foi chamado à corte, a pedido do senador Conde Scheffer. Assim que foi avistado pela rainha, ela disse em tom de brincadeira: "Bem, Sr. Assessor, viu meu irmão?" Swedenborg respondeu: "Não." Ao que ela replicou: "Se o vir, lembre-se de mandar lembranças." Oito dias depois, antes mesmo de ser formalmente convocado e antes da rainha sair de seus aposentos, Swedenborg apareceu novamente.

Ela se encontrava em seu quarto, conversando com suas damas de honra. Swedenborg não esperou que ela saísse, mas entrou diretamente e sussurrou algo em seu ouvido. A rainha ficou tão surpresa que adoeceu e demorou a se recuperar. Ao recobrar-se, declarou: "Apenas Deus e meu irmão poderiam saber o que ele acaba de me dizer." E revelou que ele mencionara o conteúdo de sua última correspondência com o príncipe — algo conhecido apenas entre eles.

Esses testemunhos sustentam a noção de que o espírito é, de fato, uma entidade independente — não no sentido de estar separado do corpo durante a vida, mas como sendo o verdadeiro governante, enquanto o corpo é seu instrumento. Quando a parceria entre ambos se desfaz com a morte, o espírito passa a habitar outro plano; o corpo é abandonado por já não ser mais uma morada digna da alma elevada, cujo novo lar está em uma “mansão não feita por mãos, eterna nos céus”.

Tudo isso pode ser verdade, e ainda assim pode existir uma relação invisível entre o mundo inferior e o superior, entre a Terra e o Céu, pois constantemente reconhecemos que há um mundo dentro e um mundo fora. Por isso, reflito: “Se eu perdesse minha forma neste exato momento, estaria morto apenas para as coisas exteriores, segundo os sentidos externos; mas haveria ainda um mundo interior, ainda não explorado — e nesse mundo eu estaria vivo, segundo os sentidos internos — e isso seria muito mais glorioso.”

A questão da localização é de pouca importância; pois novas sensações não nascem tanto do contato com novos objetos, mas sim do próprio desenvolvimento, que eleva o espírito a um grau proporcional de gozo, numa existência composta de modos mais altos e sábios de ação. Portanto, ainda que eu nunca mude de lugar — ainda que permaneça para sempre neste mesmo globo — serei imortal no mundo interior, crescendo em sabedoria e felicidade, que é o próprio Céu, seja alcançado neste quarto, na sociedade, ou em esferas que nem a imaginação pode conceber.

Agora, leitor, com base nos princípios revelados pela experiência pessoal, estou convencido de que a mente é capaz de expansão infinita, de gozo inexprimível e de um crescimento sem limites em sabedoria. Mas houve um tempo em que eu não pensava assim, pois minhas ideias eram moldadas pelos mestres religiosos populares. A princípio, frequentei a igreja presbiteriana, estudei seu catecismo e cri em um Deus vestido de atributos calvinistas, em seus decretos eternos de eleição e reprobção, e em outros pontos de fé que atribuíam ao Criador qualidades pouco amáveis — qualidades que dificilmente encontraríamos em qualquer uma de suas criaturas.

Um velho cavalheiro, que fora meu professor na escola dominical, costumava explicar as Escrituras para a classe e, frequentemente, para mim, já que eu sempre estava disposto a escutá-lo. Certo dia, após refletir sobre o tema da "eleição", fui procurá-lo e disse:

— Tio Isaac, o senhor me disse que Deus é amor?

— Sim, meu filho.

— E que Ele é sábio também?

— Certamente, meu jovem.

— Então, o senhor diz que, se eu não for bom e não amar meus pais, Deus me mandará para o inferno para sempre?

— Sim.

— Ora, tio Isaac, se Deus é sábio, Ele sabia, antes mesmo de me criar, se eu iria para o inferno ou para o céu; e se Ele é amor, penso que teria sido bom demais para me criar já sabendo que eu iria sofrer eternamente.

— Ah, meu filho, não fale assim. Os caminhos de Deus são insondáveis; nosso coração é depravado; nossa razão é carnal — o diabo está tentando você com esses pensamentos sobre Deus.

Depois disso, nunca mais voltei à escola dominical. Meu espírito ficou agitado. Novas circunstâncias me levaram ao caminho do metodismo. Passei a frequentar os cultos e orava, desejando que aquele espírito “tão pecador e odioso diante de Deus”, como diziam, me levasse até o altar. Mas era em vão — quanto mais desejava, mais me sentia distante; tudo parecia tolo e absurdo. Depois de muito tempo nesse estado de incerteza, o respeitado pastor veio, certo dia, até onde eu trabalhava e perguntou:

— Irmão Davis, como está se sentindo?

— Muito bem, senhor — respondi.

— Não, não, refiro-me ao seu bem-estar espiritual — já fez as pazes com Deus?

Eu mal conseguia responder. Nunca tive nenhuma briga com Ele, pensei. Mas, confuso, murmurei:

— Não, senhor.

— Então — disse o pastor — você não teme a Deus?
— Não, senhor — respondi — não tenho medo de Deus.
— Oh, jovem não convertido! — exclamou ele — temo que seu tempo de graça já tenha passado. Temo que você esteja condenado para sempre!

Dito isso, virou-se e foi embora. Ah, leitor, pode imaginar meus pensamentos naquele instante? Meu amor pela vida, pela humanidade, pela terra, pelo céu e por Deus se congelou em ódio. Por um momento, não temi ninguém — não amava mais nada. Uma vida longa me aguardava... por que não me tornar um ladrão ou um pirata de uma vez? Se eu levasse uma vida pura e irrepreensível, minha condenação seria a mesma; se me tornasse completamente perverso, isso não mudaria meu destino final. Se o tempo de graça já passou, então estou eternamente perdido — perdido no inferno! Hesitei por um instante, e uma voz interior me disse: “Fica calmo — o pastor está errado.” Oh, como eu me alegrei.

No ano seguinte, inclinei-me ao universalismo. Seus ensinamentos eram mais afins com minha natureza interior. Fiquei feliz ao saber que algumas pessoas tinham uma concepção mais elevada do Pai. Mas ainda assim, não conseguia aceitar o sistema teológico como um todo; era complicado demais, contraditório, exigia muitas interpretações verbais e admitia a Bíblia como uma revelação tão verdadeira de Deus quanto a Natureza — algo que sabemos ser impossível de ter sido feito por mãos humanas. Permaneci nesse estado de apreensão até o acontecimento da visão que relato nas páginas seguintes — e ela explicará os temores horríveis que experimentei ao entrar pela primeira vez no estado magnético.

Agora, leitor, se você teve experiências semelhantes, não pense que seu “coração é depravado”, que sua “razão é carnal”, ou que “os caminhos de Deus são inescrutáveis”. Investigue, como eu fiz, como todos deveriam fazer. E assim você não apenas abandonará os “ismos” e suas absurdidades, como também provará ser um verdadeiro amante da Natureza e de suas leis — que são os “caminhos de Deus” — e será um espírito puro e feliz, uma criança sábia do eterno Pai todo-sábio!

O ESTADO MAGNÉTICO

Para entrar nesse estado, preciso estar em estreita relação com a pessoa que pretende induzir o sono físico. Devo sentar-me confortavelmente, completamente tranquilo, com a mente livre de perturbações externas e desejos internos. A concentração é essencial para o sucesso da operação. Torno-me totalmente passivo, enquanto o operador permanece ativo, tomando o devido cuidado de afastar qualquer fator que possa prejudicar o processo. Nessa condição, pela primeira vez, mantive-me perfeitamente calmo, desejando apenas saber qual seria o resultado desse

intercâmbio de sensações e simpatias. O que segue descreve essa primeira experiência, que representa, em essência, todos os processos posteriores.

Senti uma mão fria passar e repassar sobre a minha testa e pelas câmaras do pensamento. O sangue vivo, que até então fluíra tranquilamente pelo meu corpo jovem, parecia quase ter cessado. As suas milhares de veias e canais foram subitamente iluminados por chamas lívidas de fogo elétrico; logo em seguida, tudo se tornou intensamente escuro dentro de mim.

Sensações estranhas e terríveis atravessaram-me o corpo e o cérebro em rápida sucessão. As emoções eram dolorosas. Eu havia ouvido falar das sensações horríveis da morte! Estaria eu, então, atravessando o momento da dissolução física — da transformação do espírito para um plano mais elevado? Sim — o coração já não batia com a mesma força; seus movimentos tornaram-se menos frequentes. Senti os sentidos que conectam a mente ao mundo exterior se fecharem, pouco a pouco — estariam se fechando para sempre?

Meus sentidos foram cedendo, imperceptivelmente, ao poder dominante daquele estado. Já não ouvia o mundo ativo ao redor, nem sentia o toque de objetos vivos ou inertes. Já não podia mais contemplar o sistema da Natureza, cuja luz, vida e beleza tanto me encantavam. As doces e perfumadas florestas e campos se desvaneceram — e pensei que jamais voltaria a contemplá-los novamente.

Pensamentos como esses passavam rapidamente pela minha mente assombrada. Mas o que fazer? Resistir às sensações impediria o efeito que se esperava alcançar. No entanto, permanecer nesse estado por muito mais tempo, pensei, poderia resultar no fechamento definitivo da minha alma às belezas do universo material.

Então surgiu a dúvida: será que tudo isso não passava de uma ilusão da imaginação? “Certamente estou sentindo algo estranho — mas será que tenho certeza de que essas sensações são reais?” Questionei-me, sem fazer o menor esforço para satisfazer meu julgamento quanto à veracidade do que experimentava. Fiquei quase sem respirar por mais alguns segundos, alimentando a esperança de que o experimento talvez não funcionasse, e ao mesmo tempo, de forma involuntária, contribuindo para que ele desse certo. “Ainda estou vivo”, pensei, “pois ouço o operador perguntar as horas — ouço ele responder, aparentemente a algo dito por outra pessoa — mas não ouço mais ninguém falar! Isso não é muito estranho?”

Seguiu-se um novo silêncio, durante o qual tentei analisar os meus sentimentos, que haviam penetrado os recantos mais profundos de toda a minha estrutura. Mas então, ouvi novamente um som baixo, distante, estranho e desagradável, vindo do operador — como se fosse do mundo humano — a chamar-me de volta à Terra, que eu parecia estar a deixar para trás.

Foi nesse momento que percebi que meu sentido da audição — aqueles canais pelos quais ecoavam a música prazerosa da voz sagrada do afeto puro e da amizade — havia se fechado! E fechado para sempre? Seria mesmo possível? Perguntei a mim mesmo, enquanto uma escuridão terrível me envolvia. “O momento chegou — não vou mais me submeter a esse experimento perigoso e assustador; e nunca mais minha mente, ávida por maravilhas, me levará a perigos tão grandes.”

Decidi então falar e protestar contra a continuação daquela operação. Mas, oh! que horror! — minha língua, como que subitamente aumentada de tamanho, grudou-se violentamente ao céu da boca. Minhas bochechas pareciam extremamente inchadas, e meus lábios estavam selados como que pela morte, aparentemente sem chance de se moverem novamente.

Outro pensamento passou pela minha mente, e imediatamente segui sua sugestão. Fiz um esforço desesperado para mudar de posição, principalmente para soltar as mãos; mas, horivelmente, meus pés, mãos e corpo estavam completamente fora do controle da minha vontade! Já não podia mais dizer que meu corpo me pertencia.

Tudo parecia perdido — irremediavelmente perdido. Sim! Estava convencido de que a vida exterior havia terminado para mim. O que fazer? Eu podia exercer minhas faculdades mentais com total clareza — raciocinava com perfeita lucidez — mas não podia ouvir, ver, sentir, falar ou me mover! Não tinha meios de descobrir se minha situação era física ou espiritual. Refleti dentro de mim: “Tenho um corpo, um corpo tangível — resido em alguma forma — mas será este meu corpo natural ou espiritual? Um corpo adaptado ao mundo exterior ou à esfera da vida interior? Onde estou? Oh, estou só! Que tristeza, se isto for o 'Lar Espiritual!'”

No entanto, uma consciência natural invadiu minha mente — ideias pré-concebidas emergiram da minha memória mais profunda — e o que mais me surpreendeu foi a súbita irrupção de pensamentos novos e brilhantes, que pareciam se estender por toda a paisagem do "Lar Espiritual" e abarcar mais do que posso relatar. Essas concepções, estou convencido, eram influxos da verdade interior e imortal.

Esse momento exigia uma decisão absoluta. A morte do exterior e a vida do interior pareciam consequências inevitáveis da minha situação. A cada instante, aproximava-me mais e mais daquele vale escuro que se estendia diante de mim. Senti um impulso de recuo, mas isso apenas me empurrava adiante. Recuava em pensamento, mas cada onda mental me levava ainda mais perto daquele temido vale de trevas inconcebíveis.

Era hora de um esforço poderoso; resistir era necessário, ou estaria perdido para sempre naquela escuridão impenetrável. Mas, infelizmente, continuava avançando. Em pensamento, recuei com um salto — e eis que me vi à beira de um abismo

assustador, fustigado por ondas de um desespero insano que subiam do oceano de uma noite eterna!

O calor do meu corpo foi substituído por um frio de morte. Pensamentos horríveis de desorganização corporal me atormentavam. Nada além de uma meia-noite eterna envolvia meu espírito sensível, e fui tomado de terror. A escuridão se tornava cada vez mais densa e apavorante.

Então, fui acometido por um estremecimento sobrenatural e — terrível de relatar — percebi-me girando naquela escuridão com uma velocidade inconcebível! Sentia-me girando em espiral, num movimento amplo no início, e que a cada volta ia se estreitando. Fui descendo, descendo, até estar submerso naquele imenso oceano, onde os elementos em conflito eram engolidos por uma montanha de trevas, que me envolveu em seus braços poderosos, arrastando-me para as profundezas do esquecimento.

Como são uniformes e imutáveis essas forças que se manifestam constantemente em todos os departamentos da Natureza! Estou profundamente convencido, por um conhecimento íntimo de sua retidão infalível, de que nada pode ocorrer que se oponha ao mais elevado bem-estar dos inúmeros mundos, formas e composições que são desenvolvidos por essas forças e confiados ao seu controle exclusivo e eterno.

Sou obrigado a crer nisso — não por cegueira, mas pela força das evidências explícitas que minha mente constantemente recebe. Ainda que nem todas as mentes estejam igualmente preparadas para tais impressões, a realidade das evidências em que elas se baseiam não pode ser negada por quem esteja inclinado à observação da Natureza. E, para que o leitor compreenda melhor a firmeza dessa minha convicção interior, relataria — a seguir — o misterioso retorno do meu corpo aparentemente morto e da minha mente perturbada à vida consciente da Natureza externa e ao sorriso amável dos amigos que me amam.

Acordei para a consciência enquanto girava em forma circular naquela escuridão horrenda. Regozijei-me com uma alegria extrema. A escuridão continuava, acompanhada do movimento, a crescer e se expandir, até que emergi à margem que limitava o oceano do esquecimento, cujas ondas inquietas me conduziram à terra elevada e feliz do pensamento e da lucidez!

*As sensações horríveis que o autor experimentou ao entrar pela primeira vez no estado magnético foram, em grande parte, atribuídas às visões sombrias da morte e das possíveis condições posteriores, incutidas em sua mente por meio dos ensinamentos teológicos da infância. Essas sensações não voltaram a ocorrer nas experiências subsequentes.

Meus sentidos — as janelas da alma — se abriram. A luz penetrou na minha visão ofuscada. O som reverberou através dos labirintos do meu ouvido. A sensação percorreu todo o meu corpo — e então me movi, falei e abri os olhos. Mas que surpresa! Eu estava vivo no corpo, na Terra, e exatamente na mesma posição em que havia me sentado para o experimento. Muitas pessoas estavam sentadas ao meu redor, com expressões que demonstravam reverência, prazer e espanto.

Por um momento, senti-me insatisfeito. Era difícil aceitar que eu havia retornado do “vale escuro da sombra da morte”. Mas, com outro olhar penetrante pela sala e para os rostos familiares à minha volta, convenci-me: eu havia voltado. Levantei-me como quem retorna do leito da morte, com forças renovadas, e cumprimentei os testemunhos maravilhados e contentes.

Pensei comigo mesmo como era estranho que tanto tempo houvesse passado sem que a memória guardasse qualquer lembrança — e, ainda assim, aquele período esquecido havia me proporcionado mais verdades interiores e imortais do que qualquer outro momento da minha vida! Que fenômeno extraordinário — testemunhado pelos habitantes deste mundo e do espiritual — e, ainda assim, desconhecido pela consciência do próprio sujeito! Não conseguia conter esses pensamentos, pois o operador me informou que eu havia permanecido naquele estado por mais de quatro horas, durante as quais manifestei algumas das mais solenes e surpreendentes demonstrações de visão espiritual.

Desenvolvi certos poderes que hoje sabemos residirem apenas nas profundezas da alma — cujos recantos interiores desabrocham calor, luz e conhecimento, que se revelam como fé, amor e sabedoria. Descrevi a condição interna de várias pessoas, inclusive de suas residências, e visitei espiritualmente diferentes locais da cidade e do campo — com os quais, no meu estado habitual, eu não tinha qualquer familiaridade. Fiz tudo isso de forma espiritual, satisfazendo perfeitamente os que pediram essas descrições.

“Será isso”, pensei, “um poder profético ou apostólico? Uma alucinação mental? Êxtase espiritual ou imaginativo? Uma manifestação fantástica de influência satânica? Ou será uma bela verdade, desenvolvida por uma espécie de encantamento natural?” Muitas perguntas semelhantes surgiram rapidamente em minha mente e passaram sem resposta — todas causadas pelas impressões mentais oriundas das ideias religiosas sombrias da minha juventude, ideias essas absurdas, embora populares e amplamente aceitas.

Durante várias semanas, experimentos como o que descrevi continuaram sendo realizados com sucesso. A cada dia, novas verdades e maravilhas despertavam, espalhando sua influência sobre a comunidade. Mas o coração do monstro chamado Ignorância foi tocado, e os preconceitos começaram a se agitar. Diversas

denominações religiosas se levantaram em rebelião contra os desenvolvimentos — e, principalmente, contra sua investigação cuidadosa. Na mesma proporção da surpresa e perseguição por parte dos habitantes da vila, aumentava minha ansiedade; e eu orava fervorosamente por esclarecimentos confiáveis sobre a origem desse poder e sobre sua verdadeira natureza e propósito.

Saiba, então, caro leitor, que esses fatos que relatei compreendem toda a recordação real e consciente que possuo sobre a realidade interior dessa maravilhosa faculdade da Visão Espiritual. E assim permaneceram os assuntos externos, até que ocorreu a revelação seguinte — manifestada a mim pessoalmente, sob algumas das circunstâncias mais notáveis que já foram relatadas com verdade.

Numa noite fria e desagradável, em 6 de março de 1843, o operador e eu fomos até a casa de alguns amigos, no número 24 da Garden Street, para atender a um pedido feito por eles, a fim de que eu examinasse suas constituições doentes. Ao chegarmos, poucas palavras foram trocadas antes de ser induzido àquela estranha condição anteriormente descrita. Experimentei quase a mesma transformação mental de antes, exceto pela excitação intensa e o senso de novidade que marcaram minha primeira tentativa.

*Refere-se ao momento em que o autor experimentou os fenômenos anteriormente descritos.

Cumprido o compromisso, ao término do período usual de duas horas, o operador tentou me libertar daquela influência misteriosa que eu chamo de Simpatia Espiritual — mas parecia impossível. Repetidas vezes ele fez a tentativa, e todas foram infrutíferas. Não demorou, porém, e senti a vida retornando ao meu corpo, e me vi, como imaginei, livre da influência sutil à qual havia sido submetido.

Após conversar alguns minutos com os presentes, senti uma repulsa pelas esferas individuais deles, o que me impulsionou instantaneamente a sair da casa. Desci a escada até a rua e, nesse momento, imaginei que meu sistema havia retido uma pequena parcela da influência recebida. Isso se confirmou com uma súbita iluminação no cérebro, na região dos centros intelectuais, que imediatamente dissolveu minha firmeza de propósito. Fiquei paralisado.

Ao sair da casa, minha intenção era retornar para casa e, por não estar me sentindo bem, deitar-me imediatamente. Mas, confuso, encostei-me ao portão da rua, aparentemente à mercê de algum poder sobre-humano. Enquanto ali estava, surgiu em mim um intenso desejo de visitar um clérigo que morava na mesma rua, por quem eu nutria grande afeição. Obedeci rapidamente a esse impulso. Fui até sua porta, toquei a campainha, fui conduzido à sala de estar; ofereceram-me um assento, e sentei-me próximo à janela. Folheei rapidamente alguns livros sobre a mesa. Minha mente estava dolorosamente perturbada.

O clérigo entrou na sala e me recebeu calorosamente. Ofereci muitas desculpas por invadir sua casa tão tarde, mas nenhuma o satisfez; eu mesmo não sabia qual era o motivo da minha visita, o que apenas aumentou sua perplexidade. Ele demonstrou forte desejo — que repetiu diversas vezes — de que eu passasse a noite ali. Mas fui impelido a recusar, sem conseguir explicar o porquê. Sem esclarecer as razões da minha visita, despedi-me de forma algo abrupta.

Segui para minha casa na Main Street algum tempo depois desse encontro pouco cerimonioso. Com a mente bastante agitada, entrei pela porta da frente, atravessei o corredor e subi dois lances de escada até meu quarto. Com extrema inquietação física e mental, deitei-me para descansar. Meus pensamentos eram poucos e passageiros. Meu corpo cedeu ao silêncio sonolento que reinava ao redor, e afundei em um sono inconsciente, semelhante à morte.

Eis a majestade tremenda, sublime e grandiosa dos céus expandindo-se diante de mim! Vejo os cortinados etéreos, cujos véus dissolventes e entrelaçados escondem da visão humana o abismo estrelado — onde dezenas de milhares de orbes giram, com graça inefável, diante do Trono Celestial do Rei eterno e onisciente! A grandeza do manto translúcido ao meu redor e acima está além do poder das palavras. A grandeza divina se reflete em tudo! Ordem e Forma, Amor e Sabedoria se manifestam em cada objeto criado, do mais simples ao mais elevado. Da constante recombinação dos elementos existentes, a juventude se revela por toda parte, e a Beleza surge de cada criação espontânea!

Esses pensamentos me vieram à mente enquanto eu estava, tarde da noite, parado na calçada da esquina das ruas Mill e Hamilton, na tranquila vila de Poughkeepsie. “Como isso é possível?”, pensei. Lembro-me claramente de ter me deitado em meu quarto, mergulhado em sono profundo — mas que mudança extraordinária! A abóbada celeste acima de mim é indescritivelmente gloriosa e bela; as muitas estrelas, espalhadas por seus vastos labirintos como luzes de diamante, brilham com uma luz imortal, guiando o viajante em direção à cidade da alegria eterna! E aqui estou eu, sozinho, invisível a qualquer um exceto ao Olho do Ser Eterno, e inaudível a todos, exceto ao Ouvido que escuta até o eco silencioso de todos os pensamentos humanos! Sim, estou vestido com minhas roupas usuais, contemplando os mais altos e sublimes temas.

Foi nesse estado que me encontrei, meditando — sem saber como fui transportado até ali, nem quanto tempo havia se passado desde que adormeci — mas ainda sentindo as mesmas sensações físicas e mentais que experimentei ao me deitar. Sentia grande serenidade, embora não pudesse conter a curiosidade quanto ao modo extraordinário como fui ali parar. Era primavera, mas a estação se mostrava fria e cinzenta; o sol ainda não havia despertado as belezas da natureza. A terra estava

coberta com um manto de neve, e o cenário inteiro era ao mesmo tempo sombrio, grandioso e sublime.

Por alguns instantes, permaneci ali, apoiado em uma cerca que separava a rua de um campo vizinho, mergulhado em pensamentos — quando, de repente, um som estranho soou atrás de mim. Virei-me, e eis que vi, com admiração, um rebanho de ovelhas limpas e belas! Sua súbita aparição me surpreendeu, mas tudo em torno delas parecia certo e bom. O rebanho era maior do que supus a princípio, embora fisicamente demonstrasse certa debilidade. Contudo, seus corpos eram perfeitamente brancos, e elas exibiam uma disposição de grande gentileza e mansidão. Fui impressionado com a seguinte interpretação, que reconheci como verdadeira e reveladora do propósito da visão:

As ovelhas simbolizavam a vasta irmandade da humanidade. Sua brancura representava a pureza e bondade inatas de todos os espíritos criados, indicando sua capacidade de aperfeiçoamento material e elevação espiritual. A debilidade física delas correspondia à condição miserável em que se encontra a humanidade na Terra, resultado do descompasso entre os interesses humanos e da falta de harmonia nas afeições sociais. Suas simpatias espirituais estão mal direcionadas, pois a humanidade está ligada aos objetos materiais pelos sentidos, e ao plano social e espiritual por meio da amizade, do amor e do afeto conjugal. Os seres humanos possuem faculdades morais que os levam à veneração, ao amor pelo bem, pela verdade e por Deus. Toda a raça humana é como um rebanho de ovelhas, cujo Pastor é o Pai Universal!

Essas verdades fluíram para meu espírito, que estava disposto e recetivo, com a mesma naturalidade com que a Sabedoria flui das esferas superiores até a Terra. Reconheci, e senti profundamente, seu valor e importância. Continuei minha meditação. As ovelhas permaneceram em paz, imóveis, como as vi pela primeira vez. Mas, à medida que eu compreendia a lição implícita, elas começaram a se mover, como se buscassem algum Aprisco onde pudessem repousar em segurança. Confusas, seguiam pela rua de forma desordenada — como fariam os homens, se estivessem perdidos em seu julgamento e incapazes de escolher o caminho certo que os levaria ao destino desejado.

Logo depois, avistei um pastor. Seu surgimento repentino não me causou espanto, embora fosse incomum, e me aproximei dele. Vi que estava perplexo, porém decidido em seu propósito — ainda que impotente para guiar ou conduzir as ovelhas a um lugar de paz e harmonia.

Ele possuía uma elegância natural em sua forma, vestia-se de maneira simples e prática, e seu porte transmitia uma dignidade serena, admirável em qualquer ser. Seu semblante expressava pureza, e todo o seu aspeto refletia bondade, gentileza e

perfeição física e espiritual. Ao me aproximar, ele não falou, mas transmitiu com o brilho de seu rosto os anseios de sua alma. Percebi que ele precisava de compaixão e ajuda.

As ovelhas estavam confusas e ignorantes, e ele se esforçava para organizá-las; elas precisavam de disciplina firme, mas suave. Atendi prontamente ao seu pedido. Por meio de um esforço sábio e enérgico, conseguimos estabelecer ordem entre elas — à qual todas aderiram. Então, elas e seu pastor, agora em júbilo, seguiram rua abaixo. Seus movimentos, agora uniformes, fundiam-se em um só ritmo harmonioso, até se perderem na cena distante, entre os elementos da paisagem.

Com solene imponência, toda a cena surgiu e se desfez no curto espaço de dez minutos. No entanto, mantive uma tranquilidade geral durante toda essa impressionante representação. O significado de sua parte final me foi revelado de forma distinta. O pastor correspondia a um grande e nobre Reformador — um Homem bom, nosso Irmão, o próprio Cristo — cujo espírito disseminava paz na Terra e boa vontade aos homens, cuja sabedoria elevada compreendia as inúmeras necessidades físicas e espirituais da humanidade; e cujo sistema grandioso e saudável de governo social e moral transcendia infinitamente todos os demais já concebidos pelo homem desde que vida, sensação e inteligência passaram a habitar o seio da Natureza.

Ele investigava todos os desejos naturais e os meios apropriados para satisfazê-los. Simpatizava com os que sofriam, os desamparados e os desanimados. Aos que padeciam e necessitavam, trazia consolo e alegria; aos desalentados, inspirava uma “viva esperança”. Ensinava o amor ao homem, à verdade, ao céu e a Deus — e a progressão contínua na felicidade — por meio de uma vida justa e de uma conversação piedosa.

O estado de confusão dolorosa em que as ovelhas se encontravam correspondia à condição confusa do mundo teológico — aos conflitos entre a verdade e o erro, entre a razão e a teologia, entre a realidade e a imaginação, entre a teoria e a prática — e à intensa ansiedade que sente todo ser que deseja, mas não consegue crer na vida imortal. O pedido que emanava tão benignamente de seu semblante correspondia à verdade de que eu, como os demais, sou chamado a desempenhar um dever imposto pelo Originador e Disseminador de toda verdade e bondade. Compreendi essa verdade, e humildemente aceitei, com reverência, a sagrada responsabilidade.

Assim, senti-me compelido a falar: primeiro, porque a instrução transmitida pela bela visão fluía para minha mente de maneira irresistível; e segundo, porque meu transporte inconsciente àquela parte da vila — sem que eu tivesse inicialmente qualquer intenção de ir até lá — fora causado e guiado por um poder superior a mim e mais sábio que eu.

A cena então se transformou. Fiquei quase sem pensamentos, e logo a sensação também se esvaiu. O sangue vital em meu corpo exposto esfriou; minha cabeça e meu peito estavam dolorosamente congestionados; meu espírito se contraiu violentamente, parecendo decidido a abandonar completamente meu corpo fraco e prostrado! Fui envolvido por uma escuridão semelhante à morte e tornei-me quase insensível. Lutei e ofeguei tentando respirar, mas em vão. A vida quase havia me deixado; tudo era frio, escuro e mortal. Fiz um esforço fraco para escapar daquela morte solitária — e então desmaiei, caindo inconsciente ao chão.

Na manhã seguinte, a família com quem eu morava foi tomada por uma ansiedade misturada com medo e surpresa. Um jovem que ocupava um quarto ao lado afirmou que não fora perturbado por qualquer som durante toda a noite; ao acordar no horário habitual e notar minha ausência, desceu até o corredor e à sala por onde eu havia passado na noite anterior...

Meu desaparecimento foi rapidamente comunicado a muitos habitantes da vila. Ninguém podia fazer mais do que expressar espanto. Alguns cavalheiros, entre eles o clérigo a cuja casa eu havia ido na véspera, julgaram apropriado iniciar uma busca. Mas nenhum conhecido que foi procurado havia me visto — nem fui encontrado em meus locais habituais. A busca acabou sendo abandonada — e o medo foi substituído por uma esperança, que logo se converteu em certeza: os mesmos princípios naturais que haviam causado meu desaparecimento inexplicável iriam preservar minha vida — e o caso teria um desfecho proveitoso...

E onde, leitor, você supõe que eu estava? Contarei. Minhas forças naturais estavam tão exauridas que perdi toda consciência de vida ou existência; e se meu corpo não houvesse sido reabastecido com energia vital, eu não teria conseguido sequer mudar de posição. Mas então uma sensação suave e delicada me despertou e renovou minha consciência da vida. Movi-me — e rejubilei-me. Estendi a mão e senti a atmosfera suave, ondulante e vivificante. Eu podia ouvir, e abri os olhos! “É possível”, pensei, “que eu veja novamente, com olhos naturais, a criação material?” Em poucos minutos, minha visão se clareou, e observei com calma a cena diante de mim. Estava quase atônito de tanto assombro! Eu estava deitado, em posição reclinada, elevado a cerca de dois metros do chão.

A estrutura sobre a qual eu repousava era composta de arbustos e árvores jovens, entrelaçados de maneira ordenada, formando uma espécie de altar artificial. De ambos os lados havia montanhas áridas, rochosas e imponentes — mais altas e majestosas que qualquer outra que já tivesse visto. Eu estava assim, situado num vale profundo e aparentemente inacessível. As escarpas elevadas estavam cobertas de gelo e neve endurecida; e, através dessa camada, surgiam grandes rochas disformes, entre cujas fendas cresciam árvores mortas. A posição em que eu me

encontrava — alinhado de leste a oeste — era evidente pelos objetos ao redor. Tinha plena convicção disso.

Com a cabeça voltada para o leste, pude observar ao me levantar que o vale terminava na encosta da montanha, a cerca de cinquenta metros à minha frente — e que parecia haver uma abertura contornando a base da montanha, à esquerda. Ao olhar para o leste, avistei um rio belíssimo, que mais tarde se revelou ser o Hudson, à distância aparente de uns seis quilômetros. Do outro lado do rio, vi casas antigas e malformadas, colinas desoladas e abruptas, e florestas escuras e sombrias.

O céu agora estava coberto como se lamentasse a morte de um mundo, e a dor o enchia com convulsões assustadoras. Densas trevas se acumulavam até quase explodir, e trovões — como gemidos abafados de uma agonia universal — ressoavam com violência terrível. Relâmpagos, como sorrisos distorcidos de esperança mesclados à dor, iluminavam a abóbada celeste — seguidos por trevas tão densas que pareciam inconcebíveis! Luz e escuridão se alternavam em sucessão instantânea.

Ah! Que cena horrível. Jamais esquecerei como, quando a chuva caiu, o céu pareceu chorar, gemer, suspirar — e rir com uma alegria raivosa; e como eu, sozinho, compartilhei de sua dor, e roguei por poder para acalmar seus elementos perturbados — mas, sem esse poder, apenas tremi e desejei escapar. Era realmente terrível minha condição exposta. A chuva caía em torrentes, e os elementos em conflito, enquanto guerreavam entre si, pareciam ameaçar minha destruição!

Uma solenidade impressionante e terrível dominava toda a cena. Era um Livro assustador, mas também sublime e instrutivo. Eu o lia com tremor, mas com entrega voluntária. Repousando sobre um altar feito de trepadeiras e arbustos, cercado por montanhas altas, assustadoras e implacáveis — tornando impossível qualquer fuga — ali colhi uma colheita de sabedoria! Daquela representação grandiosa, ainda que apavorante, aprendi submissão e elevação; e da rapidez dos relâmpagos e da potência dos trovões, aprendi que “o Senhor Deus onipotente reina.” Contemplei minha própria insignificância, mas ao mesmo tempo, vislumbrei — como ocorre com toda a humanidade — uma importância inefável no simples fato de existir.

Aprendi a reverenciar, obedecer e depender unicamente daquele Poder que dirige e controla o Universo! E vi que a verdade onipotente consumirá todo erro e toda teologia artificial, cujo poder é enfraquecido, e cuja corrupção é revelada pela luz divina das manifestações da Natureza! Compreendi que todo o mal será vencido e banido pelo triunfo final dos princípios que são bons e imutáveis, e que a injustiça deixará de existir. Correntes de bons e saudáveis motivos brotarão para purificar e renovar o mundo moral, sobre cuja maré ascendente a humanidade avançará rumo à harmonia intelectual e social, e a um elevado estado de elevação espiritual!

Com serenidade, contemplei os elementos desordenados buscando o equilíbrio, e vi as nuvens se dissiparem. Quando, aparentemente exaustas de seu conflito, se transformaram em joias cintilantes, vieram adornar o manto da manhã. Emergindo das nuvens, contemplei o rei do calor e da luz, o glorioso Sol, cujos raios penetravam e derretiam as nuvens mais escuras, transformando-as nos mais brilhantes véus, os quais serviam para realçar ainda mais sua radiância e intensificar a sublimidade de sua marcha pelos céus.

Pouco depois, o céu estava claro e sereno, e o cenário diante de mim era de uma grandiosidade e beleza inigualáveis. Uma convicção poderosa tomou minha mente: cada movimento na Natureza universal é uma resposta direta ao comando imperativo da Lei imutável — a qual é a regra da ação divina, eternamente estabelecida por Aquele que preside e anima toda a criação infinita!

O sol estava cerca de duas horas e meia acima do horizonte quando a tempestade cessou e o céu se limpou. Como as imagens que haviam sugerido minhas reflexões já haviam passado, parecia não ser mais apropriado continuar a meditar sobre elas. Passei então a pensar na mudança inconsciente e inexplicável de local em que meu corpo se encontrava. A última lembrança que eu tinha era de ter caído, como morto, na esquina das ruas mencionadas em Poughkeepsie. Como e quando vim parar ali, onde me encontrava agora, era para mim um completo mistério.

Não sabia dizer se havia estado ali por um dia ou por um ano; nem mesmo podia afirmar se estava na América ou em algum país estrangeiro. O lugar era estranho; jamais o havia visto antes. Sentia, com base em experiências anteriores, que se tivesse viajado uma grande distância, estaria cansado — mas não estava. Havia permanecido deitado sobre aquela estrutura que descrevi, durante toda a tempestade e chuva, incapaz de me mover, e por isso estava completamente encharcado. Agora, desejava secar minhas vestes e descobrir, se possível, onde me encontrava no mundo.

Levantei-me cuidadosamente e desci até o solo. Enquanto me apoiava na estrutura onde estivera deitado, senti uma sonolência estranha, seguida de uma reação súbita — e tornei-me intensamente desperto.

O rio distante corria diante de mim, e tudo parecia extraordinariamente belo e encantador. Nesse momento, um som indefinido chegou aos meus ouvidos, vindo aparentemente do lado oposto da estrutura. Ouvi em silêncio, esperando que se repetisse, para que eu pudesse identificar sua natureza e causa. Logo, o som repetiu-se várias vezes, rapidamente. Então, dirigi-me para o lado oeste da estrutura e contemplei uma das cenas mais estranhas que se pode imaginar: um rebanho de ovelhas, num estado de confusão indescritível — doloroso de se ver — atravessava a parte alta do vale, correndo em todas as direções.

Algumas tentavam escalar o declive escorregadio da montanha, e eu as via saltar contra a encosta gelada, da qual eram lançadas de volta com força ao solo pedregoso. Outras tentavam passar pela região onde eu estava, mas eram ignorantes e não conseguiam se equilibrar; tampouco encontravam apoio firme para os pés. As montanhas eram altas demais. A terra, inóspita. A passagem, bem guardada. Consequentemente, eram forçadas a submeter-se a uma influência mais sábia, a uma direção e advertência superiores.

Nesse momento, através da abertura na base da montanha, surgiu seu pastor, que se aproximou de mim com passos lentos, porém firmes.

As ovelhas, em aparência e número, correspondiam exatamente àquelas que eu lembrava ter visto nas ruas de Poughkeepsie, durante a noite; e o pastor era idêntico ao que lá também eu vira, em todos os detalhes. Aproximei-me dele, e sem que fosse necessário dizer uma palavra, compreendi, pelos sinais de seu semblante, o que ele desejava de mim.

Consenti com alegria em atender a seu pedido. Dei então a volta nas ovelhas, especialmente nas que estavam mais afastadas. No começo, resistiram fortemente, mas, ao perceberem a firmeza e correção de nossa intenção, tornaram-se dóceis e obedientes. Reunimo-las e as conduzimos pela trilha que contornava a base da montanha — trilha essa que pareciam reconhecer como o caminho correto — e, enquanto a percorriam, transbordavam de alegria!

Era algo notável, mas percebi então que eram as mesmas ovelhas que eu havia visto antes. Agora, uma nova e inquebrantável paz e harmonia preenchia seu ser físico e mental. Ovelhas e pastor estavam, pela primeira vez, unidos de forma inseparável — unidos para sempre! Princípios eternos de justiça e bondade haviam causado e consumado sua Salvação. Mesmo a Natureza, enquanto elas violavam suas leis e sofriam por suas transgressões, havia sido propícia. Mas agora, estava “consumado”; a obra fora completada, e o povo salvo.

As ovelhas partiram, junto de seu pastor gentil, seguindo pelo vale até desaparecerem pela abertura. E fui profundamente tocado, à medida que sumiam à distância, por uma convicção interior de que o pecado havia sido destruído, que a transgressão havia chegado ao fim, e que a justiça eterna havia sido estabelecida. Pois as ovelhas em seu estado confuso representavam o mundo humano tal como é hoje; mas agora, unidas, representavam a raça humana em um estado de harmonia — ao qual ela será elevada por um processo semelhante de reconciliação, num futuro não muito distante.

Transbordando de alegria, retornei ao meu lugar de repouso e, recostando-me sobre a lateral da estrutura, ajustei melhor minhas roupas ao corpo e mergulhei em profunda meditação. Olhando na direção por onde as ovelhas haviam partido, vi uma

figura humana se aproximando de mim. Ele caminhava devagar, aparentemente imerso em pensamentos. Era um homem de estatura baixa, mas de estrutura anatômica belíssima. Sua simetria, beleza e elegância de comportamento logo cativaram minha atenção, que se fixou inteiramente nele.

Parecia ser idoso, e vestia-se de acordo com sua idade, num estilo semelhante ao dos Quakers de tempos passados. Seus cabelos eram de um branco vivo, caindo suavemente sobre o pescoço e os ombros. Seu rosto era cheio e expressivo, e, junto com a cabeça, notavelmente bem proporcionado. Suas qualidades morais e intelectuais se destacavam — indicando uma mente ampla e uma inclinação à espiritualidade elevada.

Em sua mão, vi um pergaminho branco e límpido. Tão puramente branco era seu exterior que senti um forte desejo de segurá-lo e examiná-lo mais de perto. Suas bordas brilhavam com dourado da mais fina qualidade, e o cuidado com que ele preservava sua beleza despertou em mim o mais profundo respeito. Ele continuava se aproximando e, quando tentei ir ao seu encontro, ele levantou a mão e, com um gesto suave, indicou que eu deveria permanecer completamente tranquilo.

Uma radiação celeste suavemente iluminava o rosto daquele ser enquanto ele elevava o pergaminho aos lábios e lhe imprimia um beijo puro e sagrado. Em seguida, entregou-o a mim para que o abrisse e lesse. Com delicadeza e precisão, desdobrei o pergaminho e percebi que ele continha inscrições em caracteres que nunca havia visto antes — ainda assim, eu os lia sem hesitação alguma. A linguagem era clara e abrangente; a forma de expressão, simples mas poderosa. O conteúdo carregava um mundo de significados belos, acompanhado por uma doce e divina influência regeneradora. Estava escrito o seguinte:

"Como eram, assim são;
Como são, assim serão!"

Logo abaixo, uma pergunta se destacava:

"Agora você acredita?"

Senti o poder convincente dessa verdade e inclinei-me, em silêncio, em sinal de assentimento. Percebendo esse gesto em meu semblante, o mensageiro entregou-me um lápis peculiar — pois eu não trazia nenhum comigo — com o qual assinei meu nome, confirmando minha convicção.

Feito isso, ele recolheu o pergaminho das minhas mãos com uma reverência suave, tornou a enrolá-lo, pressionou-o novamente aos lábios, virou-se e partiu, como havia vindo — com passos lentos, firmes e deliberados — até que sua forma desapareceu atrás da imponente base da montanha.

"Como pode ser isso?", pensei. "Um desconhecido vem até mim, obtém minha assinatura e parte sem proferir uma só palavra — e, ainda assim, de forma tão extraordinariamente eloquente!" Resolvi então cessar meus questionamentos exteriores — pois as impressões sensoriais frequentemente contradizem as intuições mais puras da alma — e decidi obedecer somente às instruções que nascessem do meu íntimo.

Verdades poderosas e sagradas brotaram espontaneamente do fundo do meu espírito, e fui inspirado por uma correspondência simbólica bela e profunda:

A figura que surgiu com o pergaminho representava um grande Reformador — alguém que havia lançado nova luz sobre os sublimes temas da vida e da imortalidade. O pergaminho representava a pureza de sua missão, bem como o caráter imaculado daquele que ensinou à humanidade princípios que, quando praticados devidamente, conduzem para além de toda miséria física e imperfeição moral.

O conteúdo do pergaminho expressava suas nobres intenções e também o grandioso desfecho que seus ensinamentos morais, se vividos com devoção, trarão: paz na Terra, reciprocidade social e afetiva, e amor universal.

A mensagem era concisa, mas sua verdade era tão profunda que exigia explicação para ser plenamente compreendida. Eis o seu significado:

"Como eram..." — como as ovelhas que vi pela primeira vez: confusas, miseráveis, sem propósito definido, sem consciência de seus interesses comuns, sem conhecimento do caminho da sabedoria progressiva que as levaria à felicidade. Assim eram.

"Assim são..." — como as ovelhas unidas no final, com propósito comum, marchando para uma meta gloriosa de felicidade. Assim serão os homens: unidos da mesma maneira. Livres de todo mal, de desorientação pessoal, do sofrimento, da ignorância e da depravação, do orgulho e da intolerância sectária. Esses males desaparecerão da face da Terra e jamais voltarão a escravizar ou degradar a humanidade.

Este mundo de pensamento, afeto e relações sociais será purificado, e surgirá um novo céu e uma nova Terra, onde habita a justiça. Os males de agora só serão conhecidos pelos que estudarem a história da humanidade, com sentimentos mistos de compaixão e lamento.

Assim como as ovelhas foram unidas, todos os homens serão reunidos em uma só Irmandade, entrelaçados pela corrente do Amor. Seus interesses serão puros e recíprocos; suas ações, justas e harmoniosas, guiadas por um espírito de filantropia

universal. Serão como um único corpo, animado por um elemento de simpatia divina que perpassará e conectará todas as partes como um todo inseparável.

A pergunta “Agora você acredita?” foi dirigida ao meu julgamento juvenil — depois de ter sido moldado injustamente pela teologia tradicional do nosso país — para que o contraste entre o erro e a verdade pudesse produzir uma transformação completa em minhas convicções. Essas representações iniciais foram necessárias para que eu pudesse compreender as vicissitudes futuras da minha vida, e enfrentá-las com sabedoria e paciência.

Assinar o pergaminho simbolizou minha aceitação íntima dessa revelação, acima das crenças religiosas que outrora me dominavam. A verdade se fez clara para minha mente. A partir disso, meus pensamentos tornaram-se serenos, elevados e tranquilos. Meu espírito repousava em uma atmosfera de esperança e sabedoria — minhas convicções eram inabaláveis, e minhas impressões, profundas demais para serem desfeitas.

Minhas faculdades e sentidos foram restaurados ao estado comum. A estranha influência que me predispunha ao sono havia passado, e eu me encontrava novamente livre, exceto pelo cansaço físico e pela incerteza sobre onde exatamente me encontrava.

Comecei a descer o vale em direção ao rio, na esperança de descobrir minha localização geográfica e restaurar meu corpo exausto. Não havia percorrido mais de cem varas quando vi um homem, vestido como camponês, carregando uma pá no ombro e caminhando lentamente em direção oposta.

Acelerei o passo para encontrá-lo e perguntei, ansiosamente:

— Senhor, poderia me dizer o nome deste lugar, onde posso conseguir algo para comer, e qual a distância até Poughkeepsie?

Ele sorriu e me lançou um olhar curioso:

— Este lugar é Catskill, e aquelas são as montanhas Catskill. Talvez você consiga algo para comer na estalagem. Sobre Poughkeepsie... acho que está a umas quarenta milhas, do outro lado do rio.

Segui até o rio e, ao atravessá-lo, cansado, recostei-me no corrimão da balsa para descansar. Como eu havia cruzado o rio anteriormente, ou como havia encontrado aquele lugar, era um mistério para mim. E então, novamente, o sono se aproximou de maneira impercetível, enquanto eu refletia sobre tudo o que havia vivenciado. Fui surpreendido ao perceber o retorno das sensações que precediam o fechamento dos sentidos e a iluminação do princípio interior. À medida que voltavam, meu corpo

cedia — como eu desejava que fosse — e a vida exterior se desvaneceu mais uma vez, como se para sempre. E tornei-me, de novo, um ser da vida interior.

Por quanto tempo permaneci naquele estado, não sei; mas, como em ocasiões anteriores, senti finalmente a vida a regressar e a fluir através do meu sistema, sendo restituído a um elevado grau de animação. Abri os olhos e, maravilha das maravilhas, encontrava-me sentado sobre uma lápide de mármore, a cerca de quarenta e cinco centímetros do chão! O santuário melancólico em que me encontrava estava cercado por um grande muro de pedra, encimado por uma vedação semelhante às cercas comuns dos agricultores.

Tinha a forma de um triângulo e, creio, ocupava cerca de um hectare e meio de terreno plano. Conseguia ver onze lápides de pé, e cinco partidas e espalhadas pelo chão. Uma densa floresta impedia-me de ver a paisagem em redor; e assim me encontrava eu, isolado num lugar solitário, por um propósito do qual nada sabia.

Resolvi manter-me na mesma posição em que recobrara a consciência, e aguardar qualquer sugestão que pudesse surgir de dentro ou de fora. Nesse instante, experimentei uma sensação de respiração, diferente de qualquer outra, na parte frontal e lateral da cabeça, na região do órgão da idealidade. A sua crescente atração levou-me a virar na direção de onde provinha, e vi um homem de estatura e aparência comuns. Aproximou-se e, sem proferir palavra, voltou-se para a direita, perto de mim, e acomodou-se num assento semelhante.

Observei que era um amante da Natureza e da Verdade — tinha uma sede constante de conhecimento e fortes capacidades de investigação. A sua percepção aguçada, sustentada por faculdades altamente cultivadas de intuição e reflexão, revelava uma combinação de poderes intelectuais raramente presenciada. Era um ser que me senti compelido a amar — pois o amor era instigado pela sua sabedoria superior. E é verdade que conversei com ele, e ele comigo, por um longo período, e isso por meio de um mútuo influxo e refluxo de pensamento! O seu discurso foi o seguinte:

"Vivi", disse ele, "na Terra, em forma corpórea, entre os seus habitantes, durante um tempo determinado pela minha obediência à Lei Natural. Desde jovem, absorvi as impressões que me foram transmitidas pelos meus pais, pelo mundo religioso e pela filosofia; mas a educação artificial serviu mais para atrasar o meu progresso mental do que como auxílio ao verdadeiro avanço. Rejeitei, desde cedo, essas influências desfavoráveis e comecei a interrogar e a comungar com a Natureza e as suas criações, dentro do alcance da minha visão e capacidade mental — e assim tornei-me conhecedor de verdades de maior importância e magnitude.

Foi-me demonstrado que todas as diversas formas externas, neste como noutros universos, se manifestam exteriormente por virtude de um elemento ou princípio espiritual contido em cada uma, que é a sua vida, ou Alma; e essa essência, pelos

homens, é chamada Deus. Foi-me também mostrado que o exterior corresponde ao princípio interior e produtivo; que as formas são determinadas, como perfeitas ou imperfeitas, pelo carácter específico da alma que as impele à vida e ao desenvolvimento.

Com isso, compreendi que a matéria bruta e os minerais da nossa Terra são formados, governados e sustentados por uma lei — um princípio intrínseco — que também opera em graus superiores e em mundos de organização material mais elevada. E à medida que esse princípio, em diversas modificações, ascende na ordem da Natureza, formas mais elevadas e perfeitas são reveladas, sendo ativadas e aperfeiçoadas por uma vida interior à qual a existência exterior corresponde. Essas formas, percebi, constituem o reino vegetal. A partir dessa base estabelecida, observei que essas Leis faziam emergir o reino animal e, no seu próximo grau de ascensão, desenvolver, sustentar e aperfeiçoar o Homem! E tudo isso me foi revelado através da descoberta e da meditação sobre verdades correspondentes, existentes dentro de mim, à minha volta e acima de mim.

Nas minhas investigações analíticas, descobri um Poder trino em cada composto — e três partes essenciais em toda organização estabelecida — e que tais elementos são absolutamente necessários a todas as coisas para que possam estar perfeitamente organizadas.

Esse conhecimento levou-me a refletir sobre as inúmeras transgressões físicas que ocorrem a cada hora entre os habitantes da Terra — e impressionou-me o fato de que tais violações frequentes das leis que sustentam o corpo humano exigem um remédio eficaz para aliviar as doenças por elas causadas. Assim, fundei um sistema baseado nesses princípios e considerações, que pode ser chamado de 'sistema médico da trindade'. Nele sustentei a proposição de que cada partícula do corpo humano possui uma estreita afinidade com partículas específicas dos reinos inferiores — e que estas, quando corretamente associadas e aplicadas, podem curar qualquer parte ou órgão afetado da estrutura humana."

Para estabelecer esta teoria, trabalhei diligentemente; e agora tenho a satisfação de saber que o meu sistema foi uma semente vivificada por uma verdade interior, através da qual novos e mais verídicos sistemas foram desenvolvidos, para abençoar os habitantes da Terra! Agora amo a verdade porque ela gera sabedoria; pois o meu amor tornou-se sabedoria; e a minha sabedoria, conhecimento substancial!" O seu semblante, ao concluir estas palavras, iluminou-se com um sorriso encantador e belo.

Estupefato com o seu discurso, e tendo a minha mente preenchida com pensamentos sobre as suas revelações, individualizei um pensamento, que ele imediatamente percebeu e respondeu. Perguntei: "Posso tornar-me familiarizado contigo, bondoso

estranho, e com o teu sistema, por meios apropriados ao teu poder e vontade de me concederes?" "Ah! É precisamente por isso que estás na minha presença", disse ele, inclinando-se ligeiramente para a direita, e erguendo na mão uma bengala elegante, que até então não tinha notado em sua posse. "Aqui está uma sinopse completa do meu Sistema e Prática," disse ele, voltando-se para mim, "e desejo que compreendas isto; e ao entenderes os seus princípios fundamentais, aplicarás gentil e justamente os seus ensinamentos para o bem dos teus irmãos, a Humanidade!"

Dizendo isto, tocou uma mola singular no topo, e a bengala separou-se mecanicamente em três tiras longitudinais. Um eixo central passava por dentro, graduado em tamanho de acordo com a forma da bengala. Este eixo era belíssimo, com o aspeto de prata altamente polida. As partes estavam cuidadosamente ajustadas umas às outras, formando um bastão cuja beleza excedia qualquer outro que jamais tivesse visto. Observei que os segmentos permaneciam inteiros mesmo quando separados do eixo; ele pegou neles e foi desdobrando, peça por peça, até estarem completamente separados. As partes mais pequenas assumiam agora a forma de diamante, especialmente quando observadas de perto.

"Aqui", disse ele, "nestes pequenos blocos", apresentando-mos, "está o nome de cada doença com que a raça humana é afligida."

Vi e li o nome de cada uma das doenças, muitas das quais me eram totalmente desconhecidas; e, à medida que lia, devolvia-lhas uma a uma, pela mesma ordem.

Erguendo-se então, discursou assim: "No interior de cada um destes blocos encontrarás uma composição que, quando aplicada, removerá a doença inscrita no seu exterior. Dessa substância farás uma quantidade, conforme indicado no momento em que vires ou examinares a pessoa doente, com força suficiente para ser bem adaptada."* Recolocou as peças nos seus respetivos lugares, e rapidamente reuniu a bengala, de tal forma que não se vislumbrava qualquer meio de separar as suas partes novamente.

"Toma isto," disse ele, entregando-me a bengala, "e conserva este legado com devoção; pois é uma obra para uma vida inteira, exigindo igual atenção, reflexão e aplicação." Recebi o precioso dom com indizível deleite e gratidão; ao que ele acrescentou:

"Além disso, para que possas contemplar a plena correspondência entre este sistema e a Natureza, irei explicar-te o significado da bengala. As partes, quando separadas da forma que observaste, correspondem aos princípios que habitam e operam na organização natural; e os blocos, aos diversos indivíduos que constituem a raça humana.

A doença inscrita no exterior de cada bloco, corresponde à verdade de que a enfermidade afeta apenas os corpos dos homens, e não o seu princípio interior e vivente! A composição no interior de cada bloco representa a verdade de que tudo o que é exterior é determinado, com precisão, pelo princípio interior, criador e ativo; e também a verdade de que o espírito é a essência criadora, desenvolvedora, aperfeiçoadora, expansiva, embelezadora, organizadora, curativa e eterna, presente em todos os seres.

*Este sistema de tratamento médico está completamente desenvolvido na obra "A Grande Harmonia", Vol. I.

O eixo que atravessa a bengala e mantém as suas partes unidas corresponde ao princípio da verdade divina, que percorre e sustenta este sistema, bem como todas as vastas criações deste e de outros planos superiores. E o fato de esse eixo se encontrar no interior, significa que a grande lei da verdade reside no íntimo de todas as coisas, e especialmente na alma de tudo o que existe — ali habitando, impercetível ao sentido exterior, mas conhecida pela regular manifestação de um Universo unido e complexo!

A busca interior pela verdade conduzirá à revelação das grandes e importantes realidades tão delicadamente simbolizadas por este bastão — pois ele é uma acumulação de evidências interiores e exteriores, assistidas pelos impulsos da Natureza, e sancionadas e consumadas pela consciência da verdade residente na alma."

Assim terminou a sua eloquente interpretação. O seu semblante iluminou-se de êxtase e deleite, e os seus pensamentos entraram no meu espírito e foram por ele respondidos — sem que tivesse sido dirigida uma única palavra audível aos meus sentidos.

Uma sensação doce, suave, mas estranha, passou calorosamente sobre o meu peito esquerdo, rosto e cabeça. Parecia emanar de algo imediatamente atrás de mim. Impressionado por isso, voltei-me e vi um homem de aparência muito diferente daquele que estava ao meu lado. A sua constituição era de proporções sábias; possuía uma simetria perfeita na estrutura cerebral e parecia ter cerca de um metro e oitenta de altura.

A sua cabeça atraiu particularmente a minha atenção, pois nunca tinha contemplado uma combinação tão harmoniosa de desenvolvimentos morais e intelectuais. O cérebro indicava um intelecto vigoroso e gigantesco, bem como um poder elevado de conceção, grande facilidade de expressão e um elevado grau de espiritualidade. Aproximou-se e reclinou-se contra a pedra onde o primeiro orador se encontrava sentado, e falou desta maneira:

"Por permissão há muito concedida pela divina misericórdia do Senhor, para visitar esta e outras terras, posso instruir-te, como me é apropriado, acerca de coisas pertencentes à tua vida interior e à tua esfera exterior de pensamento e utilidade. O teu espírito está agora liberto — experimentou uma jubilosa ressurreição dos artifícios do mundo social exterior; por isso te tornaste num vaso apropriado para a entrada da verdade e da sabedoria. Espiritualmente, deixaste o mundo onde os homens residem; mas fisicamente estás ainda com eles. A tua missão foi-te revelada: e grande é o Universo no qual trabalharás e farás aquilo que o teu mais íntimo entendimento conceber como bom, verdadeiro e proveitoso.

Estarei perto de ti na tua mordomia — apontando-te o caminho reto e a bondade da vida espiritual. As coisas que hás de revelar surpreenderão e confundirão aqueles da tua terra considerados versados em ciência e metafísica.

Obstáculos de várias ordens afetarão a tua vida exterior; mas servirão para expandir ainda mais o teu ser interior. Prossegue o teu caminho e ama apenas as coisas que conduzem à verdade e à sabedoria.

Por ti uma nova luz aparecerá; será nova porque iluminará e purificará a já existente, e refletirá intelectualmente sobre aquilo que até agora era apenas concebido; e estabelecerá aquilo que tem sido, e ainda é, considerado a mais selvagem das alucinações, a saber: a Lei e o 'Reino dos Céus' na Terra. Paz na Terra e boa vontade para com os homens.

A seu tempo, estas coisas serão manifestas por teu intermédio, e a outros, enquanto ainda estiverem na forma. Por outros serão compreendidas e acreditadas, e, ao fim de pouco tempo, serão amplamente reconhecidas, a sua beleza e importância apreciadas; e serão amadas e proclamadas em prática.

Dentro em breve, instruir-te-ei quanto à abertura do teu entendimento interior e às leis que deverás observar para te tornares apto a comungar com as realidades interiores de todas as coisas — tanto subordinadas como elevadas. Este fenómeno, quando manifestado abertamente, testemunhará aquelas verdades espirituais divinas, ainda não compreendidas por aqueles que admiram a Natureza apenas pelos seus deleites, e por aquelas almas aprisionadas por todo o lado, que nada acreditam para além do que alcançam os seus sentidos corporais. Atenta aos impulsos do teu espírito vivo. No tempo certo, a tua grande obra começará, e, quando consumada, elevará a raça humana a um elevado grau de harmonia.

Por ora, nada mais comunico. Mas agora repito: ama a sabedoria, que é alimento e luz para o interior: e a sabedoria assegura a saúde; e a saúde proporciona felicidade. E assim, fortalecido, iluminado e purificado, acharás natural buscar e ansiar por verdades interiores e belas."

Assim terminaram as advertências proféticas do último orador; e, ao concluir a frase, vi um sorriso de alegria e até êxtase passar pelo seu rosto, doce e celestial — vindo, como os seus pensamentos, com uma espécie de espontaneidade serena.

Senti-me de imediato impelido por uma influência a levantar-me e, com a minha bengala, partir. Este impulso obedeci prontamente. Dirigi-me à vedação, coloquei o pé sobre o muro e elevei o corpo até ao topo. Ao tentar passar o gradeamento, a minha roupa ficou presa, e experimentei uma irritação que se aproximava de intensa raiva, por causa do obstáculo.

Isto era incomum, pois não sentia algo assim há muitos anos — na verdade, mal me lembro de ter ficado tão zangado. Estava assim exasperado com o gradeamento que, por estar rachado na ponta, agarrara o meu casaco. Entretanto, os dois estranhos observavam os meus sentimentos e movimentos com aparente serenidade. Ao ver isto, pedi ao que me havia dado a bengala, que a segurasse enquanto eu saltava para o outro lado da vedação.

Ele aproximou-se e recebeu a bengala da minha mão. Assim livre, agarrei o gradeamento pela parte aberta e rasguei-o completamente ao meio. Desci então ao solo e desejei a bengala de volta. Nisto, o homem que falara por último aproximou-se e falou gentilmente desta maneira:

"Guarda bem a instrução que te foi dada: aprende, além disso, a ser sábio e dócil; e acrescenta à doçura o amor; e ao amor, a sabedoria; e a sabedoria, sendo pura, gera iluminação, e a iluminação, felicidade. E, conforme me foi dado dizer, a seu tempo regressarás, e então esta bengala será tua; mas primeiro terás de aprender a não te deixares, sob circunstância alguma, abater, nem por quaisquer influências exaltar, pois esses são os extremos de um impulso não vigiado, em mentes que ainda não se fortalecem com a sabedoria pura.

Aprende daqui a mansidão e a humildade, e sustenta-as com uma dignidade própria da tua vida natural. Recebe esta tua primeira e suficiente lição e, com a sua luz, conduz outros a procurar o caminho que leva à Sabedoria e à Árvore da Justiça — cujo fruto será delicioso para os que têm fome, mas não poderá ser provado senão por aqueles que nutrirem a semente e fizerem a árvore brotar dentro de si. Quando assim acontecer, ela lançará uma sombra refrescante sobre o espírito interior e sobre o mundo exterior."**

Assim concluiu. Enquanto eu permanecia de pé a escutar, a gratidão dilatava a minha alma em volumes de agradecimento, por ver a bengala sacrificada por tão valiosa instrução; e, ao mesmo tempo, sentia-me seguro de que o belo e abrangente bastão seria, no fim, meu — e isso porque me tornaria digno de o possuir.

Estando agora do lado de fora do muro, já não via mais os seus corpos, pois a vedação elevava-se demasiado e o terreno onde me encontrava era mais baixo do que o interior do recinto; e se eles ainda permaneciam dentro do mesmo, ou se haviam partido para outras partes do mundo, não me era possível descobrir. Lembro-me de estar consciente apenas por momentos, enquanto caminhava na estrada que levava a Poughkeepsie.

À medida que me aproximava de casa, a minha mente tornava-se extremamente desconcertada, com sensações mentais semelhantes às que experimento ao acordar do meu estado superior. Recordo-me perfeitamente de encontrar vários conhecidos, todos eles demonstrando grande surpresa ao ver-me. Não falei com ninguém. Entrei pela porta da frente da casa do meu amigo, na rua principal, e passei diretamente pelo corredor, no final do qual perdi subitamente a faculdade da memória.

Mas (como me foi contado), passei pela sala contígua, subi as escadas até aos aposentos de jantar, onde a família se encontrava a comer. Tirei o casaco e o chapéu, e sentei-me à mesa. A família ficou algo surpreendida com as minhas ações pouco cerimoniais e começou a questionar-me quanto ao meu misterioso desaparecimento de casa — (a que, segundo me disseram mais tarde, não dei qualquer resposta). Comi um jantar muito substancial, composto por vários alimentos, e, quando terminei, fui lavar-me na extremidade oposta da sala.

Foi então que senti regressar a sensibilidade normal: — à medida que regressava, vi uma luz brilhante — um clarão — e, de novo, tudo ficou escuro; — mas então veio outro clarão, e mais outro, e fui completamente libertado da condição anormal.

Fiquei verdadeiramente assustado! O fato de me lembrar de ter entrado pela porta da frente, e ter perdido toda a consciência até aquele momento — e encontrar-me então de pé, diante da família, com um guardanapo na mão — pareceu-me tão estranho que, por um momento, nem reconheci as pessoas da casa!

Assim terminou a minha quinta visão — uma visão distinta das anteriores e mais recentes; mas, para mim, é de suma importância, interesse e beleza, porque está repleta de ensinamentos.

Esta visão ficou vividamente impressa na minha mente, mas logo esmoreceu da memória; e desde então até agora (12 de Setembro de 1846), não consegui transmitir uma ideia correta da sua natureza ou significado.

Mas ela reviveu de forma brilhante no meu espírito, na vila de Danbury (Connecticut), no dia 18 de Agosto de 1846. Não consegui libertar-me do impulso de a escrever — precedida por um breve relato das minhas primeiras impressões religiosas; pois, com esta visão, todas as minhas antigas opiniões religiosas foram

completamente varridas, e desde então nunca mais fui perturbado por aquelas ansiedades que antes me afligiam.

Passo a recapitular, de forma breve, toda a visão, juntamente com os períodos anteriores de memória exterior, e o tempo em que estive ausente de casa, para que o leitor possa contemplar o seu maravilhoso encadeamento.

No dia 6 de Março de 1848, deitei-me às nove e meia da noite. A primeira coisa de que me recordo depois disso, foi estar de pé na esquina das ruas Mill e Hamilton, em Poughkeepsie; tendo pensamentos belos; vendo um rebanho de ovelhas e o seu pastor; ajudando-o a restaurar a ordem entre elas; e vendo-as seguir caminho até desaparecerem de vista — e depois cair como morto.

A seguir, recordo-me de acordar deitado sobre um monte singular, num vale com grandes montanhas de cada lado; depois, descer do monte e ver subitamente um rebanho de ovelhas e o seu pastor, semelhantes aos que vira em Poughkeepsie. Da mesma forma, lembro-me de ter ajudado o pastor a restabelecer a harmonia no rebanho, e de vê-los desaparecer por uma abertura no extremo superior do vale.

Lembro-me, depois, de ver um pequeno homem aproximar-se com um pergaminho na mão; de tomar o pergaminho; lê-lo; compreender o seu conteúdo; receber um lápis da sua mão; e, com a minha própria mão, escrever o meu nome e a palavra "Sim"; — sendo impressionado com o significado de cada representação e, à medida que cedia ao ensinamento, perdendo as minhas antigas opiniões.

Lembro-me de descer o vale, encontrar o lavrador, perguntar-lhe o nome do lugar e a distância até Poughkeepsie; depois atravessar o rio, deitar-me sobre a amurada da balsa e adormecer.

A seguir, ao despertar, recordo-me de me encontrar num cemitério murado por pedras, rodeado por um bosque denso; depois de estar em conversa com um homem pequeno com uma bengala, que me foi dado saber ser GALENO, um antigo médico; e de discursar com outro, que reconheci como EMANUEL SWEDENBORG, um filósofo sueco. Recordo-me de subir a vedação com a bengala na mão, de ficar enredado no corrimão, de rasgar a madeira em pedaços e de ser brevemente admoestado por Swedenborg.

Também me lembro de ter deixado a bengala, com a impressão de que um dia a receberia de volta; depois de viajar até Poughkeepsie; de ver pessoas conhecidas; de entrar na casa onde me hospedava; de atravessar o corredor; de me limpar com um guardanapo e de sair, quase instantaneamente, desse estado para o meu estado natural, sentindo-me calmo e satisfeito. É tudo o que me lembro.

Nunca li uma página, nem de Galeno nem de Swedenborg, até ao presente momento, e à data em que tive a visão, nunca sequer ouvira os seus nomes serem mencionados.*

Considerando esta visão — a imensa instrução que oferece, a revolução que produziu na minha mente, e a divindade da sua origem, uso e propósito — sinto-me pleno de um sentido interior de liberdade, gratidão e felicidade.

Mas há reflexões pessoais e hábitos de pensamento sugeridos pela visão anterior, que poderão servir para esclarecer e informar o investigador. Há uma opinião que ganha terreno rapidamente, mesmo entre muitos reformadores, de que a alma humana é incapaz de se libertar do erro e das falsas doutrinas num curto espaço de tempo; e, por conseguinte, de que essas impressões são levadas pela alma, após a morte, para o Mundo Espiritual, onde se tornam o amor dominante e a característica distintiva do indivíduo.

Por exemplo: que Lutero continua a acreditar no Luteranismo; que Calvino prega o Calvinismo; que os metodistas continuam a defender o Metodismo; que os infiéis permanecem céticos e propagam a infidelidade. Esta doutrina foi ensinada por Swedenborg há cerca de um século. Mas a experiência de cada dia contraria tal afirmação. Vede como os homens se transformam — ou convertem — de um ceticismo frio para uma fé entusiasta; de pecadores em santos; de uma postura altiva para uma entrega humilde, tudo isto numa só hora!

Tal como o ébrio, cujo sistema está inflamado com o líquido deletério e cujos pensamentos saltam de um lado para o outro como corcéis frenéticos, se torna calmo e sereno quando liberto das bebidas intoxicantes, assim é a mente erradamente educada, que alberga ideias distorcidas sobre o homem, o céu e a Divindade, e que prontamente se transforma na percepção e realização da Verdade quando esta lhe é apresentada ao entendimento como um panorama magnífico.

A mente humana é senhora de uma classe de influências e sujeita a outra. Quando o princípio da razão contempla a Verdade tal como ela é na Natureza e no Mundo Espiritual, as ilusões do erro desaparecem de imediato. Como exemplo disto, considerai os efeitos que foram operados na minha mente em poucas horas, por esta visão. Palavras não conseguem exprimir os sentimentos de felicidade e as vastas contemplações despertadas no meu espírito por este “novo nascimento” assim misteriosamente experimentado.

Sem mais comentários, remeto o leitor ao capítulo seguinte.

O MEU PREGADOR E A SUA IGREJA

A multiplicidade de indivíduos e de opiniões na sociedade, aliada ao contato limitado que as circunstâncias me permitem manter com eles, grava no quadro da minha memória — sempre sensível — uma multidão de impressões díspares. E embora me sinta pouco atraído, não há área do pensamento e da investigação humana que eu visite com mais frequência do que a teológica; e, na medida em que, por uma concatenação de causas e eventos, é o meu destino e missão nesta vida trabalhar nesse campo, esforçar-me-ei constantemente por cumpri-la bem e assim responder a um dos muitos fins e utilidades da minha criação.

No círculo religioso e teológico de controvérsia e investigação, portanto, sou involuntariamente arrastado e profundamente imerso, onde cada paroxismo do pensamento local, e cada convulsão da opinião popular, encontra o seu caminho, produz o seu efeito e deposita-se em mim para reflexão ou comentário.

Existem muitas opiniões que, absorvidas desde o nascimento e pelos livros, detêm o crescimento de certos sentimentos e, ao mesmo tempo, aceleram impetuosamente o desenvolvimento extremo de outros, de tal forma que os homens parecem armados com preconceitos em forma de lanças e ideias afiadas como espadas, usados ignobilmente para ferir e magoar os desprevenidos ou inocentes — ou para frustrar a esperança e perturbar o caminho equilibrado de mentes mais harmoniosas.

Um dos efeitos consequentes, e correspondentes, num certo grupo de indivíduos, é a violenta denúncia de toda a religião, ou a acusação, por vezes imerecida, de desonestidade clerical ou sectária. Outro efeito é o rápido crescimento de uma frieza hostil e misantrópica que, por medo da perseguição, se esconde até que todo o fluxo de simpatia se congele, todo o amor se deturpe e toda a fonte de vida se enfraqueça — até que a mente pareça estéril de compaixão, razão e felicidade. E outro efeito ainda é o de abdicar da razão e da liberdade em favor de exigências convencionais sectárias; consentindo cegamente em pensar, agir e viver dentro de um círculo exclusivo, até que a mente fique toldada pelo preconceito e cada pensamento se incendeie de ansiedade e de um entusiasmo sério.

São estes os conflitos apresentados. A má direção dos sentimentos religiosos, juntamente com as suas causas e consequências, têm-se registado — e continuam a registar-se — no diário da minha experiência mental. E numerosas questões também me são propostas e submetidas à minha resolução. Algumas são manifestamente incongruentes, até mesmo injustas; outras impressionam-me pela sua verdadeira natureza e importância: às primeiras evito responder; às segundas procurarei responder, dentro das minhas capacidades.

É claro para mim que aquelas opiniões e preconceitos que mais perturbam a harmonia da minha mente, e mais prejudicam a comunidade, são desenvolvimentos parciais, incorretos ou angulosos de sentimentos puros e nativos que residem na alma; e que a forma atual do sectarismo não é a mais elevada expressão de piedade e adoração internas. Daí concluo que algo mais é necessário para modificar e impulsionar o desenvolvimento desse desejo central de todo o coração humano — o desejo de unidade e felicidade.

Como auxiliar, sinto-me movido a revelar e submeter as minhas impressões interiores à análise e julgamento de homens esclarecidos. Estou firmemente convencido de que estas irão ao encontro de muitas convicções já acarinhadas e ajudarão a elucidar essas questões tão importantes e vastamente debatidas que agitam o mundo religioso.

Impulsionado pelo desejo de refletir uma luz pura, estarei sempre atento a que nenhum pensamento se expresse por meu intermédio que não contribua para essa satisfação elevada.

Entre as muitas questões interessantes que, de tempos a tempos, me têm sido colocadas, as seguintes são as mais frequentes e notórias: Que igreja frequentas? Quem costumava ouvir pregar? Sinto-me agora impelido a responder a essas perguntas.

O Santuário, onde se ouvem os sermões mais eloquentes e profundos, e no qual comungo com irmãos em adoração, é de estrutura modesta e proporções sábias. Foi erguido por um Mestre Construtor, e repousa sobre um alicerce que jamais mudará. A sua forma exterior apenas indica de modo imperfeito a beleza aprazível, a magnificência e a realidade viva do seu interior. Lá dentro, tudo é belo. A marca da Sabedoria está em tudo.

A adaptação — a perfeita adequação — a unidade de cada parte com o todo, suscita a mais profunda admiração e gratidão. Nenhuma linguagem é suficiente para expressar o louvor e a gratidão que desejo dirigir ao Fundador e Construtor da igreja a que tenho o privilégio de aceder e chamar de minha. Embora existam milhões de igrejas semelhantes, assentes no mesmo fundamento, construídas segundo os mesmos princípios e erguidas pela mesma mão, é com esta que mantenho maior familiaridade. E, sendo que o conhecimento de uma levará à compreensão geral das restantes, passarei a descrever a origem, localização e qualidades desta igreja.

Ergue-se sobre uma eminência em forma de espiral, dominando uma vista ilimitada de todas as paisagens ao redor. Na verdade, eleva-se acima e contempla o grande panorama vivo da Criação infinita. A base é uma combinação material de variedades infinitas, e sustém no seu abraço granítico as dez mil partes indispensáveis à formação dos três terraços que completam e embelezam a suave colina.

Uma vasta coleção de substâncias, que possuem uma afinidade original com o composto-base e que, conseqüentemente, nele assentam, formando o vasto laboratório da eletricidade terrestre, estão tão sabiamente organizadas que constituem o primeiro terraço, chamado Reino Mineral.

Uma associação de partículas superiores, que se representam em formas apropriadas, exalando fragrância e oferecendo alimento a tudo em redor, sucede de imediato ao primeiro terraço e constitui o segundo, denominado Reino Vegetal.

E, por virtude de um desígnio original, novas partes convergem e congregam-se com precisão filosófica, e culminam na produção do terceiro terraço, chamado Reino Animal.

A preparação e concentração dos materiais assim completadas, segundo os princípios da sagrada arquitetura, o grande Arquiteto moveu a Sua Vontade poderosa e ergueu o templo vivo consagrado ao meu uso!

Com uma veneração que não se pode expressar por palavras, trilho o caminho da progressão que conduz a este edifício mental. Mas ao adorar enquanto avanço, o Criador é agradado, e torno-me capaz de apreciar a sua grandeza interior.

Por cima da entrada arqueada, gravado em caracteres bem conhecidos, lê-se “PERCEPÇÃO”; e, dentro do amplo vestíbulo, suspenso do alto, encontra-se um espelho altamente polido — o calendário do templo — no qual está estampado “MEMÓRIA”. Nele está registada a idade e o carácter de cada pessoa (ou pensamento) que entra do exterior; assim como a imagem e os princípios de muitas mentes que, pela sua naturalidade e amor pela verdade, são admitidas — ainda que o ignorem.

Passando além da memória, contemplo as inúmeras imagens vivas que povoam ou adornam o vasto interior. São Arquétipos — ou representações do que se manifesta de forma imperfeita sobre e através da forma exterior. Preparadas e dispostas com uma ordem surpreendente, estão também um conjunto de janelas adequadas — os Sentidos — concebidas para a entrada da luz, e para me informar das criações exteriores e da condição da sociedade humana.

Mas uma luz mais suave, resplandecente e reconfortante, desce através da cúpula entrelaçada — a faculdade da Sabedoria. Por desígnio do Supremo Arquiteto, essa cúpula foi concebida como meio para o influxo da luz — a Verdade — do mundo interior ou espiritual, para que o meu Santuário fosse iluminado, e cada membro se alegrasse com júbilo.

Sob a cúpula, e no centro, encontra-se um altar — a Justiça — que cintila com beleza divina; e junto a esse altar, com dignidade e serenidade naturais, está o meu

Pregador — a Razão — um defensor divinamente incumbido do bem e do justo! Diante dele, aberto e repousando sobre o altar, está um volume sagrado e precioso — um compêndio universal de Arte, Ciência, Filosofia, Teologia e dos princípios arquitetônicos sobre os quais a minha igreja foi edificada. Contém a história, as causas e a Criação; a genealogia e a experiência das Nações; e inclui um retrato do seu Autor Sábio e Eterno.

A sua linguagem é composta pelas formas e símbolos dos pensamentos originais; as suas frases não admitem transposição; e a sua extraordinária sequência impede a possibilidade de interpolação ou alteração humana. A uma congregação ansiosa e atenta, composta por doze Espíritos — Desejos — o meu pregador deleita-se em expor, com pormenor filosófico, os ensinamentos do “Livro Sagrado” — a Natureza — que adora e defende, porque o seu Autor construiu a sua igreja e inspira-o com uma felicidade crescente e uma veneração amável.

O membro central e mais proeminente é o desejo de unidade — um grande e bom leigo; e à medida que o pregador colhe inspiração do firmamento resplandecente da verdade interior, e desdobra os princípios sublimes desse volume imenso, esse discípulo curva-se em oração silenciosa, e recebe avidamente qualquer sugestão ou sentimento que respire harmonia! E a afirmação do princípio: "Justiça e Verdade geram felicidade, a religião nativa da Alma" — o meu pregador considera suficiente como texto para pregar o sermão perpétuo de uma vida justa, em unidade com o Próximo, o Universo e o Pai.

“E és alguma vez perturbado neste Santuário?”

A relação universal, e a cadeia de simpatia que liga e conecta todas as coisas, sujeita-me ao som inquietante da contenda religiosa que reina fora de mim, na sociedade. Embora a paz reine triunfante, e uma santa serenidade impregne a atmosfera espiritual do meu Santuário, a disputa entre seitas e os preconceitos dos homens penetram e perturbam-me. As janelas não permitem apenas a entrada de sons discordantes, mas também das cenas conflitantes dos debates teológicos que se apresentam por todo o lado.

Que contraste! No mundo exterior, por todos os lados vejo homens nobres, bons e instruídos, mas não sábios, empenhados na construção e sustentação de igrejas que, embora representações inertes da igreja viva interior, são eminentemente concebidas para localizar cada sentimento religioso, e limitar a esfera do pensamento e da investigação. As várias seitas, arrogando para si a posse da “verdadeira fê”, erguem presunçosamente uma “bandeira”, segundo a qual exercem o seu julgamento, e proclamam serenamente um veredito de condenação sobre todas as mentes dissidentes.

Das janelas do meu Templo, vejo ao longe vários homens muito estimados; embora profundamente versados em história eclesiástica, e bem mais próximos da minha igreja e da minha teologia do que muitos outros, parecem ansiosos por que a minha “fé religiosa” seja considerada “insegura ou deficiente”; e trabalham com afínco para transmitir a ideia de que “uma grande manifestação” de males há muito preparados e cuidadosamente combinados, bem como de “ilusões perniciosas”, está prestes a “irromper do mundo dos espíritos sobre o mundo dos homens”.

Não antecipando uma invasão vinda de fora, fiquei, por um momento, surpreendido e até perturbado; mas ao voltar-me e observar a compostura do meu Pregador, e o sorriso calmo que brincava no seu semblante, curvei-me e escutei tranquilamente o seu breve discurso.

“O que diz a Razão sobre os distúrbios sectários?”

Responde a Razão: a arrogância mostrar-se-ia de forma tão evidente, e a caridosa injunção “não julgueis” seria tão descaradamente violada, se pronunciasse julgamento sobre os “hábitos morais” de qualquer mente, apenas por ela não acreditar como nós acreditamos, nem adorar no nosso Santuário. E a sábia advertência, “não penseis mal”, que é o proverbial sinal do “coração puro”, seria igualmente ignorada, se te entregasses à melancólica especulação e à crença quimérica de que males maiores virão a assolar a raça humana.

“Há mais razão para serenidade e para a palavra suave; pois a diferença entre ti e a tua igreja, as tuas convicções e proclamações, e a igreja deles, as convicções e proclamações deles, mede-se e compreende-se pelo fato de que eles olham, desde a sua posição, para ti, fora de si mesmos; e tu olhas, desde esta posição, para eles, fora de ti mesmo. Isto gera má compreensão e censura.”

Outro som provém de uma multidão, numa direção oblíqua, que, por falta de liberdade, capacidade ou inclinação, pensa pouco por si própria, sendo extremamente barulhenta ao gritar: “Ele é vítima de ilusão, ou vil instrumento de impostura!”

Quando sou chamado à contemplação deste grupo de mentes — em número muito superior — surpreende-me que não vejam, como eu vejo, quão inconsistentes e ineficazes são os seus esforços. Embora unidos em som, percebo que as suas proclamações heterogêneas e contraditórias, tendo como intenção convergir num ponto e cumprir a sua missão destrutiva, acabam por se neutralizar e dissipar mutuamente.

E ouvi uma voz — “Não temas! O erro é mortal e não pode viver; a Verdade é imortal e não pode morrer,” responde o meu pregador — não à multidão vociferante,

cuja paixão e altivez a elevam acima da Voz da Razão — mas àqueles intelectos tímidos, que não ousam pensar fora da esfera da opinião popular.

Uma congregação da classe fraca e trémula, muito, muito atrás de todas as outras, verdadeiros infantes na teologia, é representada no ato de sussurrar cautelosamente: “Cuidado! não deixes os caminhos antigos; não sabemos, nem queremos saber, o caminho até à igreja dele; pode levar à ruína.”

“E que diz o teu Pregador sobre os caminhos antigos?”

Os caminhos antigos no comércio entre homens e cidades, responde o meu pregador, eram percorridos por caravanas ou por grandes embarcações incômodas, dependendo do capricho dos ventos para o seu movimento e sucesso; mas agora, o navio-palácio, o “cavalo de ferro” e o “caminho do relâmpago” são os novos meios de comunicação.

E os caminhos antigos da Teologia começaram no Egipto, e não conduziram à “terra prometida” da paz e felicidade, mas sim por entre elementos divididos, por planícies idólatras, e até um deserto de anarquia, superstição e carência. Mas agora eles começam na primeira esfera e, iluminados pela Sabedoria interior e pela pura Filosofia, conduzem o viajante inteligente por uma galáxia de estrelas habitadas até uma esfera superior — ao Mundo Espiritual.

Assim sou instruído, e as contendias do mundo exterior já não me perturbam. E na pureza do meu Pregador, e na santidade e sabedoria do Construtor do seu Santuário, tenho uma confiança forte e inabalável.

Mas tu, leitor, também tens um pregador e uma igreja internos. Esta última pode estar encerrada e cercada por uma externa e material; e o teu pregador pode estar silenciado, mantido subordinado por um pregador exterior e superficial; mas o Reino dos Céus, o bom e o verdadeiro, estão dentro de ti! Para saber isto, permite que a tua Sabedoria se manifeste, e das suas profundezas brotarão as santas e belas verdades da intuição — a luz do mundo interior. Desmascara-te, e não uses outro traje senão aquele que a Natureza te deu. Aparece como és — o Filho Eterno de um Pai Eterno!

Sê puro — sê natural. Enterrar a tua mente viva na superficialidade sepulcral de uma seita ou partido, não é apenas travar o teu crescimento espiritual, é cometer violência positiva contra os princípios sagrados do teu ser. Por inúmeras razões, eu persuadir-te-ia a procurar e conhecer “a verdade, para que sejas verdadeiramente livre.”

O sectarismo não está no homem, exceto na tendência central de se associar e formar grupos ou corpos, tal como os planetas foram formados, por gravitação espontânea de partes afins — o Sectarismo do Universo! Sendo esta a verdadeira forma de associação, religiosa e social, o homem não deveria formar nenhuma outra.

Em verdade, não frequento outra igreja senão a minha Mente; não escuto outro pregador senão a Razão; não leio outro livro com tanto zelo quanto a Natureza; não amo outro sermão tanto quanto uma “vida bem ordenada”; e não acredito nem sonho com Céu mais elevado e glorioso, nesta ou em qualquer outra esfera, do que a adaptação harmoniosa de um Espírito a outro, e de todos ao Grande Espírito Pai!

Para que possamos compreender-nos bem, abri-me, na medida em que o tema o justifica, à consideração sincera e ao julgamento justo do leitor; e qualquer que seja a sua opinião religiosa ou credo, posso afirmar com verdade que os meios acima são os mais puros e seguros para encontrar, e conhecer razoavelmente, o “meu Pregador e a sua Igreja.”

A reforma, em qualquer domínio da vida ou da sociedade, depende necessariamente do ensino e das ações de verdadeiros reformadores. Temos figuras proeminentes em todas as áreas; mas os amantes da justiça universal e da paz universal começam a clamar por uma grande mente dirigente — uma cabeça para o corpo social e religioso da Humanidade. E, no entanto, quão diferentes são as concepções do homem sobre o que é, ou deveria ser, um verdadeiro reformador! Indivíduos diferentes são dotados de diferentes capacidades e talentos.

Alguns são, por natureza, aptos para Governar; outros para Ensinar; outros para a Oratória; e temos médicos naturais, juristas naturais, teólogos naturais e reformadores naturais; mas ainda não é possível que um único indivíduo reúna todos esses talentos e qualificações na sua própria conformação física e mental. Entre quase todos os reformadores, percebo duas características mentais algo infelizes, que contribuem em muito para retardar o seu progresso e diminuir a sua utilidade para o mundo.

Refiro-me a dois fatos: primeiro, que a maioria dos reformadores ou mestres se considera sob o favor especial da Mente Divina, elevando-se assim falsamente acima das capacidades naturais e das bênçãos comuns da humanidade; e segundo, que tais mentes geralmente consideram as suas próprias peculiaridades, e talvez excentricidades, como leis destinadas a reformar e governar a grande irmandade da Humanidade.

Por exemplo — não se pode negar que Moisés, Josué, Jesus, Maomé, Swedenborg e muitos reformadores modernos afirmam ser agentes especiais da Mente Divina, sob a sua orientação direta; e também que o grosso da humanidade, para ser reformado, deve tornar-se semelhante a Moisés, ou a Cristo, ou a Maomé, ou a Swedenborg, etc., o que equivale simplesmente a expandir idiossincrasias pessoais em princípios universais de reforma.

Sou levado a considerar quase tudo isto como erro. Para as minhas impressões interiores sobre este assunto, remeto o leitor à consideração da resposta à seguinte pergunta.

O VERDADEIRO REFORMADOR

QUEM É UM VERDADEIRO REFORMADOR?

ESTA questão surge muito naturalmente neste momento; e é para elucidar este assunto, de acordo com as impressões que colho, que apresento a seguinte resposta:

O verdadeiro reformador é necessariamente superior ao seu tempo. Se ele não é mais avançado do que as mentes da era em que têm origem todas as leis vigentes e inúmeros costumes, então ele não será superior a eles, e não pode ser seu Mestre. O valor que tem para a sua era e para o mundo consiste na sua superioridade em relação a eles. Mas, na proporção em que ele for superior às leis e doutrinas recebidas e estabelecidas da época, a sua posição será alvo de incompreensão, os seus motivos mal compreendidos, os seus ensinamentos deturpados e seu valor intrínseco desconhecido.

Ao não estar onde ele está, nem contemplar o que vê, a multidão pode encará-lo como um enganador, um místico, um entusiasta ou um filosófico louco. A sua posição está necessariamente muito acima das doutrinas e teorias ordinárias da época, para as quais as massas tendem constantemente e nas quais elas são principalmente educadas. É, portanto, repellido, detestado, caluniado, pregam contra ele e submetem-no às prisões e torturas que a liberalidade e a civilização da sua era permitirem.

Há necessariamente uma grande diferença entre ele e o povo. E não é mais irracional que ele não seja compreendido e apreciado pelo povo do que ele próprio não compreender mentes ainda superiores em esferas invisíveis. Portanto, as mentes grandiosas, talentosas e fecundas, de todas as eras e nações, sofreram e sofrerão com as perseguições combinadas da ignorância e do preconceito que, ao mesmo tempo, prevalecem no mundo. Por isso, o génio continuará a ser perseguido e crucificado.

E, embora Deus continue a manifestar-se nas almas, pensamentos e ações dos homens, a ignorância cega e a intolerância concentrarão as suas forças para ridicularizar, falsificar e destruir o meio da revelação. O verdadeiro reformador deve ser grande e bom. Mas, infelizmente, para ele, a sua posição e qualificações são causas poderosas do desenvolvimento de inveja, ciúme e sentimentos antagónicos em mentes ambiciosas.

Alguns ridicularizam, por serem ignorantes; alguns ridicularizam por serem invejosos; e outros ainda ridicularizam por terem interesses e profissões contrárias. Mas o génio é divino e eterno, e viverá e cumprirá a sua gloriosa missão, embora os

poderes da Igreja e do Estado se unam para destruir o seu local de nascimento ou o meio das suas manifestações sublimes.

Cada nação teve o seu reformador, o seu autor verdadeiramente original e o seu herói verdadeiramente inspirado. E todas as eras deram origem a alguma verdade importante—contribuindo assim para satisfazer a sede insaciável de Sabedoria e conhecimento. Mas todas as eras e nações também tiveram as suas masmorras, os seus cavaletes de tortura e as suas estacas—na mentais ou físicas—com que coartar, esmagar e crucificar o seu maior descobridor ou o seu profeta mais inspirado.

Todas as eras e nações também tiveram o seu falso reformador, o seu falso autor e o seu falso profeta. Alguma mente ambiciosa e pouco sincera, porventura, terá fingido originalidade no seu pensamento e inspiração nos seus ensinamentos. Uma mente dessas queixar-se-á de falta de apreciação e, assumirá porventura a aparência e a posição do génio perseguido. Aspirará à coroa de espinhos do mártir. E conseguirá, finalmente, adquirir popularidade e influência entre o povo—às vezes às custas do verdadeiro mérito, e para aviltamento da inspiração do verdadeiro reformador.

Há, pois, uma falta de conhecimento real sobre o que constitui um verdadeiro reformador—alguém que seja um professor fiável. Precisar-se-á determinar-se um padrão pelo qual aferir e julgar, com um juízo imparcial e desapaixonado, quem é, e quem não é, a verdadeira manifestação do espírito divino e o verdadeiro guia da alma humana. Para esse inquérito desejo agora dirigir a vossa atenção.

Nas profundezas da história da humanidade, posso perceber corações incultos, simples e entusiastas—que batem pelo bem geral da humanidade. As planícies da Arábia foram atravessadas pelos selvagens; mas um representante do refinamento e da civilização levou esses selvagens por diante, um líder sereno e poderoso foi o seu amigo e pai. As tribos selvagens e bárbaras do deserto nunca estiveram sem Deus; eles tinham algum tipo de reformador no seu seio, nobre por natureza, que haveria de unir os seus interesses e os levar à realização de objetivos mais sábios.

Combine-se o zelo infatigável e o fanatismo do líder selvagem com as qualidades ternas e protetoras do patriarca do deserto, e vocês terão um patriota inspirado—um espírito repleto de poder, *filantropia* e LIBERDADE. O PATRIOTA é um homem que ama a sua família, a sua nação, o seu país e o seu Deus. O patriotismo está estampado em caracteres inextinguíveis, nos pensamentos e ações de Abraão, Isaque e Jacó. Esses patriotas serviram as suas famílias, o seu país e o seu Deus, com um zelo e devoção inigualáveis. Guardaram os seus filhos e filhas com amor nos seus corações e sabedoria no seu discernimento. Estudaram os seus interesses e contemplaram com arrebatamentos a sua emancipação da escravidão social e da aflição—tal como inundaram a alma de Isaías e afinaram a harpa de Davi com o louvor celestial.

Mas, embora concedamos a esses patriotas o mérito e o louvor que lhes são atribuídos, não podemos deixar de exercer a justiça com respeito aos patriotas dos dias de hoje. Não podemos esquecer que gozamos de privilégios e liberdades de que nenhuma outra nação goza e que esses privilégios nos são assegurados pela superioridade da nossa Constituição. Não devemos esquecer que os princípios da tolerância e do republicanismo irradiaram para longe deste centro de liberdade, e que agora estão a vitalizar, vivificar e a energizar a alma da humanidade em todas as partes do mundo.

Combine-se as qualidades de um Patriota com as de um espírito de Determinação e Intepidez, e vocês terão um Herói sublime. E esse é igualmente um reformador. Ele eleva-se acima dos costumes santificados pelo tempo e abre as portas a novas descobertas. O seu espírito invencível inspira poder nas mentes acanhadas; e a sua coragem audaciosa fortalece os seus esforços em novas direções.

Foram o *ardor* e os *princípios* do patriotismo que desenvolveram o génio e o heroísmo do nosso GENERAL WASHINGTON. Foi o ardor mal dirigido da reforma que despertou Napoleão para a sua luta desesperada por vastas posses. Mas o patriotismo e a energia da natureza de Washington, foram mobilizados pelos desejos e necessidades do seu tempo; e foi um herói de muitas conquistas no campo em que lutou o demónio do Despotismo com o anjo da Humanidade.

Washington manifestou o zelo indomável e a determinação em prol do homem, eminentemente qualificado para reformar os males políticos da nossa nação. O discernimento uniforme que ele demonstrou em momentos e circunstâncias em que o discernimento era indispensável, e as expressões de simpatia que emanavam dele em relação aos infelizes sofrendores do conflito revolucionário, deram aos Americanos razões para esperar que ele revelasse as qualidades de patriotismo e heroísmo durante o período do seu governo.

Combine-se as esplêndidas e poderosas qualidades do patriota e do herói, com o Pensamento e a Deliberação, e terão um Legislador. E esse também é um reformador que é movido pelo amor interior que tem pelo seu país e pela sua humanidade; um desejo de explorar e adquirir conhecimento de novas áreas do pensamento, e a sua autoridade é a Razão. É um homem capaz de desenvolver novas leis, estabelecer novos costumes e de apresentar aos seus semelhantes novos caminhos de progresso e desenvolvimento.

ZOROASTRO foi um reformador que coletou as leis nacionais da maioria dos antigos Egito e Pérsia, e que com base no antigo elaborou um novo código porque governar e reformar os súditos do seu império. Foi obrigado a abandonar os velhos modos e, ao fazê-lo, imprimiu o seu espírito no coração do seu povo e nas instituições do seu tempo.

Depois surgiu o Legislador do Monte Sinai—o líder dos Israelitas e Legislador Judeu. Ele também foi uma personificação da civilização e do avanço do seu tempo; e suas leis foram sugeridas pelos desejos e exigências imediatas dos seus seguidores. Contendo princípios de despotismo e retaliação como essas leis contêm, elas são, ainda assim, uma melhoria no código zoroastriano. Mas Moisés foi obrigado a elevar-se às multidões idólatras que eram seus seguidores, amigos, admiradores e inimigos.

A experiência que teve com os seus seguidores não é diferente da do nosso nobre Colombo, cuja tripulação, enquanto a embarcação navegava para locais desconhecidos, se tornou cética quanto ao sucesso da aventura, acusando-o de os ter incentivado a deixar as suas casas, e até de ter ameaçado a sua vida. As leis de Moisés são decisões da sua própria razão. As sugestões do seu povo, e as sanções da sua sabedoria combinadas, formaram o legislador onde esses princípios receberam a Autoridade que exercem sobre o mundo até os dias de hoje.

E Sólon, o legislador Ateniense, foi outro exemplo de pesquisa independente, legislação independente e autoridade independente. Esteve muito acima do desenvolvimento intelectual dos seus contemporâneos. Foi objeto da sua culpabilização e louvor. Era dotado de imensa Sabedoria e foi um pensador vigoroso e um sincero amante da humanidade. Foi orador, legislador e reformador da moral e do governo. Mas também ele foi incompreendido e destronado.

O seu amigo confesso, Pisístrato, concebeu planos com que derrubar a Liberdade Republicana que Sólon havia estabelecido em Atenas, e não compreendendo a bondade do seu legislador, o povo repeliu-o da sede do governo e sem demora colocou Pisístrato no seu governo soberano e despótico.

"Ah, meu querido país," clamou Sólon, "ajudei-te com toda a assistência que as minhas palavras e ações podiam proporcionar! Ah, meu querido país! já que sou o único que se declara inimigo do tirano, e como todos os outros estão dispostos a recebê-lo por seu Mestre, deixo-te, abandono-te para sempre!"

Sólon não é o único homem que descobriu que o verdadeiro génio e patriotismo são perseguidos pela falsidade dos amigos e pela ignorância dos inimigos. Parece mesmo assim, que quando a Luz brilha nas trevas, as trevas não a compreendem—assim é quando o génio reflete a luz sobre o mundo. Sólon era um reformador porque o seu coração, a sua razão, a sua intuição, constituíam o seu Mestre. Ele não tinha outra autoridade e, portanto, estava preparado para revelar a verdade e desenvolver os princípios da reforma. Por isso, Sólon ficou sozinho; o mesmo sucedeu com Sócrates; e com Platão; assim como com o reformador mais moderno, Jesus. Este último foi um legislador tanto mais avançado que Moisés quanto este foi de Zoroastro e governantes mais antigos.

Jesus foi um reformador por estar ainda mais livre de influências educacionais do que qualquer uma das mentes anteriores. Ele era mais simples no seu modo de desenvolver leis do que elas, e as suas leis eram menos numerosas. Zoroastro, Moisés, Sólon, Sócrates e Platão, desenvolveram leis com uma tendência progressiva para terminar num estado semelhante de harmonia social e moral; mas eles não fizeram como Jesus, que abraçou, numa curta frase abrangente, todos os seus mandamentos.

Enquanto Moisés foi impressionado a transmitir os seus princípios de governo social e moral na forma dos dez mandamentos, e os legisladores subsequentes os seus princípios em frases mais ou menos abundantes, Jesus colocou o seu num estilo puro, abrangente e lacônico. Ele deu ao mundo um novo mandamento: "Que vos ameis uns aos outros." Trata-se de uma concentração da excelência de todas as leis anteriores; e uma declaração sumária daquilo para que Jesus foi designado, ou, mais própria e filosoficamente falando, do que Ele foi constitucionalmente qualificado, para revelar ao Homem.

Mas ele era superior à sua era, e a sua era não o compreendia. Foi um mártir da filantropia do patriotismo; foi mártir do zelo e da coragem destemida do heroísmo; e foi um mártir da lei mais simples que alguma vez foi proferida. Numa palavra, ele estava acima da sua nação e da sua era; era um reformador, e a sua era pregou-o na cruz!

Mas o que devemos ter em mente com relação à vida e aos ensinamentos desse reformador incomparável é que ele não reconheceu nenhuma Autoridade superior às suas intuições espontâneas e às sugestões divinas da sua própria razão. Essas, para ele eram autoritárias, porque sentia que o "Nosso Pai que está nos céus" lhe inspirava a alma com Amor e a sua Razão com Sabedoria.

Precisamos lembrar que Moisés, Sólon, Platão, Jesus não tinham outra autoridade; e que, portanto, o verdadeiro reformador não pode ter outra; porque é somente através dos puros meios da Intuição e da Razão que a verdade pode fluir para o mundo sem se misturar com as falsidades e imperfeições dos livros e da autoridade humana.

Como conseguiu Cristo conhecimentos tão infinitos?

Esta indagação não pode ser respondida de forma proveitosa e eficaz, a menos que saibamos qual a perspectiva de Cristo que a sugeriu, porquanto se acham representados na mente geral dois Cristos distintos—um da razão e outro dos afetos.

O que se entende por afetos?

Os afetos são inclinações que brotam espontaneamente da alma da mente, isto é, da essência rudimentar em que a mente está organizada—o seu amor. Esses afetos são subservientes à vontade e ao governo da razão, e num intelecto bem desenvolvido e dirigido, são assim governados; mas, devido à ignorância dos homens com respeito a

si próprios, permite-se que a razão seja treinada e subordinada pelos afetos, que recebem orientações certas ou erradas de acordo com o caráter favorável ou desfavorável das influências que surgem das situações da vida, das circunstâncias circundantes e da educação.

Se a razão for submetida aos afetos, e não se tornar o meio através do qual recebemos conhecimento do mundo exterior, então os afetos admitirão e valorizarão ardentemente qualquer objeto, fé ou doutrina que lhes possa ser apresentada envolta em vestes cativantes, embora possa envolver os erros e incoerências mais palpáveis.

O que significa o Cristo dos afetos?

O Cristo dos afetos é um ser que se crê ser o desenvolvimento concentrado de providências especiais eternamente instituídas e estabelecidas na constituição das coisas; um ser detentor de dotes não naturais e que exhibia poderes incompreensíveis; cuja vida inteira exibiu apenas uma sucessão de fenómenos sobrenaturais; e cuja morte foi acompanhada por uma série de mudanças corporais e transfigurações, inteiramente novas e sem exemplo.

A tendência e o efeito dessa fé é surpreender e confundir os incultos, porém não esclarecê-los nem refiná-los. Essa crença hereditária está incorporada em quase todas as áreas da educação, e é incutida na mente jovem, acompanhada da injunção "não questionar a sua validade." Essas mentes desenvolvem-se na maturidade, e tornam-se porventura talentosas, e iniciam a promulgação dessa fé dos afetos.

E por eles Cristo é dotado de atributos, que são ampliados além da simples verdade, e assim Ele é afastado do nosso entendimento. Consequentemente, muitas mentes experimentam uma delicadeza trêmula sempre que o nome de Cristo é mencionado, e nunca tentam raciocinar a respeito dele, ou se o fazem, é com o propósito de lhe conferir honras mais cintilantes e tornar mais sobrenatural a sua missão e realizações. Assim, a realidade é transformada em imaginação, e ainda parece ser absolutamente verdadeira; assim, o Cristo dos afetos é o nosso ídolo entronizado, tendo pouca semelhança com o Cristo que a razão reconhece como tendo vivido na terra há cerca de dois mil anos atrás, e praticou o bem aos filhos dos homens.

O que significa o Cristo da razão?

O Cristo da razão é um homem bom, amável, benévolo e despretenso; que não só amou, mas ensinou de forma impressionante as verdades simples e práticas da paz e da justiça; que aliviou as doenças e os sofrimentos da humanidade, sempre e onde pode; que era grande e nobre, por ser simples e bom; e que, depois de viver uma vida justa, e ensinado os homens a conhecerem-se a si mesmos e a amarem-se uns aos outros como filhos de um só Pai, foi crucificado, segundo o costume vigente, pela sua denúncia aberta e sem reservas das doutrinas, filosofias, instituições e cerimônias populares que caracterizavam toda a nação Judaica. Assim, o Cristo da

razão é um homem natural, mas o Cristo dos afetos é sobrenatural; um é a realidade, o outro é uma criatura da imaginação.

Por que foi o Cristo superior aos seus semelhantes?

A diferença entre Cristo e os seus semelhantes não era evidente em coisa nenhuma, exceto no seu corpo bem construído e relativamente perfeito, e na sua mente equilibrada e harmoniosamente desenvolvida. Estas são as consequências naturais e legítimas de uma concepção adequada, de um nascimento adequado, de uma cultura suave e de uma associação meditativa com os objetos e cenas da Natureza, que tendem a refinar e a elevar a alma.

Distinguia-se dos outros homens por duas características proeminentes: a primeira, por uma peculiaridade de comportamento e hábitos pessoais; em segundo lugar, pela prontidão e origem das respostas que dava aos interrogatórios mais profundos. As causas são claras. A primeira resultou de acidentes de nascimento e das influências de associação exterior; a outra das intuições da sua mente pouco sofisticada, porque sem entraves de seita e da superficialidade popular.

As manifestações da sua moral simples e espiritualizante estavam sempre de acordo com as circunstâncias das multidões que o rodeavam e que as despertava. As causas e os seus efeitos são visivelmente representados em conjunto como relacionados com o caráter do nosso reformador espiritual e fraterno; e tudo o que não pode ser explicado d'Ele, refere-se às imperfeições da história eclesiástica e bíblica, ou àquilo que os homens fizeram por Ele, e não ao que Ele fez pelos homens.

Condições locais, circunstâncias e influências que favorecem um desenvolvimento local de extraordinária correção, Cristo exemplificou aquela perfeição de caráter e amabilidade de caráter que muito admiramos. Como ele é representado à *razão* como um nobre filho de um Pai eterno, não hesitamos em considera-lo um homem modelo, e como um exemplo do que há de vir a ser a raça.

Cristo foi um exemplo do que a Raça está destinada a vir a ser?

A Natureza prova que o homem é um microcosmo—uma combinação de tudo o mais no mundo material e a mais perfeita personificação da Harmonia. Acreditamos que a raça vai progredir e crescer até a plenitude e estatura de um homem perfeito.

Então será exibida aquela harmonia de estrutura e reciprocidade de justiça tão admiravelmente representada na forma humana. Nesse sentido, cremos que Cristo foi o homem modelo, e um exemplo vivo do que a raça está destinada a ser; e esta, na sua unidade, virá a possuir e a exercer os seus poderes, que foram demonstrados em obras de misericórdia e exemplificações de justiça inata.

Mas, para conhecermos a verdade da doutrina desse desenvolvimento geral, devemos elevar os nossos pensamentos acima de nós próprios, e de todos os organismos fragmentários e individuais que confundem o observador superficial, e

contemplar calmamente as evidências substanciais da grande lei do progresso que universalmente se apresentam no mundo da matéria e no mundo da mente.

Jesus instituiu leis e costumes acima das concepções populares do seu tempo e do seu país. E o povo crucificou-o pelo que consideravam sedição e conspiração contra o Governo Romano. Mas o tempo e a inteligência desenvolveram a falsidade desse ato, e tornaram manifesto que Jesus foi mal compreendido e tratado de forma mais ignóbil. Sejamos justos e pensemos nos reformadores e desenvolvimentos do nosso país e do nosso tempo.

Não recearemos igualmente a sedição e a conspiração que atente contra as nossas profissões, contra o nosso governo e a nossa religião? Não teremos nós o espírito de perseguição nas nossas comunidades? Não estaremos dispostos a crucificar o campeão de alguma nova descoberta e menosprezá-lo como um infiel ou um impostor? Sinto-me constrangido a reconhecer que temos o velho espírito do preconceito, perseguição e intolerância, à espreita no nosso seio. Crucificamos nos nossos pensamentos e fala; mas, felizmente para os reformadores dos nossos dias, o cavalete e a estaca da tortura caíram em desuso, são evidências monumentais assustadoras de ignorância e transgressão passadas.

Licurgo, o legislador Espartano, não reconhecia outra autoridade senão a da razão e a da intuição. Ele foi um amante da humanidade; e fez muito para revelar os princípios e a prática da Democracia. Ele, como os primeiros apóstolos e Paulo, tinha todas as coisas em comum.

CHARLES FOURIER, o legislador social e reformador, viveu antes da sua era. Ele não foi apreciado nem amavelmente tratado. Dedicou a sua vida principalmente à reforma e à reorganização da Sociedade. Trabalhou para desenganar a mente popular daqueles erros teológicos veneráveis e santificados que envenenam tudo o que tocam. Ele trabalhou para exaltar as paixões da Alma e sintonizar os seus atos pela harmonia.

Mas permitamo-nos ser afetados por este fato, que Fourier viveu muito acima da compreensão limitada do povo. Foi, portanto, a ignorância deste último que o deixou morrer na pobreza e na obscuridade; e foi o medo da sedição e da conspiração que o levou esse povo a deturpar e a difamar o seu carácter privado. Não será igualmente a nossa ignorância que nos leva a desrespeitar aqueles que perturbam as nossas opiniões religiosas? Não os difamamos e ridicularizamos também por recearmos as verdades que nos contam; e não os detestamos porque, ao contemplá-los, a sua posição exaltada nos obriga a olhar para cima?

"O que é um poeta?" perguntar-se-á.

Eu respondo: Combine-se as qualidades do Patriota, do Herói e do Legislador, com o amor pelo Sublime e pelo Belo, e terão um Poeta. E ele também é um reformador. A iluminação do génio ilumina-lhe as cavernas misteriosas da Alma, e desdobra

pensamentos serenos no santuário mais íntimo do seu ser. As inclinações da humanidade expandem-lhe o coração; e as profecias de paz futura forçam-lhe a caneta à expressão.

Quando penso em Davi e Isaías, e nos velhos profetas do deserto, vejo poetas reformadores—que poeticamente profetizam a extirpação da escravidão social e da depressão. Detiveram-se longa e ardentemente em questões de solene importância, e desdobraram a plenitude da sua iluminação interna em linguagem ao mesmo tempo cativante e bela. O cenário e o ar salutar do Oriente despertam poesia na alma, assim como as paisagens e flores da Itália exaltam a organização nervosa e refinam a mente. A Arábia está repleta de canto nativo. O coração simples não mais faz que vocalizar os múltiplos objetos de inspiração. A Pérsia está saturada de mitologia; e as revelações poéticas que estes contos mitológicos do Oriente desenvolveram, ainda não têm paralelo.

Mas quando penetramos no Egito, a grandeza e a expansividade da poesia profética que nos acomete são calculadas para intoxicar e espiritualizar a mente. Assim, considero a poesia do Antigo Testamento como um aperfeiçoamento e uma reforma em relação à de épocas anteriores; mas estava tão adiantada em relação à época em que foi proferida que os seus Autores foram pouco compreendidos e respeitados.

Mas Homero surge como um reformador e sistematizador do que tinha acontecido antes. Ele próprio foi uma personificação da sua era, foi mais representante da sua era do que seu reformador poético.

Mas o que precisamos lembrar é que Shakespeare, Pope, Pollok e Milton não se esforçaram por representar outros—por eles serem os meios diretos da originalidade e inspiração poética. A esse respeito, foram verdadeiros reformadores. A razão, o sentimento e a convicção foram os seus guias no campo da verdade e da expressão. Quem poderá compreender perfeitamente a delicada musa de Shakespeare sem se colocar se colocar, de modo similar, na sua pele e na sua condição—sem ter, do mesmo modo, as mesmas vias da sua alma abertas para as mesmas fontes de inspiração?

Assim, um século inteiro se passou antes que Shakespeare fosse reconhecido como um poeta magnífico, e como um autor imortal. Não estou aqui a considerar a excelência ou imperfeição literária desses poetas—apenas o carácter independente e representativo de si mesmo das suas diversas produções. E, a esse respeito, digo que elas são um indicador da originalidade e das qualidades superiores do verdadeiro reformador.

Mas será que temos reformadores poéticos entre nós? —Muito poucos. A causa disso está em que os poetas modernos se esforçam para ser um Homero, um Milton, um Burns, um Shakespeare, e não eles próprios—não os representantes das suas próprias intuições. Este voltar-se para fora de si para o Pensamento e a Autoridade,

fecha as vias da comunhão espontânea com a natureza. Trava o desenvolvimento do Génio e da Sabedoria neles e torna-os não verdadeiros, mas falsos poetas e rimadores de fancaria (mediócras).

Nesta era, a poesia—a verdadeira poesia—é mais universalmente compreendida e aplicada a fins práticos do que anteriormente. À medida que a alma, e a raça humana, se aproximam da era da harmonia social e espiritual, que está apenas a começar a amanhecer no mundo, o princípio da Poesia que é a música, e que é a Harmonia, é mais facilmente compreendido e praticado. Assim, harmonia nas nossas almas, harmonia nas nossas famílias, harmonia na sociedade e harmonia entre as nações, é a Música da ordem Divina e é a Poesia da verdadeira obediência à Lei Divina.

"O que é um artista?" perguntará o leitor.

Combine-se as qualidades do Patriota, do Herói, do Legislador e do Poeta, mais o amor pelo Requite e a Elevação, e teremos o verdadeiro Artista. E também um reformador. Não é difícil determinar sobre a missão do artista. É intérprete e representante da natureza. Cabe a ele abordar os sentimentos e atributos do espírito através do meio dos sentidos—para os refinar e elevar por representações da pureza nativa e imagens divinas.

Mas o verdadeiro artista não é compreendido. Tem emoções e impulsos que não consegue comunicar com a língua ou o lápis ao crítico. O artista—vive acima das massas; e ele não pode receber na sua corte de justiça, qualquer coisa como uma verdadeira decisão sobre o mérito da sua obra. A Itália parece um jardim de música, poesia e arte. As flores mais perfumadas do génio florescem naquela parte do mundo.

Tudo ali parece propício ao desenvolvimento de excelentes organizações emocionais. A Itália está, pois, altamente preparada para emprestar frescor perene a cada manifestação da Arte e do Canto. Rafael, Ticiano, Miguel Ângelo e a vasta constelação de artistas contemporâneos e mais modernos, cujas obras se acham consagradas no Templo da Arte e na história da Itália, foram eminentemente qualificados para ensinar ao mundo as belezas e a missão da sua profissão.

A Beleza, e a Verdade, o Amor e a Educação de suas almas, acham-se gravadas no mármore e nas telas. Os velhos Mestres demonstram que o verdadeiro génio estavam muito por trás da tela, da tinta e do lápis. Se assim não fosse as suas obras não poderiam ter durado tanto tempo. A arte foi apadrinhada e incentivada quando esses velhos Mestres viveram, por soberanos, papas, sacerdotes e príncipes; no entanto, a misteriosa ciência era apenas imperfeitamente compreendida, e os seus defensores e devotos não eram honrados como homens úteis do seu tempo. E eu afirmo que a verdadeira missão da Arte é ainda pouco reconhecida pelos mais devotados à sua defesa e ilustração.

A arte refina e espiritualiza os sentimentos, e abre os sentidos interiores para a percepção e apreciação mais gloriosa das belezas da Natureza. Sem essa percepção desperta, a Natureza é furtada em metade da sua glória, e o seu Criador em metade da homenagem que lhe é devida. No nosso país, e de fato na era atual em que o mundo se encontra, o artista tem muitas coisas com que lutar, e encontra muitas influências desencorajadoras.

Ele experimenta muita obstrução no seu progresso com a injustiça dos críticos, a ignorância das massas e a pressão das necessidades pessoais e familiares. Mas o obstáculo mais formidável ao progresso na sua profissão, é o desejo perpétuo da sua parte de estudar e imitar os antigos Mestres. Essa devoção à autoridade do homem é desastrosa para toda tentativa de progressão na ciência da revelação de ideias. As pinturas são ideias plasmadas sobre a tela, assim como os objetos da Natureza são as ideias de Deus. Tal como a natureza é um espelho no qual vemos Deus, assim é a Imagem um espelho no qual vemos a Natureza.

Mas os Artistas erram quando copiam Rafael, Ticiano ou Rembrant, em detrimento da Natureza; pois os antigos Mestres apenas encarnavam nas suas obras as respectivas percepções e interpretações da Natureza, e nada mais. Os nossos artistas tomam os antigos Mestres por padrão; mas eu interrogo-me quem os antigos Mestres terão erigido por seu padrão, e por seu guia de inspiração? O próprio fato de serem originais, faz tornou-os antigos Mestres.

Eles representavam as próprias ideias e as próprias descobertas que faziam na combinação de cores. E essa independência tornou-os grandes e imortais! Teremos Novos Mestres quando a originalidade, e independência da opinião popular, inspirar algum espírito refinado e elevado a expressar na tela as *suas* próprias percepções das belezas da Natureza, e as *suas* próprias intuições de coisas invisíveis.

Se perguntarem: "O que é um filósofo?" Eu respondo:

"Combine-se as qualidades do Patriota, do Herói, do Legislador, do Poeta e do Artista, com o amor pela Sabedoria e pelo Conhecimento, e terão o Filósofo. E esse é igualmente um reformador. Ele anseia por conhecimento das causas das coisas externas. Abre as portas e janelas da sua mente para a maravilhosa magnificência ou criação; e acolhe todo impulso ou impressão que comunica inteligência ao seu entendimento. Mas é essencialmente superior às opiniões e educação da sua época, ou não poderia explorar novos campos da ciência e da filosofia, sem medo e sem vacilar.

Os Filósofos da Grécia desenvolveram uma vasta quantidade de Verdade e Moral; e erros e imoralidades, inevitavelmente; mas a independência de pesquisa e de investigação tornou as suas revelações úteis e imortais.

Pitágoras manifestou grande originalidade. A sua genialidade e abrangência mental foram qualificações adequadas para o desenvolvimento da filosofia dos quatro Elementos—Terra, Ar, Fogo e Água, da qual ele é o Autor.

Mas a experiência dos filósofos Gregos, e de outros investigadores independentes anteriores à sua era, não é nada comparada com a de GALILEU. O seu anúncio destemido das verdades em Astronomia em face e aos olhos da Igreja Romana, e todos os seus instrumentos de perseguição e morte, porque os Cristãos eram conseguidos naqueles dias, atraíram sobre ele a mão óssea da intolerância e da ignorância religiosa.

Mas a verdade não pode ser esmagada. É poderoso e prevalecerá. Portanto, a Igreja Romana, com todos os seus papas e potencias, as suas bulas e éditos, os seus cavaletes e masmorras, não podia liquidar nem esmagar a Verdade, não obstante as ameaças e tentativas que foram feitas para destruir a pessoa por meio de quem a verdade declarou o seu poder e importância. Galileu viveu antes da sua era, mas os seus lábios foram selados pela Teologia dominante, e a sua influência foi, por um período limitado, travada pelas medidas compulsivas instituídas para impor a Teologia—medidas de crueldade, que são sempre servas da ignorância e do erro consciente.

É agradável saber que o mundo tem sido abençoado com investigadores destemidos, com algumas almas suficientemente fortes e independentes dos dogmas predominantes no campo da Ciência e da Teologia, para se aventurarem por novos caminhos de investigação. Assim, temos os exemplos de Sir John Herschel, de Sir Isaac Newton, de Benjamin Franklin e de muitos outros na França, Inglaterra e Alemanha.

A igreja popular está sempre pronta a acusar heresia e infidelidade, quando uma nova luz aparece no mundo do Pensamento e da Investigação; Mas, parece-me a mim, a Igreja está demasiado cheia de imperfeições para conseguir, durante muito mais tempo, reprimir a maré da inteligência. É certo que ela não consegue suportar a sua poderosa corrente como até agora; e confio que não está longe o tempo em que ela será batizada nas suas águas puras.

Os filósofos de que falei desenvolveram muitas verdades nos seus respetivos campos de pesquisa, de que os filósofos anteriores e o mundo em geral não tinham conhecimento; da mesma forma temos nós o direito de prosseguir, encorajados pelo seu exemplo e fortalecidos pela sua experiência, e explorar os campos da imensidão. Tal como *eles* desvendaram verdades à frente das ideias convencionais anteriores, também nós podemos desvendar verdades à frente deles—independentemente da oposição perpétua da igreja não desenvolvida. Os filósofos não tinham outra autoridade senão a Razão, assim também não deveríamos ter outra—se desejarmos a progresso, nenhuma outra deverá presidir às nossas investigações.

Teremos algum reformador filósofo entre nós? Temos homens que falam de filosofia; mas será que temos filósofos verdadeiros, independentes e desprovidos de pretensões? No silêncio da noite, quando nenhum objeto se intromete na visão e nenhuma multidão preconceituosa nos perturba a meditação, então somos todos, mais ou menos, Patriotas, Heróis, Poetas e Filósofos reformadores; mas, quando surge uma ocasião para a manifestação dessa liberdade de pensamento, vocês mantêm-se firmes—e desafiam as perseguições populares da época? Penso que somos como os artistas da nossa era, demasiado devotados aos Velhos Mestres!

Quando Robert Fulton lançou pela primeira vez o seu barco a vapor sobre as águas, os vossos antepassados riram-se e, ao mesmo tempo, lamentaram o distúrbio mental que perceberam nele! Eles eram céticos quanto à praticabilidade da sua ideia visionária—eles pensaram que estivesse demente. E quando, mais recentemente, foi anunciada a proposta de que o vapor poderia ser empregue para atravessar o país em caminhos de ferro, foi recebida pelo público com a mesma zombaria e preconceito com que os seus antepassados acolheram a proposta da navegação em barco a vapor.

Benjamin Franklin foi um homem grandioso e bom; assim foram os seus colegas em ciência e filosofia; mas suponhamos que o Professor Morse tivesse tomado Franklin por seu Velho Mestre. As pessoas estariam a falar entre si todos os dias, em todas as partes do país, pelo Telégrafo Magnético? Suponhamos que o Sr. Rufus Porter, de Nova Iorque, tivesse tomado Robert Fulton e o Professor Morse por seus mestres na ciência da navegação e do transporte. Acreditam que ele teria ousado pensar em inventar uma locomotiva (balão) atmosférica? Acho que vocês percebem por que temos apenas poucos reformadores filósofos.

"O que é um teólogo?" perguntará o leitor.

Combine-se as qualidades do Patriota, do Herói, do Legislador, do Artista e do Filósofo, com um Amor ao Invisível e Eterno, e vocês terão um Teólogo. E também ele é um reformador. A sua missão é da Alma. O seu dever é cultivar os seus poderes e elevar os seus impulsos. Ele deve ensinar o mundo de Deus. A terra, o mar, o firmamento, são a Palavra e a Obra do Governante do Universo; e essas são as lições que o Teólogo deverá ensinar ao Mundo. Mas o verdadeiro Teólogo é superior ao seu tempo. Todos vocês se lembram de como o intrépido Paulo foi perseguido—e morreu para que a sua doutrina pudesse viver!

A página da História da humanidade está manchada com grandes gotas de sangue do coração dos mártires que morreram! Quão evidente é a voz da perseguição a mera língua nativa da ignorância! Quando vocês ouvem um homem a falar contra, a desprezar, a difamar, entregue ao infundável infortúnio do púlpito, ele certamente tem alguma verdade e mérito extraordinários; mas eu suplico-vos que suspendais o vosso juízo a seu respeito; porque ele pode ser um Cristo, um Paulo, um Revelador de alguma verdade importante, e o povo, semelhante ao Judeu, receando a sedição e a conspiração contra as suas velhas opiniões, pode estar a tentar crucificá-lo.

Quando Martinho Lutero iniciou o estudo do Direito, não tinha ideia de vir a ser o instrumento de reforma do Catolicismo. Mas investigações posteriores convenceram-no de que o seu dever não era apenas o de um frade, mas que ele deveria refletir uma nova luz nas trevas da Teologia predominante.

Lembram-se das consequências dos seus esforços reformadores? Foram simplesmente estes—ele foi caluniado, excomungado e denunciado como infiel. Contudo ele foi superior às meras formas e cerimônias da época e conseqüentemente conseguiu imprimir as suas doutrinas nos corações e instituições dos seus compatriotas.

As suas doutrinas ainda se acham integradas nos artigos da Igreja da Inglaterra. Mas ele não descobriu toda a verdade na religião, ou João Calvino (o ambicioso tirano e fanático egoísta, como denunciam as suas ideias e atos) não poderia ter desenvolvido um sistema de opiniões mais racional e verídico. Que ele fez isso é geralmente admitido por toda a cristandade. Os Presbiterianos, os Congregacionalistas, os Batistas calvinistas e outras subdivisões da igreja antiluterana são evidências vivas dessa conquista teológica.

E John Wesley também procedeu a novas descobertas no campo da investigação religiosa; assim como muitas outras mentes anteriores e posteriores a ele. E não terão todos sofrido a penalidade do seu percurso independente e direto? A sua história responde a esta questão com uma força receosa—uma força que ataca a raiz do sectarismo e da intolerância religiosa!

Mas cabe agora perguntar: teremos nós, reformadores teólogos, entre nós? Temos homens—pregadores—que aparentam expor a Teologia, mas será que temos reformadores teólogos livres, desprovidos de preconceitos e indomáveis na nossa comunidade, ou mesmo no nosso tempo? A resposta não será que os padres também são devotos dos Velhos Mestres? Não ousam abandonar os velhos caminhos, como se a verdade não existisse em todos os lugares e em todas as coisas. Eles nem sequer são tão livres como era o bom e velho Davi, que acreditava que, se ele descesse ao inferno, Deus iria estar com ele.

Lutero e Calvino deixaram os Velhos Mestres e exploraram novas regiões do pensamento, e até encontraram muita verdade nos velhos dogmas; assim, devemos deixar Lutero e Calvino, e procurar por nós próprios. Eles procederam a melhorias no campo da Religião—e todos vocês acreditam nisso—não teremos, pois, o direito, a coragem e a magnanimidade de continuar com o trabalho da reforma?

Suponhamos que Lutero tivesse acolhido o Papa por seu Mestre, vocês acreditam que o luteranismo seria agora proclamado dos púlpitos das igrejas da Inglaterra, Escócia e Alemanha e de algumas das igrejas Trinitárias, Unitárias e Universalistas do nosso país? Certamente que não.

Suponhamos que Calvino tivesse tomado Lutero por seu Mestre em questões de crença religiosa e dever; vocês acreditam que o Calvinismo agora seria pregado e aplicado pelas mentes mais instruídas e realizadas, nos púlpitos das igrejas Presbiteriana, Congregacional e Batista na nossa comunidade? Certamente que não.

Suponhamos, então, que nós (pois somos discípulos de uma ou outra das formas modificadas do sectarismo vigente), suponhamos que consintamos em receber Martinho Lutero e João Calvino, como nossos Mestres; vocês acreditam que alguma vez faremos qualquer progresso na verdade e liberdade religiosas? — Não, jamais!

Chegou a hora, pois, de a Razão montar seu trono e julgar universalmente o mundo religioso. É o único verdadeiro Mestre. A experiência do passado prova-o e o presente impõe-no. O verdadeiro reformador teológico está, pois, acima das autoridades dos Livros e dos Homens. Ele não consegue conceber seitas no céu. O seu céu consiste em viver em harmonia com as Leis da Natureza; e a sua felicidade consiste na elevação e na Paz do Homem Universal!

Não posso deixar o tema do progresso e do desenvolvimento religioso sem acrescentar mais algumas razões pelas quais devemos avançar nessa área de investigação humana. São elas: tivemos reforma na ciência do Direito, na ciência da Medicina, na ciência da Mecânica, reforma na Filosofia, na Temperança e na Teologia, até hoje; e agora pergunto se não será razoável que perpetuemos a reforma na simples ciência da religião! Na ciência da Medicina foram conseguidos desenvolvimentos maravilhosos.

Depois de Hipócrates e Galeno, vieram os reformadores intermediários, que permaneceram muito próximos da antiga escola da Alopatria, até que Hahnemann declarou a sua importante descoberta, de que uma menor quantidade de medicamentos num estado mais elevado de refinamento e concentração, era mais adequada para curar doenças num organismo em que cada átomo é movido pelo princípio elétrico, ou por impulsos espirituais. Depois veio Benjamin Thompson, que declarou que uma devoção perfeita à temperatura física, e às propriedades médicas das plantas como agências na cura de doenças, com um abandono total de Cloreto de Mercúrio e da Sangria, é a única maneira segura de obter e preservar a saúde.

Então surgiu Priessnitz, que declarou que o abandono total de todos os fármacos, e uma devoção estrita à higiene pessoal, empregando água fria e morna sistematicamente, é o único método verdadeiro pelo qual curar todas as formas e modificações da doença, e restaurar a condição natural do corpo.

Depois surgiu Samuel Dixon, da Inglaterra, que declarou que a rejeição de todos os erros cultivados em todas as formas de ciência médica, e uma aplicação das qualidades excelentes de cada sistema na cura da doença—uma união de todo o bem que cada sistema contém é o único método pelo qual desenvolver a verdade e

beneficiar a humanidade. Portanto, temos a Alopattia, a Homeopatia, o Thompsonianismo, a Hidropatia e o Cronotermalismo, nenhum dos quais existiria agora, se alguma mente superior não tivesse estado acima das doutrinas da sua profissão e declarado as verdades que contemplava da sua própria posição.

A ciência da medicina acha-se confinada à esfera do sofrimento físico; e a ciência da religião está confinada à esfera da mente. A primeira atua sobre a mente através do corpo; a última atua sobre o corpo através da mente; por que não, pois, esforçar-se por aperfeiçoar uma assim como a outra? —pois a Felicidade é o objeto, o fim e o objetivo, em ambos os casos. Não se recusem a tentar reformar a religião!

Não acreditem que o mundo está suficientemente esclarecido nessa ciência, ou que uma maior iluminação seja impossível; porque atrevo-me a afirmar que os vossos pais riram e zombaram de coisas que vocês agora acreditam serem verdades. E não é inteiramente impossível que aquilo que agora acreditam ser uma religião boa, sólida e imutável, seja rejeitado pelos vossos filhos como errada.

Muitas cerimónias da igreja Luterana ou da igreja Calvinista, são sem dúvida consideradas por alguns de vocês como não essenciais para a salvação. Se essas cerimónias *alguma vez* tiverem sido essenciais, são-no *agora*. A doutrina da consagração das crianças indefesas e sem pecado ao sofrimento eterno* já foi estimada como uma verdade sagrada; mas agora consideram-na um erro. Se essa doutrina alguma vez foi verdadeira, é-o agora.

**(N.T.: Que em diversas tradições religiosas, em especial nas vertentes do Cristianismo que acreditavam num inferno eterno, a consagração ao sofrimento eterno era encarado como o destino de quem recusasse a salvação ou viveram em pecado sem arrependimento. No caso de bebés que não fossem batizados, isso traduzia-se pela consagração a um limbo, em que não estariam num estado de separação de Deus.)*

Com base no mesmo princípio do aperfeiçoamento religioso, pode-se dizer que o que vocês agora acreditam ser uma Revelação Divina, será considerado pelas gerações futuras—vossos filhos—como vocês agora consideram as Escrituras Sagradas da Índia, ou o Corão, ou como vocês consideram a Mitologia do Mundo Árabe e Persa.

Se quiserem escapar do sorriso sarcástico e à reprovação da inteligência das gerações futuras, ou da compaixão filantrópica das mentes avançadas no vosso seio, tornem-se reformadores. Ou seja, manter as portas e janelas da mente abertas ao influxo de ideias. Embora tais ideias possam, a princípio parecer estranhas, eu advirto-os a entretê-las; podem ser verdades. Não receiem receber Estranhos, porquanto assim vocês poderão receber Anjos. Passamos agora à questão principal:

Quem é o verdadeiro reformador?

Combine-se as qualidades do Patriota, do Herói, do Legislador, do Poeta, do Artista, do Filósofo e do Teólogo, mais um Amor Universal e um desejo de Harmonia Universal, e ter-se-á o VERDADEIRO REFORMADOR!

Mas antes de descrever o caráter e a missão do verdadeiro Reformador, desejo chamar a atenção para algumas reflexões a respeito das três classes de reformadores que a atual estrutura da Sociedade parece desenvolver, a saber: uma classe de Oposição—uma classe Teórica—e uma classe Prática.

1º. O que se entende por classe oposicionista de reformadores?

Por classe oposicionista, refiro-me àqueles indivíduos que, cansados e revoltados com a hipocrisia, o engano e a injustiça do estado atual da sociedade, se esforçam para combater e demolir todas as profissões e opiniões com as quais entram em contato. As suas percepções são geralmente limitadas quanto às verdadeiras causas da hipocrisia e dos antagonismos sociais e, conseqüentemente, culpam e condenam o que, onde e como não devem.

Podemos sempre conhecer tais pessoas pelo seu ar lúgubre e misantrópico; ou pela sua disposição para condenar liminarmente pessoas e coisas de forma cruel. Geralmente estão inquietos e descontentes. Falo dessa classe de reformadores, assim chamada, porque as mentes indiscriminadas confundem tais indivíduos com aqueles que sentem e agem de modo amplamente diferente no campo da reforma.

As mentes da classe oposicionista estão dispostas a perturbar as reuniões públicas e religiosas; e invadirão os indivíduos completamente despreparados para os receber com os seus sentimentos. Ofendem as opiniões sinceramente entretidas, que as mentes religiosamente educadas absorveram das exposições atuais da Bíblia e do Catecismo; e frequentemente vão contra os costumes populares por causa da predileção que têm pela oposição e discussão. Falam alto e pregam vigorosamente contra os abusos populares e sobre a reforma; mas, seguramente, não estão qualificados para ocupar a posição de comando do verdadeiro reformador.

2º. O que se entende por classe teórica de reformadores?

Por classe teórica refiro-me àquelas mentes que, insatisfeitas com a ordem atual das coisas, dedicam considerável reflexão à busca de novas Teorias para a reconstrução da Sociedade. Mas esta classe compreende uma grande variedade de talentos e concepções. As mentes mais ilustres que já viveram foram reformadores teóricos. Desenvolviam teorias sem prática.

Viveram séculos antes do seu tempo. O filósofo Bacon viveu teoricamente em um novo estado de sociedade da sua própria criação, ou seja, na "Nova Atlântida." O mesmo aconteceu com o Monge de Campanella, na sua "Cidade do Sol." O mesmo aconteceu com São Pierre, no seu "Sonho de Paz Perpétua." O mesmo aconteceu com São João, no seu "Milénio." O mesmo aconteceu com Jesus, no seu "Reino dos

Céus na Terra." O mesmo aconteceu com Fenelon, na sua "Viagem à Ilha do Prazer." O mesmo aconteceu com Sir Thomas More, na sua "Utopia."

Assim sucedeu com Moisés, e os filhos de Israel, que viveram teoricamente antes do seu tempo, na "Terra Prometida." E eu poderia citar muitas outras mentes, que, elevando-se gloriosamente acima das imperfeições da sociedade contemporânea, estabeleceram teoricamente uma "Era de Paz na Terra," que profeticamente contemplaram da sua posição superior.

Há uma grande diferença entre a classe oposicionista e a teórica dos reformadores. A diferença consiste no fato da primeira combater perpetuamente as profissões e os indivíduos; e esta última ressurgir, como a Fênix, do pó e das cinzas da ignorância e da desorientação humanas, para um futuro mais glorioso e harmonioso. A diferença é óbvia.

3º. O que se entenderá por classe prática de reformadores?

Por classe prática, refiro-me àqueles indivíduos que se esforçam por viver a verdadeira vida; que exercem os princípios do amor e da reforma nas suas ações e ditos diários; e que são eles próprios a personificação daquilo que professam crer e ensinar ao mundo. Essa classe é composta por aquelas mentes que estão cansadas e enojadas com as trapaças e vigarices, as fraudes e as corrupções da sociedade predominante.

Eles formam-se em comunidades e esforçam-se por exemplificar as belezas e alegrias de uma nova ordem de coisas. Assim, temos Associações Industriais, Associações Ímpares e Sociedades Shaker,* e, de fato, essas tentativas estendem-se muito pela história da Humanidade. Os primeiros apóstolos do cristianismo tinham todas as coisas em comum; assim como Licurgo, o legislador Espartano; assim como Platão, na sua gloriosa "República."

** (N.T.: Um ramo dos Quacres que se separou dos Shakers nos finais do século 18, que era conhecida pela sua prática de vida comunitária, celibato, igualdade entre os sexos e estilo de vida simples e austero.)*

Mas, mais especial é a classe prática dos reformadores, aqueles indivíduos cujas vidas e obras são exemplos do Amor fraterno e da justiça distributiva. Naturalmente, as relações que os interesses de tais mentes sustentam com os interesses conflituosos de uma comunidade, tornam extremamente difícil para eles viverem uniformemente os princípios de justiça que residem na alma. Mas, apesar disso, tivemos, e temos agora, alguns exemplos de filantropia prática.

Pelo que foi dito, penso que parecerá evidente a toda mente razoável, que os reformadores da classe mais prática são distintamente diferentes, nas suas características peculiares, da classe teórica e oposicionista; e que a classe prática é a mais alta na escala do desenvolvimento natural e espiritual, por manifestarem as

qualidades intrínsecas da sua alma numa vida bem ordenada, cheia de temperança, paciência, bondade fraterna e feitos gloriosos.

"Mas por que será o verdadeiro reformador superior à sua era?" perguntar-se-á aqui.

Respondo que o verdadeiro Reformador é superior ao seu tempo por viver acima dele num Templo, composto pela Sabedoria e experiência combinadas de todas as eras, e que é construído pela assistência unida de cada Nação. Não existe uma única ciência, uma única verdade, uma única experiência de qualquer espécie que seja, no vasto mundo de Eras e das Nações anteriores ao presente século, que não se ache incorporada, de uma forma ou de outra, no Templo do Conhecimento, no qual o verdadeiro reformador está familiarizado acima da terra.

O verdadeiro reformador julga imparcialmente os méritos de cada ciência, filosofia e religião, e apropria-se do bem que têm para a construção do seu templo, que é o asilo de todas as nações, e a livre habitação de todos os sistemas que se desdobram no solo da liberdade e da civilização. E quando o mundo da mente subjacente ao reformador tiver atingido a sua posição, ele poderá olhar em volta e exclamar com verdade:

“Foi só a ruína do mal,
A destruição do erro e vil,
Tudo o que de bom o tempo teve,
Ainda vivia, sutil.”

E o verdadeiro Reformador é superior ao seu tempo porque—enquanto o mundo das mentes venera vários tipos de livros religiosos ou sagrados, que atropelam e entorpecem os impulsos espontâneos da Alma—ele não tem outro livro além da Natureza. Ele adota a Natureza por revelação do Ser Divino. Na Natureza, ele pode aprender todas as leis físicas, intelectuais e morais do seu Autor; e é o único livro que não pode ser alterado, mal interpretado ou fabricado por mãos humanas; e nele nenhuma passagem pode ser apagada, nem interpolada, transposta, para atender aos interesses e predileções de clérigos ou leigos. Se algum homem for considerado um reformador, e, ao mesmo tempo, acolher qualquer outro livro que não o da Natureza por sua revelação e guia, então ele não será um verdadeiro reformador.

O verdadeiro Reformador é superior ao seu tempo porque, enquanto o mundo das mentes ao seu redor acolhe homens e livros como seu mestre, ele não reconhece outro mestre senão a Razão. Ele adota a Razão por seu Mestre, porque ela foi legada pelo Criador ao homem; por ter existido antes dos homens ou dos livros; e por ser o princípio pelo qual tudo o que conhecemos, nesta ou em esferas superiores, deve ser reconhecido, testado e compreendido. A razão é um exercício harmonioso de todos os elementos e atributos da Alma; e nunca contesta a verdade, apenas os erros que o

tempo e a ignorância fizeram com que se acumulasse nela—assim como o ouro é manchado por permanecer no pó do cofre do avaro.

O verdadeiro Reformador é superior ao seu tempo porque—enquanto o mundo das mentes que o rodeiam dedica o seu tempo e atenção ao estudo das línguas mortas—ele estuda as línguas vivas da Natureza. Ele familiariza a sua mente com as flores, os insetos, os pássaros, as plantas, os animais, os seres humanos, os mundos acima, abaixo, ao redor; e ainda com as esferas do desenvolvimento mais invisível da Natureza.

A sua linguagem não é tanto da língua, mas da alma—não tanto do humano, mas do Divino. Portanto, enquanto as mentes individuais na sua comunidade lhe ridicularizam e difamam o caráter, ele está longe das suas esferas e comunga com mundos superiores de pensamento e alegria! Os reinos mineral, vegetal e animal são as palavras, frases, capítulos, salmos, testamentos e ideias que o verdadeiro reformador pode ler e compreender por falarem do amor, da sabedoria e da onipotência do seu Autor superior.

O verdadeiro Reformador é superior ao seu tempo porque—enquanto o mundo das mentes ao seu redor é desqualificado para se orientar e governar a si mesmas, e assentam em tanta duplicidade a ponto de exigir legislação e aplicação positiva de meras leis humanas ou sociais—ele é movido somente pela Lei universal e imutável do Amor pelo Homem. Essa lei rege-lhe as ações em todas as suas múltiplas relações e intercâmbio com os seus semelhantes. Vive na sua Alma e manifesta-se nas suas ações e na sua vida.

Ele não consegue reconhecer nenhuma lei humana superior a essa, e nada lhe é obrigatório que não esteja ao alcance das operações desse princípio divino. Ele deseja substituir essa lei pelas leis parciais e injustas da sociedade preponderante; mas as suas tentativas são duramente combatidas pelos membros dessa profissão, que às vezes retribuem justiça ou injustiça de acordo com a magnitude do proveito obtido em troca. A lei do Amor ao Homem rege na Alma e no Universo ao seu redor; e deseja a sua adoção universal na terra.

O verdadeiro reformador é superior ao seu tempo porque—enquanto o mundo das mentes que o rodeiam é influenciado e imerso nas religiões mitológicas do hemisfério oriental, que foram sistematicamente sublimadas por homens altamente realizados, e que tornam a humanidade sectária e fanática—a sua religião é a justiça. Nenhuma religião é verdadeira se não contemplar a sucessão interminável de criações como um todo justo, inseparável e harmonioso.

E Deus, enquanto a Grande Mente Positiva, deve governar entre os exércitos do céu e os habitantes da terra, com um governo imutável e infalível. Tudo é negativo para Ele. E a imperfeição não pode resultar da Perfeição! O verdadeiro reformador não pode ter outra religião senão a justiça para consigo próprio; justiça para com o

próximo; justiça para com o mundo; e justiça universal! Com a sua alma expandida e elevada acima das religiões mecânicas do seu tempo, é-lhe impossível deixar-se assimilar pelas mentes que se associam a:

“Predestinar uns, sem razão ou pretexto,
Ao Céu – os demais ao Inferno sem texto;
Infligir dores eternas por faltas banais,
Favorecer povos, eras ou sinais.

Ou julgar virtude crer ou pregar
O que a razão refuta ou deva acusar;
Ou pensar que a salvação seja restrita e, enfim,
O Céu seja pequeno para acolher a humanidade assim!”

O verdadeiro reformador é superior ao seu tempo porque—enquanto o mundo das mentes que o rodeiam discute quais livros, ou credos, ou sistema religioso, ou filosofia, ou qual meio encerra a única luz verdadeira—a sua luz é a Verdade. Todas as coisas, sejam em livros ou fora deles, sejam condenadas ou veneradas, encerram alguma verdade significativa para o verdadeiro Reformador.

Tudo empresta vida e imortalidade à luz. A folha que cai pela mão dos ventos outonais, ou o corpo que se transforma em pó, revela ao seu espírito as gloriosas realidades de uma outra primavera, ou das belezas indescritíveis de uma outra vida! A verdade ilumina-lhe a testa abobadada, e mesmo enquanto o seu corpo é atormentado por dores fatais, e se dissolve de volta na Natureza, o seu espírito pede:

"Luz! mais luz ainda!"

Assim, a verdade é a luz divina que protege e guia o verdadeiro Reformador.

O verdadeiro reformador é superior ao seu tempo porque, enquanto o mundo das mentes que o rodeiam ajuda no apoio e perpetuação da ordem atual das coisas no comércio, governo e religião, ele esforça-se por apresentar os princípios da associação e da reorganização do capital e dos interesses. Ele entristece-se com a injustiça e a insatisfação na sociedade, ocasionadas pelo seu estado de falsidade e desunião em que se encontra.

Concentraria a sabedoria e a experiência das nações e, sobre bases mais inequívocas, aplicá-las-ia à reconstrução das relações e dos interesses individuais; e assim evitaria três aflições sociais: a pobreza, o crime e a desgraça! Mas, nesse desejo, o reformador está acima do seu país e do seu tempo. Se todos fossem constituídos como ele, educados como ele, situados como ele e harmonizados internamente como ele está, a sociedade mudaria de vez.

Portanto, a distância é tão grande entre ele e o mundo dos conflitos individuais, (que o próprio povo cria), que ele não pode associar-se a ele, nem consegue abrangê-lo; e

assim deve esperar ser alvo da troça, do escárnio e das calúnias das massas promíscuas, na moda ou fora de moda, sem se deixar dececionar.

O verdadeiro Reformador é superior ao seu tempo porque—enquanto o mundo das mentes deseja não abandonar os velhos caminhos em questões de ciência, política e religião, ele é inspirado com a ideia sublime do PROGRESSO eterno! Ele acredita no aperfeiçoamento perpétuo de todas as coisas, sejam elas naturais ou espirituais, científicas ou religiosas.

E, portanto, nessa convicção simples, mas irresistível, o reformador é afastado da compreensão dos indivíduos e instrutores populares; pois estes últimos acreditam e pregam eloquentemente que a humanidade era melhor e mais sábia séculos atrás do que agora, e que o retrocesso no tempo ao Éden é necessário para a felicidade. Mas o verdadeiro Reformador esforça-se por trazer, através da lei do contínuo:

“Progresso, para mente humana,
A luz da verdade e da nova sabedoria divina,
Para elevar, aperfeiçoar e abençoar a raça.”

O verdadeiro reformador é superior ao seu tempo porque, enquanto o mundo das mentes que o rodeiam não sonham que as realidades internas e espirituais sejam muito mais duráveis do que as coisas visíveis, ele vê mundos em embrião—um céu—na alma por desenvolver. A lei do desenvolvimento eterno é o seu guia para o dever e a ação.

Quando vê um germe, sabe que contém uma flor por desenvolver; quando vê uma criança, sabe que ela contém as qualidades e essências de um Homem por desenvolver; quando vê um homem, sabe que o homem contém um Anjo por desenvolver. Portanto, o Reformador associaria os homens, promoveria os seus interesses e desenvolveria os seus atributos imortais na Harmonia. Porque a harmonia é o destino de todos!

O verdadeiro Reformador é superior ao seu tempo porque—enquanto outros procuram meras habitações materiais de repouso—ele aspira ao céu. O seu céu não é uma localidade, é um estado. Se os elementos e atributos da alma estiverem harmonizados, a alma estará no céu. E se essa alma se situar na América ou na Inglaterra, ou neste mundo ou em outro, o indivíduo está no céu. O céu é harmonia.

Portanto, o verdadeiro Reformador sabe que nunca pode assegurar o céu fazendo penitência no santuário da virgem; nem rezando nem recebendo orações; nem construindo igrejas nem contratando o quem pregue o evangelho; nem acreditando em nenhum sistema de religião, nem tentando acreditar; mas ele sabe que o céu só é alcançável através do desenvolvimento e da harmonização da sua pessoa. Desse modo, ele toma conhecimento do divino dentro de si, e do divino nos outros, à custa da doutrina oriental da total depravação humana.

O verdadeiro Reformador é superior ao seu tempo porque, enquanto o mundo das mentes que o rodeiam venera um Deus de capricho e retaliação, ele obedece silenciosamente ao Pai de Todos. Ele educou-se nas leis do Criador e acha fácil e natural obedecer-lhes. O Reformador não pode venerar um Deus de Abraão, Isaac e Jacó apenas, mas ele reverencia a Mente viva da Natureza Universal—o Espírito Vitalizador de todas as existências!

O verdadeiro Reformador deve combinar em si próprio as qualidades do Patriota, do Herói, do Poeta, do Filósofo e do Teólogo—numa palavra, ele deve compreender, pelo exercício da sua intuição e razão, as verdades da ciência e a natureza do Homem. A sua missão é determinada pela medida da sua capacidade interior; e a sua utilidade para o mundo é decidida pela coerência real entre a sua pregação e a sua prática.

Para que uma Era saiba sempre quem é um Reformador verdadeiro e perfeito, e para que possa ter um teste seguro para averiguar a genuinidade e a estabilidade de qualquer indivíduo que surja, agora ou no futuro, no caráter de um Reformador, limitar-me-ei a acrescentar, a título de recapitulação do que disse sobre o assunto: que ele deve ser um Homem Verdadeiro—cujo Templo esteja na Experiência e na Sabedoria de todas as eras e nações; cujo Livro seja a Natureza; cujo Mestre seja a Razão; cuja Língua consista em todas as Formas e Reinos; cuja Lei é o Amor ao Homem; cuja Religião é a Justiça; cuja Luz é a Verdade; cuja Estrutura seja a da Associação; cujo Caminho seja o da Progressão; cujas Obras sejam do Desenvolvimento; cujo Lar se situe no Céu; cujo Céu esteja na Harmonia; e cujo Deus seja o PAI UNIVERSAL.

Não seria coerente com a natureza deste volume detalhar os diversos assuntos que deveriam chamar a atenção do verdadeiro reformador; nem recebo qualquer impressão para me debruçar sobre os métodos de reforma que devem ser observados por todos os indivíduos que procuram e trabalham para o aperfeiçoamento pessoal e social. Haverá, no entanto, muitos princípios importantes da cultura mental ou espiritual incidentalmente desenvolvidos na sequência, que recomendo, confiante, à consideração do leitor.

Na medida em que o caráter deste volume é o de um "Educador," não se deve supor que os temas aqui discutidos se sucedam daquela maneira progressiva e consecutiva, que geralmente caracteriza uma obra dedicada à exposição especial de uma única ideia ou teoria.

A Filosofia d Harmonia tem uma abrangência universal, por ser uma "Revelação das áreas Natural, Espiritual e Celestial do Templo Universal de Deus." Mas, como o natural vem em primeiro lugar na ordem da verdade, o leitor pode esperar encontrar os meus primeiros volumes no plano inferior ou prático da investigação. É por essa razão que introduzo assuntos de interesse mais imediato para o bem-estar da sociedade, e deixo temas de aprofundamento para as páginas seguintes...

A FILOSOFIA DA CARIDADE

A Caridade é a perfeição de todas as excelências cristãs; é o anjo benévolo da alma humana. A Caridade é a imagem perfeita e manifestação do Amor Fraternal: e o amor fraternal é o desenvolvimento, o refinamento e a expansão do amor-próprio. O amor fraternal, portanto, desdobra-se numa forma belíssima — uma forma que abrange os elementos e atributos do amor-próprio e do amor conjugal; e essa forma, quando manifestada entre os homens, traz o selo de um anjo, e o seu nome é Caridade.

A ternura da sua natureza, a espontaneidade bela dos seus impulsos, e a gentileza e atenção delicada que caracterizam o seu convívio com os doentes, os pobres, os pródigos, os abandonados e os desconsolados, são testemunhos preciosos do seu carácter elevado e da sua missão gloriosa.

A educação e as circunstâncias impedem, por vezes, a manifestação da sua natureza e influência no mundo, e por vezes ela está acorrentada e aprisionada nas cavernas sombrias e masmorras sombrias do coração escuro e egoísta do avaro; mas quando lhe é permitido caminhar entre os homens, uma influência doce e celestial emana dela, tal como a dos anjos mais sublimes e divinos, espalhando-se por toda a comunidade onde habita.

O selo da divindade está sobre a sua fronte; e ela nunca é mais bela nem mais poderosa do que quando os seus atos e feitos são desprovidos de exibição ou pretensão. Quando a caridade é bem dirigida, e caminha livremente pelas avenidas sagradas da Sabedoria, os seus feitos florescem como violetas celestiais no jardim da Alma, e espalham a fragrância da felicidade por onde passa.

Um indivíduo pode distinguir-se pela temperança, paciência, perseverança, bom juízo e até hipocrisia religiosa sectária, mas, diz um livre-pensador e escritor da era patriarcal, “a maior destas é a CARIDADE.”

A caridade ensina-nos a sentir que um só membro não pode sofrer sem que todos os outros membros sofram com ele — que nenhum indivíduo pode sofrer dor, castigo, exílio, carência, ou qualquer aflição imaginável, sem afetar, de forma concreta, a tranquilidade e felicidade de todos os outros indivíduos. Assim, ela ensina que os habitantes deste planeta, e dos outros planetas do nosso sistema solar, e os habitantes dos planetas da imensidão, e todos os anjos subordinados, superiores, celestiais e

super-celestiais, e o próprio Pai — sim, todos ficariam inquietos e, consequentemente, infelizes, se uma, apenas uma alma imortal fosse condenada à miséria eterna!

A caridade educa e expande as percepções, conceções e todos os outros atributos da alma. Ensina o amor-próprio a ser justo, bondoso e gentil consigo mesmo. Depois, expande e ensina o ser a aperfeiçoar-se em outro — isto é, a formar uma união perfeita com outro ser correspondente, através de relações e atrações conjugais.

Depois ensina a alma a sentir a sua individualidade, a reconhecer a sua dependência e a cultivar o espírito de uma relação universal. E então admoesta-nos a preservar e aperfeiçoar os nossos prazeres, atributos e liberdade, aperfeiçoando e preservando os prazeres, atributos e liberdade dos nossos semelhantes.

Assim os companheiros, familiares, amigos, vizinhos, todas as nações da Terra, os amigos e familiares de outros mundos, juntamente com todas as encarnações espirituais da bondade nos planos superiores — sim, todos sentirão a influência calorosa, e receberão o abraço generoso do anjo da caridade!

Assim, o Amor-Próprio desdobra-se e expande-se no Amor Conjugal; e o Amor Fraternal elabora a mais bela imagem — na sua natureza, forma e influência, o mais doce e amável anjo; e o seu nome é Caridade.

Qual é o campo de ação da Caridade?

O campo de ação da caridade é tão vasto como o universo infinito. A sua missão na alma é impregnar todos os atos e princípios bons com tolerância; e envolver a vítima do pecado e das circunstâncias numa atmosfera de clemência, paciência, benevolência, perdão e reconciliação.

A sua verdadeira obra não se refere tanto ao pobre, mas sim às causas da pobreza; não tanto ao pecador, mas sim às causas do Pecado; não está confinada ao indivíduo, mas estende-se ao todo. No cumprimento constante da sua missão, a caridade é terna, gentil, discreta e forte.

Consciente da santidade interior e da pureza da sua motivação, ela nunca teme ou sente contaminação. Se entrar no mais esplendoroso palácio, ou na câmara mais sombria da corrupção e da doença — sim, se trabalhar nos poços mais profundos do pecado — continuará a ser um anjo.

O coração generoso não bate apenas por casos individuais de sofrimento e depravação, mas sim pela purificação e felicidade da Humanidade universal. Quando guiada exclusivamente pela Sabedoria, ela oferece a sua bondade não apenas aos poucos, mas aos muitos — não apenas ao objeto imediato da privação,

mas às instituições, hospitais e asilos, concebidos por ela para o alívio permanente da humanidade, por toda a parte e em todas as condições.

Quer bata no meio da magnificência fria, ou na cela mais escura da prisão, o coração cego, desorientado e desesperado deve ser aquecido e iluminado pela doce influência da caridade. Ela deve suavizar a severidade de todo o castigo, e diminuir a magnitude de toda a transgressão.

A caridade não é orgulhosa. Habita no coração do homem bom, mas raramente em carruagens luxuosas. Senta-se vigilante no santuário mais íntimo da alma bem desenvolvida, mas raramente é encontrada em igrejas da moda. Expressa-se em atos, mas raramente em palavras nos púlpitos modernos.

Investigar a natureza e extensão da necessidade; curar os doentes; respirar benevolência e reforma no meio da poluição e depravação; manter sentimentos e pensamentos bondosos para com aqueles que pensam e agem contrariamente às nossas opiniões, desejos e interesses; harmonizar e adaptar os interesses e posses individuais com os do próximo; e concentrar trabalho, capital, talento, motivação, impulso e desejo, para que o egoísmo, a ignorância, o crime e a pobreza dêem lugar à vinda do reino dos céus — é o trabalho constante da Caridade, a sua missão gloriosa, e o seu campo de ação legítimo.

As causas e consequências da pobreza

As deficiências físicas e espirituais hereditárias, juntamente com uma combinação de circunstâncias degradantes, opressivas e esmagadoras, são quase invariavelmente as causas fundamentais da pobreza individual e geral. Mas reverses nas relações familiares, em heranças e ocupações individuais, entre as classes mais altas e instruídas, não raramente são causas de grande sofrimento e necessidade. O indivíduo delicado, culto e outrora rico geralmente sofre dez vezes mais com as privações decorrentes da pobreza do que aqueles que nascem em meio às suas cenas deprimentes e se habituaram completamente às suas inúmeras consequências.

As consequências da pobreza humana são muitas e significativas. Alguns indivíduos são levados ao que se chama de vício e maldade porque são pobres; outros são pobres porque são generosos. Um homem tem uma família; precisa de trabalho para alimentá-la, vesti-la e pagar a renda; faz várias tentativas infrutíferas de conseguir emprego; as necessidades da vida o apertam; tornam-no desesperado; ele implora, implora sinceramente, e mal é notado; rouba, como próximo recurso necessário, e é condenado à prisão.

Sua esposa e filhos são sustentados, talvez, por instituições benevolentes da cidade, ou, com o triplo do custo e muito menos carinho, por inúmeros estranhos e

moradores locais. Assim, alguns tornam-se maus porque são pobres; e esta é uma consequência legítima da pobreza.

Outro exemplo: um homem conhecido por sua benevolência e filantropia; possui riquezas; sua casa é constantemente cercada por pessoas pedindo trabalho ou ajuda. Ele dá alimentos, dinheiro, roupas, conselhos, oferece sua mais sincera simpatia; não encontra paz senão naquela quietude interior que habita no seio da verdade e do bem. O mundo lhe parece um imenso mar de problemas, pobreza, ignorância e corrupção. Ele se desespera em seus esforços para refinar e elevar a humanidade, rompe com seus investimentos, consome os juros para pouco propósito. Assim, torna-se financeiramente embaraçado; dá ainda mais, e empobrece. Assim, alguns empobrecem porque são generosos. Sei que tais casos são extremamente raros, mas eles existem, e são resultados legítimos da caridade local, como é praticada no alívio da pobreza.

Uma vasta quantidade de ignorância, vício, licenciosidade, embriaguez, roubo, assassinato e miséria pode ser rastreada até a pobreza herdada e as influências das circunstâncias. Mas, por outro lado, os maiores, mais nobres, mais poderosos e talentosos exemplos da humanidade que o mundo já conheceu também podem ser rastreados até essa mesma origem e tipo de circunstância. Essas consequências opostas dependem menos das condições imediatas de nascimento e educação, e mais das tendências e qualificações constitucionais do indivíduo.

As más consequências da pobreza são ilustradas no caso da classe mais numerosa de indivíduos — os que são constitucionalmente fracos e inferiores, e que, conseqüentemente, sucumbem às circunstâncias ao redor. Mas as boas consequências da pobreza se manifestam em poucos indivíduos — aqueles que são constitucionalmente superiores, e que, portanto, elevam-se muito acima das circunstâncias imediatas, dos costumes estabelecidos, das opiniões prevalentes e das influências sociais da época em que vivem.

Que exemplos o mundo oferece de privação?

Nova Iorque é uma representação em miniatura e verdadeira do mundo inteiro. Não é necessário visitar Paris ou Londres para se conhecer o pecado e o egoísmo, o crime e a crueldade, a riqueza e a miséria, o orgulho e a pobreza; nem ir às ilhas do mar para conhecer o primitivismo, a ignorância bárbara e a superstição escravizante. A grande metrópole da América contém em si todas as formas de civilização real e falsa, todos os elementos conflitantes de monarquia e aristocracia, de conflito e contenda, e todas as atrações do refinamento, opulência e luxo.

Em meio a essas cenas opressoras e elevadoras, as circunstâncias e os deveres obrigaram-me a residir. Era necessário que eu as enfrentasse todos os dias: e, com minha sensibilidade constitucional e disposição para simpatizar com o sofrimento,

os fracos e os oprimidos, sem possuir os meios para lhes oferecer auxílio, o convívio tornava-se extremamente doloroso e incongruente.

Não podia caminhar por uma rua com qualquer grau de prazer ou satisfação; pois, em quase toda esquina, havia uma representação de solidão, angústia e privação. Cada cena era suficiente para neutralizar em minha mente qualquer lembrança de alegria ou felicidade e, ao mesmo tempo, provocava o esforço contrário de apagar toda lembrança de sofrimento pessoal, opressão e desapontamento.

Talvez as ruas estivessem cobertas de neve — o vento cortante — a noite escura — o tempo muito frio. Talvez a cena fosse de uma criança chorando, sentada num degrau de pedra ou à porta de uma cave; ou talvez uma mulher com uma criança pequena, com um marido doente em casa, com um mês de renda atrasada, mostrando todos os sinais de fome, frio e pobreza; ou talvez um homem idoso — deformado, fraco, trêmulo e quase sem roupas.

O que há de fazer um filantropo — cujo coração pulsa pelo bem e felicidade humanos — diante de um caso assim? O olhar perdido, o tom desesperado, a súplica dilacerante por dinheiro e ajuda, penetravam com toda sua força até o íntimo do meu ser; e, movido assim, pelo impulso espontâneo e simpático da piedade e da caridade, eu oferecia nervosamente à criança, à mãe ou ao velho o que podia, e apressava-me em seguir meu caminho.

Mas, em vez de me sentir interiormente satisfeito, ou consciente de ter feito um ato justo, ou de ter causado um bem duradouro àqueles indivíduos, invariavelmente experimentava uma espécie de condenação e desaprovação do meu juízo, uma consciência de inadequação quanto à natureza e tendência do ato. Essa sensação de insatisfação sucedia invariavelmente o ato de dar (que geralmente era medido pela impetuosidade do impulso), tanto em relação à influência quanto à magnitude da doação, tendo em vista a real condição do solicitante.

Se eu havia dado o suficiente, e à pessoa certa, eram as perguntas que me perturbavam. Desejava sentir-me de forma diferente — suspeitar menos dos motivos dos mendigos, e experimentar aprovação interna pelo exercício da caridade. Mas descobria que quanto mais escutava os pedidos e os atendia, mais numerosos se tornavam os semelhantes. E percebi que, em vez de causar um bem positivo e diminuir os males prevalentes da pobreza e da miséria, eu os estava diariamente reforçando e alimentando. Convenci-me de que a pobreza e o crime não poderiam ser prevenidos dessa maneira.

Tendo compreendido qual é a origem, a natureza e a missão da caridade, é necessário agora fazer algumas observações práticas sobre os diversos objetos e cenas que a ela se dirigem. Nova Iorque, como exemplo e representação do mundo inteiro, está diante de mim: será o campo da minha presente observação; e talvez os

vagabundos e mendigos que agora descrevo tenham sido frequentemente vistos e sejam bem conhecidos por muitos que residem na cidade e frequentam as suas ruas movimentadas.

O primeiro caso de aparente necessidade e sofrimento é representado pela aparência pessoal de uma mulher de meia-idade e duas crianças pequenas. Estão sentadas nos degraus frios de pedra do banco na esquina da Bowery com a Grand Street. Que cena dolorosa! Os senhores de negócios, os senhores do lazer e as senhoras elegantes da cidade passam e repassam diante daqueles seres miseráveis — aparentemente inconscientes de sua existência.

Mas o filantropo que se aproxima certamente os perceberá, e sentirá profunda compaixão pela sua situação, com a dolorosa consciência da sua incapacidade de prestar auxílio. A mulher sofre visivelmente com os efeitos de alguma doença: parece sentir dores em cada nervo e músculo. Suas roupas são finas, insuficientes, sujas e esfarrapadas. A menina — com a cabeça apoiada no peito da mãe, o rosto contraído e exposto, o corpo mal protegido do frio, e a pequena mão estendida buscando a caridade — parece faminta.

O menino — de corpo magro, trêmulo, mal vestido — permanece com olhar suplicante, segurando o chapéu estendido em direção à multidão que passa. Um bom cristão sentirá empatia e pensará: “Talvez não tenham casa, nem lugar para dormir, nem comida, nem forças ou meios para se ajudarem. O inverno logo chegará — com suas neves profundas, suas tempestades violentas, suas noites escuras, sombrias e sem amigos, com suas duras e terríveis consequências — e tudo isso recairá sobre esta pobre mulher e seus filhos; e nosso bom Mestre ensinou-nos a pensar nos pobres.” A caridade move-se dentro do seu coração; ele oferece à pobre mulher algum dinheiro e conselhos, e apressa-se alegremente em seguir seu caminho.

O segundo caso é o de um homem idoso. Ele está parado na calçada da Broadway. Seu corpo é deformado, seus sentidos estão debilitados, seus traços enrugados; e os sinais de aflição e miséria estão gravados por tempo e circunstância em todo o seu semblante. Corpo e mente parecem ser vítimas específicas da pobreza e do infortúnio. Os impulsos da caridade fazem com que algumas pessoas, em meio à multidão apressada, depositem ocasionalmente uma moeda em sua mão.

O terceiro caso é o de uma menina a chorar — sua expressão e aparência personificam a ansiedade e a privação. Ela segue cada estranho sorridente, não pronuncia nenhuma palavra clara, mas comunica com gestos a linguagem inconfundível da necessidade e da solidão.

O quarto caso é o de uma idosa sentada, com algumas maçãs num cesto, em frente ao mais esplêndido e elegante armazém de tecidos da cidade de Nova Iorque. Sua expressão é triste e solitária; sua aparência indica que já viveu muitos anos penosos

— anos marcados por angústia e desespero. A caridade, por vezes, compra uma maçã, paga três vezes o valor pedido, sente o coração apertado pela compaixão despertada, e segue em frente.

O quinto caso é o de um filho abandonado, embriagado e sem amigos, vindo da Irlanda. Aparentemente está fisicamente bem, mas tem muitas, muitas carências: precisa de amigos, simpatia, trabalho, dinheiro, encorajamento e estímulo fraterno. A caridade o observa, sente profunda dor, mas não pode ajudá-lo. O guarda o conduz rudemente à delegacia; ele dorme, vencido pelos efeitos combinados do cansaço, do álcool e do desespero.

Inúmeros casos surgem agora diante da minha visão. Homens, mulheres e crianças, de todas as nações, climas e cores — tendo por abrigo antigos armazéns, cascos de navios, caves frias, quartos abafados e sótãos cheios de fumo. Doença, prostração e carência erguem suas cabeças horrendas e falam com tons melancólicos em quase todas as ruas e zonas da cidade. Ó espírito bondoso da caridade, concede-me o poder de limitar minha visão apenas a esta cidade; nunca me impulses a olhar com olhos abrangentes para os habitantes de outras cidades, países e climas, nem a sentir — nem por um momento sequer — as realidades da sua condição; pois meu coração incharia de compaixão, e paralisar-se-ia pela consciência da minha incapacidade de ajudá-los; minha alma alegre seria silenciada pela tristeza, e meu cérebro quase se desfaria com os pensamentos mais intensos sobre o seu alívio. Sim, muitos — muitíssimos — seres miseráveis habitam a cidade diante de mim; não posso suportar a visão de cena mais aterradora e generalizada do que estes exemplos de destituição que gelam a alma. Mas pode-se perguntar:

Todos os casos de privação são reais?

Na medida em que todos experimentam, em maior ou menor grau, os impulsos morais e as sugestões fraternas da caridade, é razoável acreditar que qualquer um que resida ou visite Nova Iorque deve sentir algum desconforto e angústia ao ver os mendigos e as figuras horríveis da pobreza que caminham e se sentam ao longo das suas ruas principais. Algumas pessoas, no entanto, habituam-se a estas cenas e passam por elas sem se dar conta. Mas abolir o costume aparentemente benevolente de conceder caridades locais a essas criaturas aparentemente miseráveis — e ressaltar a absoluta necessidade de instituir planos mais sábios e eficazes para retirá-las das ruas e suprir suas necessidades — é o único objetivo das minhas revelações presentes.

O primeiro caso — a mulher e as duas crianças — foi habilidosamente arranjado para fins de excitação de simpatia e extração de presentes, da seguinte maneira: A mulher não está muito doente, nem muito bem; mas ela prefere mendigar a trabalhar; e não tem filhos. A menina doente pertence a um vizinho, e o menino a

outro; e eles são contratados, por um valor modesto por dia, para completar e encenar a representação. Eles não estão realmente em situação de miséria — não são merecedores da profunda simpatia e do dinheiro que muitos bons cidadãos e estranhos lhes deram.

Sei que a afirmação dessa descoberta pode desestimular o exercício e o crescimento da Caridade no coração generoso; que ela gerará conflitos de julgamento e hesitação ao se deparar com um novo e talvez verdadeiro caso de pobreza — e tenderá a gerar um ceticismo frio sobre a honestidade de quem quer que seja obrigado, pela força implacável das circunstâncias, a solicitar esmolas; mas, se cada indivíduo possuísse o poder de percepção interior, e tivesse a faculdade de discriminação justa e rápida, então um curso diferente em relação ao alívio da miséria seria considerado mais adequado.

O segundo caso — que é um homem idoso na Broadway, e que causou muitos pulsos simpáticos e manifestações de caridade — é proprietário de uma boa fazenda, com gado, no estado de Connecticut. Quando nada particularmente o ocupa em casa, ele visita Nova Iorque para uma expedição de mendicância, e encontra isso uniformemente mais lucrativo do que outras especulações, proverbialmente originárias de sua terra natal.

O terceiro caso — que é uma menina triste — é uma verdadeira representação de uma condição real, e uma exata personificação da condição de muitos outros, que são menos conhecidos e mais reservados. Mas ela recebe, no total, não mais do que um terço da assistência que é dada aos casos descritos acima.

O quarto caso — que é uma mulher idosa com maçãs — é mais rica do que muitas das senhoras bem vestidas, bem-educadas e altamente elegantes que passam por ela, indo ao estabelecimento de moda na cidade.

E o pobre irlandês — o que se pode dizer dele? Ele, também, como a pobre menina, é uma representação verdadeira da condição real de centenas de seus conterrâneos — tanto na Irlanda quanto nos Estados Unidos. E ele não recebe nem metade da bondade e ajuda que os vagabundos mencionados anteriormente recebem; porque a Caridade, não sendo devidamente dirigida pela Sabedoria, gasta quase sua última moeda e derrama sua última lágrima sempre que, e onde, ela é mais comovidamente abordada, ou é espontaneamente impressionada a conceder ajuda.

Mas deixe-me observar mais. Vejo companhias de mendigos, vestidos com seus trajes mais afetivos, tendo como líder e gerente alguma mulher grosseira e insensível; e outras companhias, com à frente um homem grosseiro e cruel. Vejo uma organização de músicos alemães e italianos, composta por homens, mulheres e crianças, que tocam harpas, violinos, órgãos e outros instrumentos; estão espalhados pela cidade de Nova Iorque, e outras cidades, e pelo país afora; e são empregados,

fornecidos com seus instrumentos diversos, e às vezes são remunerados por seu trabalho inútil — por um único proprietário.

Percebo que a solicitação de esmolas se tornou um negócio altamente lucrativo e amplamente disseminado. E, graças ao Pai dos Espíritos, não falta caridade no coração humano — é um elemento constitucional; mas há uma grande, uma temível falta de Sabedoria na maneira e no tempo de sua manifestação e exercício.

Perguntemo-nos: Qual é a tendência das caridades locais?

Depois de investigar a condição aparente e real dos pobres, e refletir sobre as causas e consequências da pobreza, agora é apropriado indagar sobre a tendência negativa das caridades locais. A concessão espontânea, local e indiscriminada de atenção e dinheiro para indivíduos e famílias aparentemente miseráveis e famintos raramente resulta em bons resultados permanentes. Em vez de neutralizar e remover os males da pobreza e da necessidade, a prática frequentemente incentiva e fortalece a disposição para a ociosidade e a imprudência.

Em vez de diminuir, ela multiplica os objetos e casos de aparente miséria, e transforma o instinto natural de autopreservação e responsabilidade em uma espécie de dependência presunçosa dos cidadãos mais sábios, prudentes e ricos. Portanto, em vez de contrair, a prática naturalmente expande e perpetua o mal da pobreza e suas consequências. Existem certos indivíduos, que são geneticamente predispostos a viver por meio de uma absorção indolente do conforto e da manutenção do fundo geral de riqueza, indústria e abundância; e estes presumidamente dizem: "O mundo me deve uma vida, as boas pessoas me sustentarão, e eu não vou trabalhar." E encontrando a generosidade das multidões mais lucrativa e menos cansativa do que o trabalho, essas pessoas se organizam em grupos de mendicância, vestem trajes de mendigos e saem em expedições de mendicância.

E assim, o coração suave, amoroso e terno da Caridade é constantemente magoado, sobrecarregado e exausto; e, finalmente, devido ao peso excessivo, ela se vê obrigada a retirar suas simpatias, talvez dos realmente merecedores e necessitados, e a guardá-las dentro do atributo aparentemente egoísta de autoproteção. E os indivíduos em quem isso ocorre são considerados como não caridosos!

A prática de conceder caridades locais é prejudicial ao progresso e ao desenvolvimento das energias individuais: porque cria uma falsa dependência da riqueza e dos esforços dos outros, gerando falta de cautela e uma carência de verdadeira dignidade e respeito próprio. É prejudicial porque é uma transgressão positiva dos princípios da Divindade manifestados na Natureza. A terra é regada e torna-se fértil pela influência unida e concentrada da chuva e do sol sobre sua superfície; mas nunca por gotas de água aqui e ali, e por flashes espasmódicos de calor e luz.

A chuva é boa, a luz é boa, e as caridades locais são boas, mas elas são permanentemente boas apenas quando emanam de uma fonte central, e em quantidades apropriadas e bem proporcionadas. A Caridade está sempre ansiosa para fazer o bem e conquistar a pobreza e seus males; mas o costume de direcionar seus esforços de uma maneira desunida e abstraída não pode deixar de resultar em diminuir seu poder, fortalecer seu inimigo e empobrecer a si mesma.

Napoleão foi ambicioso em conquistar e se tornar imperador de todo o mundo; mas ele, como a Caridade, ao direcionar suas forças de uma maneira desunida e abstraída, conseguiu apenas diminuir seu poder, fortalecer seu inimigo e causar sua própria queda. A bondade da Caridade, e a ambição de Napoleão, lutaram e trabalharam para fins dessemelhantes, de uma maneira semelhante, e tiveram resultados análogos. Sei que a caridade local faz um bem negativo; mas também sei que ela cria um mal positivo; e por isso sinto a necessidade absoluta de urgir sua imediata, mas, ao mesmo tempo, condicional abolição.

Novamente, perguntamos: A caridade geral está sendo mal aplicada?

O amor constitucional da humanidade pela Humanidade se expressou de várias formas por todo este país, e está começando a se manifestar em muitas partes da Europa. Essas expressões imperfeitas são nossas Sociedades de Odd Fellow, Sociedades Anti-escravidão, Sociedades de Reforma Moral, Sociedades Cristãs de Costura, Sociedades de Temperança, Sociedades Benevolentes, e Sociedades de Reforma Penitenciária e Anti-Punição Capital.

E o amor fraternal construiu Casas de Albergue, Hospitais e Asilos para os doentes e necessitados. E Prisões, Casas de Correção e Penitenciárias também são, em um sentido, expressões imperfeitas e incompletas do amor fraternal como exercido na proteção social. As últimas desaparecerão à medida que a Sabedoria se desdobrar.

Mas devo restringir minha atenção a Nova Iorque. Na cidade de Nova Iorque há entre quinhentos e seiscentos mil habitantes. Cerca de um quarto do número são decididamente ricos; e os três quartos restantes geralmente ocupam todos os planos imagináveis entre a esfera dos realmente ricos e a esfera dos realmente pobres. E fico surpreso ao descobrir que, em toda Nova Iorque, não há mais de trezentos indivíduos — incluindo mulheres e crianças — que são obrigados a vagar sem teto, em busca de ajuda, comida e emprego. Mas há muitos, muitos que são forçados a trabalhar, dia e noite, por um valor semanal muito menor do que o gasto por um cavalheiro de lazer, numa única refeição no salão, com vinho, ostras e charutos!

A quantia que é anualmente concedida pelos residentes de Nova Iorque, seus visitantes e o público em geral, aos pobres nas suas ruas, nos albergues e aos pedintes em toda a cidade, é de magnitude suficiente para fornecer — se sistematicamente concentrada e sabiamente aplicada — a cada família pobre da

cidade uma casa bem arrumada de vinte e cinco metros quadrados, de um único andar e meio de altura, situada em um acre de boa terra! Aqueles a quem você deu dinheiro ontem, estão nas ruas, na mesma condição, hoje; dê-lhes mais dinheiro hoje, e amanhã a cena será igual à de ontem, se, de fato, não for um apelo mais emocionante às simpatias. A questão surge. Como pode o crime e a pobreza locais ser erradicados, a não ser que a sociedade seja reorganizada?

A caridade nunca move o coração nem a mão para dar sem causar no indivíduo o desejo de uma certa garantia, um conhecimento inequívoco de que a doação será produtiva de resultados benéficos. Portanto, para nutrir, expandir e desenvolver o amor fraternal e a boa vontade entre os homens, e para livrar as ruas de Nova Iorque e outras cidades de mendigos e impostores, deve ser imediatamente organizada uma **POLÍCIA MORAL**.

Temos uma polícia legal ou municipal, que, como um corpo de homens, faz um bem negativo, às vezes por dinheiro e por causa do cargo; mas precisamos de uma **POLÍCIA MORAL**, que, como um corpo de homens, faça um bem positivo, pela Humanidade, e por causa do **PRINCÍPIO**.

Clérigos e leigos — bons homens, boas mulheres e espíritos afetuosos — que desejam que todos os homens sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade — esses devem, e somente esses podem, compor esta banda fraternal e cristã. Que não haja leis arbitrárias de organização, nem planos específicos para buscar e investigar aparentes e escondidos casos de pobreza e vício; mas que um único impulso dilate seus corações, e energize seus movimentos, e o Espírito de Cristo e o Anjo da Caridade formem uma união matrimonial.

Que a Polícia Moral seja espiritualmente remunerada, (o que inevitavelmente seria,) com uma consciência interna de fazer o bem, que é um tesouro no reino dos céus, onde as traças não corrompem nem os ladrões entram para roubar. E que sua remuneração pecuniária venha dos novos fluxos que seriam abertos, compostos por contribuições abundantes para o novo movimento.

O trabalho da polícia moral deve ser procurar todos os casos e vítimas de verdadeira necessidade; todos os casos de vícios individuais, corrupção, depravação, embriaguez, roubo, jogos de azar e excessos juvenis; todos os casos de degradação e abandono feminino, e todas as causas, e a extensão, desses vícios que fluem da ignorância, e do afeto esmagado ou desviado, das falências comerciais, dos delitos morais ou mentais, ou das deficiências. Em uma palavra, a polícia moral deve lutar, trabalhar e orar pelo estabelecimento do reino dos Céus na Terra!

E então, sempre que a paz e as leis da comunidade forem infringidas ou transgredidas, e o infeliz transgressor for apresentado ao tribunal da cidade para responder por isso, ele terá um defensor entre a polícia moral; alguém entre eles

estará plenamente ciente das causas e das circunstâncias atenuantes da transgressão. O Anjo da Caridade, assim, defenderá a sua causa, proferirá um veredito justo e sugerirá formas e adotará meios para evitar que ele cause mais danos a si mesmo ou aos interesses da Sociedade.

A Polícia Moral também reportará cada caso de necessidade real ao tesoureiro da organização da cidade, e o comitê provisório decidirá os meios de alívio mais permanentes, para os quais tomará medidas imediatas para garantir que sejam executados prontamente. Se apenas for necessário um auxílio temporário, o comitê fornecerá; mas o bem permanente do indivíduo e os vários interesses da sociedade devem ser sempre as primeiras e principais considerações.

Para esse fim, que as sociedades de caridade benevolente deixem de trabalhar de forma independente e, como por vezes fazem, em direta oposição aos objetos e interesses umas das outras, e esforcem-se para concentrar o seu espírito, impulso, trabalho, capital e talento; e não haverá uma única instância de pobreza real ou fingida na cidade, nem em qualquer outro lugar onde essas medidas sejam implementadas.

E, pelo bem da saúde geral, refinamento e civilização — e pelo importante propósito de fornecer a cada requerente um emprego lucrativo, calculado para beneficiar reciprocamente o indivíduo e o todo — que toda a cidade seja limpa e embelezada; que as pequenas meninas encarregadas da limpeza das ruas sejam devidamente remuneradas pelo seu trabalho; e que as ocupações sejam tão bem selecionadas e executadas que incentivem o trabalhador, honrem o comitê executivo e orgulhem o espírito de reforma em todos os lugares.

A América é agora o grande farol das nações — desejo que ela se torne o exemplo delas! Ela se ergue acima dos reinos da Terra; as nuvens das coisas antigas estão rapidamente a passar de seu firmamento; e a sua inteligência, liberdade, generosidade, republicanismo, impulsos concentrados para a melhoria, e a sua espiritualidade cintilante, enviarão perpetuamente as suas influências gentis, que cairão como orvalho celestial sobre as multidões não avançadas e as nações abaixo dela.

Mas devemos lutar para superar o mal com o bem; a ignorância com a sabedoria; e a pobreza, em todas as coisas e em qualquer lugar, com abundâncias, e com as inesgotáveis produções da Terra, que é o escabelo de Jeová, e com os tesouros divinos do coração humano, que é o vestíbulo do Reino dos Céus.

As minhas impressões não me permitem esconder o fato de que o grande e ulterior objetivo da organização voluntária de uma POLÍCIA MORAL é a reorganização da sociedade. Apelo aos clérigos e leigos, como as mentes adequadas para avançar tal reforma, porque eles são, ou deveriam ser, os seguidores de Jesus — seguidores, no

mesmo sentido em que ele era discípulo da sua própria elevada Consciência individual — um homem que procurava os "pescadores"; ocupava o seu tempo em "ensiná-los"; associava-se fraternalmente com "publicanos e pecadores" e os ensinava; não tinha outro "lugar de adoração" senão o magnífico templo da Natureza; perdoava os pecadores até setenta vezes sete; e, em tudo e sob quase todas as circunstâncias, provava ser um filósofo filantropo — uma criança da Natureza — um homem da Alma!

Ele considerava a sua consciência superior à lei — ao costume — à religião prevalente — ao governo prevalente; porque ele, em nome da sua consciência e do nosso Pai Celestial, denunciou abertamente as leis, os costumes, a religião e o governo da sua época e país, exatamente na medida em que lhe pareciam ser carentes de caridade, injustos, irreligiosos e despóticos. Com certeza, os clérigos devem ser mais semelhantes ao seu Mestre — devem ser Professores, não em palavras, mas em ações!

Mas antes que os clérigos possam "ensinar" adequadamente as multidões, eles devem tornar-se familiarizados com as leis imperiais da consciência; com a natureza da alma; com seus impulsos, tendências e dependências; com a constituição da Natureza universal; com os elementos e atributos de Deus; porque, sem a inspiração proveniente de tal conhecimento e desenvolvimento mental, como podem ser de algum serviço prático para a humanidade? Enredados com uma falsa educação e experiência, como podem desenvolver o reino da harmonia na Terra? Presos por falsas posições e interesses, como podem reprovar as leis e religiões do seu país, quando injustas e tirânicas!

Sem mais comentários, no entanto, refiro-me ao capítulo que se segue.

CULTURA INDIVIDUAL E SOCIAL

A harmonia individual é essencial para a harmonia familiar; a harmonia familiar é essencial para a harmonia social; a harmonia social é essencial para a harmonia nacional; e a harmonia nacional é essencial para a harmonia universal entre os habitantes da Terra. O todo provém da alma e depende dela, assim como da perfeição do indivíduo. Não há paz e felicidade numa família quando os seus vários membros têm desejos, sentimentos e impulsos discordantes; e se as famílias são discordantes, a sociedade inevitavelmente corresponderá.

E do mesmo modo, as nações guerreiam entre si, se a sociedade for conflituosa e internamente desarmoniosa. O todo é uma imagem do indivíduo, e o indivíduo,

consequentemente, é moldado numa imagem completa do todo. Os indivíduos, através da combinação das suas tendências e impulsos constitucionais, desenvolvem famílias, sociedades, nações e circunstâncias. Esses mesmos indivíduos tornam-se vítimas do que desenvolveram, e, por conseguinte, carregam a marca dessas circunstâncias, costumes, opiniões e superficialidades que foram instrumentais em estabelecer entre os homens.

A consequência disto é a criação de duas classes distintas no mundo. A primeira, e de longe a mais numerosa, é composta por aqueles indivíduos que nascem na sociedade, onde as circunstâncias e influências das gerações passadas são fortalecidas pelo presente, tornando-os os seus recetáculos e vítimas. A segunda classe é composta por aqueles indivíduos afortunados que nascem superiores às circunstâncias que os rodeiam, em consequência das suas organizações físicas e mentais favoráveis.

Existe, portanto, uma classe constitucionalmente inferior e uma classe constitucionalmente superior às influências, opiniões e convenções da sociedade, da nação e da época em que vivem. A primeira são os fracos e produtivos, enquanto a segunda são os fortes e a classe consumidora. E deste modo, os indivíduos não apenas criam e desenvolvem, mas, na sua ignorância, tornam-se vítimas das condições uns dos outros.

Consequências infelizes ou más fluem, primariamente, de indivíduos organizados de forma desafortunada; e, secundariamente, de indivíduos situados de forma desafortunada. Mentes desarmoniosas desdobram ou desenvolvem circunstâncias desarmoniosas; e circunstâncias desarmoniosas desenvolvem mentes desarmoniosas. Uma mente inventiva, mas mal direcionada, descobriu a guilhotina e fez com que esta fosse erguida para intimidar os impulsos inatos da liberdade no coração humano e para punir sumariamente os inimigos e transgressores dos princípios e restrições impostos pelo governo vigente; mas, no final, o próprio inventor sofreu pela instrumentalidade da sua própria criação.

Morreu pela mesma lâmina que fora concebida para subjugar e destruir os seus semelhantes. Algumas nações estabelecem a escravidão e a dominação monárquica entre si e, ao fazê-lo, assinam voluntariamente um acordo que, fortalecido pela geração seguinte, as obriga a serem escravas e a terem os seus direitos usurpados de acordo com os caprichos do seu líder. Mentes ignorantes e mal direcionadas criam assim aquilo que não podem facilmente destruir.

Por outro lado, consequências felizes e boas fluem, primariamente, de indivíduos organizados de forma afortunada; e, secundariamente, de indivíduos situados de forma afortunada; e estes, sendo superiores e mais perfeitos na escala do desenvolvimento humano, são recetáculos de sabedoria e conhecimento, que são

capazes de comunicar e que têm o dever de transmitir àqueles com um desenvolvimento menos favorável.

Aqui, então, manifesta-se a origem do mal e do bem social, sem que seja necessário referir-se à crença na depravação parcial ou completa do germe da família humana ou da alma humana. Se a organização física for defeituosa e as inclinações procriativas forem antagônicas à harmonia e à serenidade da alma, impedindo-a assim de se desdobrar e manifestar as suas justas proporções, não se segue que a alma em si seja intrinsecamente defeituosa e inclinada para o mal, tal como as faíscas tendem a subir.

Se as circunstâncias degradantes forem demasiado poderosas para as condições e capacidades do indivíduo, tornando-o escravo e instrumento de consequências nefastas, não se segue que o indivíduo esteja inclinado para o mal e apenas expresse as suas propensões carnis e depravadas. Não; os teólogos, felizmente, erraram nas suas opiniões e especulações sobre este ponto. Digo "felizmente", porque o meu conhecimento de que a raça humana nunca esteve tão unida e inteligente como agora, e todas as minhas esperanças e fé de que continuará a desdobrar-se em relações mais pacíficas e harmoniosas, assentam na absoluta falsidade deste ponto capital e santificado pelo tempo na Teologia popular.

Esta crença, de que o mal individual e social se deve apenas à inata maldade e propensões rebeldes do coração humano, foi confirmada nas mentes dos homens unicamente devido à ignorância dos teólogos—ignorância sobre a estrutura, tendências, capacidades e atributos da mente humana. Os teólogos modernos, e aqueles que raciocinam e agem com base na autoridade teológica, encontram-se geralmente sobre fundamentos falsos e mitológicos, e estão eminentemente desqualificados para raciocinar corretamente e de forma consecutiva da Causa para o Efeito. Daí advêm os inúmeros insultos à bondade e dignidade nativas do homem; e, também por isso, surgem as quase incontáveis teorias erróneas sobre a origem do mal na sociedade e sobre como realizar a sua extirpação.

A Filosofia, a Astronomia, a Química e tudo, de fato, que existe na Natureza, têm sido, e continuam a ser, sujeitos a concepções erróneas, má apreciação e deturpação; e, acima de tudo, esta tem sido a infeliz experiência histórica da Mente Humana. Nada foi mais insultado, mais mal interpretado, mais mal compreendido e mal utilizado do que as capacidades nativas, os elementos e os atributos do Princípio Espiritual interior. O Mérito Individual é desvalorizado ou inadequadamente recompensado; e o demérito é injustamente ampliado e correspondentemente punido. O mérito e o demérito, tal como existem nas constituições e ações dos homens, são geralmente explicados e ampliados pelos Teólogos de uma forma que dá a impressão de que estão associados a recompensas eternas e punições eternas. A Censura e o Elogio são frequentemente concedidos de forma igualmente injusta.

Os teólogos há muito que detêm o domínio sobre a mente humana. A sua Filosofia da carnalidade e depravação intrínseca tem sido amplamente aceite e tem-se revelado igualmente tirânica e escravizante para a Alma ansiosa, sedenta e aspirante. Nada tolhe tanto os impulsos imortais do Espírito, e nada obscurece tanto o firmamento da Razão, como a hipótese mitológica e teológica de que todo o mal e desunião prevalecentes na sociedade são desenvolvidos e fortalecidos pela perversidade e iniquidade inata do coração humano.

E é apenas em consequência desta influência, que a crença na contaminação original da humanidade exerce quase invariavelmente sobre a mente, que esta permaneceu durante tanto tempo em cativeiro teológico—incapaz de romper as cadeias que a prendem e "a prisão sectária que a confina", e de caminhar na luz e no calor da razão, liberdade e independência.

Mas, como já afirmei, esta hipótese, esta escravidão, este aprisionamento da mente, deriva principalmente de três erros conspícuos e transparentes, a saber:

- 1 - A opinião Teológica de que os males individuais, sociais e nacionais são as consequências naturais e legítimas da depravação inata, em vez de serem o resultado de organizações defeituosas e circunstâncias correspondentes;
- 2 - O costume quase imperdoável, criado e perpetuado pelos mestres religiosos, de acusar e condenar o indivíduo por praticar atos dos quais se absteria, mas que, considerada a verdade filosófica, ele não pode evitar cometer;
- 3 - E a ignorância quase universal sobre a estrutura, os elementos e os atributos do espírito humano.

Dado que a harmonia nacional, social e familiar depende da condição essencial da alma e do grau de perfeição harmoniosa que esta alcançou, é indispensável para tal harmonia geral que as atrações e poderes naturais da alma sejam corretamente compreendidos e estimulados ao cultivo. Digo, portanto, que a melhor e mais natural tendência de cada desejo, faculdade, impulso, sentimento e atração do princípio espiritual deve ser corretamente identificada e devidamente encorajada ao desenvolvimento. Mas a Teologia popular recua diante da crença de que a alma pode crescer. Admite, a contragosto, que as faculdades intelectuais são suscetíveis de crescimento e cultivo; mas a ideia de que os afetos podem ser ensinados, fortalecidos e desdobrados em Sabedoria é um ponto que a Teologia manifesta nenhuma vontade de conceder.

A Teologia pressupõe que os afetos só podem ser redimidos do seu estado pecaminoso e pervertido através da intervenção direta da influência divina, a qual é acessível apenas pelo sangue e martírio de Cristo. Mas neste ponto, a Filosofia aparece e, através das suas revelações mais naturais, e consequentemente mais

fiáveis, somos libertados da influência paralisante da primeira opinião e iluminados por um novo caminho que conduz a novas descobertas.

Qual é a história da Filosofia?

A Filosofia começou por ser material—isto é, na sua infância. O impulso para o questionamento independente e destemido desenvolveu-se na mente e manifestou-se pela primeira vez quando a filosofia emergiu, como uma criança livre, do ventre da Razão. A Natureza e a alma humana eram campos e regiões convidativas à exploração; mas, para a Filosofia, ambas eram vastas, temíveis, enigmáticas.

A experiência e a observação (pois a filosofia material não se aprofunda além da superfície) combinaram-se para criar a impressão de que, em toda a natureza, a mudança e a transformação eram incessantes e inevitáveis, e, conseqüentemente, que todos os homens e coisas deveriam transformar-se em novas formas. Assim, a filosofia incipiente desenvolveu as doutrinas da metempsicose, a cosmogonia mosaica e a teoria pitagórica dos quatro elementos. E a experiência e a observação superficial dos desejos, prazeres e apetites incultos da constituição física deram origem àquela filosofia algo restritiva e assistemática da escola Epicurista. Mas o que é a Alma—ou do que ela é capaz de fazer, ser e desenvolver—são questões que a filosofia material não conseguiu resolver satisfatoriamente.

Então surgiu uma forma mais elevada de investigação—A Filosofia Analítica. Separou átomos, coisas e mundos; mas não conseguiu organizá-los num Sistema único e grandioso. A alma foi mapeada em paixões e sentimentos; mas como cultivá-los e harmonizá-los, isso estava além da sua compreensão. Sob esta forma de filosofia incluem-se ciências que revelam os componentes e elementos dos corpos e substâncias. Entre estas ciências estão a Química, a Anatomia, a Fisiologia, a Frenologia e o Magnetismo.

Essas ciências, ou formas de filosofia, são uma introdução a um entendimento mais claro e valioso da estrutura intelectual. Desmontam e analisam o corpo e suas funções, e revelam novos e surpreendentes poderes da alma. Mas essa Filosofia, sendo também externa e superficial, é incapaz de fornecer as informações essenciais para que o espírito seja corretamente compreendido e cultivado.

Outra forma de Filosofia surge a partir da analítica, a Filosofia Sintética. Enquanto a analítica separa, a sintética unifica. Sob esta categoria, também se incluem os mais altos desenvolvimentos das ciências mencionadas anteriormente. E, à medida que avançamos nesta filosofia, abandonamos os ensinamentos mitológicos e não filosóficos da Teologia, tal como esta é atualmente compreendida. Mas a forma mais elevada de Filosofia—uma forma que abrange todas as modificações e aperfeiçoamentos das formas anteriores—é a Filosofia Interior ou Harmónica.

Esta filosofia conduz o investigador ao princípio interior e vivo de tudo o que se apresenta à investigação. Para ela, o interior é a parte superior e supremamente importante a ser compreendida e cultivada, enquanto o exterior é considerado inferior, na medida em que depende do interior para a sua existência, nutrição e beleza.

Essas Teorias e Filosofias desempenharam e continuam a desempenhar missões importantes no campo da investigação mental e científica. É bom que existam opiniões antagônicas sobre qualquer nova descoberta, pois tais antagonismos ajudam a desenvolver fatos e princípios importantes a favor das descobertas avançadas.

Mas, apesar dessas descobertas, estou plenamente convencido de que as realidades genuínas do espírito interior não foram devidamente reconhecidas e valorizadas pelo Teólogo, pelo Filósofo ou pelo Reformador. E estou ainda convencido de que nada, exceto a filosofia interior e a simplicidade de espírito, permitirá à alma receber e compreender muito sobre si mesma e o seu destino eterno. Mas, interroguemo-nos—

O que fez a Frenologia?

As importantes descobertas da Frenologia fizeram muito para que a mente se familiarizasse consigo mesma e para estabelecer a crença de que a mente possui instrumentalidades materiais, que servem para a manifestação e desenvolvimento educacional; por outras palavras, que o espírito pode ser educado através dos mesmos meios e vias que servem para o seu exercício e exibição.

E estou ainda mais convencido de que os elementos conflitantes e discordantes da sociedade atual nunca poderão ser unidos e harmonizados, a menos que os poucos indivíduos que são constitucionalmente superiores aos interesses e costumes prevalentes se aproximem mais das perspectivas e trabalhos uns dos outros e se esforcem por se tornar eles próprios aquilo que exigem da sociedade. É evidente que um conhecimento adequado, o exercício e o refinamento das faculdades e atributos do espírito são necessários antes que qualquer indivíduo esteja devidamente qualificado para ensinar e praticar os princípios da unidade e da reforma.

As classes menos desenvolvidas olham para aqueles que são, ou que se proclamam, superiores em moralidade e realizações intelectuais, e instintivamente dependem deles, tal como as mãos e os pés dependem da cabeça para orientação, e do coração para o sangue. Mas se a classe superior for tão desunida e conflituosa entre si como as classes que lhe são inferiores, então a consequência da sua negligência e transgressão será a excitação, a vergonha e a desilusão.

Agora, eu exortaria tanto aqueles que se afirmam reformadores, como aqueles que não o fazem, à absoluta indispensabilidade do autoconhecimento e do autodesenvolvimento. Mas esse conhecimento e esse desenvolvimento dependem da

análise, exposição e direção adequadas dos princípios motivadores e governantes incorporados no espírito humano.

Essa análise e exposição, estou involuntariamente convencido, ainda não foram inteiramente apresentadas ao mundo, apesar das muitas descobertas e aproximações modernas da metafísica e da Frenologia. O bem que a ciência analítica da Frenologia já fez, está a fazer e fará à humanidade, está contido nesta verdade altamente importante, mas pouco admitida: que a mente é matéria num estado elevado de refinamento e organização.

A Frenologia prova isto ao demonstrar o fato de que a mente emprega instrumentalidades materiais para se exercitar e manifestar, e que é suscetível de, e capaz de desenvolvimento e melhoria através desses mesmos meios. Considero esta descoberta inestimável, pois não só desfere um golpe profundo e fatal às raízes fundamentais da Teologia clerical, como também prova que a mente é capaz de crescimento e de progresso infinito—que pode ser cultivada como uma flor, até que a sua fragrância imortal seja doce, pura e espiritual.

Se a mente pode ser alterada, deformada ou melhorada pelo esforço próprio e pelas circunstâncias, então também é capaz de uma expansão infinita. Quanto mais refinada se torna a matéria, mais ela se expande; e quanto mais se expande, mais se torna capaz de agir, contemplar e desfrutar. Tal é, creio eu, o ensino legítimo da Frenologia.

Mas, por outro lado, sinto que a ciência Frenológica é inadequada ao tipo e grau de cultivo necessários para uma completa harmonização de todos os elementos internos. A Frenologia fez muito pelo aperfeiçoamento físico, pela ciência mental e metafísica. Descobriu, designou, classificou e ilustrou filosoficamente as inúmeras e diferentes manifestações da mente.

Dividiu, subdividiu e super-subdividiu as faculdades, capacidades, sentimentos e impulsos do princípio vital; mas, ainda assim, a Frenologia é uma ciência externa e superficial—uma que conduz o investigador da aparência para a observação, da observação para a faculdade, e da faculdade ou propensão para a conclusão; conclusão essa que, embora meramente fundada na aparência e na observação externa, é aceite como um conhecimento quase inequívoco acerca do valor intrínseco, talento, disposição e caráter do indivíduo.

Sinto-me levado a considerar a Frenologia como defeituosa e inadequada às necessidades dos indivíduos e da sociedade universal, porque nas suas deduções e conclusões não se baseia nos elementos internos da alma. Precisamos de uma compreensão da natureza espiritual do Homem que nos permita harmonizar o eu com os interesses sociais e universais.

Precisamos de compreender as tendências simpáticas e homogêneas das nossas próprias almas e como nos unirmos às tendências correspondentes existentes no nosso próximo, no nosso irmão ou na nossa nação. A Frenologia fornece-nos os princípios e as demonstrações locais dessas simpatias e tendências universais e com a educação intelectual de que falei; mas há demasiada complexidade e demasiadas divisões na sua análise da alma para que seja completamente adequada à formação de uma irmandade baseada na simpatia individual e à harmonização completa de desejos e interesses.

Ao apresentar uma análise nova e diferente—porque é espiritual—da mente humana, não se suponha por um momento que pretendo opor-me ou de alguma forma depreciar os ensinamentos e conclusões gerais da ciência Frenológica; pelo contrário, acreditando que a Frenologia é verdadeira, mas subordinada ao sistema que me sinto impelido a sugerir, apresentar e explicar nas páginas seguintes, estou convencido de que a Frenologia pode ser harmonizada com ele para a obtenção de resultados valiosos em favor da filosofia da harmonia.

O que fizeram os Metafísicos para definir a Mente?

Entre todas as teorias metafísicas e definições hipotéticas da organização e qualificações mentais do Homem, não encontro nenhuma tão próxima da verdade como as de Charles Fourier. Mas, ao fazer esta afirmação, sei que enfrentarei uma enorme quantidade de ignorância e preconceito e que provocará sensações antagonistas naqueles que não estão habituados a pensar de forma livre e ampla.

Não sou insensível ao esplêndido sistema de educação e disciplina juvenil desenvolvido por A. Bronson Alcott; nem aos princípios altamente sugestivos e parcialmente exequíveis de cultivo científico, que são amplamente difundidos pela brilhante constelação de mentes em Edimburgo; nem às profundas revelações e às quase incontáveis ampliações da organização mental e dos fenômenos apresentados por Swedenborg; nem à informação geral sobre temas metafísicos, tão característica e amplamente disseminada no século atual, pois orgulho-me das contribuições involuntárias para a filosofia da harmonia que emanam dessas fontes prolíficas.

Mas o fato de que essas mentes não descobriram toda a verdade é evidente pelo simples fato de que aqueles que compreendem profundamente as suas teorias continuam a procurar, ainda.

O que se entende por Filosofia da Harmonia?

Por Filosofia da Harmonia, entendo um processo de raciocínio que pode ser mais apropriadamente denominado de investigação etiológica; ou seja, uma investigação sobre as causas consecutivas de qualquer coisa, uma investigação que leva o investigador profundamente à origem espiritual de todas as coisas, ou da coisa que

ele se sente impelido a investigar. É uma filosofia que depende de princípios imutáveis, da intuição, da Sabedoria e, exteriormente, da Natureza para a sua confirmação perante os sentidos.

A aparência e a observação externa são fontes de informação inferiores; e quando a elas se faz referência, é com o propósito de alcançar aquelas mentes materiais e sensuais que raciocinam e acreditam unicamente a partir dos elementos externos. Assistido pela filosofia interior, portanto, escreverei as minhas perspectivas sobre o espírito e o seu cultivo. E, na esperança de dirigir-me a mentes simples, amantes da verdade e inteligentes, para que o autoconhecimento, o autoaperfeiçoamento e a autodisciplina possam ser promovidos, avançarei agora com a investigação. Mas, primeiro—

O que se entende por Simplicidade de Espírito?

Por simplicidade de espírito, entendo um estado de sentimento e de julgamento livre do orgulho da educação popular, da opinião popular ou de convicções que a mente há muito sustenta. Refiro-me a um estado de espírito que não reluta em ser ensinado—que sente e está disposto a reconhecer que o Universo está repleto de verdades diversas e belas—e que procura os meios mais simples como veículo e revelação dessas verdades.

Por simplicidade de espírito, entendo um estado de mente que é sincero, franco, livre para abraçar a verdade, disposto a reconhecer um erro, que não é severo, e que nunca é arrogante ou presunçoso.

Refiro-me a um estado sustentado pelo instinto ou intuição, iluminado pela Razão ou Sabedoria, e que não reconhece autoridade mais sagrada e inequívoca do que a Natureza. Nenhuma mente jamais recebeu a verdade até que se tenha despojado do Orgulho, da arrogância e do apego à Autoridade humana. Frequentemente, quando o coração está cansado e fatigado pela dúvida, pela busca e pela leitura, e a mente se rende ao repouso, as verdades emergem das profundezas interiores e refrescam a alma. Sim, as verdades surgem quando e onde menos se espera.

O ouro é frequentemente encontrado quando não é procurado; e raramente é procurado onde é mais abundante. Peço, portanto, a cada indivíduo que deseja familiarizar-se com a verdade e alcançar harmonia interior, que se coloque numa condição mental que lhe permita exercer a sua própria Intuição, a sua própria Razão e os poderes da sua própria personalidade—pois qualquer outra condição impedirá necessariamente a plena receção da verdade e o completo usufruto da felicidade que a acompanha.

É necessário manter esta distinção em mente: a questão que se irá considerar não diz respeito aos materiais que compõem o espírito humano, mas sim aos elementos e tendências afetivas e racionais que ele contém.

Ao dissecar um relógio, se eu falasse dos materiais de que é feito, diria que é fabricado de aço, latão, prata, ouro e substâncias semelhantes; mas se falasse da sua vitalidade—da sua capacidade de movimento e de marcação do tempo—diria que é composto por rodas, molas, correntes, pivôs e outros mecanismos semelhantes. Esta distinção evidente deve ser preservada ao longo da presente investigação.

A estrutura do espírito e as suas atrações nativas foram-me apresentadas enquanto ministrava um curso de palestras em Nova Iorque, e as minhas generalizações sobre elas estão registadas na página 622 de *Nature's Divine Revelations*, um livro que já há algum tempo foi apresentado ao mundo. Mas agora parece-me que o assunto exige mais elucidação e amplificação.

Necessita de ser sistematizado e reduzido a uma forma prática—uma forma que torne claro e direto o caminho do cultivo espiritual e da harmonia social.

Nas generalizações referidas, mostra-se que a essência profunda, divina, vitalizante, vivificante e imortal da Alma é o Amor; que a faculdade passiva ou neutra é a Vontade; e que a faculdade restritiva, governante, analítica e harmonizadora é a Sabedoria.

Esta é uma explicação abrangente e uma descrição do conteúdo mais íntimo do espírito. Mas, ao prosseguir com a análise filosófica até à organização mais interna e minuciosa da alma, verificou-se que o Amor e a Sabedoria contêm elementos e atributos que se organizam numa bela ordem progressiva e que desempenham papéis específicos no drama incessantemente mutável da existência presente e futura do espírito.

Descobre-se que o Amor é o progenitor, ou a morada, de todos aqueles sentimentos, impulsos e sentimentos que caracterizam o espírito na sua tripla ligação externa com a Natureza, com a sociedade e com as nações.

E a Sabedoria é identificada como a fonte parental de toda a Forma e Ordem, de toda a beleza e precisão, que envolvem o indivíduo inteligente e que são os companheiros naturais da razão e da erudição.

Nesta filosofia da alma humana, convém lembrar que a Vontade é considerada mais como o efeito de uma classe de faculdades do que como uma faculdade em si mesma; daí que ela se manifeste apenas quando o Amor, guiado ou não pela Sabedoria, conforme o caso, impele o indivíduo à ação, à emoção ou à determinação de um propósito.

Ver-se-á mais adiante que a constituição mental ou moral do homem não contém os princípios da liberdade absoluta e incondicional; que o cultivo individual e social depende do reconhecimento prático da lei segundo a qual as influências e circunstâncias externas e internas atuam sobre o indivíduo e o moldam desde o momento em que ele entra nesta existência e ao longo de todas as fases subsequentes da sua existência espiritual; e que, conseqüentemente, a manifestação da mente que se denomina Vontade não é um poder de escolha—de liberdade incondicional—mas sim o efeito de causas mais interiores.

Pode-se perguntar—

O que forneceu a Análise dos Princípios do Amor e da Sabedoria?

A análise forneceu, sem a menor antecipação ou desejo pré-concebido na minha mente, as seguintes revelações sobre a estrutura e as propriedades do Espírito Humano:

NO AMOR, OU PRINCÍPIO ATUANTE, ESTÃO:

1. Amor-Próprio
2. Amor Conjugal
3. Amor Parental
4. Amor Fraternal
5. Amor Filial
6. Amor Universal

NA SABEDORIA, OU PRINCÍPIO GOVERNANTE, ESTÃO:

1. Utilidade
2. Justiça
3. Poder
4. Beleza
5. Aspiração
6. Harmonia

Localmente, o homem está ligado à Natureza externa. Fisicamente, o homem é uma imagem do Universo. Espiritualmente, o homem é uma imagem de Deus. E, portanto, sou levado a afirmar que o homem possui, de forma finita, os elementos e atributos do Infinito.

Uma exposição do Amor, ou Princípio Atuante, é agora considerada necessária.

Qual é a Definição Científica do Amor?

O Amor tem uma definição científica, que é empregue pelos homens sem que saibam a que princípios conduz nas suas investigações científicas. O Amor é a Vida. Tudo o que os homens sabem sobre movimento, vida, atração, repulsão, gravitação, associação; e tudo o que se conhece sobre as leis dos fluidos ou dos sólidos; e todos os resultados, na verdade, que a ciência e a experiência provaram como sendo originados do movimento ou da vida, ou das suas inúmeras e diferentes modificações no mundo externo e objetivo, são unicamente atribuíveis ao princípio do Amor. Na realidade, o Amor é a causa primária de todos os fenómenos na criação física.

O Amor é a Alma da Divindade: da Sua alma foi criada a estrutura exterior do Universo. Tudo, de acordo com a sua capacidade, é um recetáculo do Amor—é movido, sustentado e vivificado pelo Amor—e não há nada que o Amor não penetre. Os materiais brutos que compõem os planetas no espaço são distribuídos, associados e vitalizados pelo Amor. Não há um único elemento conhecido na química, nem em toda a Natureza física, que não possua uma essência mais interior, tão fina e imponderável que invariavelmente escapa à deteção dos instrumentos químicos e da mais minuciosa análise—uma essência que é Amor. O medicamento mineral ou vegetal não pode entrar e assimilar-se com a organização humana a menos que contenha vida.

A parte visível e palpável, ou material, de uma substância mineral irá gravitar e associar-se a substâncias correspondentes no organismo, porque o homem é fisicamente constituído de tudo o que está contido na constituição da Natureza física. E a parte invisível e impalpável, ou espiritual, dessa substância mineral gravitará e assimilar-se-á com um princípio correspondente no organismo espiritual, porque o Homem é espiritualmente constituído de Amor e Sabedoria, os quais são atraídos por elementos afins que existem, até certo ponto, em todas as outras formas de organização material.

Não há uma única organização vegetal ou animal que não contenha, em maior ou menor grau, o princípio da vida espiritual, ou Amor. Pode-se matar, cortar, salgar, preservar e ferver substâncias vegetais e animais tanto quanto a invenção humana permitir; e, no entanto, se o estômago as admitir e digerir, o princípio da vida (ou Amor) continua nelas presente.

Assim, a vida ou amor, presente nas composições de carne ou vegetais que consumimos, contribui para a nutrição e sustento da nossa própria vida ou amor; e a parte material vai nutrir e renovar as combinações materiais de que os nossos corpos são organizados. O Amor, portanto, é a vida da Divindade; e está universalmente disseminado e difundido através de todas as coisas.

A definição científica do princípio do Amor é expressa numa linguagem que até agora se supunha aplicável apenas à Natureza física; enquanto que é reconhecido por todos os cientistas que os fenómenos da Natureza—como a gravitação, a atração e outras manifestações—são estritamente atribuíveis a impulsos internos e invisíveis.

Qual é a Definição Científica da Sabedoria?

O Princípio da Sabedoria (ou Governante) requer agora algumas definições científicas para esclarecer a sua operação na Natureza.

A Sabedoria é o Corpo da Divindade. Por outras palavras, a Divindade é Amor e Sabedoria—o Amor sendo a Sua alma ou essência, e a Sabedoria sendo o Seu corpo, ou a forma espiritual da Sua organização espiritual. E o Universo ilimitado é a Sua organização Material externa e correspondente. Daí que, numa afirmação generalizada, a inspiração do poeta se revela verdadeira:

"Tudo não passa de partes de um todo estupendo,
Cujo Corpo é a Natureza, e Deus a Alma."

A Sabedoria é cientificamente reconhecida como a disposição física sistemática e a distribuição de plantas, animais e humanidade sobre a superfície da Terra. A disposição mecânica e inalterável dos ossos, nervos, músculos, órgãos e vários meios de circulação no sistema animal ou humano são manifestações científicas da Sabedoria. A imutabilidade das leis e tendências universais, e o desenvolvimento progressivo de tudo na criação visível, proporcionam impressões científicas da Sabedoria Divina. A precisão arquitetónica e mecânica com que o firmamento foi construído, e a inteligência espontânea que se manifesta em tudo e em toda a parte, são formas e evidências da Sabedoria Suprema. Em tudo e em toda a parte manifesta-se um Princípio interior de vida e movimento, que é o Amor; e sobre todas as coisas parece presidir um Princípio Governante, que é a Sabedoria.

Estes Princípios provêm da mesma fonte, operam para o mesmo fim e do mesmo modo, embora por vezes pareçam diferentes e até antagónicos; no entanto, estão em harmonia um com o outro e não são nada mais, nada menos do que os Elementos e Atributos Divinos do Criador Universal, que permeiam e dominam todas as coisas criadas. Aqui, pode ser apropriado recordar a afirmação feita por Sir John Herschel na introdução ao seu tratado sobre Astronomia. Ele disse:

"Quase todas as suas conclusões estão em aberta contradição com as da observação superficial e vulgar, e com aquilo que parece, a todos, até que compreendam e ponderem as provas contrárias, a evidência mais positiva dos seus sentidos."

Mas a filosofia da harmonia sanciona a prática e a propriedade de recorrer a evidências inferiores e externas como meios de confirmação para mentes inferiores e

educadas externamente. As definições e indicações científicas do Amor e da Sabedoria derivam dos seus modos mais superficiais de manifestação. Mas há uma definição intelectual, moral e espiritual, um desenvolvimento e um exercício dos princípios do Amor e da Sabedoria, que serão desdobrados na minha exposição subsequente do Espírito Humano. Para este trabalho avancemos agora. Entretanto, que se lembre constantemente que o primeiro passo é considerar o desenvolvimento progressivo de uma mente harmoniosa.

O que é o Amor-Próprio?

O Amor-Próprio é o Germen de todos os elementos Divinos da alma humana; é a grande mola central ou anjo do amor que desdobra, protege, define e caracteriza o indivíduo.

O Amor-Próprio é o germe da Alma, porque não só contém todos os outros elementos e atributos superiores ainda não desenvolvidos, mas também dá vida e força a todas as pequenas e variadas modificações de sentimento, sensibilidade e propensões egoístas, pelas quais cada espírito é mais ou menos caracterizado e individualmente distinguido.

No desenvolvimento natural e não deformado do Espírito, o Amor-Próprio ocupa o primeiro lugar e desempenha a missão atribuída à sua posição e capacidade. Inicialmente, ou enquanto na sua infância, inspira um sentido de identidade própria na mente. Faz com que o indivíduo se sinta separado dos outros; o sentimento é indefinido e não se estende para além do círculo do eu.

Do Amor-Próprio procedem várias necessidades animais; um forte apego à mera existência; daí os impulsos instintivos gerais para a autopreservação, autodefesa e autossatisfação. Uma predisposição para o aperfeiçoamento, a investigação e a harmonização flui legitimamente desta fonte central. As percepções, concepções e dependências do indivíduo, relacionadas com este amor, parecem estender-se apenas até aos limites restritos da identidade própria.

Uma tendência forte e poderosa manifesta-se em relação aos desejos, às necessidades e às gratificações. O espírito é profundamente influenciado pelos desejos de satisfazer a visão, a audição, o paladar, o olfato e o tato. O simples instinto de apropriação de tudo o que é visível para a autopreservação e a autossatisfação parece ser a primeira e mais primitiva manifestação e esforço da mente. O indivíduo está em busca da sua felicidade pessoal; e, no desenvolvimento natural dos elementos espirituais, essas buscas, esforços e empenhos são geralmente confinados ao cumprimento de deveres pessoais e à satisfação de desejos pessoais.

A visão, a audição, o paladar, o olfato, fazem exigências quase infinitas à Natureza e às invenções humanas para a sua satisfação. O Amor-Próprio, se deixado às suas próprias inclinações e impetuosidades, impeliria o indivíduo a muitos excessos perigosos e destrutivos. O Amor, sem Sabedoria, é cego. Mas a condição rudimentar—o estágio infantil do desenvolvimento espiritual—é sempre caracterizada por desejos, concepções, prazeres e exigências egoístas, limitados e impulsivos. O egoísmo e a limitação desses impulsos de amor, contudo, tornam os seus primeiros esforços e satisfações relativamente fáceis e igualmente efêmeros.

Em breve, no entanto, o indivíduo percebe que os esforços voltados para si próprio são apenas esforços parciais; e que a felicidade pessoal é apenas meia felicidade. O círculo do mero amor-próprio e da educação pessoal completa-se rapidamente, e, nesse momento, a sua insuficiência e vazio tornam-se mais visivelmente aparentes, e o indivíduo experimenta, (provavelmente pela primeira vez), uma profunda consciência de meia-existência, de incompletude, de uma necessidade que vai além da mera esfera do eu e dos esforços egocêntricos.

Neste ponto, então, o Amor-Próprio expande-se e eleva-se a outra forma—ao Amor Conjugual.

O que é o Amor Conjugual?

O Amor Conjugual é a evolução e o refinamento do Amor-Próprio. É a força que revela as afinidades e conexões naturais entre os princípios masculino e feminino. A união verdadeira entre dois espíritos—um casamento espiritual—é o primeiro desejo deste amor. O indivíduo sente a necessidade de se completar através da união com outro ser que lhe corresponda.

Este amor busca apego, dependência mútua, apoio e companheirismo. Ele motiva o espírito a procurar união não apenas em relacionamentos românticos, mas em qualquer conexão que ofereça harmonia e felicidade. O Amor-Próprio cresce para se tornar o Amor Conjugual, levando à compreensão de que o esforço individual é limitado, e que a verdadeira felicidade vem da união e cooperação.

A busca pelo casamento de amor com amor, verdade com verdade, impulso com impulso e espírito com felicidade é o objetivo do Amor Conjugual.

No entanto, se não for guiado pela Sabedoria, este amor pode levar a extremos e consequências infelizes. É chamado de "anjo do amor" porque, como todas as formas de amor, é um princípio feminino, enquanto a Sabedoria atua como seu guardião e protetor. O Amor representa o princípio feminino da alma, e a Sabedoria o princípio masculino.

O desenvolvimento natural do Amor Conjugal atinge a plenitude quando encontra um amor correspondente. Mas, novamente, surge um sentimento de incompletude, a necessidade de algo além da união a dois. A própria continuidade do amor exige que ele se expanda e se manifeste em novas formas.

Assim, o Amor Conjugal evolui para outra expressão—o Amor Parental.

O que é o Amor Parental?

O Amor Parental é o refinamento e a expansão do elemento conjugal; é o Anjo do Amor que impulsiona o indivíduo a incorporar ou representar as suas características peculiares na forma, na vida e nos atos de outro ser. O amor pela descendência surge como o próximo estágio natural. O círculo do eu continua a expandir-se, e novas identidades são consequência dessa expansão. As crianças são, portanto, a evidência e o resultado da extensão das posses físicas e espirituais do indivíduo. O Amor Parental não se satisfaz com a mera obtenção de filhos, mas estende-se profundamente às esferas morais e espirituais.

Fatos, doutrinas, opiniões, sentimentos, poesia, verdade, ideias, e tudo aquilo que a mente é capaz de conceber ou dar à luz, são vitalizados e ternamente nutridos pelo elemento parental. Tudo o que o espírito pode produzir é afetuosamente acarinhado e considerado seu filho ou descendência. Este elemento do espírito abraçará naturalmente os órgãos frenológicos, ou propensões egoístas, denominados filoprogenitividade e aquisitividade; pois a influência e as capacidades dessas faculdades são exercidas e manifestadas pelas operações internas e externas do Amor Parental.

O indivíduo também vê, ouve, sente e concebe mais do que antes; pois esta é a idade da Virilidade; a idade da Adolescência e da Infância já ficou para trás. Esforços, empenhos, desejos e felicidade dependem agora, em grande medida, da companhia, da cooperação e da expansão da capacidade pessoal. A unidade espiritual requer a simpatia e a assistência das combinações sociais. Descobre-se agora que o Amor-Próprio depende, não só do Amor Conjugal, e o Amor Conjugal do Amor Parental, para a felicidade e o desenvolvimento, mas que todos eles—essa unidade, essa tríade—dependem de um círculo ainda maior de existência e evolução—do Amor Fraternal.

O que é o Amor Fraternal?

O Amor Fraternal é o refinamento e a expansão do elemento Parental; é o Anjo do Amor que impulsiona o indivíduo a preservar a sua individualidade, proteger os seus interesses e aperfeiçoar a sua felicidade, preservando a individualidade, protegendo os interesses e aperfeiçoando a felicidade dos seus Vizinhos. O amor pela Sociedade surge, então, como o próximo estágio natural. Amizades são concebidas no espírito,

e companheiros diversos são procurados e estimados. O bem-estar de outros espíritos, e a forma de tornar os indivíduos satisfeitos e felizes, são questões que emergem do Amor Fraternal.

Doçura, bondade, ternura, caridade, solicitude religiosa e movimentos políticos são as características do elemento fraternal. Interesses e sentimentos são respeitados e protegidos. Este elemento de amor é ardente e impetuoso—perpassa e abraça com zelo os interesses sociais, políticos, nacionais, intelectuais, espirituais e eternos dos amigos e da sociedade. Imprime no indivíduo a consciência da dependência e do auxílio que um espírito sente em relação a outro e de que necessita. Abre as avenidas da simpatia na alma e manifesta uma grande sinceridade de propósito no indivíduo, relativamente às relações e aos interesses gerais de cada amigo e de cada ser que contribui para a formação da sociedade.

O Amor Fraternal é impulsivo e, quando não guiado pela Sabedoria, pode criar, no seu afeto ilimitado e nos seus esforços para beneficiar os outros, muitos excessos e desigualdades. A sociedade exterior não é o único objeto do desejo fraternal. Doutrinas, princípios, ideias, ciências, filosofia, livros afins, ocupações e diversões são os companheiros sociais deste Amor. Toda a inspiração, vinda de homens ou de anjos, é procurada e ternamente apreciada pelo Amor Fraternal.

A manifestação da mente, designada pelos escritores frenológicos como instinto de fixação, adesividade e benevolência, desenvolve-se legitimamente através do Amor Fraternal; e tudo o que sabemos sobre propensões Sociais e Domésticas é exibido por este elemento de afeto, quer a sua manifestação se confine à sociedade de indivíduos, quer à sociedade de princípios, ocupações e coisas divinas. Mas este afeto espiritual desdobra-se completamente—

*"Quando a brilhante corrente do Amor, que Deus concedeu,
Se estender de coração a coração, e daí até ao céu."*

Pois a afeição fraternal está naturalmente confinada à amizade e aos vínculos afetivos; e caso surja qualquer outra forma de Amor, esta será atribuível a outro tipo de Amor ou a um desenvolvimento superior do espírito interior.

Mas agora surge outra forma—o Amor Filial.

O que é o Amor Filial?

O Amor Filial é o refinamento e a expansão do elemento Fraternal; é o Anjo do Amor que impulsiona o indivíduo a fixar a sua atenção e a conceder os seus afetos ao Positivo e ao Superior em tudo e em toda a parte—colocando-os no que é bom ou grandioso, no Majestoso, no Espiritual, no Supremo, no Divino e na própria Divindade. (Deve-se ter em mente que estou agora a considerar os amores ou

elementos ativos do espírito na sua verdadeira forma de desenvolvimento e modo de manifestação, sem perversões.)

O Amor Filial é o amor pelos pais físicos, pelos pais sociais, pelos pais nacionais, pelos pais religiosos e pelos patriarcas. É a fonte de todo o sentimento religioso ou impulso espiritual. Dá origem ao amor pela verdade pela verdade em si mesma, ao amor pelo bem pelo bem em si mesmo, e a todas as aspirações nobres. É um Amor elevado e sagrado, pois vê divindade, bondade, majestade, espiritualidade e Deus em todas as coisas e em toda a parte.

A tendência universal da humanidade para procurar e acreditar em influências e existências espirituais é designada, na frenologia, como o Encanto—um dos órgãos relacionados com os sentimentos morais ou religiosos. Mas parecerá razoável, creio eu, considerar que o Encanto, assim como a Sublimidade, a Idealidade e a Veneração, são termos que representam certas manifestações da mente, as quais naturalmente se organizam sob o título abrangente de Amor Filial.

O Amor Filial é um anjo, porque é a causa impulsionadora e vitalizadora de todos os sentimentos elevados e nobres; ensina o espírito de Deus e conduz a alma às alegrias celestiais e às esferas de duração imortal. A veneração pela Autoridade, pela Verdade, pelo Bem e pela Divindade é a tendência natural do elemento Filial. Mas, mesmo enquanto o espírito se deleita e se revigora com as revelações deste poderoso Amor, não se sente totalmente satisfeito. Algo mais é necessário.

A Alma sente a separação ou diferença entre cada Amor ou Desejo e a sua satisfação. O Amor-Próprio mede-se pelo Eu; o Conjugal pelo Conjugal; o Parental pelo Parental; o Fraternal pelo Fraternal; e o Filial pelo Amor Filial; e cada um possui um círculo de ação e desejo onde encontra a sua realização; mas há ainda um círculo mais vasto, há ainda mais espaço para expansão, e este é o desejo final do espírito—o desejo pela Liberdade Perfeita.

O Amor Filial desdobra-se, assim, numa nova forma—no Amor Universal.

O que é o Amor Universal?

O Amor Universal é o refinamento e a expansão do elemento Filial; é o Anjo do Amor que revela uma simpatia universal, uma dependência universal, uma liberdade universal e uma relação universal. O amor pela liberdade surge, então, como o próximo estágio natural. O Amor Universal expande o ideal e o real do Amor-Próprio, do Amor Conjugal, do Amor Parental,

do Amor Fraternal e do Amor Filial até à sua máxima capacidade. Tudo é admirado de forma abrangente; tudo é generalizado, tudo é universalizado. As faculdades morais universais, os sentimentos, aspirações e atrações do espírito são

desenvolvidos e permitidos na sua plena e irrestrita ação no Templo deste Amor. Liberdade! Liberdade ilimitada, indefinida, inexprimível, é a exigência absoluta deste elemento interior.

Este amor é a mola principal da progressão eterna. E este amor é um Anjo porque ensina o espírito a contemplar, reconhecer e valorizar individualmente, conjugalmente, parentalmente, fraternalmente e filialmente a dependência e unidade universais de todas as coisas. O Amor Universal, desenvolvendo-se naturalmente a partir do Amor Filial, é o elemento mais elevado, mais sagrado e mais divino no espírito humano.

Já considere os Amores em relação à sua ordem de posição na estrutura mental do Homem, bem como em relação ao seu desenvolvimento e ação legítimos ou harmoniosos. Mas há muito a dizer sobre o desenvolvimento incorreto e a ação errada destes amores; pois há muitos males nas famílias e sociedades cuja origem não é revelada nem explicada pela verdadeira análise ou crescimento da alma.

Por isso, direi desde já, antes de abordar as principais considerações sobre este ponto interessante e importante, que os Amores humanos—ou, mais corretamente, os Amores Divinos na forma humana—têm três modos de ação: dois estão errados, e um está correto. Possuem uma ação invertida, uma ação NATURAL OU CORRETA e uma ação EXTREMA. As ações erradas, ou modos de manifestação dos amores divinos no homem, devem-se a uma única causa ou a uma combinação de causas, nenhuma das quais pode ser justamente imputada à vontade própria ou ao desejo do indivíduo.*

Mas sobre isto falarei noutro momento. Agora é necessário direcionar a atenção para o desenvolvimento correto da Sabedoria. E que fique claro que o Amor é a mola propulsora, e a Sabedoria é a roda de equilíbrio; ou seja, o Amor é a força motriz, e a Sabedoria é a faculdade que regula e distribui a justiça na mente humana. A Sabedoria não é impetuosa e nunca tem uma ação invertida ou extrema; mas possui diferentes modos ou estágios de expressão em diferentes espíritos—diferindo apenas nos seus graus progressivos de desenvolvimento na direção correta e Divina.

Consideremos agora o primeiro atributo da Sabedoria, que é a Utilidade.

**Ver Filosofia da Liberdade Moral, neste volume.*

O que é o atributo da Utilidade?

A Utilidade é o atributo central e fundamental da Sabedoria na alma humana; é o Anjo Guardião do Amor-Próprio, e a sua missão é presidir à esfera da Utilidade e empregar tudo em referência ao bem universal e de acordo com o seu propósito

original. A Utilidade é o atributo central e fundamental porque coloca o indivíduo em comunicação direta com o mundo exterior e físico.

Ela vigia as necessidades e impulsos do Amor-Próprio, tal como o progenitor observa a criança impetuosa. A Utilidade permite à mente estabelecer uma avaliação correta de todas as coisas; discriminar devidamente a utilidade e a viabilidade de cada elemento; e formar ideias exatas sobre a Individualidade, a Estrutura, o Tamanho e a quantidade ou número de qualquer coisa apresentada no mundo físico.

A Utilidade ensina-nos como suprir as necessidades físicas; e ensina para que fins essa provisão é internamente exigida e externamente concedida. A organização física requer alimento e a Utilidade ensina o indivíduo a cultivar a terra. Ensina como fazer crescer frutos, cereais, ervas e animais. Sugere e preside à invenção dos instrumentos agrícolas.

Ensina como ceifar, recolher e preparar quimicamente os cereais e outras substâncias nutritivas para suprir as necessidades físicas. O Amor-Próprio deseja uma gratificação excessiva do Gosto e impele o indivíduo a comer em excesso e frequentemente; mas a Utilidade modera esse impulso, ensina as qualidades naturais e a correta combinação dos sabores, e adverte sobre quando e em que quantidades devem ser consumidos.

Enquanto o Amor-Próprio exige impacientemente e procura cegamente, em todo o lado, fragrâncias para satisfazer o Olfato, a Utilidade conduz o indivíduo aos campos da Natureza e ensina-lhe que perfumes podem ser extraídos, como extraí-los e explica as inúmeras vantagens que podem advir de uma correta satisfação deste sentido, bem como a forma de as assegurar de modo permanente. O sentido da audição, ou o ouvido, deseja gratificação; e, enquanto o Amor-Próprio é cego e se apropria, de forma desordenada, de qualquer som doce e agradável, sem considerar tempo ou harmonia, a Utilidade inventa os mais fiéis instrumentos e ensina a sua melhor aplicação.

O mesmo se aplica ao desejo de gratificação da visão—a Utilidade preside à esfera da cor e orienta o indivíduo na escolha do vestuário, das cores, das luzes e das sombras, ensinando como organizá-los de modo a cultivar esse sentido e todos os outros de forma equilibrada. Assim, percebe-se que o Amor-Próprio deseja gratificação meramente porque lhe dá prazer; e que a Utilidade proporciona essa gratificação porque tal cultivo engrandece o indivíduo e torna a felicidade pura e isenta de impurezas.

A meu ver, a ciência do gosto é a primeira manifestação da Sabedoria; e qualquer direção ou impulso que o espírito receba dos impulsos do Amor-Próprio e das advertências da Sabedoria no início da sua existência presente, essa direção e essas advertências continuarão, de uma forma mais ou menos visível, a influenciar a vida

do indivíduo daí em diante—assim como a predisposição hereditária se manifestará na organização física e espiritual.

Deste modo, torna-se evidente que a organização primária, a direção e a educação são os três aspetos essenciais que requerem a atenção combinada dos Pais e dos Reformadores. A ciência do gosto—ou a percepção e o desenvolvimento do belo—está na base das necessidades físicas e da Sabedoria no Espírito. A Filosofia Estética de Schiller assenta inteiramente na Utilidade; e a mais sublime filosofia, que alguma vez foi revelada ao mundo, toma a Utilidade como o seu centro e fundamento.

O atributo espiritual da Utilidade contém, ainda não desenvolvidos, todos os outros princípios superiores de orientação interna. Segundo as definições da frenologia, as faculdades Intelectuais ou de observação, denominadas Individualidade, Forma, Tamanho, Linguagem e Cálculo, são apenas subdivisões do atributo da Utilidade.

Assim como o Amor-Próprio percorre e imprime certas inclinações a todos os elementos do Amor, também a Utilidade permeia e concede a cada atributo da Sabedoria uma personalidade e uma correspondente influência sobre o mundo físico e moral. A missão da Utilidade é, evidentemente, guiar e ensinar o Amor-Próprio e o indivíduo sobre como e quando empregar os recursos da Natureza e da Divindade, de modo a garantir permanentemente a gratificação e a felicidade do espírito.

Todas as ciências emergem deste atributo. Na verdade, pode dizer-se que a ciência nada mais é do que um conhecimento correto e uma classificação das condições materiais, qualidades, individualidades, configurações, magnitudes, cores, fenómenos e quantidades; e esse reconhecimento e classificação são, legitimamente, obra da Utilidade, tal como este atributo é definido na análise anterior da estrutura espiritual do Homem.

Em tudo, a Utilidade é um princípio de fato—é muito lacónica, muito simples e facilmente perceptível quando predomina sobre outras faculdades; e, em tudo, prova ser o guardião particular do Amor-Próprio e da satisfação ou contentamento pessoal. Da Utilidade desdobra-se a Justiça.

Qual é o atributo da Justiça?

A Justiça é um desenvolvimento mais elevado da Utilidade e o princípio que protege o Amor Conjugal. Sua função é equilibrar relações, organizar uniões e preservar a harmonia entre as coisas. Ela assegura que o Amor-Próprio e o Amor Conjugal não ultrapassem seus limites naturais nem prejudiquem a verdade.

A Justiça leva o indivíduo a investigar profundamente o mundo e a compreender as relações entre causa e efeito, analogias e leis universais. Ela ensina a distinguir o que

é verdadeiro do que é aparente e dá suporte a disciplinas como Geografia, Geometria e Matemática.

No mundo espiritual, a Justiça rege todas as relações e é o princípio pelo qual a Divindade equilibra o universo. Ensina a respeitar as leis naturais e morais e a compreender que a verdadeira religião se baseia na Justiça individual, fraternal e universal. A partir da Justiça, surge o Poder.

Terceiro – Qual é o atributo do Poder?

O Poder é uma forma mais perfeita e uma manifestação superior da Justiça; é o anjo guardião do Amor Parental; e a sua missão é transmitir força e energia serena a cada afeição—elaborar, expandir e executar os desígnios da Utilidade e do Direito—e dilatar-se no sublime silêncio da onnipotência. Este atributo coloca o espírito em comunicação direta com o Mundo em movimento, em transformação e em reprodução. Ensina o espírito a reconhecer corretamente as forças motrizes; a guiar o Amor Parental nas suas várias formas de manifestação; a gerar e concentrar influência e força; e a empregar a grande diversidade de movimentos que a Natureza revela à compreensão humana.

Todos os poderes mecânicos são reconhecidos e valorizados apenas por este atributo interno; o parafuso, a alavanca, o peso, as forças centrípeta e centrífuga são as suas instrumentalidades na expressão exterior dos desígnios internos. A Utilidade informa sobre a Utilidade; a Justiça informa sobre o Direito; e o Poder executa os seus desígnios unidos. A esfera do Poder é medida pelo círculo em que o Amor Parental conduz o Espírito. Cada pensamento e afeição são fortalecidos pelo Poder. Ele dirige os Amores inferiores, tornando-os capazes de penetrar nos recantos mais obscuros da Natureza e do Homem, e confere-lhes a capacidade de superar tudo o que, no mundo físico e moral, prejudica ou perturba a alma em progresso e desenvolvimento.

A Utilidade orienta o artista sobre como e onde obter o material adequado para a elaboração daquilo que o seu Amor Parental o impele a criar; a Justiça ensina-lhe como organizar e combinar cores, como individualizar e imprimir corretamente as luzes e as sombras sobre a sua criação; e o Poder enche-o de uma serena confiança. Graças a ele, dá expressão, atitude e influência à sua concepção interior, captando a atenção do observador e enchendo-o de admiração.

Ver “Filosofia da Interação Espiritual”, p. 70.

Inspirado pela Utilidade e pela Justiça, e tendo cada fonte de amor guiada e subordinada, que vastas obras não poderá o mecânico realizar através do atributo do Poder? Nenhuma invenção delicada ou montanha colossais é demasiado complexa ou

poderosa para ele—sente-se dotado de força para tornar os caminhos ásperos suaves e os tortuosos retos.

O espírito é capaz, pelo seu Poder, de subjugar a si próprio e as diversas criações que lhe são inferiores na natureza. Uma influência magnética emana do espírito humano, sendo suficiente para cumprir todos os desígnios estabelecidos pelos atributos precedentes. O seu poder ramifica-se e intensifica-se infinitamente; e expande-se em ondas tão vastas que se funde com, ou se perde na sublime onnipotência da Mente Divina. Do atributo do Poder nasce a Beleza.

Quarto — Qual é o atributo da Beleza?

A Beleza é uma forma mais perfeita e uma manifestação maior do Poder; é o anjo da guarda do Amor Fraternal; e a sua missão é ensinar a Harmonia, a adequação, a simetria e a dependência das partes ou das pessoas umas das outras—tornando tudo uma personificação de Utilidade, Justiça e Poder. Este é o atributo que tem em conta a adequação e as justas relações das formas, das cores, do tamanho, do peso e das influências de tudo o que é apresentado ao espírito. A Beleza é uma condição, mas só pode ser reconhecida e apreciada por um estado interno ou atributo correspondente no indivíduo. Na medida em que as faculdades da Sabedoria se desenvolvem, o espírito percebe e avalia a relação apropriada de uma coisa, ou parte, com outra, e do todo com o fim para o qual foi concebido.

O Amor Fraternal é o companheiro—o companheiro conjugal—do atributo da Beleza. Este amor inspira, e a Beleza é a sua manifestação. A justa relação dos membros com o círculo familiar, a justa relação das famílias com o círculo social, a justa relação das sociedades com o círculo nacional ou união, são assuntos do conhecimento deste atributo interno. A esfera da Beleza é medida pela esfera em que o Amor Fraternal se move e conduz o espírito em expansão e busca. A Beleza manifesta-se na sua guarda sobre as impetuosidades e exigências impacientes do Amor Fraternal. Em vez de permitir que este amor se entregue a vários extremos e excessos locais, a Beleza guia-o por um caminho de desenvolvimentos progressivos; e, assim, torna-o intensamente útil, justo, poderoso e Belo.

Guiado pelo princípio masculino ou positivo da Beleza, o Amor Fraternal expande-se vastamente; e assim—através da influência e instrumentalidade deste atributo—

*"Cada mente virtuosa despertará,
Tal como a pequena pedra agita o lago pacífico;
Movido o centro, um círculo imediatamente sucede,
Outro ainda, e ainda outro se estende:
O amigo, o parente e o vizinho, primeiro abraçará,
A sua pátria em seguida, e depois toda a raça humana."*

Nas esferas científica, filosófica, moral, social, nacional e espiritual da convivência e do interesse humano, o juiz soberano é o sublime atributo da Beleza. A sua missão é tornar tudo uma personificação de Utilidade, Justiça e Poder—tudo Belo, porque é local e geralmente útil, justo e poderoso. Deste atributo nasce a Aspiração.

Quinto — Qual é o atributo da Aspiração?

A Aspiração é uma forma mais perfeita e uma manifestação superior da Beleza; é o anjo da guarda do Amor Filial; e a sua missão é conferir uma forma, uma posição e uma importância definidas a todas as coisas—ensinar a preeminência do valor e do mérito intrínsecos—e estabelecer a predominância da Mente sobre a Matéria. Este atributo coloca o espírito em comunicação direta com o mundo metafísico. Ensina ao espírito que, para ser digno, deve aspirar dignamente; para ser bom, deve aspirar à bondade; para ser semelhante a Deus, deve aspirar a Deus. Dignifica, eleva e dá uma forma perfeita a tudo o que o Amor Filial inspira sob a influência combinada dos atributos precedentes.

A Aspiração é a base verdadeira de toda a ideia verdadeira sobre bondade, grandeza e Divindade. A dignidade própria—o amor-próprio—a autoconfiança—a posse de si mesmo—são os frutos legítimos desta nobre porção da Razão. O Amor Filial inspira o espírito à veneração; e a Aspiração humaniza, espiritualiza e define nobremente todas as modificações e tendências desse fogo interno Prometeico, que arde perpetuamente na alma. Este atributo define os princípios do progresso eterno e convence o entendimento de que o refinamento e a expansão não têm limite. Informa o espírito da sua bondade e magnanimidade inatas; aponta os meios pelos quais as pode desenvolver e ensina ao espírito que,

"Deus ama do todo às partes; mas a alma humana DEVE ELEVAR-SE DO INDIVIDUAL AO TODO."

Com efeito, o atributo da Aspiração é a fonte fecunda da energia, do empreendimento, da emulação e de todos os esforços humanos para o bem, bem como dos anseios de comunhão com Deus. O Amor Filial dá vida e alma a esses esforços, mas a Aspiração dá-lhes a sua forma, posição e importância; e, ao abranger em si mesma a concentração da utilidade, justiça, poder e beleza, emprega instrumentalidades universais para que tais esforços e empreendimentos sejam plenamente realizados. A dignidade pessoal e a verdadeira grandeza devem necessariamente ser proporcionais ao grau de desenvolvimento a que este alto atributo da razão tenha chegado. Se estiver na sua fase inicial—como no selvagem—os seus esforços e empreendimentos manifestarão a ignorância do primitivismo. Se estiver na fase bárbara de crescimento, as suas manifestações testemunharão o barbarismo. Mas, no espírito bem desenvolvido, a sua forma nobre e o seu

comportamento sábio testemunharão a harmonia, que é o próximo atributo em ordem.

Sexto — Qual é o atributo da Harmonia?

A Harmonia é a forma mais perfeita e a mais elevada manifestação de todos os atributos da Sabedoria; é o anjo da guarda do Amor Universal; e a sua missão é ensinar aquela organização, cultivo e orientação adequados dos elementos inatos da Alma, que resultarão no desdobramento de um Indivíduo Útil, Justo, Poderoso, Belo, Aspirante e Harmonioso.

Eu disse noutro lugar que é necessário um Shakespeare para compreender plenamente e simpatizar com um Shakespeare; é necessário um Cristo para entender um Cristo; assim como é necessária Harmonia no espírito para apreciar e explicar a Harmonia. Este é o atributo mais elevado da organização mental. Ele contém e permeia todas as faculdades e elementos do espírito. É a forma última da Alma—a Imagem do seu Criador. Relativamente ao Amor Universal—de que a Harmonia é a companheira e guardiã especial—pode dizer-se com verdade que:

*"Aquece ao sol, refresca na brisa,
Brilha nas estrelas e floresce nas árvores;
Vive através de toda a vida, estende-se por toda a extensão,
Espalha-se indivisível e atua incansável."*

Sobre o atributo da Harmonia—cuja esfera de ação é tão ampla quanto o Amor Universal—pode dizer-se que:

*"Respira na nossa Alma, informa a nossa parte mortal,
Tão plena, tão perfeita, num fio de cabelo como no coração;
Para ele, não há alto, nem baixo, nem grande, nem pequeno,
Ele preenche, delimita, conecta e iguala tudo."*

Ou seja, a Sabedoria (ou Harmonia) manifesta-se universalmente no Grande Templo de Deus—está impressa em tudo, e em toda a parte. Nestes elementos e atributos, o Homem reflete e imita a Mente Divina.

O Anjo do Amor Universal, que é o espírito da Harmonia, dá à mente humana os seus desejos ilimitados e a sua sublime individualidade. Os primeiros contêm todas as molas internas da ação, paixão ou impulso; e a segunda contém todos os princípios de orientação, proteção e condução. A Harmonia, na mente perfeitamente desenvolvida, preside a todas as sugestões do Amor-Próprio e da Utilidade, sobre a Justiça, o Poder, a Beleza e a Aspiração; e numa mente plenamente e corretamente desenvolvida, todos os impulsos do Amor e todas as aprovações da Sabedoria são submetidos à influência e direção da Harmonia, o governante interno e supremo. A

Harmonia preside aos sabores, odores, sons, cores, objetos e sensações de todos os tipos, que a alma deseja e exige.

Ela preside sobre toda a Alma; sobre as famílias, sobre as sociedades, sobre as nações e sobre o Universo. O espírito é ensinado sobre lei e ordem por este atributo. O Amor-Próprio e a Utilidade têm, comparativamente, pouca Lei ou regra de ação; mas a Justiça revela ao espírito uma lei de adequação e afinidade; o Poder revela uma lei de execução e imposição; a Beleza revela uma lei de exatidão e simetria; a Aspiração revela uma lei de progresso e expansão infinita; e a Harmonia revela as leis da dependência individual, da reciprocidade individual, da posição individual, das habilidades, da ocupação, do Destino e da Felicidade.

Se o indivíduo se desenvolver em Harmonia consigo mesmo, ele cresce numa conexão imediata com o Mundo Espiritual; assim, o espírito humano cresce na comunicação com o seu Criador. A Harmonia procede de Deus para o Universo, e o indivíduo desdobra-se em Harmonia. Assim, o animal torna-se humano; o humano torna-se Divino; e então Deus e o Homem unem-se, completam a cadeia da simpatia e desenvolvem um Todo harmonioso.

A análise da mente é agora apresentada. Perceber-se-á que o Amor é o princípio feminino, e a Sabedoria o princípio masculino; e que a procriação interna e o consequente desenvolvimento dos frutos são o mecanismo natural da mente humana e dos princípios positivo e negativo sobre os quais está construída. Na verdade, cada afeto está conjugalmente unido ao seu eu superior, que é um atributo da razão. Assim, o Amor-Próprio está unido à Utilidade, o Amor Conjugal à Justiça, o Amor Parental ao Poder, etc., e cada um tem deveres, energias e frutos legítimos relativos—todos tendendo para um único objetivo, que é a necessidade universal e o tema universal entre os homens, a saber—Felicidade e Progressão universais. Mas, interroguemo-nos —

Quais são os frutos de uma Mente Harmoniosa?

O desenvolvimento harmonioso da mente humana pode ser devidamente comparado a uma árvore—uma árvore da justiça. O germe desta árvore contém qualidades que desdobram um corpo e frutos correspondentes. Talvez, a tabela abaixo torne esta comparação mais clara e expressiva.

A MENTE HARMONIOSA

1. Germe

Amor-Próprio

Amor Conjugal

Amor Parental

Amor Fraternal

2. Forma

Utilidade

Justiça

Poder

Beleza

3. Frutos

Individualidade

Casamento

Descendência

Socialismo

1. Germe	2. Forma	3. Frutos
Amor Filial	Aspiração	Elevação
Amor Universal	Harmonia	Felicidade

Deixem-me ser ainda mais explícito. A descrição anterior refere-se apenas a uma mente harmoniosamente desenvolvida. A tendência natural (posso dizer divina) do Amor-Próprio é para a Utilidade; e o fruto legítimo do amor-próprio e da utilidade, combinados, é o Individualismo; assim como o fruto adequado do amor conjugal e da justiça é o Casamento; o fruto do amor parental e do poder é a Descendência; o fruto do amor fraternal e da beleza é o Socialismo; o fruto do amor filial e da aspiração é a Elevação; e o fruto legítimo do amor universal e da harmonia é a Felicidade. Esta definição revela plenamente o que o homem internamente possui; o que, num estado adequado de cultura individual e social, ele é capaz de ser; e o que, no Mundo Espiritual, ele será.

O que farão os Teólogos modernos com esta análise e classificação dos constituintes do espírito? Tratarão este tema com o mesmo desprezo e ceticismo com que trataram a Geologia e todas as outras ciências e descobertas que contrariaram a sua educação doutrinal? A política proverbial dos teólogos—como se pode ver nas páginas do passado—dá-nos uma resposta suficiente a estas questões. Mas aqui pode ser perguntado:

Se a alma humana não é, em si mesma, pecaminosa, como é que o mal se originou?

Ao examinar o espírito humano e analisar os seus poderes, não encontro tendências inatas para a maldade—não encontro um laboratório de vício e corrupção—como os modernos mestres religiosos insistem em localizar dentro dele. Não; pelo contrário, descubro nele os elementos da justiça e do reino dos céus—o solo mais rico, capaz do mais alto grau de cultivo; e os germes mais férteis, capazes de progresso e desenvolvimento imortal.

Revelei a estrutura e as inclinações de um espírito perfeito; mas agora procedo a considerar os vários obstáculos e males com que o espírito entra em contato ao emergir do ventre da Natureza, e no seu crescimento rumo a uma individualidade eterna. Afirmar que existe uma classe constitucionalmente inferior e uma classe constitucionalmente superior às influências circundantes, às circunstâncias e à educação: e que os indivíduos desenvolvem a sociedade, assim como a sociedade desenvolve os indivíduos. A veracidade desta afirmação tornar-se-á mais clara nas páginas seguintes.

Mas, no que se refere à origem do mal, e a fim de elucidar as suas causas e consequências, sinto-me impulsionado a detalhar brevemente a seguinte—

Li num dos jornais de Boston o relato de um homicídio brutal e aterrador, cometido, segundo o artigo, por um miserável detestável, há muito um fardo para si próprio e para a sociedade. Li também sobre a sua execução, relato este acompanhado por algumas observações sobre a punição que provavelmente receberia no outro mundo.

A descrição deste acontecimento horrível oprimiu o meu espírito. A posição da qual eu observava e contemplava o crime era idêntica àquela que é tradicionalmente ocupada por quase todos os mestres políticos, legais e religiosos do país. Eu via apenas o seu aspeto exterior, e fui levado à conclusão precipitada e irracional de que o homem é, de fato, uma criatura depravada no seu âmago!

Oh, como tremi diante disto! "Mas nenhum homem"—raciocinava eu—"poderia cometer um mal tão grande contra o seu semelhante sem ser, na essência do seu ser, um ser malvado; e se isto for uma verdade individual, tem de ser também uma verdade universal." Sim, há apenas vinte dias, eu estava mergulhado na tristeza perante esta demonstração de pecado inato, de afeição pervertida e má, de um amor voluntário pelo mal e pela sua prática—voluntário, porque emergia e estava ligado à própria Vida da Alma. Orei constantemente para conhecer a verdade e para contemplar o ocorrido, bem como as suas causas, de uma posição interior e espiritual.

Até que, um dia, senti-me impulsionado a visitar o cemitério da vila, para me libertar das perturbações exteriores. Obedeci ao impulso interior. Procurei um local recatado, envolvi a cabeça nas vestes, isolei-me dos sentidos e das impressões externas, e meditei sobre o tema dos meus pensamentos. Instantaneamente, o meu entendimento abriu-se, e o nascimento, a vida, o carácter e as várias circunstâncias que constituíram a experiência daquele assassino foram manifestadas diante de mim na sua ordem regular de sucessão.

Numa pequena divisão, suja e desprovida de mobília, num berço, vi uma criança. Era fisicamente deformada, especialmente na região cerebral. Vi que a causa dessa malformação era atribuível à ignorância dos seus pais—tinham violado as leis da reprodução e da gestação uterina. Era evidente que essa transgressão e desobediência estavam fielmente registadas no corpo da criança.

Cinco anos depois, essa criança manifestava, nas suas brincadeiras e conversas, os impulsos angulares e impetuosos do amor desprovido de sabedoria, que não possuía devido à juventude e incapacidade, e que os seus pais não lhe poderiam ter transmitido devido à sua própria ignorância, herdada desde o nascimento.

Mais cinco anos passaram, e vi essa criança rodeada por companheiros de igual idade e com a mesma falta de orientação hereditária—aqueles que nasceram inimigos dos interesses da sociedade—vítimas de circunstâncias, semelhantes às que

envolvem e influenciam todas as pessoas e famílias que compõem as camadas mais baixas da civilização.

Cinco anos depois, esse jovem tornara-se perverso e delinquente—era o líder dos jogos de cartas e das trapagens nos arredores da cidade—o chefe de motins e tumultos dentro dela; mascava tabaco, fumava charutos, bebia álcool. Os seus pais eram pobres. No início, não o puderam mandar para a escola, depois ele recusou-se a ir. Ele representava, assim, as situações e circunstâncias inferiores da sociedade.

Cinco anos mais tarde, vi esse jovem já feito homem em estatura, mas não em desenvolvimento corporal nem em elevação mental. E, numa velha e degradada habitação, semelhante às construções da zona da Brewery, em Nova Iorque, onde viviam cerca de vinte famílias, vi a sua esposa—pois ele estava casado.

Dois anos depois, vi o seu filho. O filho daquela mãe foi deixado ao cuidado de um vizinho solidário, mas em condições igualmente precárias, enquanto ela, exausta e emagrecida, vendia morangos pelas ruas de Boston. Vi-a regressar à noite, com comida para si e para o seu pequeno, e dinheiro suficiente para comprar pão para o pequeno-almoço; mas aquele homem cruel, marido embriagado e pai desorientado, exigiu abruptamente e com desprezo as suas pequenas economias, apropriando-se delas para seu próprio uso—para comprar rum, com o qual afogar os sentimentos emergentes de bondade e simpatia dentro de si, para que a sua alma obscurecida e desorientada não percebesse a corrupção e a depravação do seu corpo.

Seis meses depois, vi-o sozinho, a chorar; mas, quando observado por outros, era grosseiro, sujo e repulsivo. Sentindo que os outros o desprezavam e evitavam, desprezava-se e evitava-se a si mesmo.

Não possuía uma única peça de roupa inteira. Uma a uma, tinham sido sacrificadas para satisfazer o seu desejo avassalador. De fato, ele era um escravo—o rum era o seu senhor. Um escravo não pode agir conforme a sua vontade, mas apenas como o seu senhor o incita, sanciona e ordena!

Três noites depois, encontrava-se sem bebida, sem comida, sem amigos, sem roupa e sem dinheiro. A sociedade negligenciara o seu filho legítimo. As provisões universais da Natureza tinham-lhe sido negadas, e o marido foi impelido a planos violentos. Nesse momento, viu um cavalheiro bem vestido e aparentemente rico entrar num modesto restaurante de ostras. O marido apressou-se a segui-lo e entrou também. Conseguiu um assento com um ar despreocupado, sem chamar a atenção. O cavalheiro era um desconhecido e inquiria sobre a rota mais conveniente para uma vila a dez milhas da cidade. Quando pagou as suas ostras, revelou inadvertidamente uma carteira bem recheada.

A tentação foi demasiado poderosa. O marido viu a magnitude da privação e da fome em contraste com o ato de assassinato—comparado com a fome, o homicídio parecia-lhe justiça, uma justiça que imediatamente decidiu exercer. Tinha ouvido as direções dadas ao estranho e, sem hesitar, apressou-se a seguir o caminho. Depois de percorrer quase metade da distância, escondeu-se à beira da estrada e aguardou a aproximação do viajante.

"Não quero matá-lo," disse o marido. "Apenas o atordoarei e ficarei com o seu dinheiro. O mundo deve-me um sustento; não mo dá; estou decidido a tomá-lo. Deus sabe que isto é justiça. Estou faminto e preciso de algo agora, ou morrerei." Vi-o então chorar. Um som de passos próximos anunciou a chegada do viajante. Ele saltou para fora e agarrou o estranho pela garganta, exigindo-lhe o dinheiro com severidade. O homem reagiu e derrubou-o. Esse golpe inesperado inflamou nele a vingança e a determinação. Levantou-se de imediato, disparou contra o homem e apunhalou-o repetidamente—mutilou-o da maneira mais horrível—revistou-lhe os bolsos, roubou tudo o que possuía, atirou o corpo para além da vedação e voltou a Boston para afogar a sua dor num dilúvio de rum, que agora podia comprar.

Vi-o ser preso, julgado, condenado, aprisionado, maltratado, desprezado e finalmente executado—executado como um exemplo. Vi tudo isto. E só posso dizer: cuidado com tal justiça—ela é humana, não Divina!

Permaneci nesse estado iluminado por quase uma hora após esta visão, refletindo sobre a sua importância e significado, quando a minha percepção se alargou e foi-me permitido seguir o seu espírito.

Na primeira Sociedade da segunda esfera da existência humana—onde se encontram os tipos inferiores da raça, para onde gravitam em busca de refinamento e reabilitação—refiro-me aos Negros, Índios, Fracos, Idiotas e Indivíduos e Classes Desorientadas de todas as comunidades e nações—lá, vi aquele espírito sombrio. Ele era pequeno, fraco e subdesenvolvido; estava coberto de cores diversas e conflitantes, e era desagradável à vista. Como um revestimento sobre o seu espírito desbotado, estavam impressas, induzidas ou registadas todas as influências desfavoráveis e circunstâncias adversas que o rodearam e influenciaram desde o nascimento até à sepultura.

A malformação tinha tornado o seu corpo inadequado ao desdobramento regular dos seus elementos e atributos espirituais; e as condições externas e influências opostas impediram-no de encontrar a sua verdadeira posição ou de fazer uma jornada agradável e feliz por esta esfera rudimentar. A rosa mais bela não pode crescer se for plantada num vaso de ferro e exposta aos ventos gélidos da Islândia; nem pode um espírito puro desenvolver um amor pelo bem e pela verdade se estiver confinado

num corpo malformado e for atingido pelo frio das condições e circunstâncias adversas.

Contudo, agora, influências mais elevadas penetravam-no—atravessavam esse revestimento superficial; este tornava-se cada vez mais fino, até se tornar transparente; dissolveu-se e desmoronou-se em nada, e eis que o anjo vestido de branco estava lá! O germe do espírito cintilava como o cristal incrustado na rocha granítica. Vi que, desde o início, era puro por dentro, embora corrompido por fora; a alma pura era indígena do céu, a vida exterior pertencia às imperfeições e desorientações da terra.

Segui-o através da primeira sociedade e, à medida que ascendia à segunda, não pude ver o menor vestígio daquele vestuário de maldade; mas ele tornara-se um ser devidamente orientado e comparativamente perfeito na sua vida interior. Fiquei radiante de alegria. A visão terminou, e regressei ao mundo exterior com sentimentos diferentes. Não chamaria de mal aquilo que é bom à sua maneira e no seu estado de ser.

Qual foi a impressão legítima desta visão? Eu relato:

1. Que há três fontes do mal. Primeiro, desorientação gerada ou hereditária; segundo, desorientação educacional ou empática; terceiro, desorientação circunstancial ou social.
2. Que a desarmonia predominante na terra é mais um resultado dessas condições e circunstâncias que tornam os afetos maus, do que de afetos maus em si mesmos, como ensinam Swedenborg e os cristãos.
3. Que todas as coisas e espíritos são recetáculos do grande elemento do Amor de Deus, que, difundido através da Natureza, assim como a Alma se difunde pelo corpo, desdobra-se em Sabedoria.
4. Que o homem é uma divindade encarnada e, portanto, não é intrinsecamente mau, nem pode amar algo "intrinsecamente mau," embora possa ser desviado ou desencaminhado no seu estado inicial e crescer torto, sendo desprezado pelos observadores sensuais e pelos caritativos sem verdadeira filosofia, ao longo desta esfera da sua existência e desenvolvimento.
5. Que, como Deus vive em todas as coisas e em todo o lado, não existem encarnações locais ou especiais dessa essência. Este é o verdadeiro fundamento da grande doutrina da Encarnação, cujas mais altas demonstrações são visíveis na vida e nos ensinamentos de Cristo, bem como nas revelações profundas de Swedenborg.

6. Que cada ser humano tem uma missão importante a cumprir, ou três funções essenciais a desempenhar. O indivíduo é destinado a reproduzir o seu tipo, a orientar devidamente o germe celestial nele depositado e a viver aqui em conformidade com os princípios da Natureza e da vida futura.

7. Que o conhecimento da Natureza e das suas leis é indispensável para o justo cumprimento das três funções anteriormente especificadas, que constituem a missão do homem; e que, para curar o mal e a desunião predominantes na Sociedade, devemos conhecer as nossas relações internas e externas uns com os outros, como membros de um único corpo, bem como as nossas relações com os Mundos Material e Espiritual. Deste modo, a natureza moral do homem pode ser elevada do seu plano sensual, estabelecendo-se uma união entre o humano e o divino.

Os ensinamentos de todos os bons espíritos (especialmente os dos grandes reformadores, Cristo e Swedenborg) tendem para a plena descoberta e justa aplicação das verdades que constituirão uma esfera espiritual de atração, elevando a raça para uma relação mais estreita entre as suas partes, com os princípios da Ordem e Harmonia Divinas, e com as influências purificadoras das esferas superiores.

Assim, sinto-me impressionado ao dizer que esta é a origem do mal, tal como se manifesta nas ações do indivíduo; e a sua cura só pode ser alcançada pela remoção das três causas da desorientação humana.

As forças espirituais na alma—tal como as forças naturais na Natureza—quando devidamente orientadas e aplicadas, desenvolvem consequências harmoniosas e universalmente benéficas; mas, se mal orientadas e mal aplicadas, essas mesmas forças geram as consequências mais desastrosas para os interesses do indivíduo e da sociedade. Por exemplo—se as forças mecânicas forem corretamente aplicadas a um navio, este seguirá com segurança o seu curso; mas, se aplicadas incorretamente, essas mesmas forças conduzi-lo-ão contra rochedos e bancos de areia, despedaçando-o. O fogo, a água, o ar e outros elementos da Natureza, quando empregados fora da sua esfera apropriada, são extremamente perigosos e destrutivos—de fato, podem gerar verdadeiros males; mas, quando usados nas suas esferas corretas, conforme estabelecido pela ciência, esses elementos trazem imensos e universais benefícios à humanidade. Assim acontece com as paixões e os elementos do espírito humano.

Pela análise anterior, é claro que as forças internas da mente são puras e perfeitas em germe e, quando corretamente orientadas e desenvolvidas, originam consequências correspondentes; mas quando uma organização defeituosa, uma situação inadequada ou uma educação imperfeita impõem uma condição extrema ou invertida a uma ou a todas as forças passionais, desenvolvem-se os inúmeros males contra os quais os Reformadores lutam e com os quais os indivíduos travam batalhas diárias. Portanto,

para compreender a origem do mal, e porque cada membro da família humana não se desenvolve harmoniosamente, estas afirmações devem ser consideradas com maior profundidade filosófica. Passemos agora a esta análise.

A fonte primária do mal é a organização hereditária.

Através da influência procriadora, resultante da transgressão parental, o Corpo e a Mente do bebé podem ser deformados e desproporcionados de várias formas. A estrutura cerebral pode ser inadequada ao crescimento e manifestação apropriados do espírito. Ou o espírito pode nascer enfraquecido e inclinado a um desenvolvimento anguloso desde a sua mais tenra condição embrionária. A predisposição hereditária—ou inclinação constitucional—exerce uma influência sobre o indivíduo desde o nascimento, que poucos conseguem perceber e compreender.

Os traços dos pais são visíveis na criança; e assim também são as suas deficiências mentais, peculiaridades e características, sentidas e manifestadas ao longo da existência rudimentar do filho. E aqui encontramos o fundamento do mal—a sua origem. Quem deve ser culpado? Quem merece a culpa? Os pais?—Talvez tenham nascido com os mesmos defeitos de organização física e carácter. Será o mal imputável às gerações anteriores? Talvez também elas não fossem mais perfeitas. E assim poderíamos continuar a questionar os sujeitos adequados para culpa ou mérito, até nos perdermos no reino animal—e, ainda assim, o eco responderia: Quem?

Peço uma reflexão séria sobre este ponto. A reforma não se restringe apenas à emancipação dos escravos; à abolição da pena capital; à organização do trabalho, do capital e do talento; à distribuição das terras públicas aos pobres; ou à religião e à política—mas deve estender-se, antes de tudo, à organização da Alma e do Corpo, ou, se ainda não se estende até aí, a hora chegou para que o faça. Os Reformadores e Mestres devem direcionar não apenas a sua atenção, mas a de todos, para os inúmeros males constitucionais que decorrem da transgressão das leis físicas e morais que regem a reprodução.

Uma organização errada do corpo e da mente impedirá o desenvolvimento da sabedoria; e as forças inferiores ou passionais fluirão na direção que as influências sociais circundantes as inclinarem. E este é o primeiro grande obstáculo ao crescimento apropriado do espírito. Um indivíduo assim organizado desenvolverá influências e situações correspondentes na sociedade. Ele não será apenas vítima dessas circunstâncias, mas ajudará a fortalecê-las e estabelecê-las, de modo a torná-las dominantes mesmo sobre aqueles que nasceram com uma melhor organização. Assim, mentes deformadas criam situações deformantes, nas quais centenas de pessoas são colocadas e moldadas de maneira correspondente. Dessas situações viciadas emergirão doutrinas e mestres que a multidão aceitará e sustentará; e a

consequência será uma educação errada para o indivíduo. Assim, uma classe de indivíduos inferiormente organizados desenvolverá situações inferiores, que darão origem a sistemas educativos inferiores. A sabedoria não pode florescer num espírito que seja mal organizado, mal situado e mal educado. E, portanto, reafirmo que todos os males provêm destas três fontes.

Pode-se perguntar —

Quais são os males de uma ação extrema do Amor-Próprio?

A ação extrema do Amor-Próprio dá origem a inúmeros excessos e transgressões. As necessidades e desejos individuais ultrapassam todos os limites estabelecidos pela sabedoria e pelas leis naturais, e a superabundância de recursos e gratificações gera doença e infelicidade. O indivíduo manifesta uma grande sensibilidade acerca do que é "meu" e "teu" e convence-se de que o mundo e tudo o que nele existe foram feitos para o seu prazer pessoal e apropriação. A gratificação excessiva dos sentidos, dos apetites e de todos os desejos ligados ao interesse próprio é um sintoma de Amor-Próprio extremo, não guiado pela sabedoria.

Quais são os males de uma inversão do Amor-Próprio?

A ação invertida do Amor-Próprio dá origem a muitos males. Leva o indivíduo à desonestidade, à mesquinhez, à avareza e ao culto do dinheiro, mesmo quando a sua despesa e os seus celeiros estão abundantemente abastecidos, e os seus cofres transbordam de riqueza. Para ver o Amor-Próprio invertido plenamente exemplificado, observemos a preguiça: produz nada, mas agarra-se a uma árvore até sugar-lhe a vida e a beleza. Da mesma forma, o Amor-Próprio invertido transforma um homem numa esponja que absorve tudo o que está ao seu alcance e, quando pressionado ou instigado à ação, exala apenas um líquido turvo, repulsivo e contagioso.

Quando as forças passionais são pressionadas pela influência isolada ou combinada de uma organização defeituosa, uma situação deformada ou uma educação errada, até atingirem um estado de ação extrema ou invertida, a influência do indivíduo na sociedade será igualmente deformante. Um estado extremo é quente, febril, exagerado; enquanto um estado invertido é frio, repulsivo e miserável.

Quais são os males de uma ação extrema do Amor Conjugal?

O Amor Conjugal, quando levado a um estado extremo, produz casamentos infelizes e os inúmeros males que resultam de desejos e ligações sexuais inadequadas. A devassidão, a libertinagem e a lascívia surgem deste estado do Amor Conjugal. O indivíduo não sente nenhuma atração ou repulsão particular em relação aos

indivíduos do sexo oposto, mas sim uma inclinação geral para todos. Neste aspeto, o indivíduo assemelha-se a muitos animais, que ignoram tudo o que se relacione com uma união perfeita, devoção e fidelidade. Noutras direções, este amor excessivo leva o indivíduo a adotar novas doutrinas e princípios, a aderir a novos sistemas e a ligar-se a qualquer novidade que surja na esfera pública ou privada.

Quais são os males de uma inversão do Amor Conjugal?

O Amor Conjugal invertido manifesta-se como um estado frio, estranho e incapaz de companheirismo. O ódio pelo sexo oposto, uma tendência geral para a reserva e uma disposição solitária são as suas consequências. Em tudo, o indivíduo torna-se antissocial e extremamente insensível—por vezes, até bestial.

Quais são os males de uma ação extrema do Amor Parental?

O Amor Parental, num estado extremo, manifesta-se numa grande afeição pelas crianças, independentemente da sua cor, condição financeira ou origem. Mas este amor pervertido não se limita às crianças—manifesta também uma paixão cega e impetuosa por todas as formas de invenção e engenho. Não há restrição ou disciplina, e o Amor Parental, quando não guiado pelo princípio da sabedoria, torna-se perigoso para aqueles a quem tenta proteger e satisfazer.

Quais são os males de uma inversão do Amor Parental?

Invertido, este amor leva o indivíduo a detestar as crianças e a ignorar as suas necessidades e a sua missão no mundo. Pode até levar algumas pessoas ao infanticídio—e a criar múltiplos métodos pelos quais as crianças, bem como tudo o que se enquadra na categoria de produção física ou mental, são atormentadas e punidas quase constantemente. A crueldade para com os animais é um sintoma do Amor Parental invertido.

Quais são os males de uma ação extrema do Amor Fraternal?

O Amor Fraternal, levado a um estado extremo, faz com que o indivíduo aceite qualquer pessoa e qualquer coisa como companheiro. A associação e mistura indiscriminadas são sintomas deste estado passional.

Quais são os males de uma inversão do Amor Fraternal?

O estado invertido do Amor Fraternal gera guerra e até canibalismo. Faz com que o indivíduo odeie o seu vizinho e a sua pátria. Conduz ao homicídio e à retaliação. "Olho por olho, vida por vida, guerra por guerra" são indicações da má direção desta paixão. O desprezo, o ciúme e o ódio que alguns indivíduos nutrem pelos seus familiares, vizinhos e nação são outros sintomas da sua inversão. Leva o indivíduo a

agir contra os sentimentos e interesses dos amigos e a torná-lo um eremita ou asceta. A indiferença perante sentimentos pessoais, interesses, desejos e até à própria existência, bem como um amor pela tirania e despotismo, são provas de que o puro e belo Amor Fraternal do espírito foi desviado e transformado em impulsos malignos.

Quais são os males de uma ação extrema do Amor Filial?

O Amor Filial, num estado extremo, leva o espírito a estimar de forma injusta os grandes e superiores, seja pela sua posição, idade, autoridade ou talento. Gera uma confiança ilimitada e idolatria. Magnifica, eleva e adora, sem considerar o verdadeiro mérito. Pode até conduzir a falsidades e deturpações em prol de tudo o que agrada aos seus sentimentos.

Quais são os males de uma inversão do Amor Filial?

Invertido, este belo amor dá origem à falta de respeito e ao ceticismo. Faz com que o indivíduo despreze a idade e a superioridade. Maneiras grosseiras e rudes, bem como uma constante manifestação de desagrado por qualquer tipo de deferência e veneração, são a linguagem pervertida deste amor. Um infiel às leis da Natureza, às obrigações fraternais ou conjugais, às inclinações religiosas, a si próprio e uma indiferença fria para com tudo o que possa instruí-lo sobre um Ser Supremo, são indicações ainda mais fortes de um Amor Filial invertido.

Quais são os males de uma ação extrema do Amor Universal?

O Amor Universal, quando levado a um estado extremo, anseia por abraçar tudo—mesmo o Universo. Torna o indivíduo impaciente se for de alguma forma restringido; ele reluta em considerar os pequenos detalhes das relações, desejos ou gratificações. Faz com que o espírito se torne impulsivo, impetuoso, precipitado e excessivamente poderoso. Nada lhe parece demasiado vasto ou grandioso para os seus desejos e capacidades; mas tudo lhe parece remoto e inacessível.

Quais são os males de uma inversão do Amor Universal?

O Amor Universal, quando invertido, faz com que o indivíduo deteste e despreze a si mesmo, a todos e a tudo. Torna-o cético, homicida, cruel, antissocial e profundamente egoísta. Este é o amor-força mais grandioso, mais sagrado e mais poderoso no espírito humano; mas, quando invertido, transforma-se na força mais temível e na influência mais poderosa para a prática do mal.

Felizmente para o mundo, a organização hereditária, a situação social e a educação circunstancial raramente influenciam este poderoso elemento numa direção errada. Isto deve-se ao fato de que apenas uma ou duas forças passionais podem ser

desviadas dos seus canais apropriados ao mesmo tempo, preservando ainda assim uma individualidade de ação. No entanto, se o Amor Universal fosse redirecionado para outros tipos de amor, então essas paixões adquiririam um poder imenso para realizar grandes males sob as suas respectivas formas de manifestação.

Como é que os indivíduos desenvolvem a Sociedade?

Afirmo frequentemente que todos os males do indivíduo podem ser rastreados a uma ou a todas estas três causas—ou seja, uma organização inadequada, uma situação imprópria e uma educação deficiente. Esta questão será reconsiderada nas páginas futuras.

O homem é uma “harpa de mil cordas” que, quando devidamente afinada e tocada, emite a mais doce e encantadora harmonia; mas, se o instrumento for confiado a mãos ignorantes, e se as suas delicadas cordas forem severa ou inadequadamente percutidas, dele sairão as mais aterradoras desarmonias.* Uma máquina, bem construída e bem gerida, pode realizar um trabalho grandioso e belo; mas, se for mal manuseada e aplicada, essa mesma máquina pode destruir todos os indivíduos à face da Terra.

A afirmação de que o indivíduo desenvolve a sociedade e que a sociedade desenvolve o indivíduo, e de que um é invariavelmente e necessariamente um reflexo do outro, tornar-se-á ainda mais evidente como verdade através do seguinte diagrama:

Neste diagrama, o indivíduo é representado como nascendo no centro. Devido a uma organização ou situação inadequada, o espírito é incapaz de um desenvolvimento simétrico. As forças passionais predominam sobre os atributos da Sabedoria, fluindo por canais errados e gerando consequências desarmónicas. Todas as desigualdades e defeitos do indivíduo são refletidos e impressos no círculo familiar; as discórdias e desigualdades familiares são refletidas no círculo social; e as irregularidades sociais são refletidas no círculo nacional. Assim, torna-se claro que a harmonia individual é essencial para a harmonia familiar; a harmonia familiar é essencial para a harmonia social; e a harmonia social é essencial para a harmonia das nações. A forma nacional nada mais é do que a manifestação externa do espírito individual. Uma será sempre característica da outra.

*Ver “Filosofia da Liberdade Moral”, neste volume 172 de **A Grande Harmonia**.*

Relativamente aos elementos do Amor, convém observar que alguns indivíduos desenvolvem-se diretamente para um exercício apropriado do Amor-Próprio e do Amor Conjugal, enquanto outros avançam para formas superiores da essência vitalizante, mas manifestam grande ignorância no seu exercício. Assim, algumas

peessoas expõem-se imprudentemente a perigos iminentes e até à perda da vida por interesses fraternais, por um amor filial extremo ou por um amor universal, quando os fins da sabedoria poderiam ser alcançados de forma serena e discreta. No entanto, em geral, a mente humana não atinge um crescimento para além do círculo do Amor-Próprio e da Utilidade, devido aos interesses antagónicos da sociedade passada e presente, na qual o espírito é introduzido e, consequentemente, educado.

Esta proposição é autoevidente, como toda a verdade; e é tempo de a considerar em todas as suas diversas aplicações à espécie humana. A doutrina de que "um membro não pode sofrer sem que os outros membros sofram com ele" está na base da reforma social. É inegável que o atual estado de antagonismo entre as profissões e os ofícios gera e perpetua rapidamente ódios e animosidades entre os indivíduos; e é igualmente inegável que os mestres das instituições teológicas modernas fazem muito para desencorajar a reforma social e individual, ao incutirem nas gerações presentes e futuras a perniciosa convicção de que este mundo é apenas "um vale de lágrimas", sob a "maldição adâmica", sofrendo a penalidade do "pecado original", e que, portanto, a reforma, independentemente da igreja, é impossível, sendo até um pensamento ímpio.

Se cada leitor refletir profundamente e ampliar completamente a classificação e manifestação correta de cada elemento do Amor e de cada atributo da Sabedoria que apresentei—ainda que de forma imperfeita—bem como a sua manifestação inadequada e as suas causas, estou plenamente convencido de que tudo parecerá verdadeiro e benéfico.

Pelo diagrama acima, percebe-se que o indivíduo harmonioso—aquele cujas forças passionais estão sob a influência e governo permanentes da Sabedoria—desenvolve uma família harmoniosa; que famílias harmoniosas desenvolvem sociedades harmoniosas; que sociedades harmoniosas desenvolvem nações harmoniosas; e que nações harmoniosas desenvolvem o reino dos céus na Terra. Assim, o espírito humano constitucionalmente superior é um centro em torno do qual espíritos afins se reúnem, condensam os seus interesses e formam um pequeno mundo dentro de si mesmos; e assim —

*"Movido o centro, um círculo logo se forma,
Outro ainda, e outro ainda se estende:
O amigo, o parente, o vizinho, primeiro abraçará,
Sua pátria depois, e a seguir toda a raça humana."*

O leitor benevolente poderá perguntar — Será possível tornar o espírito humano Harmonioso?

Sim—e o que digo sobre este tema sei, por experiência, ser verdadeiro e viável. Primeiro, permita-me afirmar que os defeitos hereditários da organização não podem ser completamente eliminados pela educação ou por situações sociais favoráveis. Isto é verdade porque a organização precede a situação e a cultura. Mas aqueles defeitos de caráter que surgem de situações viciadas ou de uma educação inadequada podem ser superados e eliminados por meios naturais e espirituais, tal como as doenças podem ser curadas no sistema físico. A Felicidade é o objetivo de todos os desejos e esforços humanos, e a cultura espiritual é o meio pelo qual pode ser alcançada. Para esses objetivos, pois, devemos dirigir toda a nossa atenção. As seguintes regras são de suma importância.

1. Pela manhã, desperte com a resolução de nada fazer contra, mas sim tudo a favor do Reino dos Céus na Terra.
2. Sendo a Felicidade o objetivo, que cada ação do dia seja precedida por pensamentos bem concebidos e bem desenvolvidos que tendam para a sua realização.
3. À noite, recolha-se—em paz consigo mesmo—em paz com todo o mundo.

Interiorize estes axiomas na sua alma—sei que são os primeiros passos para a felicidade e para a cultura. Se falhar em segui-los corretamente, a tranquilidade e o desenvolvimento estarão além do seu alcance. Atente bem a esta advertência. Ela não é fruto de uma teoria—é a voz da Verdade. A lei e o método da cultura espiritual exigem ainda as seguintes direções:

1. Seja contente com o Passado, e com tudo o que ele lhe trouxe.
2. Seja grato pelo Presente, e por tudo o que possui.
3. Seja paciente pelo Futuro, e por tudo o que ele promete trazer-lhe.

Estas regras devem ser estudadas. Não as leia e passe adiante com descuido. Desejo que pare aqui e as escreva no seu registo diário, para que os seus olhos as possam ver; e escreva-as na sua memória, para que o seu espírito as possa ver, e resolva agora! Pode causar muitos conflitos, esforços e lutas, mas decida que, a partir deste momento, viverá harmoniosamente.

Cada dia fortalecerá a sua resolução. E, finalmente, será mais difícil agir contra ela do que obedecer às incessantes leis naturais que dela se desdobram. Viva assim, e todas as manhãs o espírito sentir-se-á tão novo e puro como um recém-nascido. Sentir-se-á como se tivesse acabado de nascer. Viva assim, e os seus companheiros crescerão à sua semelhança, e a discórdia não entrará no vosso meio.

Se a discórdia surgir, não fale nem aja impulsivamente. Seja simples de espírito, disposto a aprender, disposto a perdoar. Não deixe de registrar estas regras de ação no seu diário e na sua memória. Não deixe de as praticar a partir deste momento. Poder-se-iam escrever páginas inteiras a exortá-lo a ser simples de espírito, gentil e indulgente; mas breves sugestões não escaparão à sua atenção; e que todos os bons espíritos o ajudem a seguir cada uma das suas manifestações. Lembre-se, estas leis estão na base de toda a cultura espiritual—falhar na sua obediência é falhar em alcançar a felicidade individual e criar a Harmonia Universal.

Quais são os Meios Externos da Cultura Espiritual?

OS MEIOS EXTERNOS DA CULTURA ESPIRITUAL SÃO:

1. Estudar as ciências exatas ou físicas.
2. Estudar as leis do corpo e as leis do espírito.
3. Gratificação adequada dos sentidos externos.
4. Caminhar, jogar, dançar e praticar várias formas de entretenimento.
5. Ler, escrever ensaios, manter diários e associar-se a mentes bem-educadas e culturalmente refinadas.
6. Em todas as coisas, praticar a autodisciplina e obedecer aos princípios da Sabedoria.

Relativamente aos meios externos da cultura espiritual, permita-me observar:

Primeiro, ao falar do estudo das ciências, refiro-me às ciências específicas que dizem respeito à organização—isto é: a ciência da anatomia, da fisiologia, da química e da reprodução.

Segundo, por estudo das leis físicas e mentais, entende-se os princípios do movimento anatómico, das funções fisiológicas, da mensuração da força, bem como os princípios da ação e predisposição mental. Estas ciências e leis devem ser estudadas com especial atenção. A criança deve ser educada de acordo com os seus preceitos, e os pais devem estar qualificados para transmitir esse conhecimento. Nenhuma criança deve ser enviada para a escola antes de atingir a idade de oito anos, e, geralmente, não antes dos dez, pois a educação precoce sobrecarrega e paralisa as faculdades e paixões. Jovens precoces raramente se tornam homens fortes e poderosos. Eles emergem para a vida e dela partem antes do tempo natural para o desenvolvimento e maturação da mente.

Terceiro, por gratificação adequada dos sentidos, entende-se tudo o que as ciências e princípios acima referidos ensinam e permitem como essencial à saúde e ao cultivo

do ser. E o que for dito adiante sobre os meios externos aplica-se a crianças, estudantes e a qualquer indivíduo que deseje harmonia no corpo e na mente.

Quais são os Meios Internos da Cultura Espiritual?

OS MEIOS INTERNOS DA CULTURA ESPIRITUAL SÃO:

1. Autoanálise, autodisciplina, admissão voluntária de falhas e equilíbrio interior.
2. Estudo das ciências espirituais ou psicológicas, da ciência da analogia e da geografia pictórica.
3. Estudo da pintura e da música.
4. Meditação ocasional.
5. Contemplações poéticas.
6. Conversações.
7. Assistência mútua e manipulações espirituais mútuas—comunhão com esferas superiores da vida espiritual.

Relativamente aos meios internos da cultura espiritual, permita-me observar:

Primeiro, a autoanálise é indispensável ao progresso espiritual.

Insisto que a pratique a partir deste momento! Ela ensinar-lhe-á quão perfeito e quão imperfeito é—como exercer bondade para consigo e para com os outros. A autodisciplina, a admissão voluntária de falhas e a equilíbrio interior decorrerão naturalmente da autoanálise, tal como os riachos fluem da fonte.

Segundo, o estudo das ciências espirituais e psicológicas é necessário para uma compreensão aprofundada do espírito humano, bem como para informar o espírito sobre como encontrar, tratar e associar-se a outros espíritos de diferentes constituições e impulsos. A ciência da analogia e a geografia pictórica são também benéficas ao espírito na formação de ideias sobre os planetas no espaço e sobre a morada espiritual para a qual estamos individualmente a caminhar.

Terceiro, o estudo da pintura e da música não deve ser negligenciado. A primeira sistematiza os pensamentos e concepções, e a segunda refina o espírito e ensina-lhe harmonia. A meditação ocasional e as contemplações poéticas expandem o espírito e nutrem-no com sentimentos e alimento divino. Que os bons patriarcas David e Isaías sejam o seu exemplo. Estes espíritos contemplativos deixaram a voz da Divindade falar através deles. Assim também deverá fazer daqui em diante, e o seu espírito desdobrar-se-á como os céus infinitos, e as suas ações brilharão como estrelas no firmamento. Verá o Pai em toda a parte, e a felicidade será a sua porção.

Quarto, permita-me observar que, no que diz respeito às Conversações, nada cultiva e deleita tanto o espírito como as conferências espirituais. Os dotes e instintos da alma são despertados, e o gênio interior manifesta-se. A conversação é um meio poderoso de cultura espiritual e de harmonia. Ela toca as cordas sociais da simpatia e inspira o espírito com novos sentimentos e linguagem.

Enobrece os sentimentos e embeleza o comportamento geral. Quando dois, três, seis ou doze indivíduos se reúnem para simpatizar e dialogar sobre temas de Amor ou Sabedoria, o espírito de Deus estará no meio deles, e sentirão uma Presença invisível. A conversação dá forma aos sentimentos, propósito aos esforços, poder à linguagem e influência à personalidade.

Ela põe em jogo, de forma harmoniosa, todos os elementos do Amor, todos os atributos da Sabedoria, e dissolve muitas das supostas incompatibilidades que a ausência individual por vezes gera no íntimo das paixões. Na conversação sobre temas prazerosos, a Sabedoria encontra uma expressão serena, e os impulsos passionais fluem para canais tranquilos; e o espírito sente-se harmonizado e purificado pela plena consciência coletiva ou partilhada que une alma a alma. Sócrates exerceu uma influência onde quer que fosse.

Ele permitiu que a voz silenciosa da Divindade, ou Sabedoria, falasse na sala de estar, na oficina, no mercado e no santuário da sua própria alma. Subjugadas, fascinadas e purificadas pela sua transmissão pessoal da verdade, as multidões seguiam-no e amavam-no. Cada sentimento e ideia procuravam uma expressão externa, e Sócrates incarnou muito do seu espírito nas ações e instituições da nação. Cristo conversava sempre ao ensinar.

Ele não escreveu—talvez não soubesse escrever; mas a Divindade interior fluía através da mais simples linguagem, e a congregação de espíritos ao seu redor era instruída e tornada capaz de percepções espirituais. Aprenda admissão voluntária com Santo Agostinho; e a arte da conversação pelos exemplos de Sócrates, Solon, Platão e Cristo. Aprenda autodisciplina com o bom Fénelon; e harmonia através da estrutura e manifestações da Sabedoria.

Quinto, sobre a assistência mútua e manipulações mútuas do espírito, muito poderia ser dito. Refiro-me, com esta lei da cultura espiritual, à prática de três, seis, nove ou doze indivíduos, que possuam a verdade e a felicidade na alma, se reunirem e conversarem sobre qualquer tema relacionado com os elementos do Amor e os atributos da Sabedoria.* Para desdobrar as capacidades espirituais e elevar as sensibilidades físicas, o pequeno círculo deve adotar as regras da Sabedoria em relação à alimentação, ao exercício, ao trabalho, ao entretenimento e a outros meios de caráter externo, e esforçar-se para se tornar refinado e harmonioso.

Os prazeres deste mundo serão grandemente ampliados através do cultivo da organização emocional da mente—o meio nervoso que a liga à matéria e às influências sensoriais.

Sexto, há dois tipos de Educação. Um é a aquisição de Conhecimento; o outro é o desenvolvimento da Sabedoria. Um indivíduo pode estar profundamente versado em ciência, linguagem e filosofia, e pode possuir grande conhecimento; contudo, apesar de tudo isso, pode não estar na posse da Sabedoria. A Sabedoria cresce a partir do interior—desenvolvendo-se desde e sobre as afeições internas.

As influências da presença individual, da conversação e das manipulações espirituais são agentes da educação do espírito. Que estas comunhões não se misturem com pensamentos e ações impuros e corruptores, embora o júbilo e os exercícios saudáveis não devam ser evitados. Um círculo assim formado crescerá num todo harmonioso; e a sua influência espalhar-se-á amplamente pela sociedade. Uma concentração adequada e contínua das suas forças amorosas e intelectuais no tema do crescimento espiritual e da purificação conduzi-los-á à união com o mundo interior e com o Ser Divino.

Ver “Filosofia da Interação Espiritual”, sobre a formação de círculos.

Sétimo, acerca da comunhão com esferas superiores da vida espiritual, páginas inteiras poderiam ser escritas. Mas permita-me observar que este é o meio mais elevado ao alcance do homem para desdobrar o seu espírito como uma flor e para desfrutar mais deste mundo e do próximo. Esta comunhão é possível apenas de duas formas, a saber:

1. Tornando-se pessoalmente refinado e harmonizado, e voltando frequentemente os sentimentos para as coisas divinas.
2. Empregando um indivíduo de confiança, como um **médium**, cujos sentidos interiores estejam abertos, cujas comunicações sejam verdadeiras e cuja disposição natural seja completamente amável, gentil, simpática e geralmente meditativa.

Em conclusão, sinto-me movido a observar que aqueles que são **constitucionalmente superiores**, tanto no corpo como no espírito, em relação às massas que os rodeiam, devem formar círculos de Amor e Sabedoria. É evidente que a teologia popular ou a educação popular são insuficientes para fornecer ao espírito o alimento e o incentivo adequados a uma progressão natural e desimpedida.

A **teologia** é inadequada para a reconstrução da sociedade; e a **educação popular**, que está saturada dessa teologia, é insuficiente para a direção e cultivo apropriado do espírito.

Basta pouco tempo para aprender o que é útil, para aprender o que é justo, para aprender o que é poder; e a Beleza, a Aspiração e a Harmonia são explicadas naturalmente nos campos da Natureza e da Humanidade. Para compreender o que é harmonia, o espírito deve tornar-se harmonioso.

Um indivíduo harmonioso é uma revelação da “Mente Divina”. A ciência, a química e o mecanismo da Criação Divina estão representados na forma humana; e os elementos sagrados e atributos de Deus estão incarnados em cada espírito humano. Para sermos como o Céu, aspiremos ao Céu; para sermos como Deus, aspiremos a Deus. A harmonia deve começar no indivíduo; a partir daí espalhar-se-á pelas famílias, sociedades e nações; e então o Todo representará o Indivíduo, e o Indivíduo representará o Todo; e Deus será Tudo em Tudo.

OS DIREITOS E A MISSÃO DA MULHER

Ao expressar as minhas impressões sobre este tema, há muito negligenciado e de interesse vital, assim como sobre outros assuntos, peço ao leitor que me considere apenas como alguém que dá voz a sentimentos e convicções totalmente livres de preconceitos ou preferências educacionais, quer a favor quer contra qualquer Época, País, Posição, Cor ou Sexo—pois realizo constantemente a minha relação universal com o grande Corpo da Humanidade—um viajante na Terra, não confinado por preconceitos a um local particular ou privilegiado—reconhecendo um país universal e uma irmandade universal.

Muito tem sido dito e escrito sobre os "**Direitos da Mulher**", e ocasionalmente têm surgido sugestões valiosas para a sua melhoria e elevação; mas sinto profundamente a convicção de que a relação entre os sexos, bem como a sua mútua dependência, reivindicações e deveres para com o outro, são muito pouco compreendidos e reconhecidos.

Este fato só pode ser explicado admitindo a hipótese de que há uma grande carência de pensamento e ação corretos no mundo, bem como uma surpreendente incompreensão das verdadeiras bases da sociedade e do governo. O sexo mais forte, essa classe de indivíduos frequentemente mal denominada "homem", certamente se entregaria de imediato a um arrependimento sincero e à humilhação, se pudesse, por um momento, contemplar a vasta quantidade de vício e infelicidade que causou a uma parte tão grande da porção mais fraca da Humanidade.

O homem oprimiu, enganou, degradou, traiu e escravizou a mulher numa extensão quase impossível de expressar.

Porque a mulher, no seu estado mental ingênuo e subdesenvolvido, manifestou um gosto por exibição e atenção, o homem frequentemente se aproveitou dessa afeição;

e, em vez de a considerar como uma manifestação inicial e uma profecia da excelência e beleza latentes no feminino, ofereceu-lhe apenas lisonjas, em vez de uma admiração refinada; e uma galanteria servil, em vez daquele conselho honesto e proteção fiel que alegrariam e elevariam a Alma dependente.

Não posso deixar de lamentar a estrutura ou a educação de uma mente que pode, com desprezo e arrogância, declarar que a mulher é apenas uma companhia adequada para crianças; pois tal mente sempre recua perante a tentativa de colocar o elemento feminino num círculo de utilidade mais amplo e elevado do que os seus atuais estreitos limites—a cozinha, o quarto e o berçário.

As perpétuas preocupações e a monotonia ininterrupta destas ocupações são demasiado opressivas e cansativas para serem suportadas indefinidamente; e as mulheres, especialmente entre as classes mais altas e abastadas, começam a desprezar e a evitar estas tarefas confinantes e escravizantes, sob o argumento de que são desagradáveis, degradantes e antiquadas.

Não se pode negar, nem disfarçar, que a mulher, por vezes, se revolta contra o que se considera serem os seus deveres naturais, e que incorre em numerosos vícios, loucuras e extravagâncias, simplesmente porque não está devidamente posicionada na sociedade; e também porque aqueles que governam Estados e Nações são profundamente ignorantes das atrações interiores que são naturais ao carácter feminino e da sublime influência que a sua organização espiritual a qualifica para exercer sobre toda a humanidade.

O desconhecimento ou a falsa valorização dos direitos e da missão da mulher têm sido, e continuam a ser, as razões pelas quais o homem, geralmente, encara os diversos impulsos e atrações femininas como algo fraco e infantil.

Diz-se que *"não se pode argumentar com uma mulher"*, e, por conseguinte, que é função do homem pensar, decidir e legislar por ela; mas creio que se poderá perceber que há duas razões principais para que a mulher, geralmente, não manifeste uma tendência e uma força iguais para exercer julgamento:

1. Porque lhe é negada a sua liberdade natural e capacidade de o fazer.
2. Porque, salvo algumas exceções, o homem trata-a não como um ser racional, mas como uma mera criança; não como uma companheira digna de honra, mas como uma escrava.

No desenvolvimento rudimentar da humanidade—no estado selvagem do progresso humano—as mulheres eram consideradas escravas e bens domésticos. Vacas, mulas, cavalos e mulheres eram itens valiosos e conspícuos nos inventários domésticos e agrícolas. Nos países orientais—no alto da Europa e na Ásia—não é raro que as

mulheres sejam forçadas a desempenhar o trabalho de bois ou mulas; são obrigadas a pisar os campos áridos e a colher as colheitas, enquanto os seus maridos se entregam ao luxo da ociosidade e ao vício do tabaco.

Mas não é necessário atravessar o Atlântico para "tirar o argueiro do olho do vizinho"; pois há inúmeros exemplos entre nós, onde os maridos devem todo o conforto, delicadeza e refinamento que possuem à incansável indústria, à estudada frugalidade e à modéstia inata das suas companheiras.

E há homens—pais—que, na tentativa de manter o seu suposto poder e superioridade sobre as mulheres, recorrem a ameaças, aterrorizando as mães com a possibilidade de lhes retirar os filhos, obrigando-as a pagar tributo à sua autoridade.

Por vezes, o marido é um bêbado e levará os filhos para o meio das mais degradantes influências.

E há maridos que, para manter a posição de "cabeça da família", provocam discussões e contendas inúteis diante dos filhos—por vezes, à custa de perverter e apagar do coração das crianças a afeição natural que sentiam por ambos os pais. E, com isto, extinguem também, dentro de si mesmos, o pouco amor que ainda poderia permanecer na memória dos laços outrora queridos com a agora negligenciada companheira.

Estas são imagens tristes de contemplar! Sim, no nosso próprio país—no ensolarado Sul—existe ainda uma classe de mulheres (e também de homens) forçada ou condenada a viver e a trabalhar como escravos, sendo vendidos como gado; vistos simplesmente como máquinas capazes de locomoção e de reprodução, tal como outras máquinas. Assim, mesmo nesta terra civilizada, as crueldades e os despotismos do estado selvagem ainda persistem.

No desenvolvimento patriarcal da humanidade, também são visíveis as pretensões de superioridade masculina sobre a feminina. Por desenvolvimento patriarcal, refiro-me ao estado do progresso humano que, por herança e por lei, confere ao homem o direito de possuir propriedades e de governar, excluindo a mulher da posse de bens e da influência social.

A primogenitura é uma herança da era patriarcal, através da qual as mulheres são privadas do direito de possuir propriedade, tornando-se assim dependentes dos maridos ou de outros homens para a sua subsistência e privilégios.

Esta lei estabelece um sistema de usurpação de um lado e um sistema de servidão do outro, entre os sexos, o que só pode ter efeitos negativos sobre as inclinações naturais e morais da mulher. A mulher tem desejos e impulsos que o homem, devido

à sua constituição e inclinações diferentes, não compreende nem pode compreender perfeitamente.

Por vezes, para satisfazer os seus desejos, sentindo-se impaciente perante as restrições, a mulher pode ser levada a romper com a esfera que lhe foi atribuída e, por falta de orientação adequada, a cair em extremos de hábito e paixão, prejudicando profundamente o seu caráter, naturalmente belo e puro.

Entre as nações civilizadas, diz-se, e geralmente acredita-se, que a mulher está tão estruturada pela natureza que a torna incapaz de atuar harmoniosamente em qualquer outra esfera além da que lhe foi atribuída pela sociedade—onde, em vez de ser tratada como um mero bem ou uma escrava doméstica, foi promovida a uma posição em que serve como adorno de sala de visitas, quadro decorativo ou ornamento ambulante, sendo considerada e tratada como um ser apaixonado, sensível e racional.

Mas creio que será reconhecido que, mesmo na Europa e na América cristãs, a mulher não é geralmente estimada como uma companheira, nem como um princípio gentil e regenerador, atuando numa parte importante do drama humanitário e exercendo aí uma influência tão grande quanto, ou até superior à do homem.

Mesmo nestas, as partes mais iluminadas do mundo, a opinião expressa continua a ser:

"A mulher foi feita para o homem"—o que implica uma espécie de servidão dos elementos femininos perante os atributos masculinos.

Adquirir "uma educação completa", "casar-se", "ter filhos", "permanecer em casa"—ou "ir quando e para onde" o marido desejar—resume os "Direitos" e a missão da Mulher, conforme geralmente se entende, mesmo nas partes mais esclarecidas e civilizadas do mundo.

É fácil compreender porque é que a mulher, frequentemente, manifesta fraqueza e impetuosidade no seu julgamento, nos seus desejos e nos seus impulsos; nem é surpreendente que a prostituição feminina, de diversas formas e variações, continue a existir, tanto em ambientes privados como públicos.

Afirmo que, se um ser que possua as qualidades e os desejos espirituais do caráter feminino for colocado num meio de lisonja, engano e escravidão; e se esse ser se habituar àquele tipo de atenção efémera que caracteriza a deferência que os superiores reconhecidos demonstram para com os inferiores idolatrados, ou para com ornamentos preciosos, então a infidelidade, o vício, a alienação e a miséria serão os frutos inevitáveis desenvolvidos.

Tal como são as instituições de um país, assim são os seus habitantes e, reciprocamente, tal como são os habitantes, assim serão as suas instituições; estes elementos afetam-se mutuamente no seu caráter e desenvolvimento. Ação e reação são inevitáveis; e, portanto, a influência que o homem exerce sobre a posição e o caráter da mulher, esta exercerá, necessariamente, sobre o mundo em retorno.

Há poucas mentes iluminadas no mundo que compreendem o quão dependente a sociedade está da moral e do refinamento do caráter feminino; e essas poucas sabem que a mulher é, e deve ser, aquilo que o homem e a sociedade fazem dela.

O caráter feminino possui uma influência tripla, e, ao mesmo tempo, fundamental e vital sobre o mundo, a saber:

1. Constrói os alicerces da sociedade e das nações ao atuar nas seguintes esferas:
 - A esfera da infância,
 - A esfera da família (ou do lar),
 - A esfera social.

De acordo com as circunstâncias que a rodeiam, e de acordo com a qualidade dos materiais que lhe são fornecidos, será a fundação—os elementos que a mulher proporciona, sobre os quais se erguerá a imensa estrutura das nações e do mundo.

Um resumo da sua influência é este:

- Através da infância, ela molda o indivíduo.
- Através da família, ela influencia e refina o marido.
- Através da esfera social, ela influencia e espiritualiza a legislação e o governo.

A elevação feminina, e a conseqüente liberdade, são os resultados inevitáveis da reorganização social e de um verdadeiro governo republicano.

O espírito feminino é uma bela combinação de fontes imortais e afeições; mas se o campo das suas ações for, de alguma forma, limitado ou restringido, de modo a sufocar a sua infinita expansão e melhoria, então a insatisfação e, talvez, até a dissipação, serão inevitavelmente desenvolvidas.

Filósofos e legisladores não dedicaram pensamento suficiente à variedade e à importância das influências femininas; nem foram suficientemente minuciosos nas suas investigações sobre as forças ocultas da ação humana, da desorientação ou da

melhoria; e, por isso, ainda há muitas descobertas por fazer e revelar, que contribuirão imensamente para o desenvolvimento da harmonia entre as nações.

A extensão da influência feminina é tão pouco compreendida pelas próprias mulheres quanto pelo mundo intelectual em geral. Pois, ao investigar, descubro, com tanto prazer quanto espanto, que a mulher exerce três quintos da influência que move o mundo humano.

Os círculos interno e espiritual são esferas nas quais ela, em particular, cumpre a sua missão:

1. O primeiro círculo é a esfera da infância.
2. O segundo círculo é a esfera da família.
3. O terceiro círculo é a esfera social.

E é sobre estas esferas fundamentais que o elemento feminino deve ser completamente integrado e autorizado a agir livremente; ele não deseja um campo de atuação mais amplo ou mais elevado, nem se sentiria harmonioso em esferas de ação diferentes.

A mulher atuará sempre nestes três círculos, e não é possível impedi-la; mas é possível cercá-la de circunstâncias deformantes, fornecendo-lhe materiais inadequados, e assim comprometer a qualidade e o valor do seu trabalho para a humanidade.

Por exemplo, a mulher fornece diretamente a constituição e o caráter do indivíduo através dos meios da infância, do exemplo doméstico e da interação social; mas ela é apenas um instrumento e uma transmissora das influências pessoais e coletivas, das condições familiares e das tendências sociais que o seu marido e os costumes do mundo lhe impõem, assim como ao indivíduo que ela ajuda a desenvolver.

A mulher inevitavelmente desenvolverá o mundo; mas, como forma de compensação para ela e para benefício da própria humanidade, o mundo deveria proporcionar-lhe boas relações matrimoniais, vantagens domésticas agradáveis e instituições sociais enobrecedoras, todas completas e harmoniosas em si mesmas, de modo que fosse fácil e natural para a mulher contribuir para a sociedade com mentes nobres.

Todos os heróis, poetas, artistas, filósofos e teólogos que já habitaram a Terra receberam a maior parte das suas máximas e atributos pela influência feminina.

A mulher exerce uma influência determinante sobre a constituição e o caráter do indivíduo, até que este atinja a esfera nacional, onde, em comparação com a

influência masculina, o poder feminino se torna negativo. Nesse momento, o princípio da sabedoria começa a permeá-lo, com o propósito de modificar, harmonizar e desenvolver ainda mais a mente.

Naturalmente e corretamente, o homem tem apenas duas esferas de ação:

1. A esfera nacional,
2. A esfera universal—

pois estas são as esferas do governo e da harmonia.

A mulher não pode produzir harmonia por si mesma, mas pode fornecer os elementos adequados para a sua elaboração e estabelecimento; e o homem não pode produzir esses elementos, mas pode descobri-los, organizá-los e impor os princípios da disciplina e das leis naturais de governo.

Assim, a esfera da infância, a esfera da família e a esfera social são círculos de amor; e a esfera nacional e a esfera universal são círculos de sabedoria.

As primeiras são o campo próprio da ação e influência femininas; e as últimas são as esferas do governo intelectual.

Portanto, como já foi explicado, a influência feminina é positiva e poderosa sobre a constituição e o caráter individual, até que se atinja o ponto em que a disciplina e o governo se tornam naturais e necessários, momento em que a sua influência se torna negativa e passa a agir como um fator de equilíbrio para os arranjos governamentais e constitucionais da humanidade.

A Mulher na Primeira Esfera de Ação → A Infância

De acordo com a situação e a educação da mulher, assim será a constituição e as inclinações dos seus filhos.

A veracidade desta proposição começa a ser reconhecida pelos investigadores da patologia e da fisiologia, especialmente entre os estudiosos dedicados e profundos da medicina científica na Alemanha; mas, apesar da imensidão da ignorância e do ceticismo que ainda persistem sobre este assunto, estou absolutamente convencido de que a verdadeira reforma humana deve começar neste ponto; e, conseqüentemente, pela elevação e educação do caráter feminino.

As impressões e predisposições hereditárias do corpo e da mente são igualmente transmitidas dos pais para o filho.

A influência progenitora é inevitável e irresistível; por isso, a atenção de filantropos e filósofos deve ser dirigida para este ponto, a fim de investigar e eliminar a origem das fraquezas e desorientações humanas.

Se os pais estiverem ocupados em atividades destinadas apenas a desenvolver a sua natureza social e animal, então a criança será um reflexo exato das características e condições dos seus progenitores, bem como das diversas circunstâncias influentes que os cercam constantemente.

Assim, é altamente provável que a criança cresça e chegue à maturidade com um desenvolvimento moral e intelectual inferior, experimentando muitas tentações sociais e atrações instintivas, sobre as quais as faculdades morais e intelectuais não terão controle absoluto.

Por outro lado, se um ou ambos os pais tiverem um desejo desmedido de acumular riqueza, e para satisfazer essa ambição, utilizarem as suas faculdades intelectuais combinadas com a autoestima excessiva, a obstinação, a agressividade e a destrutividade, a criança inevitavelmente nascerá com uma organização semelhante, e passará a sua vida inteira tentando satisfazer os mesmos desejos.

Se um ou ambos os pais tiverem uma disposição egoísta, arrogante, combativa e impetuosa, com uma personalidade dominante, a criança nascerá e crescerá com a mesma disposição, tornando-se capaz de causar infelicidade a si mesma e a muitos outros.

Se houver, por parte dos pais, uma tendência para o desequilíbrio mental, a criança manifestará, com grande probabilidade, uma corrente subjacente do mesmo defeito constitucional.

Estes são apenas alguns exemplos das muitas influências que constantemente atuam contra a beleza e a elevação progressiva da raça humana.

A influência da mãe sobre a criança é incalculável.

Ela está constantemente ao lado dela, enquanto o pai apenas a vê ocasionalmente.

A mãe conhece todas as suas capacidades, paixões e impulsos; enquanto o pai só os percebe parcialmente e, mesmo quando os testemunha, não compreende a sua origem nem a forma correta de os tratar.

A mãe pode compreender os seus movimentos espontâneos, os seus pequenos impulsos, as suas agitações; pode perdoar, acalmar e transmitir ensinamentos, enquanto o pai não tem a mesma aptidão para entender esses impulsos infantis, e ainda menos para acalmar a tempestade juvenil até ao repouso sereno.

Se surgirem conflitos e altercações no berçário, a mãe sabe como abordar cada filho—como acalmar este, como aconselhar aquele, como disciplinar gentilmente o outro.

Mas o pai, por natureza, desconhece esses segredos—ele pode franzir a testa e reprimir autoritariamente a paixão infantil, pode impor obediência e harmonia de forma coerciva e perentória; mas não pode, como a mãe, magneticamente suavizar o coração inquieto até o adormecer num sono tranquilo e sem sonhos.

A criança é naturalmente atraída para o coração da mãe, para o santuário da alma materna; mas há mães que repelem e maltratam estes espíritos ternos, que apenas procuram o seu lar natural no seio materno.

Que tragédia que assim seja! Que nunca uma alma infantil seja rejeitada ou arrefecida na sua atmosfera natal!

Quando a criança se magoa ou quando causa ferimentos—espontânea e instintivamente revela à Mãe as coisas sobre as quais ela a interroga. Na serenidade da noite e nas horas de quietude, a criança contemplará o rosto da Mãe—olhará para o seu coração—calar-se-á para escutar o seu espírito—e assim gravará na sua alma mais profunda as impressões da proximidade e ternura materna. E, nesses momentos, a Mãe pode—e, na verdade, muitas vezes, numa única frase abrangente, imprimir um pensamento ou desenvolver um impulso na mente juvenil que, formando ali um canal, dá direção a todos os seus desejos e empreendimentos subsequentes.

A Mãe daguerreotipa a sua constituição e hábitos na criança; e, embora a educação posterior e as circunstâncias do seu contato com o mundo possam modificar e obscurecer, em grande medida, as primeiras impressões, há momentos em que a natureza e a intuição transcendem a cultura superficial e o costume, e o espírito não pode senão ouvir internamente e obedecer aos sussurros admoestadores do coração materno—cujos doces e suaves sopros são ecoados pela memória; e a mente cansada desenrola as suas páginas e, nas primeiras folhas imaculadas, lê o que a mão da Mãe havia traçado.

Os mais nobres filósofos da Grécia não podiam resistir ao impulso de citar, do vocabulário da infância, muitos axiomas e princípios de vida, cujos contornos e fundamentos haviam sido desenhados por Mães sensíveis nos seus espíritos infantis.

O mais rude e indomável marinheiro, por mais áspero e destemido que pareça, enquanto se esforça por salvar o navio a afundar-se, derramará uma lágrima—não pelo perigo temível e pela terrível catástrofe que o aguarda, mas pela recordação da sua Mãe!

O grande e poderoso legislador de França, Lamartine, embora intelectualizado pelo estudo das sublimes revelações de poetas e filósofos, não podia deixar de reverter às impressões da sua infância nos seus apelos ao povo; elas estavam indelevelmente escritas nas primeiras páginas da sua mente, e contribuíram, não pouco, para a sua influência, que consistia numa proclamação direta e simples de verdades naturais e poderosas.

A influência das Mães sobre os seus filhos, e a importância indizível da sua posição na formação e reforma da sociedade e do mundo, é inconscientemente e instintivamente reconhecida pelos sistemas de religião Católica e Protestante. O seu respeito, não pelo esposo de Maria, mas por Maria enquanto Mãe de Jesus, equivale não apenas a uma idolatria manifesta, mas também a um reconhecimento significativo da absoluta inseparabilidade da sua existência e constituição da missão e destino de Jesus.

É sábio e justo que o homem reconheça a sua dependência do mundo—que compreenda e confesse que a Mulher constrói os próprios alicerces das instituições nacionais e dos governos; e não é sábio nem justo tentar disfarçar ou fugir a estas conclusões, pois as proporções harmoniosas da estrutura futura da humanidade dependerão inteiramente da educação e elevação das mestres-construtoras femininas.

A esfera da infância é um jardim; e o seu cultivo depende quase exclusivamente da Mulher. Neste jardim, o princípio do amor (o feminino) encontra-se em casa; as sementes imortais da constituição e do carácter individual são depositadas no solo fértil da alma; os mais ternos botões de afeição brotam; e a delicada horticultora vigia-os e protege-os dia e noite.

A Mãe compreende como, quando e onde o botão juvenil se abre; compreende as causas e a localização de cada espinho que a flor a desabrochar do espírito desenvolveu no seu processo de florescimento; e não há mão tão bela e habilmente preparada para impedir que esses espinhos firam as flores circundantes e agrupadas como a mão da doce Mãe.

Com ternura, ela remove e destrói as ervas daninhas (ou erros), que possam ser encontradas no vasto jardim que cuida tão atentamente; sustenta e defende a planta frágil das tempestades da paixão e da sociedade—e o seu campo de trabalho exala a fragrância encantadora da ternura e do afeto. A terna Mãe emprega os mais delicados instrumentos para desenvolver cada indivíduo, e o seu jardim não apresenta sinais de violência, nem vestígios de impetuosidade.

Mas o Pai, menos delicado e mais severo, poderia pisotear as plantas frágeis, arrancar violentamente os espinhos e usar ferramentas pesadas e inadequadas no cultivo da mente juvenil; e então, em vez de gentileza, ternura e afeição,

desenvolver-se-iam combatividade, resistência e rudeza—e a jovem planta cresceria desordenada e sem beleza.

Mas dizem que a Mulher é demasiado terna, demasiado indulgente, demasiado fraca e indecisa para incutir nas crianças hábitos corretos de pensamento, desejo e ação. Afirmar-se que a Mulher estraga as crianças e faz com que ultrapassem os limites da disciplina correta, e devo admitir que, por vezes, isso é verdade; mas quão obscurecida deve ser a percepção daqueles que não conseguem reconhecer as causas desta fraqueza no governo feminino da família!

Noutro local, afirmei que a Mulher não se compreende a si mesma mais do que é compreendida pelo Homem. Há Direitos da Mulher que ela não reivindica ao Homem, porque geralmente desconhece as suas atrações naturais, missão e exigências; mas sinto-me impelido a informá-la sobre os seus direitos legítimos perante a sociedade e a ajudá-la a conquistá-los.

Primeiro: a Mulher constrói os alicerces da sociedade—esta, a sua posição e organização impelem-na e obrigam-na a fazê-lo—e, portanto, ela precisa de ser educada nas particularidades da sua posição; precisa de ser informada de que, considerada de forma natural e filosófica, a essência feminina é inteiramente constituída de Amor divino—de que ela é a personificação do Princípio do Amor; precisa de ser informada de que o Verdadeiro Casamento é a mais divina, sagrada e eterna de todas as relações nas quais a Alma humana e imortal entra.

Precisa de ser informada de que o Verdadeiro Casamento consiste e se desenvolve, não através de lisonjas, paixão, encantos pessoais, idade, riqueza, educação ou engano perpétuo—mas que uma verdadeira união, uma verdadeira unidade de Alma, se desenvolve através de uma afinidade interna, pela Lei interior e eterna da Associação; precisa de ser informada de que as consequências do Verdadeiro Casamento são de duração eterna—de que cada Espírito recebe uma organização imortal desde o nascimento, perfeita ou imperfeita, de acordo com a direção e estrutura originalmente conferidas ao corpo e à mente; e ela precisa de ser educada nestas questões, não por estratégias, intrigas ou sacrifícios de modéstia natural e verdadeira, mas deve ser esclarecida por algum companheiro paternal ou Mestre afim, que seja sólido em filosofia pura e verdadeira religião.

Que a geração vindoura seja assim instruída, e aquelas mulheres que receberem e agirem segundo esta filosofia do aperfeiçoamento humano transmiti-la-ão aos seus descendentes; e, pelo menos, tais mulheres já não serão acusadas de "estragar crianças"—nem criticadas por falta de uma cultura enérgica dos jardins da infância, ou por serem demasiado indulgentes no seu cuidado vigilante das plantas frágeis e das belas flores.

Agora passo a considerar a Mulher na sua segunda esfera de ação; a saber—na Esfera Familiar. De acordo com a organização e a educação do espírito feminino será o lar que ela proporciona ao seu marido e filhos; e creio que não se negará que um Homem é, geralmente, um representante do tipo de lar que chama seu. A presença feminina ali é o Espírito da sua vida—a mola central das suas alegrias e ações intelectuais—e sem ela, o Homem é rude, carente de gentileza e majestade.

Ela manifesta graça e destreza nos vários departamentos da sua vocação, e exala do seu amor infinito uma atmosfera que, ao ser inalada, transmite pureza, refinamento e felicidade. O seu coração manifesta-se nas suas obras; e as suas suaves e variadas pulsações são sentidas nas veias e artérias do seu lar.

A harmonia nas regras da família desenvolve harmonia em cada indivíduo; porque ação e reação são os resultados inevitáveis da vida e da animação. O lar é uma realidade; e essa realidade originou a palavra que está entrelaçada com afeições, potenciada por atrações internas—o doce nome Lar, que vem logo depois de Mãe, em todas as línguas e em todos os corações.

O marido, depois de cumprir os deveres do dia, apressa-se para receber o afetuoso acolhimento e encontrar o sorriso pronto que brilha no rosto da sua eterna companheira—regressando alegremente às cenas reconfortantes e ao repouso pacífico do lar bem estruturado.

A criança, ao tornar-se jovem, deseja explorar regiões para além da esfera das sagradas atrações domésticas; quer viajar—empreende a jornada; e depois de ter "percorrido Mar e Terra" para satisfazer o desejo inato pelo novo e pelo belo, não há palavra na linguagem humana, nem impressão no seu espírito, tão querida e onnipotente como a palavra e o pensamento de lar.

Sair de casa gera tristeza; regressar a casa é deleite e alegria. Felizes são aqueles que, pela sua harmonia e liberdade de alma, não podem verdadeiramente afastar-se de casa, pois carregam-na sempre consigo, sendo, em si mesmos, a própria essência e os elementos da sua constituição.

O Poeta, o Filósofo, o Artesão e o Legislador são igualmente dependentes das belezas e harmonias do lar para a sua inspiração e poder. As obras e influências destas mentes estão ligadas e são medidas pelas bênçãos e pelos efeitos espiritualizantes que a mulher transmite no seu Lar.

A Mulher é um espírito de Amor, uma Revelação de refinamento, de graça e de beleza. Possui o poder de transformar a habitação do marido e dos filhos numa representação do paraíso e de ilustrar ao mundo um belo Céu na Terra.

Mas dizem que a Mulher é obstinada na sua firmeza, voluntariosa, determinada a seguir o seu próprio caminho—que gera discórdia e perturbação em cada canto da casa—que torna o lar, e todos os seus elementos, desarmoniosos e infelizes, e devo confessar que, em demasiados casos, isso é verdade; mas há causas para estas anomalias e contradições que os Governantes da sociedade fariam bem em considerar.

A Mulher tem Direitos que deve exigir da sociedade, porque a família que ela governa é o alicerce da Estrutura Social, e por isso precisa, e pode reivindicar, ser educada nos deveres da vida, ou antes, na natureza e extensão da Missão que a Divindade lhe designou; precisa de se libertar da convicção escravizante de que simplesmente "cuidar da casa" e "criar filhos" são deveres que a lei lhe impõe, de acordo com a letra do "contrato de casamento".

Precisa de ser informada de que a sua Missão é sublime e universal—de que está destinada não apenas a povoar a Terra, mas também todas as Esferas Espirituais e os Céus; precisa de ser esclarecida de que a firmeza e a determinação são indispensáveis para o cumprimento pronto e fiel dos seus deveres—para que a harmonia possa ser estabelecida na Esfera da Infância e no Lar, permitindo que o marido e os filhos a retribuam à sua Alma e à Sociedade; precisa de possuir uma residência permanente e inspiradora para o Espírito, e de estar situada em meio a uma paisagem boa e edificante.

Ela precisa, e pode reivindicar, ser esclarecida sobre estes assuntos e estar bem e feliz no seu casamento, na sua maternidade e nas suas relações domésticas; que esta justiça lhe seja concedida, e então a Mulher não será mais acusada de ter a disposição para criar perturbação; nem será considerada deficiente em qualquer uma daquelas influências espiritualizantes e irresistíveis que devem constituir e permear cada departamento da sagrada esfera doméstica e lançar um halo sobre a santidade do lar.

Agora passo a considerar a Mulher na sua terceira Esfera de ação, a saber—na Esfera Social. Conforme a organização, educação e situação da Família, assim será a estrutura e as características da Sociedade; pois a Sociedade é o círculo mais alto e mais amplo da vida humana, no qual o Princípio do Amor ou feminino está constitucionalmente qualificado para atuar e exercer uma influência positiva.

Não se deve esquecer que a Mulher constrói a Sociedade ao edificar os alicerces da Infância, (que forma o indivíduo) —e também do lar, (que forma o marido); e assim, a Sociedade torna-se o alicerce da Superestrutura Nacional, na qual o Princípio feminino não pode naturalmente e graciosamente entrar. Mas a Sociedade é a grande Fortaleza da ação e influência feminina.

Ali, ela exala uma atmosfera de amor fraterno e modifica a qualidade daquela influência pesada e opressiva que normalmente circula entre os Homens. O Comerciante, o Banqueiro, o Intermediário Comercial, são gentis, rápidos e corteses uns com os outros, devido ao Espírito interior de Amor Fraternal e refinamento, que a Esposa, a Mãe ou a Irmã inconscientemente e espontaneamente imprimem no Sexo masculino.

A Mulher espalha naturalmente pelo mundo do Espírito um calor que acalma, anima e desenvolve a melhor natureza na alma do viajante perdido e no coração obscurecido do assassino da meia-noite; e o mais audaz e corajoso Guerreiro ou Salteador de Estrada embainhará o seu sabre ensanguentado ao doce sinal do Espírito feminino.

A sua gentileza e ternura encantam; e a sua mão age como uma varinha mágica sobre o Espírito do Homem forte e do Bárbaro. Ela transmite, das mais profundas recâmaras do seu amor, uma influência magnética espiritualizante e embelezadora, que tanto subjuga como cativa a mente.

A nobre Pocahontas defendeu o hóspede caído, colocando-se entre ele e os ferozes Selvagens; enviou para as suas almas enraivecidas um volume de amor e simpatia, que acalmou a tempestade da paixão e transformou a inimizade em amizade. O delicado poder da Mulher sobre o homem é maravilhosamente ilimitado e incalculável.

A história primitiva contém inúmeras ilustrações desta verdade. A bela Dalila foi a única força que os Filisteus puderam utilizar para vencer o seu temível e poderoso inimigo. Sansão não cedia a ninguém além de Dalila. E Holofernes só pôde ser subjugado pela sua bela e cativante visitante—a firme e determinada Judite.

As histórias nacionais imortalizaram os nomes de várias mulheres cujas forças internas e puras realizações quase operaram milagres sobre as mentes de Heróis e Bárbaros.

A associação constante com a Mulher pura e culta é uma das causas mais poderosas para o desenvolvimento da simpatia, da moralidade e da religião. As denominações religiosas consideram o caráter feminino um elemento indispensável nas suas organizações; os clérigos influenciam os homens incorporando primeiro o princípio feminino nas suas igrejas. Dois terços dos Homens, grandes e pequenos, seguem a igreja que a mulher prefere; e, por diversas razões, são poucos os que ousariam seguir um caminho diferente.

Há emanções de calor e pureza provenientes da alma da Mulher, que penetram, de uma forma ou de outra, em todos os corações vivos; e onde essas emanções são sentidas, e essa penetração é experimentada, habita algo daquela influência sublime

que os Anjos transmitem uns aos outros em esferas mais elevadas. As belas realizações da mente feminina atuam de forma correspondente sobre o Sexo oposto; a tendência natural e inata do espírito feminino para cultivar as artes, embelezar a aparência, aumentar o poder de fascínio, despertar a música, dançar e adornar o movimento ao fundir a sua graça com a poesia—tudo isto atua de forma correspondente sobre o Espírito masculino, e assim a Sociedade é, ou poderia ser, transformada num vasto círculo de flores e ornamentos.

Mas dizem que a Mulher tem tendência para perturbar a harmonia da Sociedade com pequenas disputas—que bairros inteiros são confundidos e desorientados pela pusilanimidade e cobiça das Mulheres, que elas difamam o caráter umas das outras, geram rancores e ciúmes sempre que podem—que vestem os seus corpos e adornam superficialmente as suas mentes para enganar e degradar os membros mais jovens e mais fracos da Sociedade;—assim, Salomão adverte o líder "a não entrar na casa da Mulher estranha"; e afirma-se que, desde a "formosa Eva" até à jovem estudante dos internatos do presente século, a Mulher tem causado guerras, dissensões e distúrbios, tanto Sociais como Nacionais; e que, na verdade, é a criatura mais incontrollável com a qual o homem é obrigado a lidar.

Esta afirmação é parcialmente verdadeira; mas existem causas para toda essa deformidade e imperfeição feminina, que os Reformadores e Legisladores fariam bem em compreender e eliminar. A Mulher tem Direitos a exigir; precisa de ser instruída de que a sua Missão se estende até à esfera do Governo Nacional; pois esse governo será um reflexo da sua situação e influência; deve ser informada de que não é um elemento inferior na Constituição da humanidade; deve aprender que os seus dons angélicos e qualificações imortais não lhe foram concedidos como brinquedos são dados às crianças; que não deve ser insultada com lisonjas, enganada por atenções falsas, nem escravizada por promessas sem coração.

Que não é superior a nenhum homem, nem inferior, nem sua escrava—mas sim sua eterna Companheira—o Espírito de Deus numa forma majestosa; precisa de ser esclarecida de que da sua Constituição—Educação—Situação, dependem a harmonia do Indivíduo, a harmonia da Família, a harmonia da Sociedade—e, consequentemente, a harmonia das Nações universalmente; precisa de ser informada de que o destino da Raça está nas suas mãos, e que a Simpatia, a Virtude, o Refinamento e a Elevação de cada indivíduo dependem do seu coração, da sua mente, da sua filosofia, das suas ações.

Mas, para que possa cumprir a sua missão, a Mulher deve reivindicar os seus Direitos e exigir do homem o seguinte:

1. Uma justa representação dos seus interesses.
2. Uma boa relação matrimonial.

3. Uma educação completa.
4. Uma situação local e social harmoniosa.
5. Conselho, não ordens; admiração, não lisonja.
6. Honra, não condescendência; sabedoria pura, não a sua aparência ou imitação.

Não é coerente com a questão em análise sugerir os meios pelos quais estes Direitos podem ser garantidos à Mulher; mas, creio que a Senhora esclarecida e instruída, e o verdadeiro e inteligente Cavalheiro, não poderão deixar de perceber que, na medida em que a Mulher é a construtora dos alicerces das Nações, deve ser-lhe fornecido material sólido e puro como uma espécie de compensação pelo trabalho que realiza nos corações dos homens e nos jardins de Deus.

O estado progressivo e a valorização da Mulher no mundo podem ser observados no seguinte resumo:

No Estado Selvagem, ela é uma escrava idolatrada;
No Estado Bárbaro, é considerada um bem doméstico;
No Patriarcalismo, é uma Influência reconhecida;
No Civilismo, é um Ornamento racional;
No Republicanismo, é um princípio de Amor.

Para o indivíduo harmonioso, a Era do Republicanismo já chegou; mas, quando olha para além de si mesmo, para a Sociedade e o Mundo, vê Homens e Mulheres em todas as possíveis situações e estágios de desenvolvimento, no seu caminho para subir a montanha do progresso humano, como monumentos dispersos no percurso, marcando a distância. Alguns estão apenas a emergir do Estado Selvagem, outros do Estado Bárbaro, outros do Patriarcalismo; mas apenas alguns chegaram ao cume da Civilização, que é o vestíbulo do Republicanismo.

Que esta verdade seja impressa e lembrada: a Elevação da Mulher, e a conseqüente Liberdade, são os concomitantes naturais, e os resultados inevitáveis, da reorganização social e de um Governo Republicano universal.

A FILOSOFIA DO VERDADEIRO CASAMENTO

Os princípios da associação matrimonial são universais e eternos. A Lei da associação ou das afinidades desenvolve a verdadeira relação que subsiste entre um átomo ou indivíduo e outro; e a associação correspondente das partículas ou espíritos assim atraídos uns pelos outros é uma expressão exterior do verdadeiro casamento.

A Lei da União Conjugal é primeiramente representada na estrutura da Mente Divina; depois, nas suas inconcebíveis relações com o Universo. Os elementos essenciais da Mente Divina estão incorporados na forma do Amor, e os seus atributos Celestiais estão incorporados na forma da Sabedoria. Como afirmei noutro lugar, o Amor é um princípio feminino, e a Sabedoria é um princípio masculino; e, na sua relação e unidade divinas, geram todo o universo da matéria e da mente. As manifestações subsequentes desta relação matrimonial divina são menos sublimes e grandiosas, mas não menos demonstrativas e inconfundíveis.

Nos elementos naturais, há exibições correspondentes do verdadeiro casamento. A Eletricidade indica relações positivas e negativas; o magnetismo é o princípio masculino ou positivo, e a eletricidade é o princípio feminino ou negativo. A atmosfera é construída segundo os mesmos princípios: o Oxigénio é o feminino, e o Azoto o masculino. A água, também, é formada desta maneira; o Oxigénio é o feminino, e o Hidrogénio o masculino; e, entre ambos, a vida, o alimento, a atmosfera e os elementos afins são gerados e desenvolvidos.

Existe um matrimónio belo entre as partículas nas composições químicas—elas procuram-se e, por fim, associam-se umas às outras. As plantas são afins da mesma forma; e o mesmo acontece com as várias classes e espécies de organismos no reino animal. Aos que buscam exteriormente a verdade, recomendaria uma investigação sobre as revelações maravilhosas das ciências da Química, Botânica, Zoologia e Ornitologia; pois estes diversos domínios de estudo fornecem incontáveis exemplos e confirmações das belezas do verdadeiro casamento.

Assim como é a Mente Divina, assim são as produções finais da Natureza—os seus filhos!

Cada indivíduo, considerado abstratamente, é uma incorporação e representação de Amor e Sabedoria. Os elementos da alma humana são organizados numa imagem de Amor ou Vida, e os atributos da inteligência desdobram-se numa imagem de Sabedoria, ou Poder Guardião. Portanto, cada alma humana é construída sobre princípios masculinos e femininos; o masculino é positivo, e o feminino é negativo.

Mas cada indivíduo, considerado relativamente, não é Amor e Sabedoria completos e autossuficientes dentro de si, mas sim apenas um destes princípios, e, por isso, sente uma afinidade pelo seu aparente oposto ou complemento. É quando, e apenas quando, um indivíduo percebe a sua dependência de outro, que sensações de solidão, insatisfação, descontentamento e incompletude emergem no seu espírito. A associação afim torna-se agora uma necessidade imperativa do coração isolado e em busca. Coração chama por coração. A mulher está sozinha sem o seu verdadeiro companheiro; e o homem está sozinho sem a mulher; a mulher procura o seu princípio de Sabedoria; e o homem procura o seu princípio de Amor.

Não há felicidade separada da verdadeira associação conjugal. Um espírito não pode resistir à atração de outro espírito; trata-se simplesmente da Sabedoria a procurar o Amor, ou do Amor a procurar a Sabedoria. Não é estranho que o coração procure o seu verdadeiro associado; pois, quando compreendemos e realizamos a verdade de que a Divindade, o seu universo e a alma humana são construídos e subsistem sobre os princípios masculino e feminino—positivo e negativo—ou Amor e Sabedoria, torna-se fácil e natural entender a atração que a Alma dependente sente pelo seu verdadeiro companheiro. É a Alma à procura da Alma—Vida à procura de Vida—Amor à procura de Sabedoria—Espírito à procura de Felicidade. Sim, é quando a alma percebe a sua relação com os outros, ou a sua dependência de um em particular, que começa verdadeiramente a procurar-se a si mesma.

O Amor Conjugal deve ser correspondido por Amor Conjugal; caso contrário, o Espírito será infeliz. O caráter feminino, quando devidamente desenvolvido, é uma incorporação de Amor; e o caráter masculino, quando devidamente desenvolvido, é uma incorporação de Sabedoria. A mulher, sendo Amor, possui na sua alma as fontes imortais de beleza e encanto; mas se ela estiver, por meio de circunstâncias incontroláveis e imposições legais, associada a um companheiro cujos poderes e atributos não sejam suficientemente elevados e nobres, ou gentis e generosos, para lhe inspirar respeito e admiração contínuos, então, inevitavelmente, manifestará inquietação e gerará discórdia.

É desolador observar a multidão de casamentos que resultaram de causas tão superficiais como a paixão momentânea e os encantos físicos efêmeros—de popularidade, de posição social, de realizações superficiais adquiridas pela educação, das vantagens da riqueza e da conveniência—ou do tão frequente constrangimento ou incitação das circunstâncias externas e acidentais. No mundo, por toda a parte, são visíveis estes casamentos superficiais e passageiros—casamentos, disse eu?—Não, não são casamentos, mas sim uniões legalizadas pelo mundo—adultérios e bigamias legalizadas; que não só distraem e desfiguram a alma, mas também impedem o desenvolvimento da sua beleza e felicidade, aprisionando-a.

Os verdadeiros casamentos são naturais, inevitáveis, harmoniosos e eternos!

Pela assistência da percepção e compreensão interiores, fui capaz de alcançar a gloriosa e consoladora verdade de que todo o espírito nasce casado! Quando observo um bebê, um jovem, um indivíduo solitário, a voz da intuição e da verdadeira filosofia diz-me—"esse bebê, esse jovem, esse indivíduo solitário, tem em algum lugar um companheiro eterno!" Assim, percebo e compreendo que o encontro e, no atual estado da sociedade, o reconhecimento legal desses companheiros são uma expressão exterior do verdadeiro casamento.

E, contudo, nenhuma cerimônia, nenhuma promessa, nenhum acordo escrito ou legalizado pode unir aquilo que já é interna e eternamente unido; nem podem essas solenidades unir aquilo que, internamente e para sempre, está separado. Se dois indivíduos estão legalmente casados e se essa expressão exterior de unidade não tem outra causa primária senão as fascinações da aparência, as vantagens da posição ou da riqueza, ou o acidente das circunstâncias, então a mulher está, inconscientemente, a viver com o companheiro de outro espírito; e, da mesma forma, o homem está a viver numa violação perpétua da lei da Associação Conjugal; e, conseqüentemente, ambos se tornam insatisfeitos e infelizes.

A melhor prova de que dois indivíduos não estão naturalmente e eternamente casados é que, ao viverem juntos, geram discórdia, descontentamento, desrespeito e infelicidade; e a melhor prova de que dois indivíduos estão interna e eternamente casados é que, ao viverem juntos, geram harmonia, respeito, admiração e contentamento.

As leis da Natureza, ou leis de Deus, são superiores às legislações humanas e aos processos jurídicos; contudo, até que a humanidade se refine e se familiarize mais com as leis da mente e da matéria, devemos submeter-nos à legislação humana, e as leis humanas devem ser permitidas e obedecidas. Mas aqui reside um grande e, no presente momento, necessário mal que todos deveriam esforçar-se por compreender e superar; para que as leis humanas não sejam senão divinas; e então, apesar dos erros de interpretação e das transgressões ocasionais, não existiria um décimo da discórdia, licenciosidade e infelicidade que hoje mancham a face da humanidade.

Cada indivíduo nasce casado; cada homem e cada mulher—cada Amor e cada Sabedoria—têm um verdadeiro e eterno companheiro. Este casamento é solenizado por uma Sanção Suprema e santificado pela harmonia angélica. Não depende da beleza física, nem da educação, nem da riqueza, da posição, da circunstância, do tempo, da idade ou do acaso; é a união espontânea e inseparável da afinidade com a afinidade, do princípio com o princípio, do espírito com o espírito.

Em resposta à questão—“Continuarão todos os indivíduos casados nesta vida a viver juntos no Mundo Espiritual?”—recebi a seguinte visão:

Em Inglaterra, na cidade de Londres, vi um cavalheiro a passar pela metamorfose chamada morte. Durante vários anos, estivera casado com uma companheira não afim; frequentemente se tinham magoado e insultado mutuamente; eram completamente diferentes nos seus temperamentos, hábitos, atrações e desejos.

A partir desta cena de transição, as minhas percepções foram dirigidas para uma senhora turca moribunda, em Constantinopla, que, segundo o costume oriental da poligamia, fora uma esposa favorita do Sultão. Ambas as mortes, ou transformações, ocorreram no mesmo instante; e quando os dois espíritos se emanciparam do corpo e

das restrições superficiais da sociedade, elevaram-se—e, pela irresistível atração da afinidade conjugal ou espiritual, e em conformidade com a lei da adaptação espiritual perfeita—aproximaram-se um do outro e, num abraço extasiado, manifestaram a plena realização do fato maravilhoso de que eram eternamente um só.

É reconfortante para o filantropo esclarecido absorver e compreender a verdade de que uma verdadeira união de almas é a consequência invariável e inevitável da residência na Segunda Esfera, onde as deformidades e injustiças são superadas e erradicadas para sempre. Existe apenas um único e verdadeiro casamento; e é altamente possível que o indivíduo infeliz, que pode ter tido vários companheiros na Terra, ainda não tenha encontrado quem verdadeiramente partilhe e se associe às alegrias e peregrinações eternas do espírito.

Aquele espírito que continua a procurar e a orar por uma companhia afim deve estar perfeitamente seguro de que, algures, tem um par—algures, um associado eterno! A vida não será sempre incompleta. Que o buscador se lembre disto; e, estando já, em princípio, unido a um ser verdadeiro e fiel, que o coração se alegre e que possa antecipar, com júbilo, o encontro final, que, se não se consumir na Terra devido às circunstâncias e ao desejo ardente, será inevitavelmente realizado, aperfeiçoado e confirmado na esfera mais elevada.

E aqueles que estão infeliz e involuntariamente presos a relações conjugais legalizadas pelo mundo—devem, também, confiar na sublime e infalível certeza dos princípios eternos de que uma separação justa ocorrerá no futuro, e que um reencontro devido será o desfecho de uma introdução ao Lar Espiritual.

Talvez o verdadeiro companheiro já tenha partido antes; se assim for, é altamente provável que o espírito que permanece aqui sinta-se atraído para o mundo superior, ao procurar o seu companheiro. Existe uma santidade neste matrimónio natural e verdadeiro—que é uma consequência do nosso próprio ser—um resultado inevitável da nossa existência—que, uma vez concebida pelo coração e pela razão, fará com que todo o espírito na Terra se regozije e garantirá pureza e fidelidade àquela alma que vive para aquele que Deus lhe destinou, e que “se manterá imaculada perante o mundo.”

Onde a verdadeira união é vivida, não pode existir a mais pequena causa para ciúme, frieza, afastamento, desrespeito ou alienação; pois uma confiança perfeita e completa envolve cada pensamento que um tem do outro; e, ao misturarem o seu amor mútuo, os verdadeiramente unidos—os feitos Um por Deus—conseguem consumir qualquer impulso hostil e discordante que possa surgir nos seus corações ainda em desenvolvimento.

O princípio do Amor, ou o feminino, é a parte ativa, impulsionadora e vivificadora da Unidade eterna; e o princípio da Sabedoria, ou o masculino, é a parte governante, orientadora e harmonizadora; e assim, os dois tornam-se um só em essência e organização. O Amor, ou o feminino—com as suas fontes imortais e impetuosas de vida, beleza e animação—se não for guiado e associado à Sabedoria, é indescritivelmente solitário e extremamente propenso a ser mal direcionado; por outro lado, a Sabedoria—ou o masculino, com o seu atributo imortal de harmonia e governo—se não for associada e privada dos elementos vivificantes do Amor, é como um iceberg, um mero carvalho isolado, frio e sem beleza.

Mas estas reflexões estão mais diretamente relacionadas com a consideração da missão e influência do princípio masculino e feminino, ou dos sexos, cujo exame pode ser encontrado no capítulo anterior.

O leitor deve ser profundamente convencido de que a Lei da Associação, que move tanto o universo como a alma humana, determinará e proclamará quem é o seu verdadeiro companheiro ou companheira. Nenhum clérigo, nenhum testemunho, nenhum contrato legalizado ou registo na Igreja ou no Estado pode decidir qual é o parceiro conjugal adequado, nem pode desenvolver a afeição eterna que o espírito exige. A prova está no interior. Procurem dentro de vós. Se verdadeiramente estais casados, então tereis atrações mútuas ou paralelas, desejos correspondentes e tendências constitucionais semelhantes; e onde um for, o outro seguirá; e na Terra, assim como nas esferas superiores da existência, tereis um lar, um propósito, um destino, um Deus e uma religião.

Onde a união é perfeita, não há conflito; quando a Sabedoria decide, o Amor responderá. Se uma esposa ama o seu companheiro, ela guardará involuntariamente os seus mandamentos, que para ela são os caminhos da sabedoria; e se um marido ama a sua companheira, tratá-la-á não como inferior, não como superior, não como alguém incapaz de exercer razão; mas honrá-la-á, protegê-la-á, guiá-la-á e desenvolverá as suas sensibilidades indestrutíveis, sendo para ela um refúgio de descanso.

Cada coração ora e anseia por aquele amor sagrado e protetor que não muda, independentemente das vicissitudes da vida humana, mas que se fortalece sempre—na saúde e na doença, na juventude e na maturidade, na prosperidade e na adversidade—e que, enquanto fortalece, nunca deixa de representar aquelas qualidades nobres e belas da alma que distinguem os sexos e caracterizam o Homem mais forte e a Mulher mais delicada; e esta distinção deve ser clara e perpétua para que se possa experienciar as bênçãos decorrentes da existência do amor e da honra constantes entre ambos.

O verdadeiro casamento é primeiro Natural, depois Espiritual e, por fim, Celestial, no seu crescimento progressivo. E os eternamente unidos têm uma prova infalível do seu destino ao experimentarem um amor continuamente em expansão um pelo outro, que se torna cada vez mais forte à medida que percorrem o caminho da vida e se aproximam do Lar Espiritual. Mas que fique bem claro que, para alguns na Terra, podem ocorrer desentendimentos que, pelo seu impato temível e pernicioso, podem até levar os verdadeiramente casados a separarem-se temporariamente, até chegarem a um lugar onde tais mal-entendidos não possam existir.

Essas desavenças podem resultar da disparidade na educação individual, de hábitos distintos ou de desejos superficiais adquiridos; mas, seja qual for a causa exterior, procurem dentro de vós; e, se tiverdes consciência de nutrir um amor vivo e crescente pelo espírito que vos magoou, esforçai-vos por extinguir todas as diferenças e desavenças instantaneamente com um lampejo mútuo desse amor imortal.

A alma humana tem uma capacidade de expansão inimaginável; as suas sensibilidades são puras e quase ilimitadas. O espírito feminino sente um amor sem fronteiras e inextinguível; o masculino tem consciência de uma sabedoria elevada e insuperável; e estes princípios encarnados procuram e imploram irresistivelmente a presença um do outro. Para cada indivíduo, o seu complemento—o ser mais amado—é o mais puro, o maior e o mais belo de todos os seres humanos; outros podem ser belos e atraentes, e podem até possuir mais qualidades e realizações; mas, para quem ama, o ser amado é o mais belo, porque se sente uma adaptação inata de desejo a desejo, impulso a impulso, organização a organização, Alma a Alma.

Esta filosofia do casamento é aquela que os anjos conhecem—o único casamento verdadeiro, que teve origem na Mente Divina; que por vezes é profeticamente ou incipientemente indicado na Terra; que é vivido em todas as esferas da vida angélica e seráfica; e que se estabelece espontaneamente pela sublime Lei da Associação, que une conjugalmente Átomo a Átomo, Espírito a Espírito, Anjo a Serafim, e Deus ao Universo!

Estes princípios da associação matrimonial são, para os espiritualmente iluminados, completamente evidentes, castos e elevados; e parece quase um "ato de supererrogação" acrescentar um único pensamento relativamente à aplicação diária destes princípios à humanidade. No entanto, após reflexão, uma aplicação prática destas verdades é grandemente desejável, e algumas sugestões sobre o tema são aqui consideradas sábias.

Em primeiro lugar, uma mulher, ao procurar o seu companheiro afim, deve, especialmente e acima de tudo, desejar um companheiro com qualificações sociais, morais e intelectuais adequadas à posição de amigo, conselheiro, protetor, amante e

guia. Os seus afetos não devem ser comprados com ouro e ornamentos reluzentes; não deve fixar os seus pensamentos na beleza física, nem os seus afetos em riquezas passageiras que desaparecem na "hora da provação"; mas deve assentar a sua ligação na pureza e permanência da mente—na plenitude e afinidade da alma—e nunca lamentará a "hora do casamento", como tantas são forçadas a fazer, após se terem entregado a uma fascinação ou excitação externa e, assim, terem assegurado para si uma vida rudimentar de tristeza e miséria.

E é um grave erro casar-se demasiado cedo na vida. Este é um erro lamentável entre as mulheres americanas. A alegria, a beleza e a perfeição do carácter feminino desenvolvem-se naturalmente em anos mais maduros; mas, devido aos incentivos generalizados ao desenvolvimento precoce e aos casamentos impuros e impróprios que resultam desses incentivos, a mulher encontra-se, geralmente, sobrecarregada e perplexa com responsabilidades maternas numa fase da vida em que a juventude deveria ser plenamente desenvolvida e vivida.

Tenho a impressão de que será revelada ao homem uma lei fisiológica capaz de sugerir e regular o período em que o casamento será verdadeiramente casto e justo. aguardo ansiosamente a descoberta e aplicação deste princípio. Entretanto, o homem deve procurar a mulher com os mais puros e desinteressados motivos—o princípio de uma afinidade interior deve ser o único a guiá-lo nos seus desejos por uma companheira conjugal. Não há segurança, nem probabilidade de felicidade, sem princípios. A consciência interior do que é correto, em cada mente, não pode ser violada impunemente.

A insensibilidade pode ser induzida com opiáceos ou álcool, e os ditames da consciência podem ser silenciados com uma sucessão de excitações físicas; mas quando o corpo já não puder ser anestesiado por narcóticos ou distrações, então virá a "luta interior" na alma. A mais ligeira impressão de uma ação errada surgirá de forma incontornável perante o tribunal supremo da consciência, cada pensamento impuro será um prisioneiro perante a razão, e assim cada homem experimentará as legítimas consequências dos seus pecados contra o Espírito Santo, que não podem ser perdoados por qualquer pessoa ou princípio, mas apenas expiados através de uma vida justa.

A FILOSOFIA DA LIBERDADE MORAL

Será o Homem um Agente Livre?

É impossível calcular as inúmeras consequências nefastas que surgiram de uma resposta afirmativa a esta questão, ou o bem que pode advir de uma decisão negativa no contexto atual. Esta questão encontra-se na base da reorganização social. É uma

questão fundamental e indispensável na teologia; e tenho plena consciência de que toda a estrutura do Cristianismo está suspensa ou sustentada pela suposta e afirmada verdade de que o homem é um agente livre. Defende-se, por parte daquilo a que se chama a ortodoxia cristã, que o pecado original é uma consequência da liberdade pessoal do homem; e, portanto, os grandes pilares que sustentam a religião cristã—Pecado Original, Expição, Fé e Regeneração—assentam na alegada verdade da liberdade individual e moral do homem.

Ao aceitar esta hipótese teológica como verdadeira, os clérigos ensinam às suas congregações que cada indivíduo possui o poder de decidir e fixar eternamente a sua posição e caráter futuros; que pode escolher entre o bem e o mal; seguir Deus ou Baal; trilhar o caminho largo ou a vereda estreita; e garantir para si uma residência permanente no inferno ou no céu, conforme a sua vontade. Sobre o fundamento da agência livre individual, assenta também todo o sistema jurídico passado e presente—o sistema de mérito e demérito—louvor e culpa—recompensas e punições.

Os jurados proferem os seus veredictos; os legisladores estabelecem as regras do governo; e os reis comandam os seus súbditos baseando-se na suposta verdade da liberdade da vontade humana. Assim, torna-se evidente que uma vasta gama de relações e processos tem o seu apoio e justificação apenas na suposição de que a Vontade Humana é totalmente livre e irrestrita.

As mentes mais profundas e espiritualmente iluminadas afirmaram e defenderam seriamente esta questão. É impressionante seguir, ao longo da história humana, a poderosa falange de intelectos que uniram forças na defesa daquilo que concebiam como a verdade da liberdade individual. No entanto, apesar deste impressionante conjunto de autoridades orientais, dissertações e decisões académicas sobre esta questão fundamental da teologia canónica, sinto-me impelido a entrar no debate contra elas e a demonstrar a falácia das suas conclusões, provando (na medida em que um argumento negativo pode ser provado) que o homem é, em todos os sentidos possíveis, um ser de necessidade—uma parte dependente e necessária do Todo universal.

O homem mantém uma relação dupla com o universo; existe uma relação física e uma relação espiritual; a relação física é a conexão que existe entre o corpo e a natureza exterior, com os elementos e objetos, o tempo e o espaço; e a relação espiritual é a ligação que subsiste entre a mente e a natureza interna—com a pureza, a verdade, a justiça e a Divindade.

Agora examinaremos mais detalhadamente a questão: “Será o homem fisicamente um Agente Livre?”

Sem ser consultada, sem ser solicitada e sem a capacidade de se modificar ou aperfeiçoar, a organização humana é introduzida na natureza física; e, através das disposições do amor parental, é nutrida e desenvolvida; mas sem alimento, ar, luz, calor e exercício, o indivíduo desorganizar-se-ia e deixaria de existir como ser físico. Esta afirmação é evidentemente verdadeira e inquestionável.

A questão em análise começa precisamente neste ponto. Penso que é claramente evidente para qualquer mente filosófica que, se o indivíduo fosse um agente livre, essa liberdade existiria antes do seu nascimento natural. Se a mente fosse intrinsecamente livre—se fosse totalmente independente, irrestrita, não influenciada, não condicionada por qualquer objeto, elemento ou circunstância da natureza física—então o indivíduo estaria qualificado para selecionar, a partir do vasto sistema da Natureza, a sua própria anatomia, a sua própria estrutura cerebral, o seu próprio temperamento e as suas capacidades orgânicas.

Mas será isto verdade? De modo algum; existe uma infinita diversidade de organizações físicas, cada uma representando os vários elementos, objetos e influências que atuaram ou entraram na constituição dos seus progenitores imediatos. Creio que se aceitará que nenhum ser possui a capacidade ou liberdade de dirigir a formação do seu próprio corpo, e, conseqüentemente, que, pelo menos neste aspeto, o homem é uma criatura da necessidade.

As belas e reconhecidas ciências da anatomia, fisiologia e frenologia demonstram a absoluta dependência do corpo em relação aos elementos e circunstâncias que o rodeiam. Se o homem fosse fisicamente livre, seria absurdo que um indivíduo permanecesse com a pele negra, com um crânio defeituoso ou com uma estrutura fisiológica frágil; pois ele poderia, e provavelmente o faria, modificar e aperfeiçoar essas peculiaridades da sua organização, sempre que desejasse; e não estaria, supondo-se num estado de liberdade física, sujeito à necessidade de respirar o ar para sustentar a vida, de ingerir substâncias materiais para preservar a força corporal, de repousar para restaurar o vigor orgânico e muscular; mas poderia, simplesmente pelo ato da sua vontade, existir sem respirar, comer ou dormir. Certamente, tudo isto é uma verdade clara e simples.

Provavelmente, a impressão de que o homem existe num estado de liberdade surgiu de uma visão altamente superficial e não filosófica da sua aparente independência da natureza; e, também, do fato inquestionável de que ele é muito superior a qualquer outra organização relacionada com os reinos inferiores da criação material. No que diz respeito à independência do homem em relação à natureza, sinto-me impelido a afirmar que ele é tão independente, mas não mais, do vasto organismo de matéria e mente que constitui a Natureza, quanto os pássaros no ar, os peixes no mar, os animais na terra e os elementos elétricos do universo, que parecem mover-se livremente no firmamento.

A mente perspicaz não pode deixar de reconhecer que os quatro temperamentos—o nervoso, o bilioso, o sanguíneo e o linfático—conferem a diferentes indivíduos peculiaridades distintas e variadas; e que algumas organizações são influenciadas positivamente pelo calor, enquanto outras são afetadas negativamente; algumas pessoas são fortalecidas e animadas pelo frio, enquanto outras, pelo mesmo estímulo, são fisicamente enfraquecidas e mentalmente deprimidas.

Na verdade, quando se considera a relação física do homem com a Natureza universal, é impossível escapar à convicção de que ele está constantemente sujeito a influências materiais sobre as quais não pode exercer qualquer controle absoluto. Daqui resulta, de forma legítima e inevitável, a conclusão de que o homem é dependente de toda a natureza para a sua subsistência e existência; e que ele é, perpetuamente e de forma recíproca, tanto o sujeito como o mestre dos vários objetos, elementos e causas que o rodeiam constantemente.

Existe um certo tipo de independência, baseada na individualidade humana ou dela decorrente; e, neste sentido (que, no melhor dos casos, é abstrato), tudo—o átomo, a flor, o homem e a natureza—possui uma espécie de personalidade e independência; mas o raciocínio e a observação abstratos são completamente injustificáveis, porque não estão em conformidade com a realidade que a natureza apresenta em toda a parte.

A natureza nunca apresenta algo como sendo independente de todas as outras coisas. Não; não existe um único seixo, uma única planta, um único animal, nem um único ser humano que não tenha tido progenitores e relações. A natureza representa-se como um grande todo inseparável; um todo composto por inúmeras partes e particularidades; partes essas que são essenciais e dependentes umas das outras—e, ao longo deste imenso e inseparável todo, não existe independência absoluta. No entanto, as partes dão origem ao que chamamos de individualidade—primeiro, devido à sua constituição peculiar; segundo, devido à qualidade e magnitude da influência que exercem sobre outras partes e personalidades.

Por exemplo—há uma individualidade manifesta e uma aparente independência na estrutura masculina e feminina—a dessemelhança entre as duas estruturas é a causa da personalidade; e essa personalidade é determinada pelas suas diferentes ações e influências; mas elas não podem existir independentemente uma da outra, nem dos inúmeros elementos e meios de nutrição que as rodeiam na natureza.

A lei da gravitação, da atração e da coesão nunca mudará; e, apesar da suposta liberdade da vontade humana, um homem ou uma maçã cairão igualmente se forem subitamente libertos de uma posição elevada acima da superfície da Terra. E começa a ser compreendido e reconhecido que aquilo que é fisicamente e cientificamente

verdadeiro não pode ser moral e teologicamente falso; ou seja, na Verdade não há antagonismo, pois Deus é Verdade e é imutável!

Mas da individualidade e influência de tudo o que existe surge uma espécie de responsabilidade ou expectativa; e essa responsabilidade, ou expectativa, resume-se à simples afirmação de que esperamos ou exigimos de cada coisa uma manifestação contínua do seu poder e das suas capacidades características. Assim, esperamos (e, portanto, exigimos) certos aromas da violeta, da rosa, do morango e do pêssago; e este é o tipo de responsabilidade que todas as individualidades deveriam ser esperadas a sustentar; mas, quando se trata do homem, raramente estamos dispostos a demonstrar o mesmo grau de racionalidade e justiça.

Devido às suposições errôneas dos teólogos sobre a liberdade do homem, a Igreja e o Estado responsabilizam quase igualmente todos os indivíduos pelos seus atos. Para ilustrar os diferentes graus de liberdade física, e a responsabilidade consequente, desejo chamar a atenção do leitor para a simples medição da força física, como exemplo ilustrativo da grande disparidade de poder e capacidade pessoal.

João, devido a uma estrutura temperamental e orgânica deficiente, consegue levantar apenas cinquenta quilos do solo; e, ainda que deseje levantar mais do que esse peso, ser-lhe-á impossível fazê-lo.

Tiago, tendo herdado um sistema muscular e orgânico mais aperfeiçoado, consegue levantar cem quilos do solo.

José, por ter recebido dos seus progenitores uma organização ainda mais perfeita, consegue levantar duzentos quilos; e Henrique, devido às suas capacidades constitucionais mais harmoniosas, consegue levantar trezentos quilos.

Mas nenhum destes indivíduos é capaz de levantar um peso superior ao que a sua estrutura permite, ainda que tentem exercer aquilo a que as mentes não filosóficas chamam de Livre Arbítrio. A mente perspicaz perceberá de imediato que João não merece mais censura por ter um corpo fraco do que Henrique merece elogios por possuir um corpo forte. Nenhum deles determinou a formação da sua própria organização, nem a atribuição da força física cuja medida foi aqui descrita. Assim, devemos esperar de cada um exatamente aquilo que é determinado pelo seu poder constitucional; e nada mais, com base na suposição falaciosa de que a mente é dotada de um arbítrio perfeitamente livre.

A verdade é simplesmente esta: o Homem não criou a sua própria organização, o seu temperamento, nem os seus poderes vitais; e, consequentemente, pelo menos nesta relação, penso que se aceitará que o homem não é um criador, mas uma criatura—que ele não é um mestre, mas uma circunstância. Portanto, exatamente na proporção das suas capacidades e qualificações constitucionais, ele é capaz de pensar, agir e

influenciar; e acredito que a mente generosa e expansiva perceberá e reconhecerá que o Homem naturalmente e espontaneamente exige da Natureza aquilo que ela parece esperar dele—tornando assim a sua dependência e responsabilidade igualmente uma questão de necessidade absoluta.

Por exemplo, João não consegue levantar mais de cinquenta quilos do solo, o que define e mede a sua esfera ou círculo de liberdade comparativa; e, assim, ele exige da Natureza uma contribuição contínua de ar, água, calor, alimento, etc., precisamente na medida da sua capacidade constitucional para retribuir essa dádiva.

Por outro lado, Henrique consegue levantar trezentos quilos do solo, o que também descreve e mede a sua esfera ou círculo de agência livre comparativa, e ele também exige da Natureza um fornecimento correspondente de ar, alimento e outros meios de subsistência. Explicando de forma ainda mais simples, cada homem deve preencher a medida da sua própria capacidade; e cada homem deve dar e exigir da Natureza (e a humanidade é uma parte da Natureza) o suporte físico na proporção das suas necessidades e poderes constitucionais.

Percebe-se que Henrique pode realizar mais do que João e, conseqüentemente, exige mais em retorno; mas ambos os indivíduos são igualmente criaturas, causas e circunstâncias; e haverá sempre uma correspondência entre os efeitos que as causas intrínsecas e extrínsecas produzem sobre eles, e os efeitos que eles próprios exercem sobre os indivíduos e circunstâncias que os rodeiam.

Agora passo a considerar a “agência livre” da mente humana nas suas relações superiores—isto é, conforme já disse, nas suas relações com a Pureza, a Verdade, a Justiça e a Divindade.

Foi demonstrado que o homem, como ser físico, não possui liberdade absoluta e incondicional na sua vontade ou movimentos; e estou plenamente convencido de que a compreensão filosófica aceitará pronta e alegremente a proposição de que aquilo que é fisicamente e cientificamente verdadeiro não pode ser espiritualmente e teologicamente falso; pois o universo é um todo inseparável, sem antagonismos, sem contradição, e sem a mais pequena sombra de inconsistência real.

Quanto aos termos “Agente Livre”, considero necessário fazer algumas observações. Após reflexão, creio que ficará evidente para a mente do leitor que estes termos envolvem uma contradição positiva. De acordo com as mais elevadas e populares autoridades em pesquisa filológica—cujas definições de palavras são geralmente aceites como corretas—o termo “Agência” não pode ser usado de forma consistente em conjunto com a palavra “Livre”, tal como são utilizados pelos teólogos. Sir William Blackstone entende o termo “Agência” como apropriado à posição de qualquer indivíduo que atue ou desempenhe funções em nome de outro; daí ser correto aplicar este termo à ocupação de um agente comercial, um delegado, um

ministro ou à profissão de advogado; mas é um absurdo positivo empregar o termo “Livre” na mesma relação.

Se um indivíduo é um agente—se ele exerce uma agência—então está, necessariamente, a realizar negócios para outro; e certamente ficará claro que, se um homem está assim ocupado, ele não é um agente livre, mas sim um agente vinculado; tal homem está a agir por outro, e não por si mesmo. Sendo assim, como estes termos são inconsistentes com a compreensão e resolução da questão em análise, é apropriado investigar e analisar a proposição sob uma forma nova e mais filosófica, a saber: Será verdade que o homem tem liberdade absoluta da vontade?

Por liberdade da vontade, os teólogos, e todos aqueles que se dedicam à teologia mitológica dos tempos modernos, entendem que um indivíduo possui, a partir do momento em que atinge a idade da razão e da responsabilidade, um poder concentrado em si mesmo, pelo qual pode tornar-se o governante supremo dos seus próprios instintos, propensões, impulsos e movimentos; que pode amar ou odiar, agir ou repousar, preservar ou destruir, exatamente como desejar; e que pode desenvolver o bem ou o mal, a verdade ou a falsidade, o céu ou o inferno, conforme, quando e onde quiser. Confio que nenhum discípulo sério da teologia mitológica (tal como é proclamada nos púlpitos populares por toda a Europa e América) ousará acusar-me de deturpar a sua definição de agência livre; pois não pode ser negado que os clérigos acreditam que a alma humana está investida do poder de escolher, a qualquer momento, quem seguirá—Deus ou o Diabo!

Já mencionei que a suposta veracidade da afirmação teológica de que o homem possui um "livre arbítrio" absoluto é o fio pelo qual todo o sistema de teologia não filosófica se mantém suspenso na atmosfera sacerdotal. Em outras palavras, é o único alicerce sobre o qual repousa toda a superestrutura teológica, cujas torres elevadas, mas vacilantes, são visíveis no nosso mundo, enviando as suas desarmoniosas e inanimadas proporções bem alto no ar—obscurecendo, por assim dizer, a ampla luz do céu do olhar aspirante da alma.

Quase todas as seitas do Cristianismo admitem que a Expição foi instituída como um meio pelo qual a humanidade poderia escapar aos efeitos eternos que, de outra forma, resultariam da prática do Pecado Original e, no entanto, ao mesmo tempo, essa mesma Expição foi destinada pelo Ser Divino (segundo dizem os clérigos que a instituiu) a servir como meio de satisfazer as exigências infinitas da justiça eterna, que foram infringidas pela desobediência do primeiro casal humano.

O leitor inteligente—aquele que não consulta apenas autoridades superficiais e populares, mas as sublimes e eternas lições da Natureza, da Razão e da Intuição—não precisa de ser informado de que todos estes princípios cardinais da teologia são inteiramente e incondicionalmente errôneos. Até mesmo a doutrina de que houve,

em algum momento da obscura e misteriosa história da Terra, um "primeiro casal humano", soa aos ouvidos de um geólogo como a narrativa de um sacerdote egípcio.

Mas quão transcendentalmente absurdas são as suposições dos clérigos sobre as consequências superiores do fato de o homem possuir um arbítrio livre e irrestrito! Foi a suposta liberdade da Vontade que levou o anjo mítico a fazer guerra no céu; e, segundo o célebre Pollok, é esse poder, quando exercido de forma impiedosa, que povoa as inúmeras cavernas do Inferno. Este impressionante e ortodoxo poeta afirma que—

*"Cada um tem a sua consciência, a sua razão, a sua vontade,
E o seu entendimento, para buscar por si mesmo,
Para escolher, rejeitar, acreditar, considerar, agir."*

Esta afirmação impressiona-me como uma completa generalização da crença de quase todas as seitas do Cristianismo.

A opinião sustentada pelos mais avançados crentes na mitologia oriental (ou teologia popular) e na literatura é que o Homem nasce num terreno intermédio, não estando particularmente inclinado nem para a bondade nem para a retidão; que ocupa uma posição entre a santidade e a perversidade—tendo a capacidade herdada de escolher as suas associações, de recusar o mal e escolher o bem, ou, inversamente, de rejeitar o bem e escolher o mal.

E, ao referir-me aos mais avançados crentes na mitologia oriental, não me refiro às quarenta seitas que surgiram das quinhentas diferentes e contraditórias versões da Bíblia, desde a publicação do cânone sagrado, mas sim às três grandes divisões do protestantismo, a saber: o Calvinismo, o Metodismo e o Swedenborgianismo. Estas seitas defendem e promovem a ideia de que o homem se encontra num estado intermédio entre o bem e o mal; que tem o poder de rejeitar um ou outro; e que, assim, determina o seu próprio carácter eterno, destino e situação no mundo além do túmulo.

Convencido de que há pouquíssimo raciocínio puro entre os homens, prosseguirei, sem conceder mais atenção às especulações dos clérigos e sectários sobre este assunto, para analisar as doutrinas populares da “agência livre”. Peço ao leitor que abra a sua mente e esteja extremamente atento à legitimidade das conclusões que apresentarei no seguinte processo de raciocínio. Começarei pelas formulações mais recentes da doutrina da agência livre, aquelas que são adotadas pelos crentes mais avançados da teologia mitológica; e, por isso, inicio com a seguinte proposição—“O Homem não está inclinado nem para a bondade nem para a perversidade.”

A falsidade absoluta desta proposição teológica é tão evidente e conspícua que, não fosse o medo generalizado ou a incapacidade de raciocinar sobre estes temas, que

tantos espíritos sentem, eu poderia passar adiante sem a analisar ou explicar. No entanto, ao observar a imensidão de erros perniciosos e dos males correlacionados, que não têm outra origem ou fundamento senão a aceitação desta proposição como verdade, sinto-me impelido a tentar examiná-la.

Para começar: — Foi inquestionavelmente demonstrado que o Homem é a obra mais nobre e perfeita de Deus; que, para desenvolver a sua organização física e eternamente individualizar a sua estrutura espiritual, todos os vastos, magníficos e incontáveis processos da Natureza foram instituídos; que, para revelar a imagem divina na forma humana, a Mente Divina insuflou os elementos essenciais da Sua própria essência, através das incontáveis organizações da natureza, na organização do Homem; e, assim, demonstrou que o Homem é o desenvolvimento final da matéria universal e do espírito universal—que ele (o Homem) é a mais perfeita incorporação de matéria e mente no universo incomensurável, exceto a própria Mente Divina!

Consequentemente, esta sublime origem e organização da alma humana tornam a afirmação de que o homem não está inclinado nem para o bem nem para o mal totalmente errada. Pois, se for aceite—e a ciência impõe esta aceitação—que o Homem é a mais elevada organização do vasto sistema da Natureza—que ele é um microcosmo; que ele vive, se move e tem o seu ser no espírito universal de Deus—então, pergunto, pode ele ser uma criatura passiva quando introduzida na Terra? Pode ele nascer sem um princípio de ação—sem um impulso—sem uma atração? Será o homem, ao ser criado, um vaso vazio—uma mera concha—dentro da qual flui o espírito da maldade ou da santidade, conforme determina a sua "vontade" não educada e inexperiente?

Certamente, toda a Natureza e a razão pura contradizem esta proposição teológica; pois qualquer indivíduo inteligente sabe, pelos mistérios que operam no interior da sua própria alma, que necessidades—desejos—atrações—e impulsos nascem com ele; e ele sabe que, internamente, é um ser vivo e completo. Na verdade, o homem herda inclinações desde o nascimento.

As inclinações que recebe dos seus progenitores imediatos são temporais, mas aquelas que recebe do seu Pai Celestial são eternas! O homem não se encontra, portanto, num estado intermédio entre o bem e o mal, entre o céu e o inferno; pois, repito, ele é a criação superior de Deus e da Natureza; porque ele está no ápice da criação—um pouco abaixo dos anjos—precisando apenas de uma harmonia constitucional e de um desenvolvimento espiritual para compreender e desfrutar da sua eterna associação. O Homem não é meramente um recetor. Ele está repleto de movimento, vida, sensação e inteligência; ele é Deus manifestado na carne; ele é um filho do Altíssimo e Glorioso!

Mas há outra proposição que pode não ser totalmente indigna de consideração. Refiro-me à seguinte—“O Homem, embora não esteja inclinado nem para o bem nem para o mal ao entrar nesta existência probatória, possui, no entanto, o poder de escolher entre eles.”

O intelecto iluminado perceberá facilmente que ambas as proposições teológicas foram expressamente concebidas para tentar tornar aparentemente filosóficas as afirmações da História Primitiva (a Bíblia) sobre este tema—isto é, para tentar apresentar a atitude moral do homem como razoavelmente consistente com as declarações bíblicas que implicam a “agência livre” da alma. Mas examinemos a última proposição.

Será filosófico ou verdadeiro afirmar que um indivíduo pode discernir entre o bem e o mal, sem possuir qualquer inclinação para um ou para outro, ou sem entender o que se quer dizer com bem e mal? Diz-se que o homem não tem nenhuma inclinação natural para o mal ou para o bem, e que ele não é nem uma coisa nem outra, até que aja ou escolha; e que a sua ação e escolha são unicamente o produto da sua liberdade moral. Mas será esta afirmação consistente com a verdade e com a filosofia pura?

Seguramente, sem inclinação a alma não pode experimentar nenhuma atração; e sem experiência a mente humana não pode exercer nem liberdade nem razão. Portanto, é irracional supor que o espírito buscará o bem ou o mal sem primeiro ter um desejo interno por um ou pelo outro; e é ainda mais irracional supor que um indivíduo pode manifestar uma preferência por algo sem primeiro possuir um entendimento da natureza e da influência dessa coisa.

Sinto-me, portanto, impelido a afirmar, e sei que o assunto justifica qualquer veemência na afirmação, que o homem não pode e não consegue escolher as suas associações sem um conhecimento pessoal do seu caráter e influência; e que, para obter esse conhecimento, ele depende das sugestões que o rodeiam e dos impulsos interiores, tanto materiais como espirituais; e, conseqüentemente, sendo todas estas premissas inquestionavelmente verdadeiras, concluo que o homem não possui liberdade absoluta da Vontade.

Segundo a fábula oriental, que em alguns aspetos é muito bela e simbólica da verdade, foi dito à primeira mulher, pela mais elevada autoridade, que os frutos de uma árvore eram bons e que os frutos de outra árvore eram extremamente maus. Mas ela não conhecia a veracidade desta afirmação, e a consequência desta ignorância foi que essa informação inflamou de tal modo a sua mente inexperiente e os seus desejos, que já não conseguiu resistir à tentação de adquirir esse conhecimento por meio da experiência real—tal como uma criança, a menos que aceite inquestionavelmente a experiência e o testemunho dos outros, tentará tocar no fogo para verificar se esse elemento é realmente quente ou frio.

Aqui, então—na alegada origem da raça humana—é manifestada a verdade universal de que as causas produzirão sempre efeitos correspondentes; pois vemos que a tentação ou informação transmitida a Eva sobrepôs-se ao seu espírito inexperiente, levando-a a agir de modo correspondente sobre o espírito do seu companheiro. Ora, certamente terá de ser admitido que a ação ou escolha racional depende sempre da experiência e compreensão prévias. Consequentemente, para que a mente humana possa escolher entre o bem e o mal de forma racional, primeiro tem de determinar, por experiência real ou percepção interior, o que são o bem e o mal. Como pode, então, um indivíduo ser um agente moral livre, sem possuir uma capacidade infinita de discernir entre o aparente e o real, entre o falso e o verdadeiro?

Para compreender plenamente esta questão, é essencial que entendamos a natureza e as capacidades da alma humana. Se adquirirmos um verdadeiro conhecimento do Homem, modificaremos imediatamente os nossos pensamentos e ações em relação a ele. Alteraríamos os nossos códigos penais, os nossos princípios de governo e o caráter das nossas instruções religiosas e morais—posso até dizer, toda a nossa estrutura social. Pois, assim que percebêssemos e aceitássemos a verdade de que o homem não pode controlar as suas crenças e opiniões, nem todos os seus atos e caráter, as nossas almas expandir-se-iam com compaixão e benevolência; e combinaríamos os nossos esforços, os nossos recursos e talentos para melhorar a sua condição social, moral e espiritual.

Quão irracional e deplorável é ensinar uma doutrina tão dogmática e despótica, ao ponto de ser necessário impor a sua adoção através de ameaças e denúncias! E, no entanto, os nossos mestres religiosos—os clérigos—fazem-no perpetuamente. Certamente, nada pode ser mais anticientífico e tirânico do que a passagem—*"Aquele que crer será salvo, e aquele que não crer será condenado"*—pois nenhuma alma humana pode acreditar ou descreir sem uma preponderância suficiente de evidências. O selvagem das florestas não será condenado por não acreditar na existência, vida e milagres de Jesus; nem o cristão será abençoado por acreditar neles; pois nenhum dos dois pode fabricar as suas próprias convicções—não podem ter controlo absoluto sobre os impulsos e inclinações da sua própria mente. Se o leitor deseja testar a veracidade desta afirmação, tente neste exato momento odiar um amigo muito amado, ou amar uma pessoa extremamente repulsiva e desagradável—tente duvidar da existência de árvores, pedras e homens na Terra—ou tente descreir da realidade da sua própria existência.

Swedenborg afirma a liberdade pessoal e moral do homem e, ao mesmo tempo, coloca-o entre duas grandes atrações invisíveis—de um lado, o Inferno, do outro, o Céu—com uma classe de espíritos bons e outra de espíritos maus de cada lado, prontos a transmitir qualquer pensamento, doutrina, paixão ou erro que o indivíduo se disponha a entreter! Ora, perante esta afirmação, a mente racional pergunta—

Como pode o homem ser livre, estando confinado entre duas forças opostas tão poderosas—entre tais atrações positivas?

Estará um objeto, que está pressionado de todos os lados, num estado de liberdade? A Razão, o primeiro-ministro da alma, responde inequivocamente que não; pois o homem, tanto material quanto espiritualmente, possui afinidades universais que ele não criou, que não pode controlar e que não pode destruir; mas é compelido a agir conforme é influenciado, e a manifestar caráter de acordo com a sua capacidade constitucional e situação social.

Assim, mesmo admitindo as afirmações de Swedenborg, de que o homem é introduzido neste mundo entre dois grandes antagonismos eternos, Céu e Inferno, torna-se claramente óbvio que o homem não pode estar num estado de liberdade moral absoluta. No entanto, existe realmente uma espécie de liberdade, autonomia ou independência no pensamento e nas ações humanas, e que, embora seja apenas relativa, dá origem a muitos equívocos quanto à extensão da responsabilidade, da obrigação ou do dever do homem para com o Grande Íman do universo, que é a Divindade.

O caráter e a extensão dessa independência, que é meramente relativa, irei agora proceder a explicar.

Tal como foi ilustrado no caso dos quatro indivíduos mencionados anteriormente, que foram apresentados como um meio de medir a capacidade e força física, considerarei agora os poderes e ações relativos dos mesmos quatro homens—cada um nascido dos mesmos pais e iniciando a sua vida adulta numa situação social semelhante—isto é, na pobreza extrema!

João, o primeiro homem, possui uma mente fraca e combativa; o seu princípio de sabedoria, ou razão, foi pouco exercitado; os seus impulsos animais e propensões dominaram os seus atributos superiores, tal como os bárbaros outrora dominaram as nações da Terra; ele é vaidoso e ambicioso; e, ao comparar a sua situação social e as suas perspectivas no mundo com a abundância e as vantagens de outros, torna-se extremamente nervoso e impaciente.

No entanto, apesar desta suscetibilidade constitucional às mais pequenas causas de inquietação e insatisfação, João esforça-se por seguir em frente, sem revelar a sua impaciência ou nervosismo a ninguém, nem perturbar qualquer indivíduo ou comunidade. Contudo, com o tempo, este homem de mente fraca, vaidoso e ambicioso, é inesperadamente despedido; e as angústias, as humilhações e as desvantagens da pobreza ferem e atormentam o seu intelecto sensível e frágil até um estado incontrolável de paixão desesperada.

Uma fúria selvagem e imprudente sucede-se a essa paixão, tal como a febre sucede ao calafrio; e ele imediatamente planeia a destruição do seu empregador. Mas aqui o leitor pergunta: "Como pode um homem 'planear' a destruição de outro, a menos que seja simultaneamente são e um agente livre?" A resposta é simples: existe uma Lei, universal e eterna na sua natureza, que flui e governa imutavelmente toda a infinitude da matéria e da mente—e essa lei é a Ordem.

Assim, em obediência a essa tendência universal, tudo se organiza e se dispõe de forma ordenada. O selvagem marcha com a sua tribo, os pássaros voam, os peixes nadam, as estações sucedem-se umas às outras, tudo representando uma ordem e harmonia mais ou menos evidentes.

O cavalo aterrorizado, mesmo ao galopar descontroladamente pelas ruas apinhadas, mantém uma ordem interior nos batimentos do seu coração, nos movimentos dos seus músculos e nas ações galvânicas do seu cérebro. Não existe insanidade tão extrema—não há alucinação, nem desordem tão nebulosa e caótica—que não seja acompanhada por algo que se assemelhe a uma periodicidade de movimento e a uma ordem estrutural no universo.

O mesmo se passa com João. Ele, como qualquer outro homem, possui a *Discrição* da serpente, a *Cautela* do gato, a *Engenhosidade* do castor, a *Destrutividade* do tigre e o *Orgulho* do leão. Estes elementos da alma humana, se não forem domados e exercitados harmoniosamente pelo princípio da sabedoria, podem inflamar-se e tornar-se violentos como as bestas da floresta; e, ainda assim, nas suas manifestações de fúria, haverá um certo tipo de ordem, pois esta é uma tendência inata de tudo o que existe.

Não devemos recuar perante as legítimas conclusões a que a Verdade conduz a alma. Não estou aqui para apresentar teorias; apenas para escrever sobre aquilo que realmente existe na constituição de Deus e da Natureza; e o homem é parte deste grande Corpo vivo. Digo, então, que João planeia a destruição do seu empregador; ele aproveita a primeira oportunidade favorável para concretizar esse ato; comete o homicídio, apropria-se de todos os bens disponíveis da vítima caída e foge apressadamente do país.

Tiago, o segundo homem, herdou uma sensibilidade mental semelhante à de João; é também vaidoso e ambicioso; mas é mais reservado do que combativo; sente, na sua natureza, mais da dissimulação da serpente do que da ferocidade do tigre. Tal como o seu irmão, a sua condição de indigência afeta o seu caráter e hábitos, causando-lhe inquietação e descontentamento.

Ele vê e sente as vantagens que os indivíduos mais afortunados possuem sobre si—o que podem desfrutar e para onde podem viajar, algo que para ele é impossível; e, raciocinando superficialmente, mas talvez com acerto, sente que não tem culpa pela

sua situação desfavorável; que nada fez para merecer tal destino; que os ricos nada fizeram para merecer a sua prosperidade e luxo; que o seu vizinho nasceu rico e ele nasceu pobre; e, na medida em que as classes privilegiadas não manifestam qualquer disposição para melhorar a sua condição, não vê porque não estaria justificado em apropriar-se de parte dessa abundância.

Mas, tendo uma baixa combatividade, não sente qualquer impulso para cometer homicídio—na verdade, nunca teve esse impulso desde o nascimento—mas, como possui uma forte discrição, cede à tentação de roubar, de furtar, de apropriar-se da propriedade alheia, pois esse é o desejo imediato e avassalador da sua natureza. Ele cede, porque a tentação é mais forte do que os seus poderes de contenção, e torna-se um ladrão!

José, o terceiro homem, também herdou uma estrutura mental semelhante à dos seus irmãos; ele é sensível, vaidoso e ambicioso; tem pouca combatividade, pouca discrição, mas uma benevolência muito desenvolvida. As mesmas influências e circunstâncias que atuam sobre os seus irmãos também o rodeiam e afetam; ele sente as mesmas dores e carências. Vê exatamente o que os seus irmãos veem, relativamente à sua própria situação e à posição social dos outros; e sente que existe abundância suficiente na posse dos ricos, mesmo depois de construírem as suas mansões e igrejas e de satisfazerem muitos dos seus desejos mais extravagantes.

Mas ele não deseja prejudicar os indivíduos mais bem situados, nem apropriar-se dos seus bens sem consentimento; contudo, parece-lhe evidente que os ricos podem dispensar algumas moedas sem qualquer incômodo. Assim, José, não tendo uma inclinação especial para o trabalho quando o consegue encontrar, nem sucesso em obter um emprego quando o procura, cede à tentação de pedir esmolas para subsistir.

Henrique, o quarto homem, possui uma organização infinitamente superior à dos seus três irmãos. Tem um espírito energético e governa-se a si próprio. Os seus órgãos, segundo a frenologia, estão harmoniosamente desenvolvidos. A combatividade, a discrição, a benevolência e a autoestima encontram-se equilibradas e subordinadas às faculdades superiores do julgamento e da compreensão.

E, no entanto, ele também é extremamente pobre. Ele reflete sobre as vantagens e circunstâncias superiores dos mais abastados; esforça-se incansavelmente para adquirir meios de subsistência e conforto pessoal; está rodeado e afetado por todas as influências, internas e externas, que atuaram sobre os seus irmãos; mas, apesar de tudo isto, não é movido a matar, a roubar, nem a mendigar.

Ele perde o emprego—fica sem alimento—é vencido pela fraqueza e pela doença, e, por fim, morre de fome.

Aqui são apresentados quatro casos—cujos paralelismos podem ser observados em várias partes de França, Inglaterra, Irlanda e América—em que o crime individual é limitado e medido pela capacidade individual. João, sendo o mais fraco na sua constituição moral, foi, conseqüentemente, o primeiro a sucumbir; mas Henrique, possuindo o intelecto mais forte e harmonioso, não foi tão afetado por aquelas causas que levaram João, Tiago e José à prática dos atos que denominamos homicídio, roubo e mendicância.

Deste modo, vê-se que quatro indivíduos diferentes, partindo do mesmo ponto, foram conduzidos a trilhar quatro caminhos distintos e a alcançar quatro desfechos distintos. A mente esclarecida perceberá que esses caminhos e desfechos distintos não foram o resultado do "Livre Arbítrio", mas sim de uma necessidade absoluta e incondicional. O primeiro homem foi vítima de um órgão de *combatividade* inflamado—cuja causa primária foi a pobreza extrema. O segundo homem foi vítima de um órgão de *discriminação* inflamado; o terceiro homem foi vítima de uma *benevolência* mal direcionada; e o quarto homem foi vítima de uma pobreza implacável. A sociedade foi a primeira causa destes desfechos desastrosos, porque permite a existência da pobreza extrema; e os pais foram a segunda causa destes destinos, pois transmitiram aos filhos organizações tão obviamente distintas, que determinaram, por si mesmas, os diferentes fins que tiveram.

A partir do exposto, a conclusão é, sem dúvida, legítima: um indivíduo é responsável de acordo com a sua capacidade; e por responsabilidade, refiro-me ao fato de que um indivíduo deve ser avaliado e medido pela sua real capacidade e mérito, e que dele se devem esperar pensamentos e atos correspondentes—desde que todas as condições e circunstâncias externas não sejam excessivamente desfavoráveis à manifestação legítima do seu caráter.

Na medida em que o Homem é tanto ator quanto circunstância—tanto causa quanto efeito—ele não deve ser tratado como um ser dotado de vontade e poder para fazer o que deseja, quando e onde lhe aprouver, mas deve ser gerado, educado, situado, recompensado e punido, como uma ÁRVORE, que só é capaz de produzir frutos abundantes e saudáveis quando está devidamente organizada e plantada num SOLO FÉRTIL!

A doutrina do livre arbítrio ou da agência da alma é positivamente contrariada por tudo o que existe na natureza e no homem. Cada pensamento, cada motivo, cada ato e cada movimento que ocorre na constituição humana, resulta da operação das leis e essências interiores, bem como das combinações da economia física e mental; e estas leis da nossa natureza são inevitáveis e imutáveis.

A liberdade comparativa que o homem aparentemente herda, paralelamente à sua individualidade, é exatamente ilustrada por toda a independência que um peixe-

dourado parece desfrutar dentro do seu globo de vidro cheio de água. O peixe tem a liberdade de nadar em qualquer direção que desejar; contudo, depende da água, esta do globo de vidro, este da janela do edifício, esta da Terra, esta do Sol, e assim sucessivamente, numa cadeia ininterrupta de dependências que vai desde o peixe até à Divindade!

O mesmo acontece com o homem. Ele é fisicamente livre para se mover sobre este globo terrestre, mas não pode viver sem o fluxo perpétuo de alimento, ar, luz, etc., que a Natureza lhe fornece; e espiritualmente (ou moralmente) é livre para se mover dentro do círculo definido pela sua capacidade e grau de desenvolvimento; mas, para além desse círculo, não possui mais liberdade do que o peixe descrito acima.

Embora Pope, no seu *Ensaio sobre o Homem*, tenha revelado a verdadeira relação que subsiste entre o homem e a natureza, e tenha demonstrado que a Vontade Humana é subordinada à Vontade de Deus, foi, no entanto, infelizmente movido a contradizer essa sublime verdade na sua *Oração Universal*. Sou levado a considerar isto como um grande afastamento da expressão uniforme de sabedoria que se observa em toda a sua obra. Ele evidentemente sacrificou a filosofia à teologia, quando afirmou que Deus, ao:

*"Prender a natureza firmemente ao destino,
Deixou livre a Vontade Humana."*

Seria tão coerente e verdadeiro afirmar que um artesão construiu um relógio completo e interligado em todas as suas partes, e ainda assim—

"Deixou livre a roda do meio!"

Não é possível que Deus amarre firmemente a natureza e deixe ilimitada a liberdade da alma; pois o Homem é parte da Natureza e está destinado, em última instância, a mover-se harmoniosamente dentro do grande todo, tal como o coração no corpo humano. As leis de Deus não podemos alterar; e, apesar de milhares de clérigos, comentadores e magistrados acreditarem, ensinarem, agirem, punirem, condenarem e elogiarem com base na suposta verdade do "livre arbítrio moral do homem", ainda assim, o grandioso panorama do universo continuará a mover-se na sua sublime e harmoniosa ORDEM, e a VERDADE permanecerá inalterada para sempre!

Com efeito, o poeta estava certo ao afirmar que—

*"Queremos, agimos, falamos de liberdade,
Mas todas as nossas vontades e todos os nossos atos,
São limitados dentro desta pequena vida;
O Livre Arbítrio não passa de NECESSIDADE em ação,*

*O tilintar das rédeas douradas que guiam
Os desígnios do Céu até ao seu destino."*

Esta concepção do estado moral do homem é uma fonte infalível de consolação e felicidade. Ela remove, de imediato, todas as dúvidas quanto ao propósito final desta vida; satisfaz a alma com a certeza de que "O Senhor Deus Todo-Poderoso reina"; estabelece a Divindade como o Grande Soberano Moral que governa todas as hostes humanas e angélicas; e aponta, de forma especial, para a reconstrução da sociedade e para novos métodos de educação e punição (ou melhor, de reforma) da raça humana.

Para concluir, desejo gravar no espírito do leitor que esta filosofia dos motivos e dos movimentos humanos desenvolve a religião da *justiça distributiva*, o espírito da *compaixão*, a lei do *amor ao próximo*, e a gloriosa moralidade da *benevolência universal*; e posso acrescentar que pode abrir o coração e o intelecto do leitor a uma percepção e apreciação mais elevadas e aprimoradas da natureza do homem, da bondade e justiça de Deus, e das maravilhas do Seu universo material e espiritual.

A FILOSOFIA DA IMORTALIDADE

Embora a intuição não cultivada da mente humana tenha sido suficiente para inspirar todos os homens, e todas as raças de homens, com um desejo e uma crença indefinida na existência interminável da alma; no entanto, o leitor não pode deixar de perceber o gradual declínio e desaparecimento desta fé instintiva e indefinida à medida que o princípio da razão começa a desenvolver-se e a ser exercido sobre todos os temas filosóficos e éticos do pensamento. Este é um prognóstico favorável.

Significa que as nuvens e os sombrios presságios lançados pela superstição sobre as especulações da mente humana, no que respeita às prováveis realidades e posses do outro mundo, serão dissipados pela luz de uma filosofia livre e saudável das revelações divinas da Natureza, das misteriosas belezas que pertencem ao governo moral de Deus e das verdadeiras riquezas do Universo espiritual. Tudo isto, creio eu, será prontamente reconhecido pela razão do leitor.

Mas neste ponto, é necessário reforçar a proposição de que nenhuma substância ou poder de qualquer natureza, seja ele físico ou intelectual, possui em si mesmo a

capacidade de auto-investigação ou compreensão. Assim, podeis compreender e traçar, analogicamente e corretamente, as substâncias mais grosseiras que compõem o vosso ser; mas ao chegardes à Mente, à Inteligência, ao Espírito—embora este seja o princípio que vos permitiu explorar e compreender tudo o que está abaixo de vós—descobris que ele próprio vos é, necessariamente, vago e indefinido. Daí resulta que há, ora uma crença excessiva no que toca a este princípio e à sua composição, ora uma descrença exagerada; e ambas são uma consequência natural de um princípio que tenta investigar-se a si mesmo.

Não tendo meios para alcançar um conhecimento claro e evidente da essência e do princípio da Inteligência, sois, por assim dizer, compelidos a permitir-me ocupar a condição superior e, assim, revelar-vos aquilo que receberíeis de bom grado e com júbilo, como sendo a resposta às vossas naturais aspirações e desejos por um entendimento mais elevado, mais nobre e mais digno da vossa natureza, das suas funções legítimas e do seu destino final.

Talvez a filosofia da Imortalidade inata ou constitucional da alma possa ser mais facilmente apresentada à mente do leitor ao introduzir a seguinte carta e respetiva resposta, do que por qualquer outro processo de raciocínio.

St. Louis, 10 de abril de 1848

Sr. A. J. Davis: —Li o seu livro e sou um crente na maior parte do que li, mas não estou tão convencido da imortalidade da Alma quanto gostaria de estar. Por isso, escrevo-lhe, acreditando que é um filantropo e que deseja aumentar a luz, o conhecimento e a verdade.

Por imortalidade da Alma, refiro-me à duração eterna dos poderes intelectuais, das faculdades do pensamento—da mente—sem nunca perder a sua identidade.

Pois se, na morte, ocorresse uma mudança tão radical que tornasse a alma totalmente esquecida do passado, de modo que a memória da nossa existência terrena se perdesse para sempre, isso equivaleria, para mim, à aniquilação.

Que provas temos da continuidade da identidade após a morte? Acredito que a alma ou espírito não perde a sua identidade, mas continua a crescer progressivamente em conhecimento, sabedoria e felicidade. Contudo, ainda não estou tão convencido quanto gostaria.

O meu objetivo ao escrever-lhe é, simplesmente, o de um inquiridor da verdade e da luz, para ser corrigido onde estiver errado e esclarecido; mas, acima de tudo, para obter provas, não apenas da imortalidade da Alma, mas da sua perpétua e interminável identidade—das recordações do passado, do reconhecimento dos amigos no estado futuro, etc.

Espero que responda a esta carta, seja diretamente, seja através de algo que escreva sobre o assunto.

Atenciosamente,
J. S. F.

Resposta

Nova Iorque, 15 de setembro de 1848

Estimado Inquiridor: —A sua carta chegou enquanto eu estava envolvido numa investigação anatômica, fisiológica e patológica extremamente minuciosa e elaborada, com o propósito de comunicar ao mundo um tipo de informação médica mais simples e superior; e quando estou absorvido nas minhas pesquisas interiores, é ao mesmo tempo doloroso e prejudicial permitir que assuntos externos interfiram. Isto explica e justifica o meu prolongado silêncio relativamente às questões inefavelmente importantes contidas na sua carta.

Mas antes de estabelecer os fundamentos sobre os quais repousa a individualização dos elementos da mente humana, bem como todo o verdadeiro conhecimento acerca dela, sinto-me impelido a dizer algumas palavras sobre a origem e a influência de três tipos de crença que prevalecem entre muitos leigos e clérigos, e entre indivíduos em geral, a saber: a crença da ignorância, a crença do desejo e a crença do entendimento.

1. **A crença da ignorância** é uma fé desprovida, e conseqüentemente não sustentada, por razões adequadas. Ela deriva das inclinações hereditárias da mente ou da educação doutrinária transmitida pela teologia predominante ou pela influência que rege a esfera em que o indivíduo se encontra.
2. **A crença do desejo** é uma fé instintiva ou intuitiva na perpetuação interminável da existência pessoal. Surge do desejo central da mente humana, que é inconscientemente considerado como uma profecia interna viva do seu destino eterno. Esta crença não se baseia em princípios universais, nem possui qualquer fundamento substancial sobre o qual possa repousar e permanecer segura, exceto uma inferência derivada das suas próprias aspirações e da tendência geral de todas as coisas criadas.
3. **A crença do entendimento** é uma fé baseada em conhecimento absoluto e inequívoco. Cresce a partir de um reconhecimento completo e de uma compreensão profunda daqueles princípios imutáveis que fluem do seio da Causa Divina para o Universo e pelos quais tudo é governado com uma administração infalível e inalterável.

A influência da primeira é gerar ceticismo, pois o crente não consegue fornecer a si próprio, nem a um investigador da verdade e da paz, uma razão tangível e substancial; além disso, tende a remeter o buscador inteligente para relatos históricos de fenômenos sobrenaturais e ocorrências ao mesmo tempo surpreendentes, absurdas e incompreensíveis. A influência da segunda é causar ansiedade no entendimento, pois o crente não tem base firme para sustentar a sua fé, exceto desejos internos, inferências externas e probabilidades vagas; e porque, ao tentar investigar o fundamento da sua crença (algo que raramente se tenta fazer), descobre que esta não é sólida e, conseqüentemente, é insatisfatória—não suficientemente ampla e forte para cobrir todo o espaço ocupado por dúvidas e objeções, nem para remover todos os obstáculos a uma confiança plena nas sublimes verdades de uma personalidade imortal.

A influência da terceira é promover a felicidade, pois o crente pode dar uma razão para a fé e a esperança que há dentro de si—porque o seu entendimento está convencido para além do domínio da ignorância, do desejo, da inferência e da probabilidade—e porque possui uma garantia divina no fato da sua existência individual; pois ele próprio é uma nota emitida pelo Banco da Vida Eterna e assinada por uma Mão Todo-Poderosa, pagável em prestações conforme a sua entrada e saída de cada esfera na sua viagem através da eternidade.

Creio que concordará comigo quando digo que ocupa a segunda posição no que respeita à crença num estado futuro; pois acredita que a Alma ou Espírito não perde a sua identidade, mas continua a crescer progressivamente em conhecimento, sabedoria e felicidade. Mas, tal como milhares dos nossos semelhantes que se esforçam por acreditar e ter esperança na imortalidade, ainda não atingiu a terceira posição, caso contrário não teria dito: “Ainda assim, não estou tão convencido quanto gostaria de estar.” Para que possamos obter e assegurar uma crença baseada no entendimento—o único tipo de crença que comunica um descanso interior e um encorajamento positivo no cumprimento fiel dos nossos deveres na Terra—procurarei apresentar-lhe “as provas que temos da continuidade da identidade na morte”, ou demonstrar por que somos imortais.

O fundamento de toda esta estrutura é a absoluta indestrutibilidade da Matéria, ou dessa Substância Universal que nos confere uma individualidade tangível e que constitui a organização física exterior da Grande Mente Positiva. A matéria é eterna; e está presente em todo o lado. Está em todas as coisas e é todas as coisas, e não há nada que não seja matéria ou substância.

Sobre a universalidade e indestrutibilidade da matéria assenta, portanto, a gloriosa realidade de uma vida eterna. Mas agora surge espontaneamente a questão: como é que a matéria constitui um indivíduo e como, ou por que meios, esse indivíduo se torna imortal? Interroguemos a Natureza. Ela aponta para a Mente Eterna, que

instituiu leis que se manifestam através das suas manifestações, e convida-nos a considerar os princípios da Associação, Progressão e Desenvolvimento.

Sob a poderosa e constante direção destas leis, percebemos a tendência ininterrupta e perpétua de todas as formas e substâncias para a unidade, a perfeição e a organização. Da Grande Mente Central emanam inúmeros elementos e substâncias que formam inúmeros núcleos. Estes atraem individualmente os elementos e substâncias que possuem afinidades correspondentes; e estes acumulam-se, condensam-se, purificam-se e formam sóis, sistemas solares, cometas, planetas e satélites. Depois, a partir da massa central e do ventre fértil de cada planeta, partículas rudimentares ascendem e, passando por um processo semelhante ao que formou os planetas, culminam no desenvolvimento das combinações minerais.

Depois, novamente, através da incessante interação entre corpo e corpo, essência e essência, substância e substância, as composições minerais não só geram fluidos e meios vivificantes, como a eletricidade e o magnetismo, mas também se perdem constantemente nas organizações vegetais. Por um processo semelhante, e através de uma nova e mais elevada combinação de partículas apropriadas, o vegetal perde-se na organização animal, e esta, por sua vez, culmina na organização e desenvolvimento do Homem.

Certamente perceberá que o homem nunca perde a sua identidade em formas e organizações subordinadas—ele não é escravo delas, como elas o são dele, nem foi concebido para lhes fornecer sustento apropriado, como elas lhe fornecem; mas os minerais, os vegetais e os animais perdem todos a sua identidade no homem, pois ele é a grande e concentrada produção e união de todos eles.

Assim, no planeta, no mineral, no vegetal e, especialmente, no corpo humano, contemplamos manifestações inconfundíveis das leis da associação, progressão e desenvolvimento; ou da tendência universal e constitucional de toda a matéria para um estado de unidade ou individualização. Isto leva-nos à contemplação de uma realidade conspícua, a saber: que cada organização parece ser cada vez mais completa e perfeita em posição, influência e importância do que qualquer uma anterior, desde o mineral até ao Homem.

Todas as formas inferiores e subordinadas ao Homem são apenas partes dele; e, para compreender plenamente porque é que o homem ocupa a posição mais elevada, exerce a influência mais forte e é, em todos os aspetos, o mais importante, devemos proceder à consideração do propósito para o qual foi criado.

Neste ponto, apresentarei um excerto da minha obra médica.* Os seus ensinamentos não seguem as decisões dos fisiologistas populares, mas ousou acreditar que estarão em conformidade com as revelações da Natureza e da Razão. Ao falar sobre o cérebro, escrevo:

"O cérebro tem três usos ou funções.

1. Receber a essência animadora onnipresente do Grande Espírito Divino, que reside em e é extraída de todos os elementos e substâncias existentes, especialmente daqueles que contribuem para o sustento do corpo e para a gratificação dos seus diversos desejos e sentidos.
2. Concentrar, refinar e elaborar esta essência vivificadora, e distribuí-la para a parte ou partes apropriadas do sistema dependente, de acordo com os seus (da essência) diferentes graus de refinamento e os seus planos progressivos de manifestação, a saber: como Movimento, Vida e Sensação.
3. Conferir a esta essência uma organização germinal e indestrutível, e conectá-la com elementos e substâncias do mundo exterior, ligação essa pela qual o Cérebro é instrumental no movimento e governo do corpo—e capacitar a organização interior a manifestar inteligência em relação a si mesma e às coisas externas.

Ver "Great Harmonia", Vol. I. O Médico.

É claro, creio eu, que o organismo físico do homem foi concebido para elaborar e estabelecer a individualidade eterna da mente humana. Outros organismos são menos perfeitos e, conseqüentemente, inadequados para o mesmo propósito. Mas poderá dizer-se que muitos animais possuem qualificações idênticas às do homem e, em alguns casos, até superiores; e que a razão pela qual o homem pode dar origem a um espírito imortal, enquanto o animal não pode, não está suficientemente clara.

Responderia que o homem é a organização final—que a Natureza é uma Máquina perfeita, poderosa e estupenda, construída sobre os princípios Mecânicos Universais (se assim me posso exprimir) da associação, progressão e desenvolvimento, máquina essa pela qual o homem é manufaturado; e que a explicação pode ser encontrada ao considerar o homem, na sua capacidade de individualizar o espírito, como uma máquina. Os animais são apenas partes do homem; são meras porções do mecanismo humano.

Vejamos uma ilustração. Suponhamos que deseja construir uma máquina para fabricar alfinetes. Na sua mente, a máquina é primeiro criada—existe em todas as suas partes, completa na sua memória. Prossegue então para recolher e aperfeiçoar as partes, ajustando-as em conformidade com o todo. Ajusta as peças, a máquina é desenvolvida e o seu trabalho é admiravelmente realizado. O seu propósito é individualizar ou fabricar o alfinete. Agora, com a mesma propriedade, poderia perguntar-se: por que não podem essas partes fabricar um alfinete tão bem quanto a máquina, que não é senão uma congregação ou combinação de todas elas?

É evidente que o propósito da Natureza é individualizar o Homem; que o propósito do homem é individualizar o espírito. Mas agora surge espontaneamente a questão: como pode o espírito existir independentemente do corpo e como pode a sua personalidade ser preservada?

Sou ensinado a responder que o espírito pode existir separado e independente do corpo pelo mesmo princípio que permite ao corpo existir separado ou independente da Natureza. Pois a Natureza fez o corpo, assim como o corpo fez a mente; e, convém lembrar, os mesmos princípios imutáveis e eternos da criação operam uniformemente em todo o lado e em todos os tempos.

E sou ainda ensinado que o espírito preserva a sua identidade pelo fato de cada organização ser absolutamente diferente. Este fato exclui a possibilidade de absorção, amalgamação ou desorganização. A diferença na disposição dos elementos inerentes estabelece o indivíduo nesta vida e por toda a eternidade. Se os espíritos fossem constituídos da mesma forma, inevitavelmente e irresistivelmente gravitariam para um único centro, desejariam ocupar apenas uma posição e preencher um único espaço. Mas, sendo constitucionalmente diferentes, não podem, nem desejam, ser absorvidos ou amalgamados com outros espíritos, nem podem perder-se, como alguns foram levados a supor, no Espírito Universal, ou Grande Mente Positiva.

Existem, portanto, três evidências de que a Alma preservará a sua identidade após a mudança que chamamos morte. São elas:

1. Está determinado que a Natureza deve desenvolver o corpo.
2. Está determinado que o Corpo deve desenvolver a Mente.
3. Está determinado que a Mente deve desenvolver-se de forma diferente das outras mentes, e viver para sempre.

Estes não são meros raciocínios hipotéticos, mas sim testemunhos universais e demonstrações absolutas da criação—são, de fato, simplesmente as próprias instruções da Natureza.

Acredito que poderá compreender e aceitar mais facilmente a ideia da "recordação do passado e do reconhecimento dos amigos" no outro mundo ao refletir sobre a ligação última que existe entre a primeira e a segunda esferas da existência humana. A relação entre elas é tão íntima quanto a que existe entre juventude e maturidade, amor e sabedoria, percepção e memória. A experiência, o caráter e o progresso de um indivíduo nesta vida estão registrados nele e serão, até certo ponto, manifestados por ele na vida futura. E o amigo ou companheiro que nos marcou com amizade e afeição aqui será recordado no além.

Existem ainda duas outras demonstrações da imortalidade da Alma, a saber:—A independência da mente em relação ao organismo corporal, como se manifesta na Clarividência; e a comunicação espiritual através das vibrações elétricas. Ver "Philosophy of Spiritual Intercourse", do autor.

A passagem desta esfera para a próxima não representa para o indivíduo uma mudança mais drástica do que uma viagem da América para a Inglaterra, com exceção da quase total emancipação das direções rudimentares e imperfeições terrenas. Assim, sou ensinado sobre os princípios que sustentam as sublimes e celestiais realidades de uma vida eterna.

E assim sou ensinado sobre a transformação conhecida como morte física. Posso assegurar-lhe que, para o entendimento esclarecido e ampliado, não há morte—apenas a mais importante e deliciosa mudança no modo de existência pessoal. E, sendo nós imortais, e permanecendo connosco as memórias desta vida até serem substituídas por experiências mais proveitosas e espirituais, decidamos de imediato instituir e manifestar, a partir de agora, uma vida bem ordenada e uma conduta digna de Deus.

Com disposição para instruir e para ser instruído,
Permaneço seu, etc.,
A. J. Davis

A partir do processo de raciocínio acima exposto, é claramente óbvio que a verdade ou princípio da imortalidade foi reduzida a uma ciência—ou a uma demonstração matemática.

Este tipo de raciocínio não é necessário para todos os homens, pois há poucas mentes que se permitem lançar-se num mar tão vasto e, até então, insondável de especulação intelectual—elas repousam sobre uma crença intuitiva e nunca pensam em questionar a possibilidade ou impossibilidade da identificação eterna do espírito. A carta acima será, portanto, de particular utilidade apenas para aqueles que possuem dúvidas angustiantes sobre este sublime tema.

SOBRE O DESTINO DOS ESPÍRITOS

Naturalmente sucedendo à filosofia da imortalidade da alma, desdobram-se pensamentos e especulações sobre as peregrinações eternas e os destinos multiformes dessa alma, que se demonstra, assim, de forma clara, ser constitucional e intrinsecamente imperecível e imutável. Estes pensamentos foram despertados na mente do interrogador já apresentado, provavelmente pela resposta que fui movido a dar à sua comunicação anterior. É minha convicção que o tema que nos ocupa não

pode ser tratado com tanta familiaridade de nenhuma outra forma, como o é na resposta que se segue. Apresento, portanto, a carta e a resposta tal como apareceram originalmente.

St. Louis, Mo.

A. J. Davis:

Senhor, — A sua carta em resposta à minha, sobre a Imortalidade da Alma, trouxe-me grande consolação; pela qual, aceite os meus sinceros agradecimentos. Há, no entanto, um assunto sobre o qual desejo obter mais esclarecimento: — é o seguinte: Se a alma, mente ou espírito do homem é substância — matéria — parece-me que chegará, num futuro, o momento em que toda a matéria da Terra será convertida em espírito, ou tanto dela quanto for capaz de se tornar espírito. Se apenas uma parte da matéria que compõe a nossa Terra for capaz de se transformar em espírito, e de fato o for, a que fim será destinada a outra parte?

Se toda a matéria que compõe a nossa Terra puder e for transformada em espírito — então, no que diz respeito à nossa Terra, isso será o fim da matéria inanimada. Em qualquer dos casos, qual é e onde se encontra o lar final, o lugar de descanso, ou o destino da alma? Por fim, qual é a diferença ou distinção entre Alma, Mente, Espírito e Matéria? Se me puder dar tanta satisfação nestes pontos quanto já me deu sobre a imortalidade da alma, ficará com uma dívida que nunca poderei retribuir; e, se não for pedir demasiado, solicito uma resposta, com a qual agradará a muitos leitores que procuram luz e verdade.

O seu sincero amigo,
J. S. F.

Resposta:

Estimado Inquiridor: — A sua carta chegou devidamente às minhas mãos; mas investigações numa esfera de pensamento bastante afastada da natureza das suas questões, e circunstâncias externas fora do meu controlo, foram as causas da demora da minha resposta. Subsequentemente à receção da carta acima referida, recebi outra da sua parte, contendo uma repetição das perguntas anteriormente colocadas, e um belíssimo Mapa e Vista de St. Louis.

Não é necessário que exprima o meu agradecimento e prazer pela receção do Mapa e das perguntas, pois o seu conhecimento da minha estrutura mental é suficiente para o convencer de que nada me dá mais prazer e satisfação do que expressões de Amor Fraternal e investigação independente em busca da verdade. Acredito que representa

uma classe muito avançada de indivíduos — resultado da tolerância e dos princípios de liberdade.

Deve ser reconfortante e encorajador para a classe progressista dos seus concidadãos, contrastar o espírito frio, restritivo e conservador dos fundadores da sua cidade, os Jesuítas, com os princípios relativamente livres e republicanos que permitem a edificação de qualquer igreja e a pregação de qualquer religião. E, exercendo o espírito da liberdade alargada assim concedida a todos, formulou questões que me agradam e que me sinto impelido a responder.

Interpretei e transpus as suas perguntas, de forma a torná-las naturalmente progressivas, da seguinte maneira:

1. Toda a matéria se tornará espírito?
2. A que fim será destinada a matéria não espiritualizada?
3. Qual é a diferença entre matéria e espírito?
4. São alma, espírito e mente sinónimos, ou não são?
5. Onde residirá o espírito?

Ao abordar um tema tão vasto e sublime, devemos despir-nos quase totalmente das impressões e influências do nascimento e da educação. Devemos refletir sobre estas questões como alguém que acaba de entrar neste mundo da vida e do ser, com todas as suas faculdades intelectuais e de raciocínio num estado elevado de desenvolvimento. Esse estado de simplicidade mental é necessário para a adequada receção e compreensão da verdade. Ao procurar a verdade devemos ser como crianças livres e sem artifícios; mas ao compreender e aplicar a verdade, devemos ser como homens livres e altamente esclarecidos. Neste estado mental, avancemos.

1. Toda a Matéria se tornará Espírito?

Resposta: Não. Porque a matéria e o movimento, ou a matéria e a mente, são eternos. Não temos base ou fundamento a partir dos quais possamos raciocinar, se tentarmos questionar esta convicção fundamental da verdade. Devemos começar a raciocinar (se desejamos Raciocinar) da seguinte forma: Deus e o seu Corpo são eternos. Não havia nada antes da Divindade pelo qual Ele pudesse ter sido criado; nem houve jamais um período nas profundezas do tempo em que a Matéria não existisse. Deus não foi criado — a matéria não foi criada.

Qualquer coisa que seja criada contém em si os elementos de mudança e desorganização. Qualquer coisa não criada está para além da esfera da mudança e da destruição. Quero dizer que, se algo foi criado, como os teólogos acreditam que a

matéria foi criada a partir do nada, então essa coisa conteria em si os elementos para regressar a esse mesmo estado — voltaria ao nada. Temos de admitir que a Mente (ou Deus) e a Matéria (ou Natureza), são não criadas e eternas.

Tudo o que sabemos sobre criação limita-se simplesmente à mudança incessante e universal de átomos que ocorre na vasta e imensurável organização de Deus, chamada Natureza. Criação, na verdade, é apenas uma mudança na forma, posição e influência dos átomos e elementos no Universo em que residimos, e do qual somos uma parte importante e inseparável. Uma criação correspondente ocorre perpetuamente nas nossas próprias constituições. Cada elemento, cada fluido e cada substância conhecida no organismo animal está a sofrer alguma modificação ou mudança — algo está, neste sentido, constantemente a ser criado nos nossos corpos.

O alimento que ingerimos é analisado e apropriado pelo fluido gástrico e pelas funções digestivas; e uma parte dele vai para a formação de osso, outra para a formação de músculo, outra para os nervos, outra ainda cria novas veias e artérias; e a parte mais subtil vai para a formação ou criação daquele princípio espiritual que move e ilumina todo o sistema. Esta ilustração familiar é suficiente para transmitir uma ideia clara do que constitui a criação, e de como os átomos, fluidos e elementos da natureza universal mudam e circulam desde o centro do poder eterno até às manifestações mais longínquas da infinita imensidão.

Ora, perguntar se toda a matéria se tornará espírito, seria admitir na mente a possibilidade de que aquilo que é não criado possa deixar de existir. Esta pergunta não é consistente com as bases fundamentais de todo o nosso raciocínio, e por isso responde-se a si mesma de forma negativa. Deus é espírito, e o culminar da sua criação, ou a proliferação do seu espírito na natureza, desenvolve corporeidades correspondentes, às quais chamamos espíritos humanos. Espírito gera espírito, como uma flor gera uma flor.

A pergunta, além disso, implica a possibilidade de um fim final; e penso que a sua mente foi impressionada com a ideia de que chegará um tempo, no futuro, em que a criação estará concluída, em que toda a matéria terá sido destilada em espírito, em que as almas humanas alcançarão o seu "lar final", e em que a progressão universal terá fim. Toda a matéria que compõe a nossa terra será refinada em espírito, e toda a matéria que vemos sob a forma de sóis e planetas no firmamento infinito acabará por ser convertida em espírito; mas então, ainda restará um universo de matéria — um universo ilimitado de materiais — não espiritualizados, e também materiais milhões de vezes inferiores à Terra na escala de progresso e refinamento, ou ao que é agora o granito em comparação com o espírito humano refinado.

Portanto, para a nossa capacidade de compreensão muito limitada, toda a matéria se tornará espírito; mas, para a capacidade ilimitada da Alma Central, e comparada

com os materiais inesgotáveis que compõem a sua constituição física, uma porção muito pequena de matéria parecerá assim convertida.

2. A que fim será destinada a matéria não espiritualizada?

Esta pergunta implica a suposição de que o processo de criação — de progresso e desenvolvimento — cessará, em última instância, e que ocorrerão disposições finais; que tudo terá uma posição e uma função atribuída, e que uma fixidez eterna dominará a infinidade. Mas, embora esta hipótese não seja admissível na nossa filosofia de progresso eterno, existe uma resposta para a pergunta.

É a seguinte: Quando a estrutura atual do Universo tiver servido, tanto quanto lhe for possível, os propósitos de refinamento material e desenvolvimento espiritual, e tiver convertido tanta matéria em espíritos humanos quanto as suas inúmeras e imensuráveis disposições permitirem, então os materiais residuais recairão nesse “oceano inimaginável de fogo líquido”, e uma nova estrutura será desenvolvida. Antes que a ordem atual do Universo mude, mais do que aquilo a que hoje chamamos uma Eternidade de tempo terá passado.

Mas a mudança deve, e irá, ocorrer. E cada reconstrução do Universo será uma melhoria infinita em relação à estrutura precedente. E as criações ou desdobramentos finais de cada nova estrutura sucessiva transcenderão infinitamente os desenvolvimentos daqueles Universos que desapareceram, e que assim se afundarão no passado do esquecimento. Deste modo, a porção não espiritualizada da matéria servirá aos propósitos de uma nova criação. E é assim que os princípios de Associação, Progressão e Desenvolvimento exercem a sua influência unida e perpétua sobre o império dos mundos, do qual a nossa Terra é apenas uma parte muito insignificante.

3. Qual é a diferença entre Matéria e Espírito?

Quase todas as palavras que descrevem a qualidade de algo são relativas — têm um significado relativo. Falamos, geralmente, por contraste. De fato, num Universo como este — tão repleto de variedades e diferenças — é quase impossível usar outro tipo de palavras que não as relativas para comunicar as nossas ideias. A opinião geral é, como decerto sabe, que o espírito é algo completamente diferente da matéria.

Mas a razão conduz-nos imediatamente a esta simples conclusão: que o espírito é algo; e algo tem de ser substância, caso contrário será nada; ou, dito de forma mais simples, não poderia haver tal coisa como espírito. Aceitando, então, a razão como guia para a verdade, não podemos resistir à convicção de que o espírito é substância, e, na ausência de uma palavra melhor, chamamos a essa substância “matéria.” Não devemos confundir a questão em consideração com outras de carácter semelhante. A

pergunta não diz respeito à origem do espírito, nem aos elementos e princípios envolvidos na sua constituição indestrutível, mas sim:

Qual é a diferença entre matéria e espírito?

Respondo — espírito é uma palavra que, no meu entendimento, significa uma organização da matéria no mais alto estado de avanço, refinamento e perfeição. O espírito é uma unidade indissolúvel das partículas mais finas da matéria. Existe tanta diferença entre o espírito e a eletricidade quanto entre a eletricidade e a terra comum; mas a eletricidade é matéria, e o espírito também o é. Se estivéssemos acima do plano do desenvolvimento material, onde ocorre a organização espiritual, então estaríamos rodeados de ilustrações e processos análogos: mas, como não estamos, perceberá facilmente que um espírito não pode investigar nem compreender-se a si mesmo, e daí a obscuridade que envolve a investigação quando ultrapassamos certo ponto na tentativa de nos elevarmos e olharmos de cima para a organização espiritual.

Mas a diferença entre a maçã e a aparência e substância da árvore que lhe deu origem e individualidade, ou entre a rosa brava e as substâncias rochosas e musgosas que lhe deram alimento e beleza, não é menos maravilhosamente marcante do que a diferença que existe entre a matéria que vemos e o espírito que sentimos. Separe a maçã da árvore, e compare-a com a forma e substância dessa árvore, e terá um contraste tão poderoso quanto aquele que encontramos ao comparar o que sentimos e sabemos do espírito com o que podemos ver e tocar da matéria. Os fenômenos do primeiro não são mais compreendidos e apreciados do que os do segundo.

O espírito é organizado e tornado eterno no ponto mais elevado a que a matéria grosseira, ou aquilo a que se chama matéria inanimada, pode ascender. O espírito é, portanto, matéria no mais elevado estado de refinamento e organização; e a diferença consiste simplesmente nisto: a matéria é grosseira, inferior e exterior — e o espírito é refinado, superior e interior. Os termos matéria e espírito são, assim, indicativos da diferença de condição, forma e influência da mesma substância idêntica — e nada mais.

4. Serão a Alma, o Espírito e a Mente sinónimos, ou não?

Estou grato por esta pergunta, pois não se me apresentou nenhuma oportunidade, desde a apresentação das palestras que compõem as “Revelações”, em que uma explicação me parecesse apropriada. E não me é indiferente a enorme quantidade de obscuridade e contradição que o uso diversificado destes termos tem causado entre aqueles que tentaram tornar-se filosoficamente metafísicos, e mesmo entre aqueles que se consideram já raciocinadores consumados.

Alguns filósofos, entre os quais Swedenborg, consideram e afirmam que a alma é o meio envolvente mais exterior, que o espírito é o meio intermédio ou conjuntivo, e que a mente é o assento ou centro do Princípio pensante. Assim, o que eu denomino Vida é por vezes chamado Alma; o que denomino Sensação é por vezes chamado Espírito, e o que denomino Inteligência é por vezes chamado Mente.

Os teólogos, creio eu, não tentam discriminar entre estes estados progressivos da individualidade humana. Excetuo, naturalmente, o ramo metafísico dessa profissão. Agora, de modo a evitar mal-entendidos futuros, pelo menos entre os indivíduos inquiridores que leem o que tenho produzido ou possa vir a produzir, respondo de bom grado à pergunta.

1. Considero o Movimento como a primeira manifestação da mente — uma indicação da Grande Mente que reside por trás e dentro da Natureza; e uma indicação profética da existência de uma mente correspondente como o derradeiro resultado ou perfeição da Natureza.
2. Considero a Vida como o primeiro desenvolvimento do Movimento, e a segunda indicação de Inteligência.
3. Considero a Sensação como o primeiro desenvolvimento da Vida, e a terceira indicação da Inteligência futura ou derradeira.
4. Considero a Inteligência como o mais elevado desenvolvimento do Movimento, da Vida e da Sensação, e uma manifestação perfeita da organização interna, viva e imutável. E quando utilizo os termos Alma, Espírito e Mente, refiro-me ao Indivíduo interno e imortal. Quando Movimento, Vida, Sensação e Inteligência se encontram reunidos e organizados, denomino essa organização uma unidade de elementos e atributos; e esses elementos e atributos dispõem-se segundo a sua ordem natural, sob os termos abrangentes de Amor e Sabedoria — termos que expressam de forma perfeita as características naturais e manifestações legítimas desses princípios internos.

Assim, quando uso os substantivos — Alma, Espírito, Mente e Indivíduo — o pensamento que sugere a sua utilização repousa invariavelmente sobre o Homem interior, sobre a Unidade individual, que é construída sobre princípios que elevam essa unidade acima do plano da mudança e da desorganização. Por conseguinte, a pergunta responde-se afirmativamente — os termos são, de forma inequívoca, sinónimos.

5. Onde residirá o Espírito?

Esta pergunta surgiu na sua mente ao admitir a suposição de que haverá um fim da matéria sob a forma de mundos; pois, se os mundos materiais deixarem de existir, a mente dificilmente poderá imaginar uma habitação local para as miríades de almas individuais que exigiriam residência em algum ponto das solidões da imensidão.

E parece também que a sua mente foi perpassada por uma ideia indefinida de que destinos “finais” serão alcançados por todas as almas e por todas as coisas. Mas, sendo a matéria eterna e as almas em constante progresso, conforme já foi declarado nas respostas anteriores, esta pergunta exige uma resposta diferente.

Afirmo que a atual estrutura do Universo mudará, em última instância, e que um novo Universo surgirá, sendo que novas e superiores criações serão a consequência inevitável. Ora, quando todos os mundos de organização material tiverem cumprido as suas respectivas missões na individualização de espíritos imortais, e cada mundo se tiver desorganizado e retornado ao seu vórtice original de caos, então — **onde residirá o Espírito?** A pergunta surge naturalmente aqui, e aqui será melhor compreendida, porque é necessária.

Após as almas individuais abandonarem este planeta (e todos os planetas no espaço universal que geram tais organizações de matéria), ascendem à **Segunda Esfera de existência**. Aí, todos os indivíduos passam por uma disciplina angélica, pela qual toda deformidade física e espiritual é removida, e a simetria reina em todo o império imensurável dos seres sagrados. Quando todos os espíritos tiverem progredido até à Segunda Esfera, as várias terras e planetas do Universo, que outrora fervilhavam de vida e animação, estarão despovoados, e nenhum ser vivo se moverá sobre as suas superfícies.

E assim, não haverá destruição da vida nesse período de desorganização, mas as terras, os sóis e os planetas morrerão — a sua vida será absorvida pelo Espírito Divino. Deus é Positivo — tudo o mais é negativo. Ele é o Poder em Movimento — tudo o resto é movido. Ele expandirá a sua capacidade mais íntima e atrairá os elementos brilhantes do Seu ser, que permeiam a vasta extensão da matéria; e toda a matéria que não estiver organizada em espírito morrerá e retornará à sua condição original. Mas os habitantes da segunda esfera avançarão, em última instância, para a terceira, depois para a quarta, depois para a quinta, e finalmente para a **sexta esfera**; esta sexta esfera é o mais próximo que os espíritos podem local ou fisicamente alcançar da grande Mente Positiva.

É maior do que todas as outras. Ela circunda a infinidade. Está na vizinhança do aroma divino da Divindade; é infinitamente aquecida e embelezada pelo Seu Amor infinito, e é iluminada e tornada indescritivelmente magnífica pela Sua Sabedoria tudo-abarcante. Nesta esfera inefável, em diferentes estágios de progresso individual, habitarão todos os espíritos.

Serão mantidos juntos pelas emanções atraentes da Divindade, como sob a proteção segura de um cinto infinito, que abraçará toda a esfera onde residirão multidões incalculáveis de almas criadas e eternizadas. O Pai Universal reunirá assim a Si todas as imagens da Sua criação — todos os membros diversificados da Sua casa; e assim, a “casa de muitas moradas” será completamente ocupada pelos muitos membros da família recolhida.

Isto pode ser considerado como o **lar do espírito**; mas ainda maiores missões e bênçãos determinarão os caminhos por onde cada unidade conjugalmente unida caminhará — caminhos salpicados de mundos de beleza e harmonia, inumeráveis e imensuráveis.

Quando todos os espíritos chegarem à Sexta Esfera de existência, e o Amor e a Sabedoria protetores da Grande Mente Positiva os envolverem ternamente; e quando nem um único átomo de vida estiver a vagar longe do lar, pelos campos e florestas da imensidão; então a Divindade contrai a sua capacidade mais íntima, e imediatamente o vórtice ilimitado é sacudido com uma nova manifestação de Movimento — Movimento que transcende todas as nossas concepções, e que se propaga de um lado ao outro, do centro à circunferência, como marés poderosas do Poder Infinito.

Então, a lei da Associação ou da gravitação manifesta a sua influência e tendência na formação de novos sóis, novos planetas e novas terras. A lei do progresso ou refinamento segue-se, e manifesta a sua tendência invariável na produção de novas formas de vida nesses planetas; e a lei do Desenvolvimento vem a seguir, e manifesta o seu poder na criação de novas plantas, animais e espíritos humanos sobre cada terra preparada para os receber e nutrir.

Assim, Deus criará um novo Universo, e manifestará nele diferentes e maiores elementos e energias. E assim, novas esferas de existência espiritual serão abertas. Essas esferas serão tão superiores às inefáveis glórias atuais da sexta esfera, quanto a sexta esfera é atualmente superior à segunda, que por sua vez é superior à esfera da Terra. Quando o novo e superior Universo estiver completamente desdobrado, ou quando os novos céus e as novas terras forem desenvolvidos, os espíritos na sexta esfera estarão novamente na segunda esfera; porque a mais alta esfera da ordem atual do Universo constituirá a **segunda esfera** na nova ordem a ser desenvolvida. Assim, haverá quatro esferas pelas quais os espíritos e anjos, no culminar do novo desdobramento, poderão progredir — tal como existem agora quatro entre a segunda esfera e a sexta, que acabámos de considerar.

Já foram desenvolvidos mais novos Universos, da forma aqui descrita, do que átomos existem na Terra. E suponho que será quase desnecessário afirmar que a mente humana é incapaz de calcular os milhões de séculos necessários para que até

mesmo aquelas almas que agora habitam a Segunda Esfera progridam até à que se encontra acima — a Terceira Esfera. E seria ainda mais inútil tentar afirmar quantos milhões dessas eternidades, quantas pudermos conceber, decorrerão até que comecemos sequer a aproximar-nos daquela mudança nas relações Universais de que falei.

Mas já respondi à pergunta. O Espírito não terá “lar final”; porque, para um ser imortal, o descanso seria intolerável — seria o mais próximo da aniquilação, e ainda pior do que a mais perfeita concentração de todas as misérias do inferno lendário. O espírito progredirá eternamente! Estará sempre em harmonia com as circunstâncias envolventes, e por isso residirá sempre no céu. As mesmas diferenças existirão nas esferas futuras da vida como existem neste mundo — refiro-me às diferenças estabelecidas pela real e intrínseca perfeição da constituição, educação e harmonia do indivíduo.

Mas o espírito caminhará por aqueles caminhos resplandecentes que os anjos trilham, abrindo comunicações entre os habitantes celestiais das esferas celestiais e aqueles espíritos nobres nascidos da nossa Terra. Vivamos, pois, de forma justa, verdadeira e pura; porque, ao fazê-lo, a nossa posição será dominante e gloriosa nessas incontáveis esferas onde o espírito há de residir.

Nos laços da fé e da amizade,
Permaneço o vosso, etc.,
A. J. Davis

O QUE É E ONDE ESTÁ DEUS?

A Terra não pode forjar correntes capazes de prender o pensamento humano. A Mente foi concebida para uma liberdade sem limites; as suas aspirações elevam-se para o belo, o glorioso, o sublime, e para o Grande Princípio em Movimento do Universo. Nada é demasiado livre, demasiado estupendo, demasiado magnífico ou demasiado sagrado para a contemplação humana.

Procurar, explorar, analisar, interrogar, revelar — eis a atração e missão do intelecto expandido e iluminado; e não há, na Terra desdobrada nem nos Céus revelados, nada demasiado ínfimo ou insignificante, demasiado incompreensível ou abrangente, que a mente livre não possa investigar e inspirar-se para incorporar na sua subtil constituição. A mente busca o eterno porque é ela própria eterna. Esforça-se por compreender a vasta extensão do infinito, porque é ela própria parte de uma Mente Infinita inconcebível.

Dizer que a Alma humana não deve aventurar-se na investigação das coisas puras, eternas e infinitas — tentar aprisionar o pensamento e o sentimento humanos — é afirmar e tentar o mais absurdo e impossível dos atos. A mente está encarnada num templo físico cujo teto se mede em polegadas, e ainda assim os seus pensamentos e afetos expandem-se para salões de dimensões muito maiores; e, insatisfeita com a ampla e bem mobilada sala de estar ou quarto de dormir, a mente procura a vasta extensão da Terra, determina a localização dos seus mares inquietos, dos seus numerosos montes e vales, mede o seu diâmetro e calcula a sua circunferência.

E ainda assim, a mente não adormece no sono da plena satisfação. A Terra é demasiado limitada, demasiado facilmente compreendida, e a sua materialidade é demasiado óbvia para a alma. O firmamento convida o Pensamento que aspira, e a mente procura os Orbes vivos que giram ao longe, nas paisagens oníricas da infinitude ilimitada.

Estrela após estrela é contada; e as várias constelações de corpos celestes são identificadas e mapeadas como marcos ao longo das estradas que nos são familiares. E ainda assim, a mente continua! Investiga os mistérios inefáveis dos céus siderais, e a magnitude daquelas invisíveis esferas de grandeza que giram para além das estrelas mais distantes. Maravilhada com a grandeza, a harmonia e a incompreensibilidade das coisas visíveis abaixo, ao redor e acima, a alma — pulsando de alegria e com o desejo inexpressável de saber mais — pergunta: “O que é e onde está Deus?”

E esta interrogação involuntária da alma não pode ser silenciada por nenhum poder humano; é um pensamento que nenhuma prisão pode conter, que nenhuma corrente pode prender; só pode ser aquietado com conhecimento. Livre e sem amarras — salvo pelas sensações do corpo físico — a alma procurou esse conhecimento abrindo todos os labirintos acessíveis da natureza que prometessem ou parecessem conduzir a Deus.

Os campos da ciência foram atravessados e explorados; as belezas da arte foram desdobradas pela mente humana para contemplação humana; e as obras religiosas e teológicas de todas as nações foram escrutinadas, com o intuito de que a alma pudesse compreender e contemplar o Supremo Governante do Universo — mas Ele

continua a ser o Grande Desconhecido, a Grande Mente — o Pai invisível e incompreendido de todos os espíritos — o Puro, o Santo, o Eterno, o Infinito Eu Sou.

Todas as nações acreditam na existência de um Princípio invisível; algo semelhante a um ser humano, e ainda assim um Espírito poderoso e grandioso — capaz de criar e extinguir toda a criação visível e invisível. Entre algumas seitas pagãs, há uma concepção de Deus que se assemelha à convicção que prevaleceu entre as antigas seitas egípcias — um “Espírito da Natureza”, que possuía as feições e atributos do “Homem” em grau infinito — um “Grande Príncipe”, um “Rei dos Reis”, “Senhor dos Senhores” — um ser essencialmente humano, e ainda assim suficientemente exaltado e supremo em santidade, para ser chamado Divino e Imaculado no sentido mais elevado desses termos.

Talvez possamos compreender este tema de forma mais fácil e natural se nos permitirmos fazer, com toda a sinceridade e simplicidade de espírito, a seguinte pergunta:

Qual é a origem da crença em Deus?

O elemento filial, ou afeto, na alma humana, como expliquei anteriormente, é a residência de um amor pelos superiores. Daí que a crença em Deus, ou num poder superior, seja indígena à alma e, conseqüentemente, comum a todas as nações e tribos à superfície da Terra. Depois de a mente se familiarizar com os objetos e paisagens que a rodeiam, e quando estes deixam de despertar sentimentos de curiosidade e deslumbramento, a mente avança em busca do Invisível e do Superior.

Existem inúmeras fontes de Vida e Causa. As coisas exteriores e visíveis procedem de fontes interiores e invisíveis. E a mente jovem e inculta vê-se compelida a perguntar — quem fez todas estas coisas? As concepções que a mente formará de Deus serão condicionadas pela crença predominante entre os seus compatriotas; mas a ideia que a mente desenvolverá de Deus, se pensar de forma independente e legítima sobre o tema de um poder superior, será um reflexo fiel e representativo do carácter do próprio indivíduo. Uma ideia é a forma ou organização de uma concepção; esta última é a alma da primeira.

Dominado por admiração e gratidão, o índio simples medita sobre as maravilhas do Grande Espírito. E são muitas e variadas as razões pelas quais, pensa ele, deve reverenciar com respeito e temor indizíveis o poderoso criador. E para o índio, talvez mais do que para qualquer outro ser, essas razões são onnipresentes e poderosas. Eis os animais do campo, as aves do céu, os peixes do mar — quão fortes, quão sublimes! Quão úteis! As estações vão e vêm; as montanhas estão carregadas de frutos e folhagem; os vales perfumados brilham com flores; e os Céus estão cravejados de luzes inumeráveis que o guiam no seu caminho.

Pergunta ao índio por Deus, e ele descrever-te-á um sachem sublime — um chefe poderoso de uma tribo gloriosa. Se tiver pensamento suficiente para dar voz às suas ideias, descreverá lagos repletos de peixes, florestas de aves e animais, e os vastos campos de caça que pertencem ao poderoso sachem da terra espiritual. De acordo com o estado da sua própria mente será o Deus do índio; a diferença residirá não no carácter, mas na magnitude e poder. Desacreditar num chefe superior é, para o índio, uma impossibilidade; a sua própria existência é a sua demonstração. O seu carácter e desejos constituem o seu padrão de julgamento; e o seu Deus é ele próprio, magnificado e refinado.

Pergunta ao pagão por Deus, e ele perguntar-te-á de qual queres saber. Tem um deus do fogo; um deus da terra; um deus do ar; e um deus da água; tem um deus das paixões — um deus das estações — um deus dos elementos imponderáveis — um deus dos planetas; e um representante de todos eles no Fetiche, o Ídolo dos Hindus e de outras nações pagãs.

O deus pagão é essencialmente um deus dos pagãos. Os seus atributos, o seu governo e os seus juízos são pagãos; e o paganismo é a sua religião.

Instruído pela experiência e confirmado pela sua posição e título, o Patriarca acredita num Deus de carácter patriarcal. Moisés considerou adequado e oportuno governar os seus seguidores incultos através de medidas coercivas; e o seu Deus governa pelo mesmo sistema. Os dez mandamentos foram concebidos e escritos por Moisés; consequentemente, foram comunicados e sancionados pelo Deus mosaico. O Deus patriarcal é um Moisés magnificado e refinado; pois, se compreendermos a organização mental e disposição de Moisés — se compreendermos o seu sistema de governo social e nacional; se compreendermos os seus caprichos e inconstâncias, os seus avanços e recuos, as suas experiências e arrependimentos — então compreendemos a disposição e o governo do Deus patriarcal.

O Deus de Josué era caprichoso e vingativo. Permitiu a Guerra, a Rapina e a Devassidão. A diferença entre o Deus de Moisés e o Deus de Josué é a diferença entre os dois indivíduos. De fato, não se pode ocultar que o Deus de Josué era diferente do Deus dos dez mandamentos, na mesma medida em que diferem as opiniões e ações que caracterizam a história e experiência dos dois chefes.

O Deus Patriarcal possui todos os atributos e títulos compatíveis com a sua posição; mas o modo peculiar das suas manifestações aos seus filhos dependentes é invariavelmente determinado pelas circunstâncias particulares em que é feita a (assim chamada) revelação. Por exemplo: Moisés relata como o seu Deus se aproximou do Monte Sinai, como trovões e relâmpagos, fogo e fumo, indicaram a sua presença. Esta foi a mais temível forma de manifestação divina.

Noutra ocasião, Moisés viu o seu Deus manifestar-se numa sarça ardente; noutra ainda, apenas as partes posteriores do seu corpo eram visíveis — o seu rosto sendo mortal para quem o visse. No entanto, parece, pela história primitiva, que Deus era frequentemente “livre de face” com Aarão e com outros dentro da nuvem sobre o tabernáculo; e também que “caminhou com Noé”, e lhe deu indicações do Dilúvio, instruindo-o sobre como se salvar, juntamente com dois de cada tipo de réptil, ave e animal.

O modo como o Deus ou deuses de qualquer nação ou indivíduo se manifestaram nunca deve ser confundido com a sua disposição ou sistema de governo. Sinto que todas as descrições das diversas manifestações de deuses, tradicional e historicamente preservadas e transmitidas até nós, são estratégias, mal-entendidos ou falsidades dos indivíduos.

Homens e reis que vão para a guerra aspiram à aprovação dos seus deuses; e, receando que os seus exércitos ou seguidores percam coragem e força sem a justificação de algum poder superior, esses Líderes e Reis aproveitam-se de um deus já reconhecido, ou inventam manifestações de aprovação divina ao realizarem feitos aparentemente maravilhosos e sobrenaturais. Josué conduziu os israelitas à batalha; confiscou bens; arrasou cidades; devastou regiões habitadas; assassinou prisioneiros do sexo masculino, e brutalizou as cativas — tudo em nome e sob a aprovação do seu Deus.

Os persas consideram, e continuam a considerar, Ormuz como a autoridade pela qual vivem e governam. Os hindus consideram o ídolo Juggernaut (*senhor avassalador do mundo*) autoridade suficiente para todos os atos de crueldade, assim como para atos de bondade, que sentem ser chamados a praticar; e as nações europeias e americanas consideram o Deus da Bíblia (que é o ídolo soberano das ordens sacerdotais da cristandade) como autoridade suficiente para a Guerra, Monarquia, Tirania, Escravidão e Assassinato. Pergunta ao cristão por Deus — e receberás uma resposta composta de três elementos: Educação, Situação, Convicção. A convicção, no entanto, é a medida e o resultado dos outros elementos da resposta; e pode ser avaliada como expressão daquilo que o indivíduo sente.

Assim, para conhecer o carácter de uma pessoa, pergunta-lhe sobre o Deus em quem crê — e a sua resposta — se for sincera e honesta — revelará a sua própria disposição e crescimento espiritual ou intelectual.

Recentemente, foi dito a um cavalheiro de reconhecido talento e veracidade que a linguagem dirigida aos judeus e à multidão (atribuída a Cristo), “raça de víboras, etc.”, teria sido proferida por outro indivíduo; e que tal expressão era inconsistente com a doçura moral constante e o perdão filosófico do carácter de Cristo, e não em sintonia com as palavras “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem,”

proferidas, em circunstâncias três vezes mais dolorosas, à mesma classe de pessoas; — mas o cavalheiro exclamou impacientemente, em resposta — “Cristo disse isso — eu sei que sim — era mesmo típico de Cristo!” Mas, na realidade, não era típico de Cristo — era típico do próprio cavalheiro.

O Deus cristão é construído segundo princípios patriarcais. O seu governo é arbitrário e monárquico; e não é muito superior aos caprichos, experiências, ciúmes e represálias do Deus mosaico ou pagão. Mas estes defeitos de carácter são ocultados da observação pelo manto magnífico da Justiça. O seu capricho é chamado justiça.

As suas dádivas e juízos parciais são denominados justiça. As suas punições eternas, e perseguições maliciosas dos ímpios (assim chamados) são designadas por justiça; e, assim, o belo termo Justiça — que é, no seu verdadeiro sentido, o representante de um princípio de reciprocidade universal de direitos e de gozos — é usado como máscara para ocultar os defeitos do carácter do Deus patriarcal.

Se os cristãos condenam à morte um assassino, fazem-no porque o seu Deus também o faz. Se vão à guerra; se escravizam o negro; se apoiam reis; se condenam, crucificam e manifestam vingança contra os seus inimigos; fazem-no porque o seu Deus também o faz. Agindo assim com base numa suposta autoridade divina, e confessando abertamente que o seu Deus possui os atributos selvagens e patriarcais sob o nome de Justiça, os cristãos demonstram ser intelectual e moralmente subdesenvolvidos — revelam-se carentes de percepção da verdadeira Justiça e de um Ser Supremo.

Repito: o Deus da mente humana é a percepção amplificada de si própria — e, por vezes, é uma profecia de si mesma no futuro! Os indivíduos, ou os povos, criam primeiro o seu Deus; e depois esse Deus cria-os a eles — forma-lhes o carácter e a religião! Um louco ou um impostor acaba geralmente vítima da sua própria loucura ou impostura; e assim também, pelo mesmo princípio de causa e efeito, os povos criam deuses: e os deuses criam os povos. Assim, um indivíduo é ao mesmo tempo criador e criatura — assim com as nações — assim com os séculos.

Com a mente ferida, insultada e repelida pelas investidas de uma teologia inferior ou dominante, e com cada sentimento generoso gelado pelo seu sopro desconfortante, alguns indivíduos abandonam o campo da religião popular e reúnem-se em bases independentes. Insatisfeitos com tudo o que ouvem ou leem sobre temas teológicos, essas mentes tornam-se cétricas quanto às doutrinas do passado e viram-se do antigo para investigar as verdades do Novo.

Se se voltam para dentro e pensam em Deus — o verdadeiro Deus — há três formas pelas quais pensadores e investigadores independentes concebem a sua existência, a saber: cientificamente, filosoficamente e teologicamente. Essas formas de

investigação e conceção da natureza e existência divina, embora consistentes, são diferentes e dão origem a muitas conclusões ilegítimas e erróneas — especialmente entre os que pensam sem método ou discernimento técnico.

Se uma mente é cética — se está nesse deserto árido de Gelo, conhecido por todos os peregrinos da verdade como Ateísmo — então também esse indivíduo revela a sua verdadeira disposição e desenvolvimento espiritual. Se o seu Deus é o Nada — se o seu Deus é o Caos — então ele próprio é Caos. Com a alma assim privada daquela percepção superior de si mesma — a que podemos chamar conhecimento — o indivíduo torna-se indeciso e pouco fiável. A sua confiança em si próprio ou no próximo é tão nula como as suas conceções de Deus — pura inexistência.

O fato é inegável: quer se pergunte ao Selvagem, ao Bárbaro, ao Patriarca — quer se pergunte a Moisés, ou aos líderes religiosos modernos — “Quem é Deus?” — a resposta será sempre característica do grau de evolução, do governo, da disposição e das qualificações da pessoa, da sua Época e da sua Nação. Mas para trazer a primeira conceção de Deidade à mente, avancemos e consideremos a seguinte questão:

O que é Deus, cientificamente considerado?

Conhecimento é outro nome para experiência, que a mente humana só pode receber por meio dos sentidos. Refiro-me às sensações de prazer e dor, de frio e calor, de quietude ou agitação que o indivíduo experimenta ao entrar em contato com a imensa variedade de elementos e objetos do mundo material — sensações essas armazenadas na memória. Na verdade, é mais correto dizer que todas as sensações experimentadas de modo sensorial ficam registadas no princípio vital; e, tanto para o indivíduo inferior como para a mente espiritualmente iluminada, esses registos são visíveis e servem de placas de orientação e advertências vivas nos caminhos da vida.

Os sentidos são adaptados ao mundo objetivo; são janelas através das quais a alma comunica com a Natureza exterior. De fato, os sentidos estabelecem uma ligação entre a alma e o mundo exterior, ou mundo dos efeitos. Por isso, os sentidos não podem reconhecer causas, a não ser que estas sejam muito externas e superficiais, porque as causas residem profundamente no seio do mundo invisível.

As mentes que são denominadas e consideradas científicas são aquelas altamente educadas na natureza e diversidade dos efeitos. Ciência é, simplesmente, o conhecimento dos efeitos, ou dos objetos e elementos exteriores, do seu modo de existência, da natureza e extensão da sua influência, e dos princípios pelos quais são individualmente governados. Ciência, então, é uma investigação sobre os efeitos; e Filosofia é uma investigação sobre as causas.

As investigações científicas são inferiores a qualquer outro tipo de inquérito humano sobre a verdade e o conhecimento; porque não desenvolvem nem refinam a mente em si, apenas a informam de um leque mais vasto de efeitos e fenómenos exteriores do que uma mera existência pessoal entre eles poderia proporcionar. Mas a principal razão pela qual considero a ciência inferior a outras áreas de investigação é esta: quando perseguida exclusivamente, transforma o indivíduo num materialista, num mero crente em objetos e fenómenos visíveis, e num descrente de quase tudo o que é invisível e superior.

No entanto, há um tipo de ciência composta que abrange tudo o que é palpável, e que conduz-me — e a muitos indivíduos que só conseguem raciocinar e perceber a partir do que veem, ouvem, saboreiam e experimentam — ao limiar da questão em consideração. E aqui deixem-me ser corretamente compreendido. A investigação é inteiramente científica — reconhecendo que os Fatos são Coisas, e que as Verdades são Princípios; e que a presente visão de Deus é aquela que a razão reconhece como demonstrada pela experiência e observação, não dependendo nem procurando outro tipo de provas que naturalmente se organizariam numa investigação filosófica ou teológica do mesmo tema. Em todas estas considerações, sou impelido a ser breve e abrangente.

Deus, cientificamente considerado, é o maior Fato do universo — é o maior Princípio — é a maior Realidade!

Deus é, neste sentido, o Princípio Ativo ou em Movimento, e difere da Natureza neste único aspeto: enquanto Deus é Ativo e Move, a Natureza é Passiva e Movida. Em contraste com Deus, a Natureza parece inerte e sem vida; mas inércia e ausência de vida absolutas não existem. Sendo, portanto, Deus o maior Fato e a maior Realidade existente, segue-se, por princípios científicos ou de indução científica, que Ele é um Fato fixo, uma Realidade fixa. Em linguagem mais simples: Deus é um ser de necessidade absoluta. É possível que Deus exista, que deseje, que aja, que goze; mas não é possível que cesse de existir, nem que mude na sua natureza, disposição ou modo de existência.

Deste modo, temos a certeza plena da Existência Eterna e Imutável de Deus; pois, segundo princípios científicos, está provado que Ele é um Princípio de Necessidade, no que diz respeito à Constituição e Existência. E, no entanto, pode dizer-se que Deus é também um Princípio de Liberdade, na medida em que a ação imutável, de forma infinitamente justa e divina, parece tornar essa ação uma vontade voluntária mas imutável, e um desejo voluntário mas imutável. Há, em tudo isto, apenas a liberdade de uma uniformidade eterna de vida.

A ciência só pode reconhecer Deus como um Fato — uma Realidade — um Princípio — uma Coisa, por assim dizer, superior a todas as outras coisas — e um Princípio mais vivo do que qualquer outro.

Profundamente filosófico como era, em geral, o brilhante intelecto do Barão D'Holbach, é, no entanto, verdade que ele não obteve uma compreensão mais clara da existência de Deus do que aquela sugerida e sancionada pelos princípios usuais da investigação e indução científica; e foi pela sua admirável formulação dessas concessões e conclusões científicas que, numa obra anterior minha (*Revelações Divinas da Natureza*), recomendei os seus escritos teológicos à leitura das mentes independentes.

Vivificando todas as coisas para a satisfação universal de todas as coisas; e substancializando tudo para a realização universal das substâncias, Deus habita em conexão com todas as substâncias e elementos, individualizando o seu Movimento, a sua Vida, a sua Sensação e a sua Inteligência neles. Estando para além da possibilidade de autodestruição, atualiza-Se nas formas mais exteriores e aparentemente insignificantes da matéria, e assim, na sua manifestação externa, torna-se Natureza. A afirmação científica de que Deus é Natureza, portanto, é um fato; e a mente que não consegue reconhecer Deus como Natureza, neste sentido, não se encontra num estado muito elevado de cultivo intelectual.

E aqui convém dizer que muitos indivíduos conceberam Deus desta forma, enfrentando toda a espécie de oposição clerical — sendo denunciados como infiéis, deístas, ateus, como tudo exceto aquilo que são — ou seja, crentes em Deus considerado cientificamente. São pessoas habituadas principalmente à investigação externa; e inaptas para conceber Deus sob qualquer outra luz; por conseguinte, devem ser valorizadas pelo que procuram ser, e não apenas pelo que são.

Sendo Deus um Fato, uma Realidade, um Princípio, é cientificamente aceitável supor que Ele seja Substância — seja Matéria. Pode afirmar-se que Deus é uma Substância fixa, o que o torna uma Realidade fixa. Ele é um Poder fixo e necessário — de fato, Ele É o que É; e não tem no seu poder ser, ou querer ser, outra coisa! Esta afirmação, certamente, dispensa argumento — é uma verdade manifesta — não requer discussão.

Deus é uma organização de Elementos e Atributos; mas as evidências desta proposição pertencem, propriamente, a uma investigação filosófica sobre o mesmo tema; pois a ciência, como já foi dito, trata apenas de fatos e coisas. Os seus elementos são Movimento, Vida e Sensação; os seus atributos estão abrangidos pelo termo Inteligência. Em outra linguagem, os seus elementos estão incluídos no termo teológico ou religioso Amor; e os seus atributos no termo filosófico Sabedoria.

Sendo substância em e de Si próprio, e exercendo um poder ativo e em movimento continuamente no Império da Matéria, é razoável concluir que os seus atributos e elementos também são matéria ou substância, e que são apreendidos — embora não reconhecidos — pelo observador superficial dos objetos e fenómenos da natureza externa. Assim, segundo os princípios científicos, somos conduzidos à conclusão legítima de que toda a vida das plantas e dos animais, e todos os fenómenos de atração, gravitação e dos elementos imponderáveis, são atribuíveis ao Princípio Ativo e em Movimento, chamado Deus.

Estando universalmente difundido por toda a Natureza — e estando tão imutavelmente fixado a ponto de estar além da menor possibilidade de alteração — Deus atua e manifesta-se de forma igual em todo o lado, e de forma geral idêntica. As Leis da Natureza, estando assim universalmente estabelecidas, e a sua operação sendo constante e inalterável, a mente humana pode repousar no seio da confiança, e nunca ser perturbada por dúvidas ou desconfiança. Pois, sendo Deus uma realidade fixa — e sendo incapaz de desejar ou querer mudar — somos penetrados por uma espécie de satisfação nas consequências últimas das coisas, que assegura uma calma perfeita, porque temos uma percepção intelectual da verdade — sem a qual não pode haver confiança verdadeira.

A partir da experiência e observação exteriores, a mente habitua-se aos movimentos uniformes da Natureza; e é missão e propósito da ciência reduzir esses movimentos regulares, embora diversos, a um sistema de ações, sendo estas ações designadas por termos apropriados. Confusos e perturbados pelos termos, e pelos antagonismos aparentes no mundo dos Efeitos, no qual o pensador científico é educado, as mentes científicas muitas vezes se desentenderam e discordaram entre si; mas, vendo — como sou capaz de ver — pela percepção interior, a uniformidade ampla e universal dos processos da Natureza, sinto-me impelido a instituir os seguintes termos como significativos dos modos pelos quais Deus atua sobre e move o Universo:

Deus atua sobre a matéria de forma Anatômica, Fisiológica, Mecânica, Química, Elétrica, Magnética e Espiritual; — mas todos esses modos de Ação podem ser generalizados sob os termos abrangentes e apropriados — Atração e Repulsão; e, de forma ainda mais compreensiva e adequada, esses modos de Ação podem ser designados e interpretados pelos termos — Associação, Progressão e Desenvolvimento. Estes últimos termos significam, de igual forma, Princípios e as suas Manifestações — e pertencem à, e originam da, Filosofia Harmónica.

Recorde-se que uma investigação científica sobre a Natureza e o Modo de existência de Deus é o primeiro — e o mais inferior — esforço da Razão humana; por conseguinte, todas as conclusões dessa investigação serão de carácter inferior e exterior, ainda que verdadeiras até ao ponto que alcançam.

Mas a razão pela qual os clérigos e os seus seguidores — os leigos — deturpam ou denunciam uma visão científica de Deus encontra-se nisto: não pensam de forma sistemática nem independente. Se os clérigos pensassem de forma sistemática e independente, a consequência seria o reconhecimento destas conclusões científicas. Todos os escritores bíblicos falam de Deus como um Ser, como um Fato, como uma Realidade, como um Princípio; mas os seus termos são mais adaptados a uma visão teológica ou moral, do que a uma visão científica de Deus; e assim, em centenas de casos, disputas e dissensões surgem entre indivíduos por causa de ideias, quando a única causa da diferença é um mal-entendido de termos. Creio ser evidente que, se Deus é substância, Ele é uma substância fixa; e se é uma realidade, é uma realidade fixa.

Quando a mente coloca os “óculos científicos”, por assim dizer, ou observa o vórtice infinito da Vida e da Inteligência através de um telescópio ou meio científico, não se deve supor que as suas conclusões possam ser senão absolutamente científicas e rigidamente correspondentes. E pouco importa se é Confúcio, Moisés, David, Platão, Paulo, o Barão D’Holbach ou Swedenborg — se observam Deus por meios puramente científicos, as suas conclusões serão, e têm de ser, idênticas; e assim, a diferença entre qualquer destes indivíduos e os chamados deístas do presente século consiste apenas nos diferentes meios através dos quais observam o mesmo tema. Por meios, entenda-se os métodos de contemplação.

Mas a diferença entre os indivíduos, quando não empregam a Razão, reside na diferença das suas disposições e no seu estado de cultura intelectual. A veracidade disto será mais desenvolvida adiante.

A crença em Deus, repito, nasce das profundezas do afeto filial da alma; mas o entendimento de Deus surge da Razão. Aqueles que apenas descrevem a sua crença educacional, hereditária ou afetiva em Deus, descrevem sobretudo o seu próprio carácter; mas aqueles que descrevem a sua crença científica, filosófica, teológica ou religiosa em Deus, descrevem os meios ou métodos pelos quais o contemplam, e também o grau de crescimento intelectual que atingiram.

Tendo avançado até aqui na definição de uma concepção científica do Ser Divino, demos agora mais um passo e perguntemos com sinceridade:

O que é Deus considerado filosoficamente?

A Ciência considera Deus em relação a Coisas, Efeitos e Fenómenos; mas a Filosofia considera-O em relação a Princípios, Causas e Desígnios. Que esta distinção fique bem presente.

Deus, contemplado através de um telescópio filosófico, aparece como o Maior de todos os Corações; como o Grande Núcleo em torno do qual a expansão infinita das

substâncias se reúne em formas e ordens progressivas; como a Grande Causa, em torno da qual congregam efeitos infinitos e universais, e de onde esses efeitos procedem; e Ele surge como a Grande Fonte Central de toda a Vida e Amor, de toda a Ordem e Forma; e como o Sustentador e Revelador de todas as coisas — o magnífico Universo!

Contemplando a Causa Infinita de todas as existências nas Suas obras, a mente é irresistivelmente levada a crer que Deus é uma Organização Infinita e Inteligente. Que Ele é um ser inteligente vê-se pelo que Ele faz. As provas estão no fato de que todas as coisas fluem para formas, séries, graus e organizações progressivas.

Pode dizer-se que a Natureza existe e opera entre Deus e os seus desígnios. Todas as coisas foram instituídas para algum propósito infinito — para algum fim ou resultado importante. Esse fim deve corresponder à magnitude e majestade do Inventor da Máquina Universal. Pois a Natureza — com o seu número infinito de alavancas, molas, rodas, polias e laboratórios químicos — é evidentemente construída sobre princípios mecânicos e geométricos, para a realização de fins importantes, um dos quais já contemplámos anteriormente.

Rodeada por um número inconcebível de formas e organizações — cada uma ocupando uma posição específica e progressiva na Natureza — a mente humana não pode deixar de perceber que a causa de todas elas deve ser, em si mesma, uma Causa Infinita; que, para produzir organizações, Ele deve ser, Ele mesmo, primeiramente, uma Organização; que, para produzir inteligência, Ele deve ser, primeiramente, Inteligente; e que, para criar uma máquina infinita, Ele deve ser não só organizado e inteligente, mas também possuir um propósito glorioso, segundo o qual a Sua Maquinaria Universal foi construída. Seguramente, isto é raciocínio simples e claro.

Deus, portanto, filosoficamente considerado, é uma Causa Infinita; a Natureza é um Efeito Infinito; e o objetivo para o qual tudo foi constituído é o Uso ou Fim Infinito.

Deus é a Grande Mente Positiva; — tudo o mais é Negativo.

Contempla o vórtice eterno ou centro de onde procederam as dez mil milhões de mundos que povoam as margens da Imensidão; — contempla os ricos e inesgotáveis materiais que rolam em ondas sem fim até à Fonte Central; — contempla a magnífica abóbada azul que coroa a Santa Residência do Poder Criador; — contempla o intercâmbio inconcebível, a fusão e interpenetração do Fogo, do Calor, da Luz e da Eletricidade; — contempla uma Mente Positiva Presente e Inseparável, que, ao mesmo tempo que comanda, impõe obediência; e, no entanto, obedece a Si própria! Digo-vos, através do sublime telescópio da pura filosofia, contemplai toda esta Grandeza, esta Beleza, esta Harmonia — e a razão conceberá prontamente a proposição de que Deus é Positivo, e tudo o mais é Negativo.

Espírito e Matéria não devem ser confundidos, nem devem ser separados. Já afirmei, noutra ocasião, que ao definir o que é Espírito, fui compelido a utilizar o termo Matéria, na ausência de palavra melhor, porque exprime substância — e tal é o Espírito. Do mesmo modo, na presente investigação, a Mente Positiva não deve ser confundida com a Natureza, nem devem ser separadas. Deve manter-se firmemente presente na mente esta distinção: Deus é tão distinto e diferente da Natureza quanto o germe de uma árvore é dos seus frutos; ou quanto a Alma humana é diferente do Corpo humano — mas que aqui termine a distinção. Neste ponto, a analogia é completa e legítima.

Ao falar de Deus, a mente sente-se involuntariamente impelida a usar termos que transmitam a ideia de género masculino. É fácil compreender a causa deste uso de linguagem, bem como o pensamento que sugere a sua utilização. Quando a mente pensa em Deus, forma-se a concepção de um Grande Poder Positivo — de um Ser de Vida Celestial ilimitada (que é Amor) — de Vontade Ilimitada (que é Omnipotência) — e de Sabedoria infalível (que é Ordem e Forma) — e não é possível conceber um poder e uma energia reprodutiva de tal magnitude inconcebível sem recorrer a uma linguagem legítima que permita à mente elaborar uma ideia adequada da Sua natureza e atributos.

Muito se tem pensado, dito e escrito por pensadores teológicos e filosóficos sobre Deus: a sua natureza, atributos e modo de existência; mas creio que deve ser reconhecido que deixaram o tema quase como o encontraram; salvo, talvez, pelo mistério profundo com que o envolveram, e pela crença educativa e mitológica mediante a qual, em vez de um Deus, criaram um fantasma, para confusão total das ideias.

Sobre a Sua Personalidade, perguntemos agora:

Em certo sentido, Ele é um indivíduo; e, noutro, não o é. Deus publica e declara as peculiaridades e características distintivas da Sua personalidade ao mundo, dia após dia, ano após ano. Em cada edição do tipo humano — mesmo que essa edição não seja revista nem corrigida — vê-se uma nova republicação da Divindade enquanto personalidade.

Não é inútil perguntar em que consiste essa manifestação da Personalidade Divina: consiste nisto — o Espírito, como já foi demonstrado, contém elementos e atributos que, se o indivíduo se desenvolver devidamente desde o nascimento, tornam o espírito harmonioso; e por detrás dos sentidos do corpo estão os princípios ou germes dos sentidos, os quais, após a morte ou transformação, constituem os sentidos da mente.

Assim, por exemplo: por detrás dos olhos físicos, há princípios de percepção; por detrás dos ouvidos, princípios de audição; por detrás do sentido do tato, um

princípio de sensação em si mesmo; e quando o espírito, ou o indivíduo, se separa da organização física, esses princípios colocam o indivíduo na posse de sentidos idênticos — diferentes apenas no refinamento e na capacidade de felicidade, comparativamente aos que herdamos ao nascer.

Assim é com Deus. Ele não possui olhos físicos, nem ouvidos físicos, nem mãos ou pés físicos; mas contém os princípios da Percepção, da Audição, do Sentimento e todos os outros princípios — isso constitui a sua personalidade. Portanto, a Divindade é um Indivíduo em Princípios, e, no entanto, não está separada nem fora da Natureza.

Os Princípios da Natureza, ou da Divindade, são imutáveis. A Natureza é a substância mediadora entre a Causa e o Fim ou Resultado da criação; e é, por isso, o instrumento pelo qual uma Inteligência Infinita realiza resultados infinitos. E, como foi afirmado numa visão científica de Deus, essas Regras, ou Leis, ou Princípios (termos que utilizo como sinónimos), pelas quais Ele age sobre e move a Matéria ou a Natureza, são apenas significativas do seu modo de existência eternamente fixo!

E uma vez que Deus está fixado na Natureza, como a mola principal de um relógio, ou como o coração num corpo humano, também o seu modo de existir e de agir é fixo e imutável, determinado pela própria realidade da sua existência; e pela constituição absolutamente inevitável e indispensável das coisas, das quais Ele é o Revelador, Sustentador e Co-essência.

Estamos agora preparados para considerar a próxima questão:

O que é Deus considerado Teologicamente?

A Ciência considera Deus em relação a Efeitos e Fenómenos; A Filosofia considera Deus em relação a Causas e Princípios; E a Teologia considera Deus em relação ao seu Amor, à sua Paternidade e à sua Providência. Aqui, sinto-me impelido a usar o termo “teologia” como sinónimo de religião.

Quando visto através do telescópio Teológico, Deus deixa de ser um Potentado, um Chefe, ou um Juiz; e surge como a Fonte Infinita de toda a vida e atividade, de toda a sensação e inteligência.

É o Grande Pai — Espírito de todos os espíritos — o Grande Modelo de quem todos os outros espíritos são apenas indicações e organizações correspondentes. É o Criador, o Sustentador e o Pai de tudo; e as qualidades essenciais da sua Alma Infinita penetram toda a Natureza, todas as Coisas, todos os Espíritos; e essas qualidades são essencialmente Amor — e, assim, Deus é Amor. Desta forma, contemplamos moral e religiosamente a Divindade.

Contempla um Oceano magnificamente grandioso, sem fundo, sem margens, e incessantemente ativo;
contempla esse Oceano repleto das formas mais graciosas e belas de Luz e Vida;
contempla esse Oceano a cintilar e a irradiar emanações tão ricas e resplandecentes, que apagam o brilho dos mais preciosos diamantes da Terra; contempla esse Oceano a rolar em ondas de magnitude imensurável, e, ainda assim, tão pacificamente calmo que não perturba sequer um átomo que sobre ele flutua; contempla esse Oceano com as suas marés, a seguir o seu caminho ascendente e de regresso ao lar — marés que nunca recuam.

Contempla esse Oceano a fluir para inumeráveis fontes ou Espíritos, em todos os Planetas e em todas as Esferas, derramando sobre eles as suas águas vivas de tal modo que satisfazem todos os desejos de vida e tranquilidade, fazendo com que essas fontes “nunca mais tenham sede”;
contempla esse Oceano — Maior que tudo — Mais Rico que tudo — Mais Profundo que tudo.

Pensa nele como a Origem de toda a Vida, todo o Amor, toda a Juventude, toda a Beleza e Magnificência Espiritual — e assim terás dado um passo rumo a uma conceção teológica justa do Amor essencial de Deus.

A visão Teológica de Deus transforma-O num Pai e Criador. Deixa de ser um mero Fato, uma mera Verdade, um mero Princípio, uma mera Causa. Ele é “nosso Pai”!

E agora pensamos na doçura celeste e na inesgotabilidade do seu Amor; pensamos na sua proximidade e relação imutável com o nosso eu mais interior; e sentimos, continuamente, uma espécie de Providência particular na nossa existência, uma proteção contra as múltiplas tentações e acidentes da vida, quando sentimos que cumprimos a sua vontade sem rebelião.

E apesar do fato de que todo o acidente, toda a tentação, toda a circunstância pode ser explicada racional ou naturalmente — e de que, na realidade, não existem providências absolutamente especiais — a alma, na sua confiança infantil, ama referir cada salvação a agências invisíveis e sobrenaturais.

Isto nasce de um sentimento filial pela Divindade; pois, se o princípio sublime da Razão fosse aplicado às causas dos acontecimentos da vida humana, as (chamadas) misteriosas Providências locais de Deus seriam descobertas como simples manifestações particulares do cumprimento das Suas Leis imutáveis, pelas quais o todo, bem como as partes, são governados.

A visão puramente Teológica não se livra completamente do mistério dos acontecimentos e da existência humana. Mas, quando essa visão assenta, como sempre deveria, numa base Científica e Filosófica, então deixará não só de conter mistério ou sobrenaturalismo, como será uma fonte constante e em crescimento

eterno de consolo para a Alma que a abraça. Portanto, um verdadeiro entendimento de Deus é altamente desejável.

Tal como é o nosso Deus, assim somos nós.

Se O concebemos como um princípio organizado — organizado como a Alma humana nos seus princípios mais interiores; e se reconhecemos que Ele opera de acordo com Leis ou Regras de ação eternamente estabelecidas, que, sendo em si tão sublimemente justas, produzem uma espécie de liberdade necessária, ou independência, e que tais Regras não podem ser violadas impunemente — então os nossos Espíritos curvar-se-ão com prazer intelectual diante das Leis ou da Vontade do nosso Pai, e sentirão uma bela liberdade no próprio fato de se moverem em harmonia com a Natureza universal.

Mas se se acredita que Deus é uma Personalidade separada, algures fora da Natureza, e que possui um conjunto de Leis para governar a Matéria, outro para governar a Mente, e ainda outro para governar as ações morais e os sentimentos religiosos dos indivíduos;

e se também se acredita que um indivíduo pode escapar às consequências de uma violação de qualquer destas Leis, pela justiça superior, ou pelos sofrimentos e expiação vicária de outro indivíduo;

e ainda, se se acredita que Deus pode ser movido à compaixão por orações — ou à ira por se proferir o seu nome em vão (sendo que a profanação só pode prejudicar aquele que a profere); —

então, o espírito que assim crê sentirá insatisfação com o seu destino incerto, e sentir-se-á quase continuamente separado e em desarmonia com tudo o que pertence ao Divino e ao Infinito.

No Cristianismo encontram-se as mais claras evidências de uma crença em Deus num sentido puramente Teológico ou religioso, e, com ela, uma crença implícita na sua personalidade separada.

Mas não encontramos em parte alguma evidência de uma visão Científica e Filosófica de Deus, salvo, incipientemente, nos escritos de alguns filósofos gregos, e ocasionalmente, nas investigações de pensadores e teólogos modernos.

Quando a alma é coroada com um desenvolvimento apropriado do sentimento religioso — cuja beleza eterna tinta cada pensamento e impulso com pureza e paz — então, Deus é encontrado a residir no interior, e acima de tudo, como o Pai e o Amigo de Todos! Esta verdade celestial foi realizada pela alma expandida e pelo intelecto refinado de Jesus, de Paulo, de Swedenborg, de Fourier, entre outros; mas a beleza mais perfeita desta verdade importante está ainda por ser revelada, no progresso e nas instituições da Humanidade!

Quando a Alma humana estiver suficientemente expandida e refinada para ser capaz de receber e realizar a verdade de que Deus é o Pai imutável dos Espíritos, então todos os sistemas parciais de religião, de governo e de disciplina desaparecerão; então os colégios e instituições de ensino, em vez de aceitarem estudantes e alunos com a condição de se sujeitarem a alguma regra teológica, ensinarão as verdades da Natureza e de Deus, e assim essas instituições tornar-se-ão também revelações do bem e do verdadeiro.

Vê Deus com olhos científicos, ou através de meios científicos, e Ele é um “Grande Fato”;

vê Deus através de meios filosóficos, e Ele é uma “Grande Mente Positiva”; vê Deus através de meios teológicos, e Ele é um “Grande Espírito Pai”.

Aquele indivíduo que, pela superioridade da sua estrutura mental e do seu desenvolvimento intelectual, consegue conceber Deus no seu modo mais elevado e verdadeiro de existência e de governo, é capaz de viver em grande harmonia e de ensinar as verdades mais sublimes; pois tal como é o seu Pai Celestial — o seu Deus — assim é ele! Esta é uma verdade que deve ser estudada até às suas raízes, pois tem muito a ver com o progresso e a harmonização humanos.

Não pode haver antagonismo entre a verdadeira ciência, a verdadeira filosofia e a verdadeira teologia. A ciência é o pai e o alicerce da filosofia; e a teologia — (refiro-me à verdadeira teologia) — é o desenvolvimento último e perfeito, ou a flor, da combinação das duas. Assim, se a ciência afirma que o Grande Poder Ativo do Universo é uma Substância, não se deve supor que a verdadeira filosofia ou teologia afirmarão o contrário; mas é justo esperar e receber, destas últimas, novas e mais elevadas revelações e confirmações dessa primeira afirmação; pois toda a verdade deve estar em harmonia, mesmo quando é vista a partir de diferentes posições, por diferentes mentes, em diferentes graus de desenvolvimento.

De acordo com uma definição anterior:

É da natureza e missão da Ciência contemplar e classificar os efeitos; é missão da Filosofia contemplar e classificar as causas; e é tendência e missão da Teologia contemplar e classificar as inúmeras manifestações e ramificações do Amor, da Vontade e da Sabedoria, à medida que estas se distribuem pela organização da Natureza e da alma humana.

A ciência é totalmente superficial; é um sistema baseado na observação e experiência externas, e é um produto das percepções corporais ou materiais. A filosofia, por outro lado, baseia-se na razão e na observação intelectual; é um produto do entendimento — é dedutiva e indutiva — e compreende a natureza das causas, começando pela Causa de todas as causas, e traçando os mais pequenos detalhes até às suas menores particularidades.

A teologia baseia-se no princípio do Amor da alma; é um produto do sentimento, da afeição, dos sentimentos religiosos — é a ciência de todos os sentimentos e concepções afetivas — abrangendo o Poder, a Sabedoria, a Bondade, a Justiça, a Misericórdia e a Verdade. Assim, é fácil compreender a razão da grande diversidade de visões sobre Deus entre diferentes mentes, cujas diferentes estruturas as levam a conceber Deus ora cientificamente, ora filosoficamente, ora teologicamente. Tendo assim introduzido este vasto tema, avancemos para considerá-lo nas suas fundações.

Mente e matéria, ou Deus e o seu Corpo, são universais e eternos! Nunca houve um tempo em que nada existisse; nem pode jamais haver um período em que nada existirá. É impossível que o intelecto mais exaltado imagine tal coisa como o “nada”, porque a proposição é intrinsecamente contraditória, absurda, falsa. A mente pode sempre conceber a verdade. Pode não ser capaz de a perceber ou compreender toda; mas, na medida em que a sua capacidade se estende, pode concebê-la — e amá-la supremamente.

Se, portanto, a mente rejeita a proposição de que Deus criou o universo a partir do nada, pode-se legitimamente inferir que tal proposição é falsa, e, por isso, incapaz de entrar em harmonia com o princípio racional da mente filosófica. Que algo sempre existiu — que o universo é uma organização eterna de elementos e essências eternas — é uma afirmação que até o instinto do bárbaro reconhece como absolutamente inegável.

Não nos deteremos, por isso, com argumentações inúteis.

A verdadeira ciência declara que Deus tem sete modos distintos de ação:

1. Anatômico – relacionado com a estrutura;
2. Fisiológico – relacionado com a função;
3. Mecânico – relacionado com a força;
4. Químico – relacionado com a decomposição;
5. Elétrico – relacionado com a combinação;
6. Magnético – relacionado com a harmonia;
7. Espiritual – relacionado com o refinamento ou a atenuação — abrangendo, em toda a sua extensão universal, o governo do universo moral ou espiritual.

Estes são os modos pelos quais Deus vive em e move o seu universo; e embora sejam as manifestações mais rudimentares da Grande Mente Positiva, receberão particular atenção nesta investigação.

Esta é uma generalização do que a ciência universal declara acerca das formas e modos do Infinito.

Mas a Filosofia condensa as suas revelações numa condição mais elevada e concisa.

Ela conduz a alma às profundezas das tendências universais e sempre crescentes da natureza material, e indica os nomes dos princípios de acordo com os quais a Grande Mente Positiva atua em todos os departamentos do seu império.

A verdadeira Filosofia declara que a primeira tendência rudimentar de todas as coisas existentes é a Associação; o que significa que tudo é movido e governado por um princípio de afinidade — que não há nada no universo expandido que não tenha alguma relação — que uma partícula possui uma afinidade interior por outra, e que essa afinidade não muda até que, pelo processo de refinamento, se desenvolva uma nova afinidade, que move essa partícula a buscar novas e mais elevadas relações.

E a mesma lei que opera no átomo está ativa nas esferas mais distantes. O campo da sua operação é ilimitado, sem fronteiras, infinito. Deus vive em todas as coisas. E assim, esta Lei da Associação revela a sua ação sublime por todo o lado.

O próximo princípio, de acordo com a Filosofia, é a Progressão; isto é, tudo cresce e avança em refinamento e perfeição perceptível; todas as coisas são progressivamente postas em movimento ou movidas pela Mente Divina, com o fim de que o puro, o eterno e o infinito se revelem a partir das combinações materiais e aparentemente impuras da natureza.

Por isso, a Filosofia — (refiro-me à Filosofia Harmónica) — chama a este processo de desdobramento Desenvolvimento. O Desenvolvimento é a última e mais elevada manifestação da matéria e da mente. É a flor de toda a associação e progressão; é a grande e divina consumação de todos os movimentos terrestres e celestes; é o ultimato de todo o esforço superior; e, por isso, esta lei pode ser considerada como a mais profunda — a mais ampla — a mais elevada — a mais onipotente — e como a mais sagrada tendência da Natureza e da Divindade.

Não há limitação para estes processos, nem fim para o trabalho do Desenvolvimento; e, ainda assim, por esta última lei, pode dizer-se que cada sistema de criação recebe a sua coroa permanente.

A verdadeira Teologia declara que o elemento essencial e imutável da Grande Mente Positiva é o Amor — ilimitado, inesgotável — imparcial — infinito — eterno.

Um Amor que:

“Vive por toda a vida, estende-se por toda a extensão, Espalha-se sem divisão, atua sem esgotar.”

E não há átomo, em todo este universo sem limites, que não seja tocado por esse Amor. O Amor é a fonte de toda atração e repulsão, de toda afeição e sentimento. A pequena videira procura naturalmente unir-se a outra da mesma espécie. Pássaros de

plumagem e temperamento semelhantes juntam-se, partilhando o seu canto alegre e melodioso. As flores libertam os seus perfumes, entregando as suas essências ao ar e aos elementos afins da vastidão. Os animais do campo, sejam dóceis ou selvagens, cedem instintivamente a esta lei universal do Amor, respirando entre si os sentimentos naturais de amizade e aproximação.

Observa as jovens árvores da floresta: correm em direção ao céu, ultrapassando os seus irmãos mais velhos, em busca da luz e do calor do sol. Os elementos da imensidão estão unidos por afinidade — água, ar, fogo, calor, luz e eletricidade ocupam lugares específicos e cumprem funções próprias em todo o domínio da criação. Inúmeros mundos, como engrenagens de um mecanismo cósmico, mantêm-se unidos por uma atração interior — por Amor — e assim giram em perfeita harmonia em torno do grande Orbe Central que lhes deu origem.

Mas é nas afeições da alma humana que este princípio eterno se revela com mais intensidade. Como joias, essas afeições adornam o santuário interior do espírito. Feliz é a alma que nunca sentiu o peso da inimizade ou da adversidade arrancar-lhe esses preciosos tesouros da vida. E entre todas essas afeições — pela ciência, pela filosofia, pela música, pela arquitetura, pelos amigos, pelos filhos, pela união conjugal, pela imortalidade e pela felicidade — ergue-se, acima de todas, uma que é santa e eterna: o amor que nos atrai à Mente Suprema.

Por isso, o espírito busca satisfazer o seu anseio mais profundo e elevado, esforçando-se por compreender e aproximar-se do seu Criador. A mente livre sente-se naturalmente atraída para Ele, tal como o ferro é atraído pelo íman — pois Deus é o Grande Íman Positivo do universo, e tudo o resto é negativo diante do Seu poder eterno e inconcebível.

A verdadeira teologia afirma ainda que o elemento ativo da grande Mente Positiva é a Vontade — sem limites, incompreensível, onipotente. Uma vontade que move as leis imutáveis da Natureza, que comanda as miríades de planetas espalhados pelo cosmos, e que determina o modo como o Divino é e age. Essa vontade é, em si, uma expressão de quem Deus é e de como vive no seu império.

Mas para que o Amor e a Vontade divinas se expressem, é necessário um princípio orientador — e esse princípio é a Sabedoria. A estrutura da Natureza está impregnada de provas da sua onnipresença. A harmonia está em tudo: penetra, vibra e pulsa em todos os recantos do universo. Toda mente que observa com atenção — seja científica, filosófica ou teológica — reconhece que há uma sabedoria superior impressa em tudo o que existe.

Não é a individualidade dos seres ou das coisas que revela a Sabedoria Divina, mas sim o conjunto harmonioso, vasto e inimitável de todas as realidades visíveis e invisíveis. É isso que deslumbra e comove a mente contemplativa, imprimindo-lhe a

certeza de que uma Sabedoria eterna e infinita se estende por todo o Universo. A sabedoria é, neste sentido, a flor suprema da inteligência, o desabrochar glorioso de tudo o que é puro, eterno e imortal. O universo exterior é, assim, uma manifestação visível da Divindade interior.

E enquanto tudo vibra com vida e sensação — com movimento incessante e eterno, com atrações e repulsões, impulsos e sentimentos, simpatias e aspirações — é profundamente consolador saber que a Sabedoria Divina governa e guia todas as coisas ao seu destino certo.

Vemos, assim, que a verdadeira Ciência conduz o espírito humano a reconhecer a ação do Princípio Divino nos processos anatómicos, fisiológicos, mecânicos, químicos, elétricos, magnéticos e espirituais; que a verdadeira Filosofia revela as leis de Associação, Progressão e Desenvolvimento que regem esses processos; e que a verdadeira Teologia conduz o espírito à contemplação dos três atributos supremos da Mente Infinita: Amor, Vontade e Sabedoria.

Não é justo, portanto, condenar o intelecto que só consegue conceber Deus como uma força motriz — como a mola que move uma máquina. Algumas mentes, por natureza, só conseguem ver Deus como um princípio de vida inserido na própria matéria. E, incapazes de elevar a sua visão, acabam por rejeitar a ideia de uma criação intencional ou de um Ser supremo justo e misericordioso, sobretudo quando olham para o sofrimento e a imperfeição no mundo.

Tais pessoas acabam muitas vezes acusadas e rejeitadas pelos religiosos. Surge então uma segunda classe de mentes, que crê firmemente na existência de uma Primeira Causa inteligente, mas que não concebe Deus com forma humana. Pensam Nele como uma Inteligência organizada — viva, pensante, ativa — como uma mola central do grande mecanismo do universo. Esta é uma visão genuinamente filosófica.

Por fim, temos as mentes de natureza teológica — afetuosas, devotas, sensíveis. Estas não conseguem ver Deus apenas como um princípio de vida ou uma causa inteligente; vêem-No como as crianças imaginam os reis dos tempos antigos: um Rei dos Reis, majestoso e glorioso, vestido com luz, sentado num trono de esplendor, com o cetro da justiça na mão, atento a cada pulsar do coração humano, ouvindo as orações dos penitentes e as glorificações dos redimidos.

Graças ao Ser que aqui contemplamos, há fragmentos de verdade em todas as diferentes concepções do Princípio Criador. Mas é agora o momento certo para começarmos uma análise clara e direta das evidências que demonstram a natureza de Deus, os seus modos de ação e o lugar que ocupa na vastidão da vida e da realidade. Como complemento essencial de tudo o que foi dito até aqui, passo a expor as

minhas impressões sobre a localização e a constituição da Grande Mente do universo expandido — o **Univercoelum** (*Todo o Universo*).

Muito além de incontáveis constelações e profundamente dentro do seio infinito do cosmos, pulsa o Coração de toda a vida e movimento. As suas pulsações fluem através de incontáveis canais até aos limites mais distantes da criação, e não existe átomo, flor, videira, mundo, alma ou anjo que não receba, a cada instante, nova vida e vigor dessa fonte inesgotável de essência celestial. Esse Coração é Deus. Os seus elementos vitais são Amor, os seus poderes criadores são Vontade e os seus atributos orientadores são Sabedoria. Todos estes aspetos estão organizados numa só Alma — a Mente do Universo — o único e verdadeiro Deus.

Logo à partida, a mente humana sente-se pequena e desorientada diante desta contemplação. A grandiosidade do que está para além da compreensão faz com que o pensamento recue, e a alma vacile ainda antes de começar a sua caminhada eterna. Mas não deve ser assim. Quem busca o Infinito deve avançar sem medo. Quando a Grande Mente do Universo se revela à visão interior, o coração puro não teme — antes ama — com alegria profunda e uma devoção que nunca morre.

Somos nós que impomos limites àquilo que não tem fim. A mente humana precisa sempre de imaginar forma, tamanho, lugar e movimento para poder pensar algo. Por isso, falamos de Deus como se estivesse no centro de todas as coisas. E ao referirmo-nos à sua estrutura como organizada, queremos apenas dizer que Deus pode ser compreendido à semelhança de uma mente humana perfeita: justa, pura, bondosa e harmoniosa — mas infinita, eterna e universal. Este é o primeiro passo para conceber a Inteligência Suprema que governa o Universo.

Antes de o universo ter a forma que hoje conhecemos, quando o infinito era apenas um oceano de matéria ainda informe, Deus revelava-se apenas como movimento — constante, sem limites, imutável e poderoso. Isso não significa que Deus não fosse já uma Inteligência organizada, pois Ele é eterno e imutável. Mas naquela fase longínqua da existência, ainda não havia matéria desenvolvida o suficiente para permitir outra forma de manifestação. Importa compreender que Deus não está sujeito às mesmas leis de desenvolvimento e progresso que se manifestam no mundo físico e espiritual. Essas leis são, na verdade, expressões naturais da sua própria essência divina — são os seus hábitos eternos, revelados em tudo o que existe.

Deus não evolui, não cresce, não se desenvolve. Ele é um fato absoluto, um princípio fixo, um centro de amor, uma flor perfeita de sabedoria e inteligência. Contudo, manifesta-se continuamente através de graus e estágios sucessivos, em ordem progressiva e perfeita harmonia. O progresso humano acontece através do avanço constante por esses graus e estágios. Deus não muda, mas manifesta-se de formas diferentes consoante a receptividade das coisas que existem. Por isso, no

início da criação do universo atual, a manifestação divina dava-se apenas como movimento.

A Inteligência celeste, o Amor eterno, o núcleo da onipotência, a flor imortal da sabedoria — todos estes aspectos de Deus são como um ímã irresistível que atrai a alma humana. O espírito é conduzido, então, ao centro inimaginável de todas as coisas, onde comunga com o único e verdadeiro Deus.

Enquanto a teologia tradicional nos convida a imaginar Deus como um rei poderoso ou uma presença invisível pairando sobre a criação, a mente verdadeiramente desperta — científica, filosófica e espiritual — reconhece Deus como uma organização viva de princípios eternos. Para essa mente, Deus é uma realidade concreta, uma condensação suprema de elementos e essências verdadeiras. E ao reconhecer isso, percebemos que Deus tem proporções, tendências e modos de ação que Ele não pode contrariar, suspender ou destruir.

Assim, não é verdade que “com Deus tudo é possível” no sentido absoluto. Deus não pode agir contra os princípios eternos do seu próprio ser — contra o poder, a sabedoria, a bondade, a justiça, a misericórdia e a verdade. Não pode interromper ou alterar os processos fundamentais que regem a sua própria constituição — nem os físicos, nem os espirituais. Tampouco pode suspender os modos naturais de manifestação que regem toda a existência — a associação, a progressão e o desenvolvimento.

Temos, por isso, uma certeza firme: Deus é um princípio organizado e fixo, que vive no coração da estrutura universal — “sem mudança, nem sombra de variação”.

E, ainda assim, quão difícil é para o ser humano libertar-se dos seus hábitos de pensamento. A Natureza continua os seus ciclos; as estações passam; o tempo regista o pulsar do coração infinito; as pessoas vêm e vão; mas os padrões mentais formados pela educação permanecem quase inalterados. Porquê?

É porque os habitantes da Terra ainda não atingiram um grau de discernimento entre o transitório e o permanente, entre o real e o aparente. A humanidade está apenas a emergir da sua juventude para a maturidade; por isso, o mundo está agora repleto de doutrinas e teologias fugazes e evanescentes que caracterizam a infância e a juventude — os germes e sombras, talvez, de verdades estupendas e de princípios reformadores do mundo; mas, uma vez que a humanidade está prestes a tornar-se um homem feito, é sensato esperar que ela “ponha de parte as coisas de criança” para sempre.

Entre essas “coisas” repudiadas será lançada a doutrina de que Deus não é uma substância, e a proposição de que com Ele todas as coisas são possíveis — pois em

breve se descobrirá que a falsidade não é um ingrediente nessa combinação universal de Mente e Matéria que constitui o grande sistema da Natureza.

Não é meu desígnio presente entrar numa argumentação filosófica para demonstrar a existência de uma Divindade, porque a consciência humana, a intuição, a razão e a aspiração são uma demonstração suficiente. Não existe ceticismo absoluto na Alma humana no que diz respeito a uma Grande Causa Primeira; mas existe, sim, muita dúvida quanto à personalidade e consciência separada deste princípio formativo; por isso, estas revelações são concebidas para dissipar este ceticismo amplo e doloroso, fornecendo uma concepção filosófica do Infinito, baseada na relação entre causa e efeito, entre o finito e o Infinito. E quando falo da localização definida e da fixidez eterna do Princípio Infinito,

Pretendo transmitir a impressão de que o Cérebro e Cerebelo, ou Cérebro do universo, está estabelecido eternamente e de forma imutável no Grande Centro de todas as existências. Se a Divindade não tivesse personalidade ou consciência, então seria positivamente impossível para Ela tomar consciência de qualquer existência. É apenas por contraste e dessemelhança que conhecemos a nossa própria individualidade de carácter. O leitor sente a sua existência pessoal porque pode comparar-se — os seus hábitos, sentimentos, impulsos, inclinações, etc. — com os inúmeros objetos e individualidades dissemelhantes que o rodeiam no vasto panorama da vida e da animação. De fato, se não fosse por estas incontáveis variedades, não poderia realizar nenhuma identidade de existência definida e satisfatória.

Assim também com o Princípio Infinito — Deus: Ele não pode tomar consciência de qualquer existência a menos que exista algo finito, algo menos abrangente e glorioso, pelo qual se possa traçar e experienciar um contraste positivo. A concentração focal e a organização frenológica (por assim dizer) do Grande Princípio formativo e celestial do *Univercoelum*, portanto, é uma necessidade inevitável que flui das premissas incontestáveis que a Natureza espontaneamente apresenta às percepções de uma razão desanuviada, e que são amplamente demonstradas pelos testemunhos uniformes da consciência humana.

Em relação ao Grande Centro das esferas incontáveis, materiais e espirituais, todo o outro centro há de ser finito; assim também, relativamente aos movimentos — forças — princípios e individualidades da Mente Infinita, todos os outros movimentos — forças — princípios — e individualidades hão de, por necessidade, ser distribuídos ao longo dos planos infintos da criação numa sucessão regular e harmoniosa de séries, graus, correspondências e representações — todos sendo limitados, locais, finitos e imperfeitos, quando contrastados com Ele. Portanto, a perfeição finita ou comparativa é a consequência inevitável da existência de um Princípio absolutamente infinito e perfeito.

Se tudo fosse infinito em extensão, eterno em duração e perfeito em constituição, não poderia existir senão um único elemento universal, indivisível e inconsciente; pois então não existiria fundamento para a ação, nem aspiração do imperfeito pelo perfeito — do finito pelo infinito — nenhum Grande, menor, mínimo; nenhum Alto, mais baixo, o mais baixo; mas um caos eterno de elementos inimagináveis seria o tudo-em-tudo da existência. Logo, tudo não pode ser infinito, eterno e perfeito.

Tem de haver, por necessidade, gradações de movimento; processões de séries; progressões de graus; e uma disposição geométrica de todas as partes e princípios que fluem do Grande Cérebro Central do universo para todas as incontáveis ramificações da animação e estrutura. Além disso, só pode existir Um único princípio infinito. Um eterno. E Um perfeito na constituição das coisas.

Não há espaço suficiente para permitir a existência de um Espírito do Mal infinito e eterno. Deus é positivo, tudo o mais é negativo. Se existe um princípio do Mal, não será esse princípio um elemento integrante da constituição da Mente Divina? Se existe em algum lugar, nos reinos da infinitude, um império de pecado, miséria e desgraça eterna — “um lago de fogo preparado para o Diabo e seus anjos” — não estaria Deus também ali? Deus é o tudo-em-tudo; — não estaria, portanto, no princípio do mal? Deus é onnipresente; — não estaria, então, tanto no Inferno como nas regiões dos sem pecado e bem-aventurados? Não há princípio que seja antagônico a Deus; nenhum império em guerra com o Céu!

Não se pode dizer que Deus “permite” o pecado e a miséria; pois Ele tem hábitos eternamente fixos ou leis de justiça. Ele não pode “permitir” que cessem os grandes processos da Natureza, nem que fiquem suspensas as leis do movimento planetário; porque esses processos e leis são as processões fisiológicas, mecânicas, químicas, elétricas e magnéticas involuntárias e incontáveis da sua constituição incriada. Ele não criou essas leis e processos — portanto, não os pode suspender, alterar ou controlar. Ele não pode mais mudar os seus modos de manifestação eternamente estabelecidos do que o homem pode ordenar ao seu pulso que cesse ou à sua mente que suspenda o pensamento. Não é justo, no entanto, pensar que Deus está tanto no composto mineral como na Alma humana, que Ele é —

“Tão pleno, tão perfeito num cabelo como num coração:”

mas é justo acreditar que Ele possui uma organização cerebral parcialmente análoga à estrutura mental humana, e que as suas qualidades, essências e princípios celestiais e superlativamente perfeitos fluem do Centro poderoso da sua própria existência até à inimaginável e incomensurável circunferência do espaço infinito. O espírito de Deus vive, portanto, em e através de todas as existências materiais e espirituais — tal como o espírito do homem permeia e impregna cada osso, músculo, nervo,

membrana, tecido, fluido, elemento, etc., que entram na constituição do seu sistema material.

Contudo, cada homem sente-se mais na sua cabeça do que nas suas mãos ou pés; assim também com a Divindade. Embora Ele tenha consciência de viver no composto universal, na planta, no animal, na alma humana, nos inúmeros sóis da imensidão, e nas incontáveis esferas de grandiosidade seráfica e perfeição inefável, ainda assim, Ele realiza uma consciência pessoal localizada — no grande encéfalo do ilimitado Univercoelum.

Não é correto supor que Deus é constituído anatomicamente e fisiologicamente como o homem está organizado; mas é correto acreditar que Ele possui, inerente e essencialmente, aqueles sete grandes princípios que fluem da sua constituição para todas as formas e manifestações múltiplas e variadas da matéria que o organismo da Natureza revela aos sentidos e à alma do homem. De acordo com as regras do raciocínio e argumentação analógica ou por correspondência, é fácil compreender o que Deus é, e onde, e como vive no universo.

Ele é a sublimação superlativa de todas as qualidades substanciais — de todas as essências — de todos os elementos — de todos os princípios — (tanto os que são conhecidos como os que são desconhecidos pelo homem) — na mais elevada concentração possível de unidade; sendo a própria cristalização de tudo o que é refinado, puro, eterno, infinito, inexprimivelmente celestial, eternamente luminoso, grandioso e harmonioso! Ele reside particularmente no poderoso vórtice do encéfalo, ou cérebro, do inconcebível universo; e, de forma geral,

"Vive em toda a vida, estende-se por toda a extensão,
Espalha-se indivisível, opera incansável."

A analogia, portanto, que existe entre a Mente Divina e o universo, e entre a mente humana e o corpo humano, está perfeitamente e legitimamente estabelecida. Pois, assim como a mente humana está organizada num plano finito, também a Mente Divina está organizada num plano infinito; — tal como a sede da sensação, afeição, sentimento, poder voluntário e inteligência humanos é sentida e reconhecida no cérebro — também as qualidades, essências, princípios, poder onnipotente e onisciência eterna estão depositados no grande vórtice do aparelho sensorial do universo!

A grande e incontestável verdade, de que todas as coisas naturais ou sobrenaturais, materiais ou espirituais, estão ligadas num único e grandioso sistema harmonioso de Causa e Efeito, é percebida pela consciência de toda mente racional; é reconhecida e aplicada pelo intelecto filosófico; mas ainda há muitas mentes que não conseguem separar a matéria dos princípios móveis de causação que 'jazem no seu seio' — que

não conseguem perceber as características distintivas entre a Natureza e Deus, nem as diferenças harmoniosas que subsistem entre ambos.

Com o intuito, portanto, de esclarecer tais intelectos sobre as relações entre Deus e a Natureza, e as diferenças distinguíveis entre si, prossigo dizendo que a Mente Divina é Positiva e a Natureza é Negativa — esta é toda a diferença que a linguagem pode descrever. Mas a ideia que estes termos pretendem transmitir pode ser desenvolvida de várias formas.

Assim: — Deus é um princípio positivo e em movimento, enquanto a Natureza é negativa e movida. A Natureza é o corpo, Deus é a alma. Deus é ativo, a Natureza é passiva. Deus é uma organização celestial e superlativamente perfeita de elementos e essências puras, eternas e infinitas, enquanto a Natureza é uma organização de materiais terrenos. Deus é a flor eterna de todos os desenvolvimentos, a Natureza é o dormitório de tudo quanto existe por desdobrar no Grande Aparelho sensorial. Deus é a Causa, a Natureza é o Efeito. Deus é eternamente espiritual, a Natureza é eternamente material. A Natureza é finita, Deus é Infinito.

Assim, quão vasta é a diferença entre o mais ínfimo átomo da Natureza e o mais elevado princípio do Poder Supremo! E, no entanto, os dois estão unidos de forma indissolúvel e harmoniosa — matrimonialmente, por assim dizer — e nunca poderão separar-se; nem pode existir qualquer oposição ou antagonismo positivo entre, ou dentro dos, inumeráveis elementos que constituem o todo poderoso; porque Deus está intimamente relacionado com tudo — grande ou pequeno, material ou espiritual, perfeito ou imperfeito — que exista ou subsista em qualquer lugar no império ilimitado da Sua própria existência.

A mais elevada concepção que a mente humana pode obter do Infinito é, essencialmente, teológica; mas as relações que o Infinito mantém com o finito, que Deus mantém com a Natureza, só podem ser compreendidas por um intelecto filosófico. E, por isso, enquanto um leitor compreende facilmente o que se quer dizer com os termos “nosso Pai Celestial” e “Grande Causa Primeira”, outro leitor, ou talvez o mesmo, interroga-se sobre o significado dos termos “Princípio Organizado” e “Grande Aparelho sensorial do Universo”.

Não se deve esperar que todas as mentes vejam e compreendam da mesma forma; no entanto, é benéfico desenvolver uma ideia em tantas formas e proporções quanto a sua natureza e alcance permitirem, para que todas as mentes racionais e inquisitivas possam perceber e compreender a sua aplicabilidade à vida. Com este fim, sou impelido a indicar as relações dos elementos celestiais que, num estado de organização perfeita, imutável e eterna, constituem a Grande Mente Positiva; bem como a relação desta Mente com a Natureza; e as três grandes Leis que fluem de

Deus para o estupendo organismo do Universo. As seguintes afirmações indicam essas relações:

1. DEUS 2. NATUREZA 3. LEI

Amor	Substância	Associação
Vontade	Agregação	Progressão
Sabedoria	Universo	Desenvolvimento

Vê-se, pelo acima exposto, que Deus é distinto da Natureza no sentido de que Ele é o primeiro, a Natureza é o segundo, e a Lei é o terceiro, na grande trindade da organização e do desenvolvimento. Assim, é apropriado dizer que: Primeiro, Deus é o Princípio Ativo e em Movimento — Segundo, a Natureza é o Princípio Passivo e Movido — Terceiro, a Lei é o Princípio Habitual e Elaborativo.

Contudo, deve-se compreender claramente que a Lei não é, por si só, um “Princípio Elaborativo”, mas sim uma manifestação exterior dos modos ou hábitos da Mente Infinita, tal como Ela vive e se manifesta nos inumeráveis mundos e universos que giram em torno do Grande Centro dos centros — o vórtice do Aparelho sensorial de toda a Inteligência!

Para uma compreensão verdadeira e fiel das qualidades e atributos superlativamente perfeitos contidos na Grande Fonte da Causação e dos Princípios de Origem, não será impróprio recorrer a fatos e verdades visíveis e invisíveis da natureza e da experiência humana. Todo o efeito, apresentado a uma mente racional e bem organizada, pressupõe a existência de uma causa adequada. Todas as ciências e filosofias indutivas, e toda contemplação da Natureza exterior, remetem a mente para os grandes princípios criadores — para a Grande Causa Positiva de todas as coisas.

E agora, estas questões avassaladoras da alma surgem espontânea e inevitavelmente na mente investigadora —

O que causou esta Grande Causa Primeira? Qual foi a origem da Fonte Eterna de toda causação e intercâmbio? Que estrutura assumiu essa Causa Primeira originalmente e eternamente? Se a Mente Eterna alguma vez existiu sem forma e organização, não será lógico concluir que voltará a ser resolvida no seu estado original?

A mente recua involuntariamente perante tais perguntas, mesmo quando procura compreender os grandes princípios do início de todos os efeitos, fins e utilidades. Deseja apreciar os motivos profundos e maravilhosos que primeiro moveram a Mente Eterna a elaborar as inumeráveis formas e estruturas que enchem o oceano sem limites da vida orgânica.

Contempla os mundos brilhantes que constituem o glorioso sistema estelar; o movimento silencioso, fácil, natural e harmonioso dos corpos incontáveis que a noite sem nuvens revela aos sentidos materiais — corpos que embelezam e animam o firmamento expandido; e, mesmo assim, estas perguntas permanecem sem resposta.

Todas as coisas irradiam uma luz irresistivelmente impressionante — uma demonstração incontestável — de que habita algures uma Causa poderosa, inteligente e eterna; mas... quando começou a existir? E como? E onde?

Estas interrogações fluem constantemente, brotando das profundezas inquietas da mente filosófica. O intelecto contemplativo e logicamente indutivo não consegue conceber que, do nada, algo possa ter sido organizado e desenvolvido; que efeitos possam existir sem causas adequadas; que uma pluralidade de causas possa existir sem uma Grande Causa Fundamental; e, portanto, a sua razão e experiência rendem-se. A mente é capturada pelas demonstrações universais da Natureza; e as suas contemplações e filosofia indutiva apontam para a Mente Eterna como a grande e inesgotável Fonte da vida, do sustento, da causa, da bênção e da verdade!

Na medida em que uma compreensão adequada dos hábitos ou modos da Existência Divina não pode ser obtida pela mente humana, na sua atual esfera de existência, senão por apelos diretos às verdades visíveis e invisíveis da Natureza e da Alma, sou, por isso, inspirado a expor, através das múltiplas fases da progressão e desenvolvimento materiais, as operações legítimas dos vários princípios da Criação e subsistência Divina. Estes princípios exporei progressivamente sob a forma de proposições, e prosseguirei diretamente com a sua análise. A proposição agora apresentada à mente é a seguinte:

Primeiro: Deus atua sobre o Universo de forma anatómica.

A mente bem desenvolvida, repito, não pode deixar de reconhecer, com alegria, que todos os efeitos devem ter causas-mãe; e que deve necessariamente existir uma correspondência ou analogia entre as causas e os vários efeitos que estas causas são instrumentais em desenvolver. Sim, a mente não pode pensar sem admitir causas nos seus pensamentos; tem, por necessidade, de ter uma base firme sobre a qual fundamentar as suas contemplações e raciocínios. E essa base deve ser a aceitação incondicional da existência e personalidade da Grande Causa Primeira.

Assim, a conclusão é irresistível: Deus contém, nos próprios elementos da sua constituição eterna, o princípio anatómico, cujas manifestações são visíveis por toda a parte. Certamente não poderia haver desenvolvimentos estruturais se a Causa de todos os desdobramentos não contivesse a lei estrutural na sua própria natureza. Esta conclusão é tão bela quanto inevitável. Mas para onde conduz a mente contemplativa? Conduz tal intelecto à meditação e compreensão da Divindade nos

desdobramentos primários da sua essência eterna. As manifestações primitivas de Deus foram essencialmente anatómicas ou estruturais.

Acompanharam a grande expansão do Movimento por todo o universo sem limites, o princípio formativo — a lei que governou os arranjos originais das partículas, ou átomos, e determinou as inumeráveis formas e estruturas estupendas da imensidão. Círculo após círculo de sóis foram lançados; e os sóis deram origem a inúmeros planetas; e os planetas deram origem a satélites; e os satélites moveram-se para posições próprias e afins, nos campos imensuráveis do Infinito, e deram origem a asteroides; e tudo isto foi realizado pela operação direta e supervisão (por assim dizer) da grande lei anatómica da Mente Divina — pura e infinita!

As estruturas da imensidão são demasiado vastas e numerosas para a concepção humana; contudo, a mente explorará e contemplará a grandiosidade e magnificência arquitetônica dos céus siderais; e, enquanto se perde nos labirintos intermináveis da formação e esplendor planetários, erguerá a sua voz minúscula e perguntará: — O que tornou estas estruturas tão inexprimivelmente harmoniosas e belas? Que lei desenvolve estes inumeráveis firmamentos?

E as interrogações voam, com velocidade relampejante, de orbe em orbe, de esfera em esfera; e a Divindade, ouvindo a oração sincera da alma aspirante, escreve a resposta na terra expandida e nos céus desdobrados — nas substâncias cristalizadas da terra, e nas esferas celestiais que rodeiam a imensidão — e que, sendo devidamente interpretadas, dizem gloriosamente:

“A Ordem e a Forma são impressões e expressões da Sabedoria Divina — o Arquiteto e Sustentador de toda a harmonia e proporção; mas a Sabedoria tem uma manifestação primária que é anatómica — um modo através do qual todas as coisas terrestres e celestiais são desdobradas a partir da Fonte dos princípios eternos e infinitos!”

Tais são as respostas da Natureza e de Deus às orações da mente filosófica e honesta. Quão essencial é, portanto, que todos se esforcem por aprender a ler estas Escrituras corretamente — pois aquele que está espiritualmente cego pode estar na presença de uma cena bela sobre a qual a glória e o esplendor de dez mil firmamentos se refletem perpetuamente, e ainda assim não perceber ou desfrutar de uma única coisa que se mova diante de si, nem ler uma linha dessa página iluminada que a mão do nosso Pai traçou!

Na estrutura dos planetas — nas formas dos sistemas solares, na forma da própria terra que pisamos — existem múltiplas indicações da grande lei anatómica. A construção das árvores, plantas, flores, vegetais, e a diversidade incontável de formas que pertencem ao vasto reino vegetal da Natureza, fornecem provas demonstrativas de que esta grande lei de Deus é primária nos processos de

progressão e desenvolvimento da criação. E esta manifestação anatômica é ainda mais óbvia e perfeita nos reinos ascendentes da Natureza. A anatomia dos animais e do homem! O que pode haver de mais certo como indicação da existência original e eterna do grande princípio estrutural?

Sendo o espírito uma substância superior à matéria — a qual ele move — a conclusão é inevitável de que o Princípio Formativo, ou Espírito, que está por trás e por baixo de todas as combinações visíveis da matéria, deve necessariamente conter tudo aquilo que os aspectos exteriores da Natureza manifestam aos sentidos. Portanto, todos os desenvolvimentos anatômicos visíveis na base de todos os organismos animais e humanos são demonstrações incontestáveis de que o poder que originalmente desdobrou estas estruturas existia antes da sua manifestação externa. Deus é a causa. A Natureza é o efeito — isto é, a forma primária da Natureza é causada pelo princípio primário na Constituição Divina.

A contemplação das qualidades e essências originalmente contidas no Grande Germe do ilimitado Univercoelum é necessária para uma compreensão adequada das múltiplas e estupendas estruturas nas quais essas qualidades e essências fluem espontaneamente. Tudo é uma encarnação do Princípio Divino; mas as séries, os graus, as associações e representações de estruturas manifestadas na Natureza expressam os vários princípios que o Único Grande Princípio continha e contém. E o homem é parte da Natureza.

A forma, ou construção anatômica, de cada articulação revela o princípio original; e a formação interna e externa dos ossos e de outras estruturas do corpo humano demonstra a intenção de combinar força, leveza, simetria e beleza com a menor quantidade de material. Nenhuma habilidade humana pode combinar, num espaço tão pequeno, a mesma conjugação de poderes, a mesma variedade de forças, a mesma concentração de desenvolvimento harmonioso e simetria, como se vê nas estruturas que compõem a forma humana. Mas o que é esta obra-prima inimitável comparada com a maravilhosa arquitetura da infinitude sem limites? Quase nada!

Nada — quando os olhos espirituais contemplam as transcendentais e gloriosas “imagens” da Mente eterna que percorrem os caminhos floridos das esferas superiores. Nada — quando a alma contempla os círculos poderosos de sóis e planetas que se movem no oceano incessante da imensidão; porque o maior consome o menor — o finito é engolido e perdido no Infinito!

Segundo: Deus atua sobre o Universo fisiologicamente.

Mais uma vez, somos lembrados da sublime conclusão, para a qual toda a Natureza aponta a mente racional: de que as manifestações externas da criação são um reflexo dos princípios internos e invisíveis que residem na constituição da Grande Mente de todas as mentes — na Causa eterna e ilimitada de todas as causas.

Com que uniformidade os germes reproduzem o seu tipo. A bolota desenvolve-se num carvalho; e assim, o corpo germinal de todas as formas conhecidas produz invariavelmente, salvo se for impedido por acidente ou outras causas, o mais elevado desenvolvimento possível, à sua própria imagem e semelhança.

Assim também, a Mente Divina gera a sua imagem e semelhança na alma humana. Esta grandiosa e concentrada culminação do princípio formativo, no entanto, nunca se realiza de forma imediata, mas sim mediada — nunca diretamente, mas por meio de inúmeras instrumentalidades. Mas as teologias do “escabelo” — da Terra — nunca consentiram este desenvolvimento gradual da alma humana. Desde os tempos mais remotos da sua história, têm afirmado a criação direta e imediata do primeiro par humano; declararam que toda a humanidade descende desse germe primitivo; e que nascemos defeituosos e depravados em consequência da alegada transgressão dessa dualidade germinal — o primeiro casal — que, segundo essa mesma teologia mitológica, surgiu puro e perfeito das mãos do Criador.

Dessas hipóteses teológicas, só se pode inferir que os seus adeptos estão plenamente convencidos da existência de uma constituição anatômica e fisiológica na Divindade; que eles, como Swedenborg — o geômetra e fisiologista espiritual — acreditam que o Princípio Divino é um Homem Divino, possuidor de proporções anatômicas e fisiológicas que, num grau finito e extremamente subordinado, se refletem na forma humana. Caso contrário, por que razão orariam para que o Ouvido sempre atento vibre com o som da sua voz, e a Grande Mente compreenda o seu significado? Porque afirmariam que “o primeiro par humano saiu puro das mãos do Criador” e que “o olho que tudo vê” vigia cada um dos nossos pensamentos, “as nossas entradas e saídas”? Não equivale isto a afirmar a crença na forma humana divina de Deus?

Não será isso um reconhecimento inequívoco de que Deus possui, num grau inconcebível e incompreensível de perfeição, os órgãos da audição, da visão, etc., juntamente com mãos e pés? Sim, é virtualmente reconhecê-lo como um grande “Rei dos reis e Senhor dos senhores.” Mas a explicação destas concepções é extremamente simples — é que a humanidade concebe teologicamente Deus dessa forma — vendo-o como um grande Governante entre os exércitos do céu e os habitantes da Terra; como um Monarca do Universo não criado, não restringido, não controlado; como um poderoso Jeová, Rei, Senhor, Criador, Soberano e Pai. E assim, sempre pensarão, aspirarão e se dirigirão os sentimentos religiosos da alma humana ao Grande Princípio da causação, animação e vida, que reside dentro e move o universo estupendo.

Mas a filosofia harmônica explica a existência dos sentidos de audição, visão, etc., no homem, assim como as restantes características estruturais do seu organismo, remetendo a mente para o fato de que os germes contêm, encerrados em si mesmos,

as essências e princípios iniciais e finais que a forma, estrutura e funções do seu desenvolvimento final manifestam abertamente.

As exterioridades da Natureza, portanto, espelham as essências e princípios da grande Mente Interna e Eterna. Deus possui os princípios da audição, da visão, do movimento voluntário e involuntário, da anatomia, da fisiologia, etc., nas profundezas inesgotáveis da sua própria constituição; e, por isso, estes princípios fluem progressiva e harmoniosamente para os organismos materiais — assim como a bolota se transforma em carvalho, ou como o azul das flores se revela na violeta.

O princípio da audição existe em Deus; dele flui por incontáveis vias e instrumentalidades, amplificando-se pela infinitude fora; e, após se ter desdobrado em séries e graus de formas — para que as suas inumeráveis variações se ajustem a todos os graus de perfeição material e espiritual — acaba por encarnar-se no órgão físico da audição, tal como o conhecemos no ser humano.

O mesmo sucede com a visão e todos os outros sentidos naturais à forma humana. Todos têm a sua origem na constituição do Princípio Divino e, por fim, realizam-se no homem. Esta é a lei fundamental de toda a encarnação. Assim, somos novamente lembrados da verdade daquela antiga proposição teológica: que “o homem foi feito à imagem do seu Criador”; pois Deus é a causa, a Natureza é o efeito, e o homem é o fim, ou a culminação.

O Espírito de Deus é ubíquo — é onnipresente — e tende a multiplicar-se infinitamente nas suas sete formas de manifestação. Tal como um germe, depositado no seio da terra, se expande e desdobra as suas qualidades e essências em formas manifestas da sua própria natureza, também o Grande Germe do Universo expande e desdobra os seus princípios celestiais e imutáveis em formas minerais, vegetais e animais, culminando, como um ultimato concentrado de todos eles, no organismo material e espiritual do homem. Por isso, entre todos os desenvolvimentos da Terra, o homem é a mais elevada encarnação do Princípio Divino; mas quando tiver progredido até à condição de espíritos, anjos e serafins, então o seu rosto e forma mover-se-ão e refletirão ainda mais o Princípio Divino de onde ele — e todas as coisas — originalmente emanaram.

Paralelamente às manifestações da grande lei anatómica ou estrutural, fluiu a lei fisiológica ou funcional através dos labirintos imensuráveis da imensidão. A evolução das formas e estruturas, consequência das operações imutáveis da lei anatómica, foi acompanhada de uma evolução ou atribuição correspondente (por assim dizer) de ofícios ou funções, que essas formas e estruturas estavam adaptadas a ocupar e desempenhar.

Pela ação incessante do oceano original de materiais informes, que existia antes da atual estrutura do ilimitado Univercoelum, desdobraram-se — em conformidade

com a grande lei primária da afinidade, ou (o que vem a ser o mesmo) associação de partículas e essências — todas as miríades e miríades de sóis e sistemas solares que mesmo o telescópio demonstra estar a girar nos labirintos inimagináveis da imensidão.

E quão exaltante é, para a mente contemplativa e devocional, saber que cada sol e cada sistema solar — até cada partícula de matéria que os compõe, e cada princípio de vitalidade que os permeia e movimenta — possui uma função específica e importante a desempenhar — um dever indispensável a cumprir no grande organismo da Divindade!

Oh, não recuemos perante a contemplação destas realidades imensas — antes permitamos que a alma se expanda perante a luz destas grandes e eternas verdades, para que possamos compreender os atributos interiores da nossa própria natureza e mais dos modos da Existência Divina!

Sim, os poderosos sistemas da imensidão, cujos números e magnitudes nenhuma combinação de algarismos pode descrever, têm cada um a sua missão — uma função — um fim a cumprir, no grande esquema da progressão e desenvolvimento. (Esta missão, função ou fim está descrita na secção intitulada “O que é o homem, considerado anatomicamente e fisiologicamente?”, que se encontra no primeiro volume de *The Great Harmonia*.) Existem seis círculos de sóis na constituição atual do Universo; e cada círculo contém vastos conjuntos de planetas e satélites em números inconcebíveis. Mas apenas um desses círculos possui planetas suficientemente desenvolvidos e refinados na sua constituição para sustentar a existência animal e humana.

Este círculo é o quinto — enumerando os círculos desde o grande Centro-Fonte, para fora, em direção à circunferência de todo o desenvolvimento planetário. E o sol que derrama os seus raios benéficos sobre a Terra; que envia as suas emanações vivificantes, adaptadas a todas as formas e estruturas que se movem sobre a superfície terrestre; que inspira as nossas sensibilidades e anima cada um dos nossos pensamentos — esse sol é apenas um entre os que pertencem à imensurável fraternidade de sóis que compõem o quinto círculo.

Assim, os nossos Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, etc., são membros desta grande irmandade de sóis e planetas suficientemente purificados e refinados para dar frutos como os vegetais, os animais e os espíritos humanos. Mas pode-se perguntar: que função está atribuída ao círculo interior de sóis, cujos planetas ainda não produzem as formas acima referidas? Estes são rodas poderosas no estupendo mecanismo do Universo — rodas indispensáveis à realização do fim para o qual o todo foi soprado nesta forma e ordem de existência.

O princípio fisiológico da Mente Eterna expressa-se primeiramente em funções tão elevadas e sublimes. A partir do inconcebível Sol que constitui o Centro do vasto Universo — em torno do qual giram todos os incontáveis círculos de sóis e sistemas solares da imensidão — há funções inumeráveis exercidas pelos diversos Orbes, incluindo aqueles que podemos contemplar no nosso próprio firmamento, estendendo-se para muito além das nossas capacidades de reconhecimento, mesmo com o mais potente telescópio.

Os círculos de sóis e corpos cometários que existem entre nós e o grande Sol central do ilimitado Univercoelum são tão essenciais e indispensáveis à existência e funções frutíferas do nosso quinto círculo de sóis e planetas (incluindo a nossa própria Terra), como o são as raízes, o tronco, os ramos e outros apêndices de uma árvore para as suas produções finais. Mas a discussão e amplificação deste assunto esmagador será deixada para um volume futuro. Neste ponto, é apenas necessário que a mente investigadora perceba as operações da Lei Fisiológica, a qual, devido às suas manifestações universais e múltiplas, deve ser traçada, e retraçada, até à própria constituição do Princípio Infinito.

Nada que manifeste vida e animação está isento de funções; e nada existe que não esteja impregnado do Espírito Eterno de toda a vida e vitalidade. Assim, a pedra aparentemente inerte, a composição mineral, a planta minúscula, o mais pequeno inseto, e as mais simples organizações de movimento e vida, todos têm funções distintas e apropriadas a desempenhar no grande Corpo da causação. Não pode haver formações absolutamente casuais — nem desenvolvimento accidental de forma e função — porque o princípio universal de causa e efeito é infinito e inflexível nas suas operações.

É verdade que a poça de água estagnada, em breve, se encherá de lagartos, sapos e peixes; e que a farinha humedecida, se for privada de luz e ar, gerará os primeiros tipos do reino dos répteis; e, no entanto, com que fidelidade as leis anatómicas e fisiológicas mostram a sua presença, exercem a sua influência e demonstram a sua energia legítima!

Alguns desenvolvimentos na Natureza podem parecer frutos de circunstâncias efémeras e coincidentes — podem aparentar ser efeitos de um sistema de causas concêntricas — totalmente fortuitos, não provocados e não intencionais — mas tal aparência é enganosa; porque nada pode ocorrer fora da infinitude — além do alcance da Causa Eterna, cuja constituição espiritual e material compreende e abarca todas as existências.

O simples fato de que a mente humana não consegue conceber a criação sem admitir a existência de um Criador — de que não pode reconhecer efeitos sem, ao mesmo tempo, admitir a existência absoluta de causas-mãe — é uma demonstração

inferencial suficiente de que o acaso — “um encontro fortuito de átomos” — é uma impossibilidade; e de que existe uma grande Mente Central, Criadora e Omnisciente, fixa no organismo do vórtice poderoso aparelho sensorial do Universo.

Como já foi dito, não é compatível com o carácter deste volume tentar uma demonstração da existência da Divindade. Se houvesse um ato de superfluidade — uma tentativa do mais desnecessário e extravagante — tal tentativa de demonstração poderia assim ser classificada. Porque seria tentar demonstrar aquilo de que tudo já é uma demonstração viva. Seria como alguém tentar provar a sua própria existência quando o seu próprio ser é a única prova possível, e é uma demonstração incontestável.

Assim, as formas e funções possuídas pelos organismos materiais da Natureza são demonstrações incontestáveis de que o Grande Poder Motriz do Universo contém, na sua própria constituição, os princípios de estrutura e função; ou, noutras palavras, leis anatómicas e fisiológicas que, como almas vivas, se manifestam em organizações materiais e exteriores. Mas aqui pode surgir a pergunta: Qual é o desígnio de todas estas manifestações externas? Que fim grandioso procuram alcançar?

A resposta é: a Grande Mente Positiva, enquanto Causa, desenvolve a Natureza como Efeito, para produzir o Espírito Humano como fim último. O princípio espiritual humano é desdobrado e eternamente individualizado por meio da instrumentalidade de inúmeros sóis e planetas, e também através do desenvolvimento progressivo e regular de minerais, vegetais e animais; todos os quais o homem representa e abarca na energia, força, simetria e beleza estrutural da sua forma, órgãos e funções. O homem é a flor da Natureza — o protótipo do Deus vivo. O grande mecanismo do universo é, portanto, adaptado ao cumprimento completo deste Fim ou último propósito, que é indescritivelmente grandioso e glorioso — grandioso e glorioso porque fixa de modo imutável a estrutura e a imortalidade do espírito humano!

As miríades de sóis e planetas que habitam os reinos da infinitude sem limites são todos secundários e subordinados, em posição e importância, a esta sublime consumação na ordem da Natureza, a saber: a produção e eternização da alma humana! E poder-se-á perguntar novamente: se Deus é onnipotente e omnisciente, porque não realizou esta obra aparentemente simples de forma menos grandiosa e complexa? Porque Deus não pode agir em contradição com os seus hábitos ou modos eternamente fixos; e não foi, nem é, possível que a Mente imutável aja de outra forma senão em conformidade com essas leis. Assim, somos levados de volta à consoladora conclusão de que Deus é uma Causa fixa, imutável e eterna, cujo lugar de repouso é o Grande Aparelho sensorial, e cujo campo de ação é o imenso, ilimitado Univercoelum.

A contemplação das diversas formas e estruturas da Natureza externa expande a alma humana; porque ela está a observar as qualidades e essências vitalizadoras — ou, mais precisamente, os corpos e organismos nos quais essas qualidades fluem espontaneamente. O princípio anatómico exala-se, reveste-se, ou encarna-se nas incontáveis formas que vemos no seio da Natureza, e que nadam nos oceanos ilimitados da infinitude; e o princípio fisiológico está em constante associação com o anterior — como um companheiro eterno — fornecendo a essas elaborações movimentos e forças adequados ao cumprimento das variadas funções para as quais essas formas foram feitas.

Contempla a Terra na Primavera, quando a semente, que o lavrador semeou, se expande e germina para a existência; vê como rompe a superfície da terra e lança os seus frágeis rebentos na atmosfera quente e luminosa, vitalizada pelo calor solar e pelos elementos magnéticos. E em harmonia com a estação, a planta perfeita desdobra-se; não só semelhante ao seu germe de origem em forma e função, mas multiplicando-se cem vezes.

Assim, um único grão de trigo dará cinquenta grãos iguais, se não superiores, a si mesmo. Deve, pois, existir um poder de atração no germe parental suficientemente forte para atrair elementos circundantes e substâncias contíguas para a sua constituição. Estas contribuições não são voluntárias; mas os elementos e substâncias são compelidos a entrar na esfera do germe por uma força de atração avassaladora. Sobre isto, no entanto, falarei mais adiante. O objetivo agora é mostrar como todo poder e essência tende à multiplicação do seu próprio tipo.

E, em conformidade com as operações inflexíveis desta lei, o princípio anatómico da Mente Divina encarna-se em inumeráveis estruturas; ao mesmo tempo, e num plano de ação quase paralelo, o princípio fisiológico encarna-se em inumeráveis funções — tudo com o fim de que a alma humana se desenvolva no cume da Natureza, em plena posse de uma organização individualizada e eternizada!

A Lei da Encarnação é, portanto, universal na sua natureza e operações. Quão irrazoável é, então, acreditar — como muitos dos habitantes da Terra acreditam — que Deus é local e especial nas suas manifestações e favores pessoais; que algum indivíduo particular na Terra recebeu, por permissão e desígnio Divino, uma quota extraordinária da energia celestial.

As nações orientais estão impressionadas com esta convicção. Supõem, tal como os cristãos em relação a Jesus, que o seu chefe ou guia espiritual foi o recetor de tal favor; e a consequência disso é o sacrifício da auto-dependência e da reforma pessoal no altar de uma expiação vicária pelos seus inúmeros pecados e transgressões.

As leis da Natureza (que expressam os modos de ser e agir de Deus) são enfáticas ao repudiar a doutrina de uma encarnação local e especial da Mente Divina. Mas poder-se-á dizer que a nossa consciência interior e o nosso julgamento racional, tal como estão constituídos, não permitem a rejeição dessa fé — que, como a nossa consciência aprova a doutrina de “Deus em Cristo”, de que Cristo era Deus manifestado na carne — não devemos, por isso, questionar a sua veracidade.

Mas sou impelido a falar contra o carinho por este erro, primeiro, porque é um erro; e segundo, porque abre um amplo caminho que conduz à destruição de muita virtude, integridade e benevolência entre os homens, e atrofiando o seu crescimento em excelência. Milhares, que foram ensinados a acreditar seriamente na encarnação especial de Deus em Cristo, e que o arrependimento à “décima primeira hora” é tão válido como no início da juventude ou da maturidade, acreditam que:

“Enquanto a lâmpada estiver acesa,
O mais vil pecador poderá retornar.”

Sim, milhares têm sido levados, por essa doutrina ilusória, a adiar os seus esforços e a sua decisão de viver uma vida boa e virtuosa, porque supõem que podem, quando estiverem no leito de morte, escapar às consequências eternas do pecado, colocando simplesmente a sua fé na expiação vicária e confiando nos sofrimentos do Senhor Jesus Cristo. Afinal, não se ensina que “quem crer será salvo”?

E entregar a alma a Cristo à décima primeira hora sempre pareceu, para o crente cristão “comercial”, tão seguro quanto viver uma vida virtuosa desde a infância, ou quanto progredir, por esforço próprio, afastando-se das imperfeições herdadas, rumo à conquista de qualidades mais nobres. E quase todo crente na encarnação especial de Cristo é um devoto comercial — está cheio de expedientes e deseja estar “do lado seguro” de todas as probabilidades e possibilidades; não quer “vender” a sua alma para ganhar o mundo inteiro; e por isso, dá toda a ajuda pessoal e pecuniária que “pode dispensar” à construção e popularização de igrejas, ao sustento da classe clerical, à causa missionária e à educação da juventude.

Este último efeito deve, talvez, ser considerado uma evidência de que, no fim, “todo o mal é governado para o bem.” Mas a verdade não pode ser disfarçada: as impressões que muitas mentes, infelizmente organizadas, recebem das doutrinas da expiação vicária e da encarnação especial do Espírito Santo, são profundamente perniciosas e desastrosas para o bem-estar geral da humanidade. A mente mal formada, com o assassinato nos seus pensamentos, medita sobre as possibilidades de escapar, em última instância, às consequências do seu ato. Acredita que poderá arrepender-se mais tarde.

E eis agora a justiça bárbara que esta teologia chama de divina e eterna. O assassino é detido e encarcerado. O dia da sua execução é fixado. É acompanhado por

“conselheiros espirituais” que lutam com ele pela salvação da sua alma da suposta “ira de Deus” e do castigo eterno no Inferno. E, na maioria dos casos, o réu reconcilia-se satisfatoriamente com Deus — faz “as pazes com o Criador” — e, imediatamente após o bárbaro ato do enforcamento, passa do cadafalso para os tribunais celestes do céu! Mas, enquanto o assassino é assim acolhido, o que acontece à vítima?

Oh, isso é incerto! Porquê? Porque, em nove de cada dez casos, a pessoa assassinada ilegalmente é retirada da Terra antes de ter tempo de “reconciliar a sua alma com Deus” — morre como um pecador não arrependido e, conseqüentemente, não perdoado. E qual é a consequência disto? Que esta última vai para as moradas de miséria eterna, enquanto o primeiro, aquele que a enviou para lá, é autorizado a residir no mundo dos bem-aventurados!

Seguramente, tal teologia é degradante e desmoralizadora para a alma humana. Ela oferece, ainda que involuntariamente, os mais sedutores incentivos ao indivíduo cujas inclinações mal dirigidas e circunstâncias infelizes o levam à adoção de diversos vícios. Ela diz, virtualmente, ao transgressor das leis sociais e morais que um arrependimento pleno e sincero o salvará das terríveis consequências das suas transgressões.

Diz à mente jovem que “aquele que se arrepender e for batizado será salvo” com uma salvação eterna. Assim, o indivíduo conclui, no íntimo da sua própria consciência, que vai “gozar o fruto proibido” — ceder às tentações que o rodeiam; porque a teologia popular lhe diz que, “no dia em que comeres desse fruto, não morrerás certamente” e assegura-lhe que o castigo será adiado para o grande dia do julgamento e da retribuição futura; retribuição essa que poderá ser completamente evitada, bastando-lhe simplesmente abandonar, no coração, todo pensamento de maldade, e acreditar num indivíduo que foi cruelmente executado há cerca de dois mil anos pelos judeus, que sinceramente o consideravam um homem perigoso para a sua comunidade — um pregador de heresias e de infidelidade à religião vigente, e instigador de sedição contra o governo romano.

Admite-se que esta teologia exerce algum tipo de influência restritiva (ainda que negativa) sobre um número muito limitado de mentes refratárias que são levadas a entrar nos seus domínios; mas também se deve admitir que tais opiniões teológicas, em regra, **não exercem uma influência positiva e reformadora** sobre os seus defensores e praticantes.

Há apenas uma verdadeira força inibidora ao “pecador” dentro dessa crença (e esta baseia-se no medo, não no princípio), a saber: a mera **possibilidade de uma reconciliação adiada da alma com Deus**, resultando na perda do “dia da graça”, após o qual já não existem meios de salvação. É, portanto, evidente que essa

teologia é desmoralizante para o ser humano. Não estabelece a punição como uma consequência certa e inevitável de todo e qualquer tipo de desvio e transgressão individual. Não diz, como na linguagem da história primitiva, que “no dia em que comeres desse fruto, morrerás certamente.” Não — ela coloca o dia da retribuição para além do túmulo, num futuro remoto e nebuloso, o qual, para o tipo de pessoas a quem é especialmente dirigida, está demasiado distante e indefinido para ser levado a sério.

Ora, a Filosofia da Harmonia considera toda transgressão contra princípios estabelecidos como um pecado imperdoável — um “pecado contra o Espírito Santo”; e demonstra a inflexibilidade e irreversibilidade das leis da Natureza; e prova que ninguém pode escapar à sequência legítima das consequências que decorrem da violação de qualquer princípio físico, social, intelectual, moral ou espiritual, que esteja, de algum modo, relacionado com a existência presente ou futura do homem.

Vamos, então, examinar mais particularmente esta filosofia das recompensas e punições, e observar com mais detalhe os seus poderosos incentivos à retidão e a uma vida de paz e harmonia; contemplemos o que é, verdadeiramente, o pecado contra o Espírito Santo.

O pecado contra o Espírito Santo, geralmente entendido como sendo o pecado imperdoável, é suscetível de uma interpretação mais razoável do que aquela que os eruditos dos primeiros séculos e os comentadores bíblicos dos tempos modernos lhe atribuíram. Esta questão do pecado imperdoável tem inquietado muitas mentes nobres e instruídas; e não é improvável que tenha confundido e atemorizado muitas mentes honestas e tímidas, que procuraram na história primitiva a verdade e a vida eterna. Mas aqueles clérigos e comentadores que investigaram o verdadeiro significado desta passagem bíblica, estiveram, creio eu, plenamente convencidos de que nunca foram eles próprios os autores de tal pecado. Se alguma vez foi cometido, pensam que esse pecado pertence certamente a algum vizinho, ou a uma determinada classe de indivíduos.

Atanásio acreditava que recaía sobre os fariseus, pelo seu desprezo por Cristo e pelas suas obras, as quais atribuíam, maliciosa e perversamente, à agência do Diabo, estando, ao mesmo tempo, plenamente persuadidos de que tais obras eram realizadas num espírito bom; e nessa imputação reside uma descrença implícita na origem divina e sobrenatural de Cristo; constituindo, para quem acredita no sobrenatural e no misterioso, um pecado formidável — intrinsecamente mau demais para ser perdoado.

A diferença entre o pecado contra o Espírito Santo e o pecado de ignorância, de esquecimento, de negligência, de descuido, e outros pecados menores contra

preceitos e costumes positivos ou negativos, consiste no fato de o primeiro ser totalmente imperdoável, e os segundos poderem ser perdoados “até setenta vezes sete”. Mas creio que parecerá claro, àqueles que se habituaram a usar a razão, que a punição geralmente associada ao cometimento do pecado imperdoável está em total desacordo com os princípios de justiça e verdade que caracterizam a proporcionalidade justa.

A relação entre esse crime e a sua punição não é mais consistente, justa ou íntima do que seria queimar um membro do corpo nos Estados Unidos e sentir a dor, ou colher os efeitos, em Inglaterra. Nem devemos supor que um indivíduo, que (comparado com o Criador Infinito) é apenas uma criatura finita e quase insignificante, possa cometer um crime que venha a ter consequências eternas. Com efeito, deve-se fixar bem a ideia de que a mente humana não pode, de forma alguma, quebrar ou corromper uma das Leis Eternas da Natureza, assim como não pode tornar a Divindade imperfeita ou infeliz! Acreditar que Deus irá punir infinitamente os seres humanos por um ato finito é acreditar que Deus é injusto — mesmo segundo os próprios princípios humanos de bondade e equidade.

Qualquer castigo, para ser justo, deve ser proporcional à magnitude da transgressão; e, por conseguinte, a ideia de que um indivíduo possa ser punido com castigo eterno por um pecado que, segundo a verdadeira filosofia, é apenas um prejuízo para si próprio, é uma ideia que apenas poderia nascer da mente estéril de um bárbaro.

Mas a verdadeira explicação da ideia de pecado imperdoável (ideia que, não obstante, aceito que permaneça com a designação de "pecado contra o Espírito Santo") torna-se agora necessária.

Os termos Espírito Santo são aplicados, na teologia, quase exclusivamente à terceira pessoa da Trindade, mas isso não oferece nenhuma pista real para uma interpretação apropriada da ideia. A ideia é simplesmente a seguinte:

A Grande Mente Positiva vive, move-se e governa no vasto universo da mente e da matéria, de acordo com certas leis ou regras fixas, que constituem o Espírito Santo — ou Leis Excelentes que procedem do Seu Espírito e fluem para todas as coisas. O termo Santo, segundo esta definição, significa “excelente”; e o termo Fantasma ou Aparição significa lei ou leis. O indivíduo está sempre sob o controlo destas leis, que operam com precisão infalível no seu sistema físico, nas suas relações sociais, e nas suas conexões morais e espirituais com o mundo exterior e com o mundo interior.

Estas leis exigem que o indivíduo seja harmonioso na sua organização física, no seu sistema social e na sua mente. Com efeito, um corpo, uma condição e uma mente perfeitamente saudáveis são exigências absolutas do Espírito Santo, ou Leis Excelentes do nosso ser.

Sendo nós governados por esses princípios e só encontrando felicidade e harmonia ao obedecer-lhes, é evidente que qualquer desvio deles resultará em discórdia e infelicidade, na medida diretamente proporcional ao grau desse desvio. E que fique gravado e bem impresso na mente: não há forma possível de escapar às consequências legítimas e totais de qualquer violação das Leis Naturais ou Divinas.

Se violarmos as leis da digestão, da gravidade, da reprodução, da locomoção, ou qualquer uma das funções do corpo ou da mente, ou ainda qualquer uma das relações naturais entre indivíduos em sociedade, receberemos as consequências legítimas dessa violação — e não existe outra expiação.

A resposta à questão em análise entra, naturalmente, neste ponto: é a seguinte:

Uma violação das Leis da Natureza não pode ser perdoada, mas deve ser resolvida através do sofrimento individual das consequências dessa violação. Em outras palavras, um pecado contra o Espírito Santo — ou contra as Leis Naturais — não pode ser perdoado, nem mitigado, nem aumentado, mas deve ser resolvido pela experiência total e completa das suas consequências, conforme a natureza e a extensão do pecado.

Pode-se supor que um indivíduo seja punido não pelo que fez, mas pelo que tencionava fazer. Se essa opinião for mantida em relação à comissão do pecado imperdoável, como justificação para uma punição eterna, então remeto tal crente para as leis pelas quais somos infalivelmente governados. Se alguém tenciona queimar todo o corpo, mas apenas queima um dedo, não sofre pelo que tencionava fazer, mas pelo que de fato fez ao seu sistema físico. Se alguém pretende matar um bairro inteiro, mas, falhando, apenas causa a morte de uma pessoa, não sofrerá por toda a intenção, mas sim pelo que sente interiormente como sendo a maldade intrínseca dessa intenção. O ato que tornaria infeliz um homem civilizado, daria alegria a um indígena.

Um homem é punido pelas leis físicas pelo que faz, e pelas leis morais pelo que concebe como sendo verdadeiramente mau nas suas intenções. Mas, quando a intenção maligna deixa de habitar os recantos da mente, então o indivíduo deixa de cometer pecado e, conseqüentemente, deixa de ser punido. As punições decorrentes de intenções más são vividas exclusivamente pelo indivíduo que as nutre; e as causas do seu sofrimento encontram-se nos desejos ou ações desordenadas que geram discórdia na sua natureza em desequilíbrio.

Assim, qualquer coisa que produza discórdia no sistema físico, social ou moral do nosso ser causará sofrimento — e tal sofrimento será sempre proporcional ao grau e natureza da perturbação provocada. Mas, uma vez que as causas primárias dessas perturbações são hereditárias, educativas e circunstanciais, segue-se que, quando essas causas deixarem de existir, essas perturbações também deixarão de existir; e,

portanto, não haverá perpetuação dos efeitos ou castigos por toda a eternidade, como geralmente afirmam os clérigos.

O que é saudável acreditar é o seguinte: que toda e qualquer violação das leis físicas ou morais do nosso ser será seguida pelas suas devidas consequências — e destas não há escapatória.

Portanto, tais transgressões são pecados contra o Espírito Santo e, ainda que todos os cristãos existentes fossem executados numa cruz, isso não diminuiria uma única dor, nem salvaria o indivíduo dos efeitos legítimos dessas causas eficazes.

E ainda assim, poderá ser dito que a consciência e o julgamento se opõem às doutrinas aqui expostas. Examinemos então o que são, de fato, a consciência e o juízo — verifiquemos se são autoridades realmente fiáveis.

O que se entende por Consciência?

Sensível por natureza, e ainda não contaminada, a criança nasce e entra em cena na vida; descobre-se na posse de impulsos ricos e numerosos, rodeada por múltiplas e poderosas atrações. Os seus olhos são cativados por formas diversas e cores variadas; os seus ouvidos são encantados por tons doces e sons atraentes; o seu olfato delicia-se com aromas deliciosos e diversos; e toda a sua alma encontra-se no meio de atrações e repulsas sem ordem ou número.

Atraída ora pela voz do afeto parental, ora pela excitação selvagem da música marcial; ora por flores belas, ora por um circo ambulante; e seduzida pelos caminhos da moda — a mente aprende rapidamente quais entre essas atrações produzem os resultados mais agradáveis e duradouros.

Ano após ano, à medida que a experiência se acumula, a criança, agora a caminho da maturidade, aprende a distinguir entre o atraente e o repulsivo, entre o supostamente verdadeiro e o falso; e, se não for influenciada por desejos e impulsos artificiais ou superficiais, seguirá o caminho reto e belo que conduz à felicidade e ao contentamento.

Mas, se a criança, ao entrar na vida e na sociedade, for colocada entre quatro paredes de disciplina teológica prevalente e “moderna”, e se os seus impulsos mais puros e naturais forem imediatamente confrontados com proibições severas ou solenes — ensinando-lhe que isto e aquilo são maus — então a sua mente recuará e suspeitará da sociedade em que vive; ou então romperá a prisão e atirar-se-á a extremos perigosos na tentativa de se libertar.

A disciplina da experiência imparcial cria, ou ergue, na mente um verdadeiro padrão individual de certo e errado; mas a disciplina da educação artificial produz um

sentido superficial de certo e errado — um sentido que é convencional ou teologicamente chamado de Consciência. A experiência é uma forma de educar a Mente; mas a educação superficial é uma forma de cultivar a Memória.

A educação da Alma no que mentes não filosóficas chamam de "sentido do certo e do errado" difere em diferentes países e séculos; e o que é teologicamente denominado Consciência será, necessariamente, diferente em diferentes indivíduos, na medida em que diferem as suas educações religiosas e gerais. Por isso, há uma consciência que é produto da educação; reside na memória, e atormenta o seu possuidor infeliz como um fantasma, enquanto prevalecer sobre a consciência espontânea que flui naturalmente do princípio de Sabedoria da Alma.

Assim, a diferença entre a Consciência da educação e a Consciência da experiência consiste nisto: a primeira é uma coisa superficial, um fantasma teológico da memória; a segunda é um testemunho da Alma baseado na sua própria experiência do certo e do errado, e serve como bússola para distinguir entre prazer e dor, discórdia e harmonia.

É sensato perguntar: que provas temos de que a Consciência é uma coisa da educação? Respondo: os judeus acreditam que o sábado (sábado) é o verdadeiro dia sagrado, enquanto os cristãos acreditam que é o domingo; assim, prestam culto em dias diferentes da semana. Se deixarmos que filhos de judeus e cristãos brinquem juntos todos os dias, verificar-se-á que a consciência judaica considera errado fazer ao sábado o que a consciência cristã considera certo, e que, ao domingo, a situação se inverte.

Educada pela experiência inata nesta sua primeira esfera de existência, a mente humana está convencida de que o exercício, a música, a dança e outros passatempos inocentes, ao domingo, não são prejudiciais, mas muitas vezes altamente benéficos e felizes para o corpo e para a mente; mas, educada na religião dominante da nossa época e país, essa mesma mente não consegue usufruir desses benefícios sem ser assombrada por esse aspeto artificial da memória a que se chama consciência.

Crianças, cujas constituições exigem ar livre e movimento, são obrigadas, em muitas famílias cristãs, a conformar-se a regras fixas e a permanecer dentro de casa no domingo, forçadas a decorar longas passagens da Bíblia, mal ousando levantar os olhos do livro — do qual anseiam por se libertar — ou a manter um silêncio tal que quase têm medo de o quebrar até para pedir um copo de água. E porquê? Porque os seus pais sacrificaram a razão a uma Consciência arbitrária que dizem ser conforme às exigências religiosas.

E, embora a sua experiência e melhor julgamento testemunhem a falsidade absoluta dessas regras, o fato de terem sido vítimas precoces delas faz com que recuem perante a ideia de quebrá-las e agir conforme os seus impulsos naturais e a sua

razão. A Alma luta por liberdade, mas, se não estiver suficientemente desenvolvida para raciocinar de forma clara e forte, então a consciência opressora da educação vencerá os seus esforços, e a Alma permanecerá aprisionada nas muralhas do sectarismo.

O muçulmano acredita que a nossa Bíblia é uma falsidade; e nós acreditamos que o seu Corão é uma falsidade — a consciência dele aprova o que, onde e quando, a nossa consciência reprovava; e da mesma forma, a consciência chinesa entra em conflito com os ditames imperativos da consciência cristã; e penso que o leitor encontrará tantas consciências quanto complexões, nações e idiomas existem sobre a Terra.

Afirmo que existem dois tipos de consciência: — uma Consciência da Experiência, e uma Consciência da Educação — uma é inata e natural, a outra é externa e arbitrária. A primeira ensina-nos a distinguir entre dor e prazer, discórdia e harmonia; a segunda ensina-nos a reconhecer a regra popular e a divorciá-la dos ensinamentos da razão.

Mas, considerada em qualquer sentido, a Consciência é sempre educativa. E a única forma de fazer da consciência arbitrária — ou da consciência da teologia dominante — o padrão geral de fé e prática, é os clérigos iniciarem uma campanha contra a pureza da razão humana, denunciarem a investigação independente, e oporem-se à ciência; porque a fraca vela da sua teologia só pode brilhar na ausência da gloriosa Luz do Sol da Razão e da Filosofia.

Mas interroguemo-nos agora:

O que se entende por Julgamento?

O julgamento é mais um resultado da educação do que do desenvolvimento. A Sabedoria significa o desdobramento do princípio de autogoverno e de discernimento que reside na Alma; ou é, noutras palavras, um termo que designa a encarnação e manifestação harmoniosa dos atributos interiores da Mente. O ato de exercer Sabedoria pode ser chamado de julgar; e as decisões da Sabedoria podem ser chamadas de Julgamento. A Sabedoria é o Monitor interno, ou Anjo da Guarda (para usar uma expressão figurativa), que toma conhecimento das nossas ações, e que as aprova ou reprovava de acordo com a sua natureza, extensão e causa.

A Sabedoria reside no interior e, se devidamente desenvolvida, governa o corpo e as porções subordinadas e impulsos da mente; mas, se a Sabedoria for imperfeitamente e indevidamente desenvolvida, então o Indivíduo absorverá, por meio da educação externa, um tipo de padrão artificial de Julgamento e Governo, que se chama consciência. E a Consciência, tal como é entendida pelo mundo religioso ou pelos

metafísicos teológicos dos tempos modernos, é apenas outro nome para Razão, Julgamento, Sabedoria e Entendimento. Pode-se então perguntar:

Qual é a Idade da Responsabilidade?

É geralmente suposto, por metafísicos e outros, que um indivíduo atinge a idade da discrição ou responsabilidade quando é capaz de exercer a razão ou o julgamento; quando pode distinguir corretamente entre o certo e o errado, e entre o verdadeiro e o falso. Mas, na verdade, nenhum indivíduo atingiu essa idade se não estiver elevado acima das influências das condições e circunstâncias envolventes, e se não for capaz de praticar as decisões da Razão. Não é apenas a capacidade de raciocinar corretamente, mas a capacidade firme de pôr em prática o que a razão dita, que marca o período da responsabilidade pessoal.

Mas que erros surpreendentes encontramos nas teorias religiosas sobre este assunto! Doutrinas que fixaram a idade da responsabilidade nos oito, dez ou doze anos — como sendo o momento em que o Criador começa a “registrar” as ações da Criatura. A partir dessa idade, o indivíduo é considerado capaz de escolher entre o bem e o mal, e de agir em conformidade com essa escolha. E, segundo essas doutrinas, o padrão do certo e do errado já está estabelecido, e o indivíduo deve ser medido por ele, e julgado conforme o resultado dessa medição — assim se determinando as suas ações.

Mas se um cristão tiver filhos que cresçam sob o domínio religioso da Turquia, todo o sistema de medição será invertido, e a segunda geração possuirá uma consciência muito diferente da dos seus avós cristãos. Nesse caso, seria absurdo fixar uma idade de responsabilidade; pois a criança pagã não sentiria remorsos nem restrições nos mesmos momentos e contextos em que a criança cristã sentiria, e assim o senso do certo e do errado seria, claramente, educacional. Portanto, em grande parte, o conhecimento do que é chamado de certo e errado é adquirido, e a única questão válida é: quem — ou que classe de indivíduos — está mais apto a formular o melhor julgamento sobre o que é verdadeiro ou falso, certo ou errado?

E como prova de que a idade por si só não é um critério fiável, aponto os inúmeros casos em cada comunidade onde uma organização corporal defeituosa torna alguns indivíduos totalmente incapazes de realizar atos considerados “certos” pelos religiosos locais; bem como as incontáveis situações em que um indivíduo pode encontrar-se impossibilitado de fazer o que é tido por sagrado ou virtuoso, mesmo segundo o melhor sistema moral. Isto prova, de forma conclusiva, que o homem, em qualquer fase de crescimento ou esfera de vida, é meramente relativo e não um agente livre.

Assim, é razoável acreditar que a Idade da Responsabilidade não depende dos Anos nem da Educação, mas sim do Crescimento Intrínseco e do Cultivo Espiritual.

Com base na força dos princípios acima, é seguro afirmar que os modos fisiológicos da Criação Divina e do desenvolvimento não são especiais nem locais nas suas encarnações ou manifestações, exceto na medida em que a especialidade e a localidade são elos numa cadeia interminável de causas pelas quais as operações da Natureza se identificam com os hábitos universais da manifestação de Deus. Não há funções vegetais, animais ou humanas particulares na ordem da Natureza; pois todas as funções — quer se desdobrem no plano material ou espiritual — são manifestações legítimas do princípio fisiológico do Ser Divino, em quem não há parcialidade, favoritismo, variação ou “sombra de mudança”.

Terceiro: Deus atua sobre o Universo mecanicamente.

É profundamente insustentável e irrazoável afirmar que a construção mecânica seja uma invenção da mente humana. Seria o mesmo que um fabricante de planetários afirmar ter inventado um sistema solar, com todos os seus movimentos harmoniosos e forças mecânicas. Mas quem investiga os princípios do movimento, da hidráulica, do parafuso, da alavanca e das diversas fontes de força e impulso mecânico, é um estudioso da Natureza. Tal intelecto está a aprender, com o imenso mecanismo da Natureza, como o Supremo Artífice é constituído e como atua nos vastos campos da existência orgânica. Todas as invenções mecânicas são, portanto, meras imitações das forças e estruturas correspondentes da Natureza.

É, com certeza, uma proposição evidente que o homem não pode criar nem originar coisa alguma. Ele não pode inventar um movimento nem um princípio mecânico completamente novo, diferente daqueles que atuam continuamente nas formas e organismos da Natureza; mas pode investigá-los e, familiarizando-se com as propriedades geométricas e mecânicas do mundo vivo, adquirir uma capacidade de combinação que seja nova — e é nisso que consiste toda a invenção possível à mente humana.

A invenção, então, consiste em originalidade de combinação. Existem sonhos compostos por pessoas novas, paisagens novas, formas estranhas e imagens nunca antes vistas — fabricadas, por assim dizer, a partir dos materiais que a mente já possui. A novidade não está nos materiais, mas na textura e combinação melhorada ou modificada desses materiais, armazenados na memória.

A prova disto é que tais mentes nunca sonham com coisas, pessoas, lugares ou nomes com os quais não tenham tido algum contato prévio; no entanto, a mente, durante o sono, é capaz de combinar características, cores, formas, movimentos, locais, etc., de modo tão criativo que, temporariamente, se esquece de já ter tido contato com tais elementos em estado de vigília.

O mesmo se passa com o mecânico. Pelo estudo, ele familiariza-se com os poderes e processos, com as propriedades intrínsecas e leis mecânicas da Natureza, e depois

aprende a combinar esta força com aquele movimento, esta pressão com aquele impulso, esta tendência centrípeta com aquela tendência centrífuga; e, sendo tão original a sua combinação das múltiplas instrumentalidades da Natureza, deixamos de reconhecer a sua origem natural — e, por isso, chamamos à nova obra: "invenção humana".

Aos olhos do verdadeiro mecânico, toda a Natureza é um vasto e inimitável mecanismo — e Deus é o Grande Inventor. Se o homem conseguir combinar correias, parafusos, substâncias metálicas e meios cristalizados, de acordo com os princípios mecânicos sobre os quais o olho foi construído, ele criará então um telescópio; e, por meio desse instrumento, poderá contemplar outros planetas, descobrir a sua formação física e familiarizar a sua mente com a sua magnitude e movimentos no firmamento. Se o mecânico utiliza a mola, apenas imita a elasticidade da atmosfera e a perfeição da coluna vertebral no ser humano. Se constrói um arco, apenas imita o mecanismo da cabeça humana.

Se combina materiais para formar uma ponte suspensa, apenas está a imitar a estrutura do tórax humano. Se constrói alavancas, está a imitar os ossos do corpo. Se polias, está a imitar os tendões e ligamentos. Se uma bomba, verá que a sua invenção está infinitamente mais bem representada na circulação do sangue pelo coração. Em todas as coisas — na água, no vapor, no ar, na tendência dos fluidos, na rotação da Terra, nos movimentos de rodas dentadas dos corpos planetários, no gigantesco mecanismo do Relógio da Natureza, nos sublimes trabalhos do grande mecanismo do inconcebível Univercoelum — sim, em tudo, visível e invisível, no que é visto e no que é sentido, o verdadeiro mecânico pode aprender de Deus. Tal mente não pode ser irreligiosa — não pode ser indiferente às realidades mais elevadas e supernas.

Nem poderá duvidar da existência do Arquiteto Infinito e Omnisciente; pois tudo o encara honestamente, e grava na sua mente a verdade do desígnio original. Está convencido de que a Grande Mente encarna em si todos os princípios humanos de movimento geométrico e mecânico. O verdadeiro mecânico não pode deixar de trazer no coração da sua mente uma admiração indizível e respeito profundo pelo Grande Poder Motor do Universo — não pode deixar de ser um homem bom, um homem fiel aos princípios da Natureza. Contudo, um estado social desfavorável sufoca essas emoções legítimas na mente do trabalhador.

A Natureza, que ele vê e pode investigar, enche-o de alegria e sentimentos religiosos; mas a sociedade, sobre a qual é forçado a firmar-se e à qual tem de se conformar, substitui essa alegria e esses sentimentos por opressão, ceticismo e desespero. Quando investiga as produções e movimentos harmoniosos da Natureza, exclama: “Certamente o Senhor Deus Omnipotente reina!” — mas quando contempla a sociedade, e sente os seus inúmeros males e opressões, levanta a voz

em desespero e diz: “Certamente não há Deus!” Por isso, não se pode esperar encontrar muitos verdadeiros mecânicos nesta era do mundo. E, no entanto, há sempre alguns — profecias vivas do futuro!

Mas quando o mecânico inteligente interroga a Natureza, entra na sua mente uma sensação indescritível de alegria e veneração. Ele traça a origem de todo o movimento até ao Grande Poder Central Motor. A origem de todo o mecanismo deve estar com a Causa de toda a criação. O grande Aparelho sensorial deve, por necessidade, conter as qualidades essenciais, as essências e os princípios primordiais de tudo o que se manifesta no organismo do mundo material e espiritual. Tudo é, de certa forma, mecânico nas suas operações. Até os pensamentos são alavancas que movem o mundo.

A amizade e os laços de sangue construíram navios e deram a volta ao mundo. O amor enviou mensagens pelo ar, nas asas dos pássaros. O comércio difunde a sua inteligência pelos fios mágicos do telégrafo. E assim, pensamentos, sentimentos e desejos encarnam-se em veículos ou agentes adequados à sua natureza inquieta e à sua necessidade de transporte fácil. Contemplar a Natureza mecanicamente é profundamente instrutivo.

A matéria e o movimento — já foi dito — são princípios co-eternos. O movimento foi a primeira manifestação do Grande Poder Motor — primeiro, não em tempo, mas em ordem de progressão ou em relação a outras leis da criação — e a matéria foi o veículo apropriado para esse movimento. E estes dois princípios — matéria e movimento — continham todas as propriedades, essências, princípios, leis, formas, forças e movimentos necessários para produzir todas as outras estruturas e funções que existem nos reinos imensuráveis da infinitude.

Portanto, para encontrar os germes e os fins de tudo o que é terrestre e corpóreo, de tudo o que é celeste e espiritual, devemos contemplar a Grande Fonte Central de toda a vida e animação — o Grande Vórtice de tudo o que é puro, sagrado, eterno e infinito. Originalmente, Causa e Efeito eram como irmãos, depois pais, depois avós; mas agora, a sua relação com as coisas à nossa volta — e connosco — tornou-se demasiado diversificada, numerosa e remota para ser seguida pelo pensamento humano.

Tudo o que a mente mais ampla e generalizadora pode dizer ou abranger sistematicamente é simplesmente isto:

Deus existe, o universo existe, o homem existe — e tudo o mais além destas afirmações claras da alma deve, necessariamente, ser relativo, secundário ou demonstrativo; e, sobretudo, inferencial, dedutivo, indutivo, provável e possível. No entanto, há verdades dentro de verdades — fatos dentro de fatos — princípios dentro de princípios — proposições dentro de proposições — essas são as pérolas pelas

quais a mente investigadora mergulha, profunda e destemidamente, no oceano sem margens da criação e da infinitude. Aí, nas suas buscas, encontra muitas verdades que não procurava e estende a mão para alcançar outras demasiado vastas e universais para a compreensão humana. Contudo, é bom que a mente erga um padrão elevado de pensamento e torne infinitas as suas aspirações.

Entre todos os navegadores que se lançam à exploração da Natureza, não há nenhum mais bem-sucedido do que o verdadeiro mecânico. Ele vê, por analogia, que desde os arcanos mais baixos aos mais elevados da existência, há um desenvolvimento constante de princípios, movimentos e forças. Os movimentos centrífugo e centrípeto de uma roda são apenas uma imitação, ainda que imperfeita, dos movimentos correspondentes entre os corpos planetários. O movimento continha originalmente todas as outras formas e manifestações de movimento; e a matéria continha todas as formas e modificações de matéria. Causa e efeito, positivo e negativo, material e espiritual, terrestre e celestial, estavam todos encerrados no grande vórtice inconcebível do universo ilimitado.

Este vórtice continha o princípio e a natureza de todas as outras formas; de modo que, desde as formas mais baixas e intermédias até às mais elevadas, poderiam ser constantemente geradas novas formas, acompanhadas, dirigidas e atuadas pelo Grande Poder Positivo. A progressão do angular gerou o circular. Este não assumiu uma constituição esférica, mas foi uma combinação de plano angular e retilíneo. Assim, a continuidade do angular até ao circular foi uma forma progressiva perpétua, ascendendo rumo à espiral. E este desenvolveu diâmetros, eixos e pólos, contendo o angular perpétuo, e progrediu até uma forma ainda mais elevada e perfeita — a forma em vórtice, ou propriamente celestial.

Assim, desde o nível mais baixo até esta esfera de progressão, houve um desenvolvimento constante de princípios e leis inerentes, o inferior contendo o superior, e o aperfeiçoado compreendendo tudo o que está abaixo. O vórtice perpétuo, ou celestial, era o Espiritual; nele, nada existe senão aquilo que é refinado, puro e eternamente infinito, contendo glória, luminosidade e grandeza celestiais indescritíveis.

É o Vórtice — a substância espontânea e inconcebivelmente perfeita da Grande Mente Positiva!

O maior compreende o menor, especialmente aquilo que veio primeiro; e, ainda assim, o maior não se desenvolve senão por ordem e virtude de uma progressão em graus. E assim, cada estado assume novas qualidades e envolve novos desenvolvimentos, até que o mais elevado manifesta o seu brilho eterno — um indício da sua própria origem!

Assim se vê como tudo começa e termina na Grande Mente Positiva. Quão incontestavelmente demonstrativa é a Natureza de que o Princípio Vital — que move, atua, governa, aperfeiçoa e desdobra as suas inúmeras propriedades e essências — contém os princípios anatómicos, fisiológicos e mecânicos na sua própria constituição! Pois a Natureza indica os modos da Existência Divina. Tal como o espírito do homem atua sobre o seu corpo, assim o Espírito de Deus atua sobre o Universo; o primeiro é representante correspondente exato do segundo, que é o Primeiro e o Mais Elevado de toda a vida e animação.

Para melhor elucidar e fundamentar a proposição de que Deus atua sobre o Universo mecanicamente, poderiam ser examinadas a delicada construção do ouvido, do olho, do cérebro, dos nervos — até mesmo do próprio princípio espiritual humano — e também o movimento do ar e da água, as marés, a imensa variedade de operações mecânicas em todos os departamentos da Terra e da criação; as leis de tensão e extensão, de contração e expansão poderiam ser analisadas. Mas agora sinto-me impelido a deixar o leitor percorrer esses caminhos de exame e análise nos seus momentos de livre reflexão, e avançar para outra proposição neste magnífico tema.

Quarto: Deus atua sobre o Universo quimicamente.

Sendo ensinada desde a infância a estabelecer um sistema de pensamento que separa o material do espiritual, a mente humana dificilmente consegue, na segunda metade da sua existência terrena, aprender a pensar de forma filosófica, consistente e sistemática. As classes educadas — formadas nas nossas academias e colégios mais prestigiados — são ensinadas a pensar com rigor e precisão sobre assuntos científicos e relativos; mas quando surgem os temas religiosos, quando são apresentados dogmas teológicos aos estudantes de teologia, é deplorável observar as inconsistências e contradições que brotam dos nossos sistemas de ensino.

Nos departamentos científicos e legais, ergue-se um padrão de julgamento que contradiz completamente o padrão adotado pelos departamentos teológicos. Aquilo que é cientificamente demonstrado como verdadeiro numa área de estudo, é considerado teologicamente falso noutra. As ciências geológicas e astronômicas comprovam, de forma inequívoca, que a Terra passou por uma série de mudanças durante a sua formação e desenvolvimento, cada uma exigindo mais de mil anos; mas a teologia afirma, com base na narrativa primitiva, que a Terra foi criada em seis dias, ou numa semana, segundo o nosso sistema de cálculo diurno.

É verdade, no entanto, que graças às demonstrações claras e incontestáveis da ciência, a teologia acabou por modificar alguns dos seus princípios de interpretação das Escrituras, permitindo que os “dias” sejam compreendidos como eras ou épocas. Neste aspeto, conseguiu-se alguma consistência entre os dois domínios de saber.

Mas, em quase todos os outros pontos, os muros de separação continuam altos e sólidos.

A maior parte dos pensadores deste tipo não consideraria possível que não exista qualquer contradição entre a verdade científica e a verdadeira verdade teológica ou espiritual — que o que é verdadeiro nas estratificações colossais do nosso planeta seja igualmente verdadeiro em todos os outros planetas e em qualquer esfera de existência. Daí que se tenham traçado linhas rígidas entre as afirmações da teologia e as demonstrações da ciência. O homem foi ensinado a nunca aplicar uma verdade química a um problema espiritual. Nenhuma harmonia foi permitida entre ambas.

A ciência comprova o princípio do desenvolvimento perpétuo e da perfeição progressiva — até mesmo a experiência comum, adquirida através das sensibilidades físicas, demonstra o crescimento de árvores, plantas, animais, etc. — mas a teologia, apesar de se calar perante os processos naturais, afirma positivamente que tais princípios não podem aplicar-se ao estado moral e espiritual do homem. Em outras palavras: o que é verdadeiro no reino animal não o é no reino humano; e o que é verdadeiro na Terra é falso no Céu. Sempre se fez uma grande distinção entre os princípios da Natureza e os princípios do Governo Divino.

A lei da gravitação deve ser vista cientificamente (dizem os teólogos) tal como vemos as pedras ou as plantas — mas tais mentes não conseguem conceber que a mesma lei atue igualmente nos inumeráveis impérios da existência espiritual. Ora, sou impelido a compreender os movimentos e princípios da Natureza como indicações dos modos de Existência e Subsistência Divina; ou como manifestações rudimentares desses princípios imutáveis, que expressam os processos constitutivos do Infinito, e o carácter que Ele manterá através de todos os círculos concêntricos da eternidade.

Mas estas impressões não são sancionadas pelos padrões científicos e teológicos de julgamento e ensino atualmente existentes no mundo. Porquê? Porque esses padrões populares não harmonizam com a grande harmonia da existência material e espiritual, nem sequer entre si; opõem-se à unidade universal da verdade. Ou seja, a teologia não ergue um padrão grandioso e abrangente, capaz de unir ciência, filosofia e teologia com os grandes desenvolvimentos psicológicos e espirituais que resultam do desdobramento progressivo da mente humana.

Pode-se então perguntar:

Residirá a Verdade em tudo?

De um gérmen de bem e verdade, desdobra-se toda forma material ou espiritual; mas a forma refletirá sempre a marca das condições e influências envolventes. As condições em que o gérmen se desenvolve e as influências imediatas que atuam no

seu desdobramento estarão representadas na sua formação final. Uma verdade simples e aparentemente insignificante pode ser depositada numa comunidade de mentes incultas; será então ampliada com erros e mal-entendidos sucessivos, e acabará por ser estabelecida como uma verdade indubitável e de grande importância. Histórias encantadoras de feitiçaria, ainda que falsas, tornar-se-ão realidades na mente juvenil.

Assim também, relatos sobrenaturais, exagerados e engrandecidos para além da capacidade de uma mente infantil, tornam-se realidades sagradas e verdades magníficas para homens inteligentes. Portanto, qualquer gérmen recolherá à sua volta substâncias — perfeitas ou imperfeitas — consoante as influências que o acompanham e desenvolvem. Consequentemente, os homens parecem transformar a verdade em erro, e depois esforçam-se por esconder a sua deformidade com um manto de possibilidades, depois de probabilidades, e por fim com o consentimento universal. Isto deve-se, em parte, ao génio construtivo da mente humana, à sua ignorância entusiástica e orgulhosa, e ao seu amor pela verdade; pois o erro, quando firmemente fixado e organizado na mente, satisfaz o desejo de verdade como se fosse verdade real, e o seu possuidor imagina-se feliz.

Para sabermos quanto bem e verdade residem no interior e, pelo seu poder de adesão, mantêm uma ideia ou proposição coesa, somos obrigados a analisar o interior — o gérmen. A partir de exames interiores, somos conduzidos à consoladora conclusão de que quase todos os sistemas teológicos, crenças ou proposições contêm excelências germinais e qualidades redentoras — as quais, tal como acontece com indivíduos que nos parecem imperfeitamente constituídos, compensam muitas das suas imperfeições e despertam a nossa atenção e confiança. A verdade que cada sistema ou ideia contém, e que se desenvolveu mesmo entre influências contaminadoras, é o que preserva as deformidades e incoerências do sistema onde se encontra incorporada.

Não nos opomos a receber ensinamentos através de uma fábula, nem nos queixaremos se os clérigos misturarem tanta verdade como erro nos seus inúmeros discursos; mas, se uma ideia que tem fundamento na verdade cresceu fora das proporções devidas, moldada pelas influências mentais que promoveram e governaram o seu desenvolvimento, então o bem é submerso pelo erro e removido da mente; e a forma da verdade já não é útil, porque o erro que a acompanha exerce uma influência prejudicial e imperfeita, tanto sobre quem a proclama como sobre quem a escuta.

Nenhuma ideia, considerada abstratamente, é falsa ou má na sua tendência; nem os homens, assim considerados separadamente, são impuros ou imperfeitos; mas, quando comparados entre si, tanto ideias como pessoas tornam-se notoriamente distintas nas suas qualidades positivas e imperfeições. Mas o leitor perguntará:

Como havemos de distinguir entre o Erro e a Verdade?

Os indivíduos, assim como a humanidade em geral, possuem um padrão de julgamento; e ninguém pode julgar sem uma regra e um método. A forma como sabemos que doze polegadas são mais que uma, é através do estabelecimento de um padrão ou sistema de medição, pelo qual podemos determinar o valor de uma polegada, e a partir daí reconhecer o acréscimo por comparação. O mesmo se aplica ao modo como medimos pessoas e opiniões.

A ignorância de um torna-se visível pela sabedoria de outro; e o julgamento de um indivíduo corresponderá sempre ao seu grau de crescimento espiritual. Os chineses medem as nossas ideias de beleza, moralidade e avanço intelectual segundo os seus próprios critérios; e nós medimos as ideias e o desenvolvimento deles a partir daquilo que acreditamos ter atingido como nação. Pela civilização, sondamos a profundidade do estado selvagem; a forma superior de um torna-nos conscientes da inferioridade do outro, e julgamo-lo em conformidade.

A flor foi, em tempos, a mais elevada organização da matéria sobre a Terra; depois veio o animal, cuja dupla estrutura e harmonia de organismo o declararam uma forma superior na ordem da criação. Por fim, o Homem surgiu e ascendeu ao trono da criação; e agora, contrastado com o Homem, tudo o mais é inferior e parece imperfeito. Assim, o homem é o padrão pelo qual medimos a perfeição relativa dos animais, flores e das várias formas da matéria. O mesmo sucede com todas as coisas. Antes da invenção dos navios a vapor e dos caminhos de ferro, o batelão era considerado um modo elegante e expedito de viajar; mas agora, em comparação com formas e invenções mais elevadas, o batelão parece muito imperfeito e lento, e já não serve adequadamente os propósitos do transporte pessoal.

Ora, tal como julgamos a completude e utilidade das criações naturais e artificiais pelas suas formas mais elevadas, assim também deveríamos julgar os sistemas teológicos e as ideias. Preferimos Moisés aos que o precederam, porque as suas legislações foram superiores às deles; e preferimos Cristo a Moisés, porque Cristo ensinou uma doutrina superior e apresentou uma forma de verdade mais nobre e santa — cuja beleza é realçada pela imensa diferença entre o seu carácter e o de Moisés. Do mesmo modo, medimos o Catolicismo pelo Protestantismo e, contrastando o primeiro com o segundo, escolhemos prontamente o mais elevado — ou aquele que está mais próximo da nossa educação e desenvolvimento mental. Se formos doutrinados numa forma modificada de Protestantismo, essa forma tornar-se-á o nosso padrão de julgamento; e todos os outros sistemas terão de ser medidos pelo que acreditamos — por desconhecimento de ideias mais verdadeiras — ser a mais alta forma de verdade.

Quem, então, poderá afirmar qual sistema teológico é o mais elevado?

Cada homem julga segundo as suas inclinações educacionais e o seu grau atual de iluminação espiritual; por isso, quem poderá dizer o que é mais verdadeiro e perfeito? Por nós, respondemos:

Aquele sistema que tenha por gérmen e essência as excelências supremas da filosofia e da ciência puras; pois por elas, e na sua escala, devem ser julgados e pesados todos os sistemas teológicos.

O nosso padrão é a Filosofia. “Está a tornar-se evidente”, diz um escritor teológico, “que nada pode ser teologicamente verdadeiro se for científica ou filosoficamente falso.”

Esta é a nossa regra de medição, o nosso padrão de julgamento, a nossa forma mais elevada de verdade.

Temos, por isso, dois privilégios e deveres a exercer:

O nosso privilégio, segundo a filosofia, é analisar a origem ou o gérmen de cada sistema, ideia ou proposição teológica, e determinar quanto bem e verdade real contêm, e quanto erro se acumulou sobre eles com o tempo;

O nosso dever, segundo a ciência, é avaliar a qualidade das formas religiosas existentes e determinar a sua influência sobre o carácter humano.

O contraste será suficiente para nos guiar pelos caminhos da retidão. Tudo terá de passar por esta prova. E tal como exercemos julgamento sobre todos os assuntos, ideias e sistemas com base no que sabemos da natureza, da ciência e da filosofia, assim devemos esforçar-nos por nos iluminar grandemente nestes domínios, para que o nosso julgamento seja justo e correto.

A missão, por assim dizer, da Filosofia da Harmonia, é destruir toda a oposição entre ciência, filosofia e teologia; e harmonizar os elementos e atributos da alma humana, conduzindo, por consequência, à realização da união milenar entre os interesses sociais e naturais. Ela contempla a unidade de toda a Verdade. Reconhece as mesmas leis imutáveis na Terra e no Céu; e quando o mundo as reconhecer, então aqui, como lá, “será feita a vontade do nosso Pai.”

O princípio que procede da Mente Divina para as esferas espirituais, e que aí determina relações e afetos segundo a grande lei da afinidade, atua de forma subordinada — e num plano inferior — nas combinações químicas da Natureza. Existe, portanto, uma unidade de ação em todo o Universo. A lei da Natureza que causa harmonia nos materiais que compõem a Terra, que regula a estratificação das rochas, a distribuição das plantas e dos animais, e o progresso geométrico da espécie

humana, é também a causa da harmonia nos inúmeros planos de aperfeiçoamento e refinamento espiritual, que constituem e assinalam as futuras moradas do homem.

Não devemos contemplar a ação química de Deus no Universo como confinada ao que os químicos chamam “ação química” entre substâncias metálicas e compostos terrestres; mas, para começarmos a compreender a altura e a profundidade, o comprimento e a largura desta poderosa operação química, devemos contemplar a composição dos sóis e dos planetas — devemos investigar as causas quase insondáveis que mantêm o nosso glorioso Sol unido no firmamento.

O que é que resgata perpetuamente a nossa Terra de se decompor e voar, num instante, para um caos de átomos indistinguíveis? O que salva os planetas da destruição absoluta? As causas de toda esta harmonia silenciosa e inabalável, de toda esta segurança e estabilidade interiores, não são discerníveis pelos olhos humanos; mas os poderes espirituais da alma devem tentar essa investigação, pois mesmo estes só poderão compreender a perfeição dessas relações químicas que subsistem entre o Grande Princípio Vital e o seu organismo físico, que é o Universo ilimitado.

O princípio de associação, que é a manifestação inicial do Amor Divino, flui do Coração Poderoso da Natureza para todas as ramificações labirínticas da vida orgânica e da animação. E a ação química é a sua sequência ou companheira. Fogo, calor, luz e eletricidade foram as quatro grandes consequências primárias da operação deste princípio. Estas divisões rudimentares da matéria ocorreram pouco antes da criação da estrutura do universo atual. Foram meios ou veículos adequados para os desenvolvimentos subsequentes dos sóis e dos planetas, e para o desdobramento da vida e da inteligência sobre as superfícies daqueles planetas que pertencem ao sexto círculo de sóis. Acompanhando todas estas manifestações, deu-se a ação química, que indica um dos modos da Criação Divina. E essa ação revelou-nos o funcionamento de princípios imutáveis num departamento particular do Todo imenso.

Alguma vez o leitor se perguntou:

O que abastece a Terra com elementos e substâncias suficientes para compensar o gasto que constantemente ocorre? O que preserva tal justiça, tal equilíbrio entre todas as forças e materiais da Natureza? O que causa esta distribuição tão perfeita de equilíbrios e mantém tal harmonia inefável entre a oferta e a procura?

O refinamento perpétuo que decorre em todos os departamentos da Terra faz com que partículas angulares e desorganizadas avancem até à formação de organizações minerais; e, pela mesma lei de refinamento progressivo e ascensão atômica, o mineral evolui para o vegetal; este para o animal; e este último ascende até à formação do grande reino coroado — o reino humano. Assim, o reino humano deve, espiritualmente, extrair o seu alimento e subsistência das formas e forças

subordinadas; e estas, por sua vez, devem subsistir a partir do que se encontra nos labirintos invisíveis do interior da Terra.

Mais ainda: meditemos sobre como a intensa e incessante ação química, que ocorre por toda a Terra, faz com que elementos latentes e adormecidos se desenvolvam e se revelem.

Oxigênio, hidrogênio, eletricidade e magnetismo estão constantemente a ser eliminados e organizados — primeiro, em água; depois, em ar; em seguida, em poderosos agentes de simpatia e relação universais; e por fim, no organismo vivo, sensível, inteligente e em movimento da alma humana.

Que despesa imensa é aqui apresentada! Cada elemento material e espiritual está a ser continuamente ultimado em princípios espirituais imortalizados; e quase vinte e cinco milhões dessas organizações eternizadas deixam a Terra e seguem para a Terra dos Espíritos todos os anos.

Na verdade, pode dizer-se que, em média, ao longo de meio século, um espírito abandona a Terra a cada tique do relógio — ou a cada segundo! E a compactação das partículas elementares, que fluem da Natureza para o organismo indestrutível da alma, é tão indescritivelmente minuciosa e perfeita — os átomos são tão excessivamente finos e subtilmente tecidos — que uma grande quantidade de matéria visível e densa é absolutamente necessária para formar um organismo completo e integral.

São necessárias grandes quantidades de substâncias terrenas (incluindo os elementos de compostos minerais, formas e forças vegetais e animais) para elaborar a organização de uma única alma humana — de fato, várias carroçadas ou toneladas dessas formas materiais e forças espirituais são indispensáveis para este organismo tão densamente entrelaçado e indestrutível — e um desses organismos transpõe esta esfera rudimentar para a Terra dos Espíritos a cada segundo! Aqui, há uma extraordinária exigência sobre os recursos da Natureza.

O que impede que a Terra diminua efetivamente nas suas dimensões? O que fornece às plantas, aos animais e aos seres humanos toda a água e atmosfera, toda a eletricidade e magnetismo, sob a forma de oxigênio, calor e luz, que estes necessitam constantemente e recebem sem pedir?

Eu respondo:

É a Ação Química do Grande Princípio Vital sobre o Universo.

Essa ação é causada pela decomposição incessante de elementos numa parte da Natureza, e pela sua transferência para formas e combinações de matéria que, segundo a lei da associação, estão aptas para os receber, apropriar-se deles e

assimilá-los no seu organismo.

E a decomposição mineral é o efeito primário da ação química de Deus sobre o seu Univercoelum ilimitado.

(O leitor encontrará uma correspondência — ou seja, uma analogia — entre a operação química do espírito de Deus sobre o seu universo ou corpo, e a ação química do espírito do homem sobre o seu corpo, consultando a página 58 do primeiro volume de *The Great Harmonia*.)

Foi esta investigação e percepção abrangente do ser e da ação de Deus no seu Universo que me levou a afirmar (em *Nature's Divine Revelation*) que o Homem é a perfeição de todas as formas e graus precedentes; e que todas evoluíram de forma uniforme e progressiva até atingir a forma humana, que é o grande resultado de todas as criações subordinadas.

Mais ainda: o mundo mineral é como um estômago, cuja função é receber, digerir e transferir partículas a partir de substâncias ainda mais imperfeitas da Terra. O reino mineral, logo que estabelecido, iniciou a sua obra de atividade incessante. É um recetáculo para o influxo de partículas ainda inferiores, e um agente de modificação e transferência dessas partículas, por um processo de refluxo, para a forma das primeiras partículas capazes de se associar ao mundo vegetal. Este, por sua vez, desempenha o mesmo papel: recebe partículas na sua composição, modifica-as pelas suas qualidades e propriedades, e transfere-as para o mundo animal.

Este, de forma semelhante, digere, recombina e prepara substâncias para entrarem no mundo humano. Então, este mundo humano compreende todos os departamentos inferiores da criação, e é um recetáculo para o influxo das essências e propriedades de todas as organizações subordinadas. É, também, um microcosmo de todas as energias e criações unidas da Natureza. Enquanto isso, permanece como representante indestrutível da intenção original da Mente Divina, pela qual leis imutáveis foram instituídas para governar os materiais, com vista à produção desse fim.

Assim, a Lei e a Matéria cumpriram o primeiro objetivo para o qual foram inseparavelmente criadas.

E mais ainda: os vários reinos e formas nesta esfera rudimentar são órgãos com o propósito de transferir, aperfeiçoar e sublimar todas as partículas das formas inferiores da matéria, de modo a que todas possam unir-se em harmonia e produzir o Homem.

E ainda mais: os reinos subordinados são formas indispensáveis para comunicar a cada partícula de matéria a energia e qualidade adequadas, tornando-a apta a associar-se e a assimilar-se com a forma humana.

Os químicos que têm conduzido investigações sobre a matéria e o movimento dir-vos-ão que uma substância apenas se unirá a outra com afinidade semelhante; mas não vão mais longe. Ora, se a matéria só se associa com aquela que possui afinidade semelhante, como é que quatro ou cinco elementos são frequentemente encontrados reunidos numa única composição? A verdade é que existe uma afinidade mútua entre todas as formas e substâncias em toda a Natureza, incluindo os reinos mineral, vegetal e animal. Há uma constante flutuação entre todas estas, de umas para as outras e através umas das outras, atuando com maior ou menor rapidez conforme o grau de desenvolvimento da matéria que sustém essas ações mútuas.

Há um movimento constante e imutável por toda a Natureza, produzido pelo último estado da matéria — ou o que agora se compreende como sendo as suas propriedades inerentes de vida e sensação. Há uma ação constante e inflexível, que produz e reproduz todas as formas visíveis e externas. Composição, decomposição e recomposição — visíveis e invisíveis — estão, claramente, a realizar a sua obra natural e incessante, segundo leis estabelecidas. A terra e a atmosfera formam e compõem a existência vegetal; e estes três, nas suas forças combinadas e enérgicas, produzem os seus últimos efeitos — os graus mais elevados de matéria, conhecidos como existência animal. E esta última dá constantemente a, e retira de, tudo o que lhe está abaixo em existência.

Existe, portanto, uma cadeia incessante e interminável de formação e reprodução, de perda e ganho, de acumulação e dispersão, a acontecer ano após ano, hora após hora, segundo após segundo, por todo o Universo. Se há uma infecção no corpo — uma ferida ou chaga — podeis observar, no processo da sua cura, uma imagem de toda a Natureza. Ali podeis ver a operação perfeita dos dois princípios ou forças do sistema anatómico e material. Aquilo que está decomposto será gradualmente repellido da ferida; o que for puro e saudável, formado por uma nova ultimação e composição de partículas, será cuidadosamente depositado no local onde é necessário. Não há uma única partícula a mais ou a menos; tudo atua em harmonia e unidade para formar de novo as partes e repelir as substâncias estranhas e decompostas, até que tudo esteja unido como antes.

Assim é com toda a Natureza: cada partícula de matéria, governada por estas leis e forças, produz harmonia e união em todas as partes da existência. Com uma tendência constante e inabalável, cada partícula na Natureza segue para o seu lugar destinado, para aí formar o que é necessário ou refinar-se ainda mais para produzir os seus efeitos grandiosos e finalidades sublimes.

Quinto: Deus atua sobre o Universo eletricamente.

Ao abordarmos um assunto tão vasto e sublime, as nossas mentes devem estar quase totalmente libertas das impressões e influências do nascimento e da educação.

Devemos pensar nestas questões como alguém que acabasse de entrar neste mundo da vida e da existência, com todas as suas faculdades intelectuais e racionais em elevado estado de desenvolvimento. Este estado de simplicidade mental é necessário para a devida receção e compreensão da verdade. Ao procurar a verdade, devemos ser como crianças livres e não contaminadas; mas, ao compreender e aplicar a verdade, devemos ser como homens livres e altamente iluminados. Neste estado mental, avancemos agora.

O sistema do sobrenaturalismo mitológico — que, na verdade, destrói toda a ordem e harmonia na criação original da Natureza — opõe-se de forma enfática a uma filosofia harmonial, que afirma e demonstra a formação gradual da Terra, a introdução progressiva de organismos minerais e vegetais, e o desenvolvimento constante e filosófico dos seres animais e humanos sobre a sua superfície. Dizer que Deus criou os céus e a Terra, e tudo o que neles há, em seis dias literais — dias com vinte e quatro horas, segundo o nosso sistema de medição do tempo — e que “descansou” no “sétimo dia e o santificou”, é a linguagem do sobrenaturalismo oriental.

Se os pensadores mais avançados, entre os defensores desta teoria romântica e desordenada da criação, não se consideram crentes nesta proposição literal, mas afirmam que os “dias”, no estilo profético original, significam “épocas” ou “eras”, então é justo perguntar: porque não consideram o nosso sábado como uma dessas épocas ou eras indefinidas? Porque tomam os seis dias como figurativos, enquanto o sétimo é aceito literalmente e celebrado como o dia em que Deus descansou após uma semana de trabalho intenso? Crê-se que essa é a origem do nosso sábado; mas sinto-me impelido a fornecer ao leitor um relato mais verdadeiro sobre a sua origem e relação com o homem.

O sábado é um dia de repouso, originalmente sugerido e instituído pelos israelitas ou judeus, na era patriarcal — uma era que pode ser considerada como mediadora ou de transição, a meio caminho entre o savagismo e o republicanismo, a forma de governo para a qual o progresso e o desenvolvimento da presente era estão a conduzir a família universal do homem. O sábado passou a ser chamado domingo, porque, após a sua instituição, foi dedicado ou consagrado ao Sol pelos mais antigos druidas e também pelas primeiras seitas religiosas da Pérsia. Na Pérsia, há magos — ou sacerdotes do Sol — que cumprem o que foram ensinados a acreditar serem os seus deveres sacerdotais nesse dia.

Domingo foi dedicado ao Sol; segunda-feira à Lua; terça ao deus Tuesco; quarta ao deus Wednos; quinta ao deus Thor, e assim por diante. Mas, há alguns séculos, o sábado tem sido separado pelo homem, que originalmente o instituiu, para fins de repouso, meditação e culto. Como instituição social, este dia é digno de comemoração e de eterno respeito; mas, como instituição religiosa, pode ser

esquecido — pois sempre levou aquele grupo de pessoas a quem se destinava — refiro-me ao trabalhador e ao irreligioso — a fazer, nos outros dias da semana, aquilo que nunca é correto fazer em tempo algum, supondo que, ao não fazerem o mesmo no sábado, as suas almas passariam ao céu livres de poluição e pecado.

É correto viver todos os dias com a mesma retidão com que se vive no domingo. Viver e agir todos os dias como se fossem domingo, e o domingo como qualquer outro dia — vivendo assim uma vida santa e justa em todos os momentos — é simplesmente ser mais semelhante ao nosso Pai Celestial; Aquele cujas marés fluem nos nossos mares; cujos pássaros cantam; cujas flores florescem; cujo Sol brilha; e cujos inumeráveis Orbes giram pelo firmamento imensurável, todos da mesma forma ao domingo como em qualquer outro dia.

Fatigado pelos trabalhos da semana, o homem e o animal requerem repouso e renovação. O animal restaura a sua natureza, cujas aspirações não vão além do celeiro; mas o homem, cujas aspirações se voltam para a imortalidade e a felicidade eterna, pode pôr de lado as ideias e movimentos ligados às coisas materiais, e recolher-se ao santuário para cultura e elevação espiritual. Esta é a forma racional de celebrar o sábado — apenas não se limite o santuário onde adoramos o Deus único e verdadeiro a construções de madeira, tijolo ou barro. Não! Procuremos Deus no seu Templo Universal. Se sentirdes o impulso de ler a “Palavra de Deus”, saí ao mais alto monte, ao vale mais humilde, à floresta viva, à flor mais singela; e, na medida em que o vosso Amor estiver desenvolvido e a vossa Sabedoria desdobrada, assim será a grandeza e aplicabilidade das lições que receberéis desses belos capítulos do Volume eterno.

Esta digressão do tema central — a ação elétrica da Divindade sobre o Universo — justifica-se pelo fato de que os defensores da filosofia e os defensores da teologia (ou seja, os que pensam por si mesmos, e os que pagam aos clérigos para pensarem por eles) não conseguem chegar a um acordo quanto ao tempo (ou número de dias ou eras) de que a Divindade necessitou para desdobrar os céus e a Terra e tudo o que neles existe. O carácter dos testemunhos geológicos e as verdades que continuamente emanam deste fascinante ramo da Natureza são tão absolutamente irrefutáveis e autoevidentes — pela sua beleza racional — que os representantes da teologia oriental não têm outro remédio senão admiti-las na lista cada vez maior das verdades recém-descobertas.

É importante que o leitor tenha presente este fato essencial: de acordo com estas verdades recentemente descobertas, todas as passagens e revelações cosmológicas (relativas à formação do mundo) e cronológicas (relativas à determinação do tempo) na História primitiva foram reformuladas e reinterpretadas, de modo a não contradizerem, de forma demasiado evidente e ostensiva, a sabedoria e o conhecimento da era moderna.

A cosmogonia do Antigo Testamento não é superior àquela que se encontra na posse dos japoneses ou dos noruegueses. As teorias tradicionais que esses povos — habitantes peculiares da Terra — receberam dos seus mais antigos antepassados, considerados como tendo sido divinamente inspirados, são muito mais sublimes e explicativas de diversos acontecimentos curiosos da história da humanidade, do que aquelas que absorvemos da correspondente cosmogonia mitológica da nossa História Primitiva.

Nas doutrinas orientais sobre a criação da Terra não encontramos nada que revele as poderosas operações da Divindade sobre o seu Universo; nem adquirimos, por meio dessas explicações e hipóteses de criação, quaisquer concepções novas e elevadas — expansivas para a alma — sobre a Mente que tudo sustém, nem sobre a magnificência e dimensão do Templo Natural, Espiritual e Celestial que Ele habita. Pelo contrário, adquirimos através delas as impressões mais repulsivas e constrictivas da alma, relativamente a quase tudo aquilo que é verdadeiramente nobre e sublime.

A alma humana recolhe-se instintivamente perante o reconhecimento de um Deus cujo carácter é caprichoso, impetuoso, combativo e vingativo; porque essas propensões são desumanas — pertencem ao reino animal. E, não obstante o carácter repelente de tal disposição, as teorias cosmológicas antigas da humanidade afirmam a existência de uma Divindade maligna, implacável e volúvel, atribuindo-lhe um lugar para além do Sol, numa corte de resplendor glorioso.

Na ausência da filosofia, como poderia o chefe pensador de uma tribo primitiva conceber a causa dos trovões e relâmpagos, das catástrofes que sacudiam a terra, da erupção de fogos vulcânicos, das tempestades, inundações e ciclones destruidores — sem os referir ao Criador de todas as coisas, como manifestações da sua ira? A explicação oriental ou mitológica dessas calamidades físicas, que eram frequentes nas primeiras fases da evolução humana, era a melhor que aquela era sem luz conseguia oferecer.

Por conseguinte, os autores da primeira parte do Antigo Testamento não devem ser censurados por atribuírem à Divindade a causa imediata dos trovões e relâmpagos, do dilúvio, do arco-íris, etc., porque não é razoável supor que esses escritores, ou aqueles de cujas tradições derivaram muitas das suas ideias sobre a cosmogonia, estivessem familiarizados com os princípios imutáveis da Natureza, que, enquanto executam os grandes desígnios da Mente Divina, fazem com que o fluido elétrico se desloque de ponto a ponto, de pólo a pólo, realizando todas as multifacetadas operações dos chamados elementos imponderáveis.

As doutrinas de Moisés acerca da criação, do dilúvio e da confusão das línguas foram sustentadas, de forma igualmente romântica e não filosófica, pelas tribos antigas da América Central. Por intuição, sei que essas tribos existiam vários séculos

antes da data que é indicada no Gênesis como o início do mundo — ou como o “aniversário” da Terra — que estabelece a criação há cerca de seis mil anos. As tribos patriarcais da América Central sustentavam, na sua teoria sobre a criação e destruição da Terra, muitas convicções em comum com aquelas presentes no Antigo Testamento; e essas tribos já existiam cerca de mil e quinhentos anos antes da data que Moisés propõe como o marco histórico do aparecimento do primeiro homem neste plano terrestre.

Na verdade, os astecas, uma tribo que outrora habitou a região atualmente conhecida como México, tinham concepções sobre a Divindade notavelmente semelhantes às tradições registadas na História Primitiva. Os astecas acreditavam — e os seus mestres heliopolitanos incutiam essa crença — que quatro sucessivas revoluções ou catástrofes, ocorridas em diferentes épocas por instigação direta e imediata da Divindade, tinham destruído por completo a família humana.

Esses diferentes períodos eram denominados “idades do Sol” — significando dias que o Deus do Sol teria reservado para manifestações especiais do seu poder absoluto, ou como dias de retribuição universal. A partir deste mito, os historiadores sagrados retiraram as suas ideias e convicções sobre o “Dia do Juízo”, ou uma espécie de julgamento eclesiástico de toda a humanidade perante o Supremo “Rei dos Reis”, momento em que “haverá choro diante do tribunal de Cristo”, e será estabelecida uma sentença final para cada homem segundo o seu Criador — com a consequente separação: os maus para os lagos de fogo inextinguível, e os justos para os reinos felizes de alegria eterna.

É assim visível que a tradição asteca das “idades do Sol” — ou eras consagradas à manifestação da indignação e da justiça divina — foi adotada pelos escritores da mitologia antiga. Os cristãos abandonaram a ideia de que um “Dia do Juízo” se manifestará algum dia neste mundo, e situaram-no num futuro remoto — no mundo para além da sepultura.

Os astecas denominaram a primeira das quatro revoluções que devastaram o mundo de Idade da Terra. Esta idade ocorreu (segundo as suas tradições e escrituras) 5206 anos após a criação do primeiro Sol, e nela, os gigantes poderosos que dominavam toda a terra foram exterminados, em grande parte, por uma fome generalizada; os que escaparam a essa maldição divina foram rapidamente destruídos por tigres, enviados com esse propósito.

A segunda época foi chamada Idade do Fogo, e deu-se 4804 anos após a era anterior. Foi um “dia de julgamento” em que o mundo foi destruído pelo elemento do fogo; e como apenas as aves conseguiam escapar à conflagração, os homens bons foram transformados nos pássaros mais belos, enquanto os maus afundaram-se no abismo de onde brotaram as chamas devastadoras. Acreditava-se que, nesta época, um

homem e uma mulher foram preservados numa gruta de rochas adamantinas, iluminada por cristais brilhantes; e foi a partir deste casal que a população da Terra teve o seu segundo início.

A terceira era foi chamada Idade do Vento, e ocorreu 4010 anos após a Idade do Fogo. Neste dia terrível de julgamento, o mundo foi destruído por furacões devastadores e tempestades medonhas; as tribos que escaparam a essa revolução foram instantaneamente transformadas na mais elevada ordem de macacos — os orangotangos.

A quarta e última revolução reconhecida pelas tradições astecas foi chamada Idade da Água, e sucedeu 4008 anos depois da Idade do Vento. Nesta época, houve um Dilúvio universal pelo qual tudo — incluindo a maior parte da humanidade — foi destruído. Muitos seres humanos escaparam a esse destino por se transformarem em diferentes tipos de peixe. No entanto, um homem e uma mulher especialmente favorecidos foram salvos ao serem colocados no interior de um tronco oco, que teria sido preparado com esse fim. E afirmava-se com convicção que os filhos desse casal privilegiado nasceram todos mudos, mas que, em breve, foram ensinados a falar por uma pomba; e, por alguma razão desconhecida, a ira do Deus do Sol foi tão intensa que fez com que cada criança aprendesse, por intermédio da pomba, uma língua diferente — provocando assim uma alienação e desordem universais.

A história geral da crença humana no que respeita à intervenção imediata de Deus nos mais terríveis acontecimentos e calamidades que abalaram a Terra seria extremamente instrutiva, pois demonstraria claramente a tese de que a mitologia, ao tentar tornar-se filosofia, seguiu um caminho obscuro e tortuoso, culminando na teologia dos tempos modernos; enquanto a filosofia — com a mitologia de um lado e a teologia do outro — ergue a sua cabeça como um Anjo de Deus e, com toda a majestade e humildade que a consciência da verdade interior e do conhecimento inevitavelmente confere ao seu possuidor, percorre as veredas infinitas da sabedoria eterna e conduz a mente honesta à presença imediata do que é puro, eterno e infinito.

A crença de que a Divindade presta especial atenção à Terra e aos seus habitantes é uma opinião há muito tempo universalmente sustentada pela humanidade. O índio gosta de acreditar que a sua tribo e as suas terras lhe foram legadas pelo Grande Espírito; que todas as suas caçadas e conquistas em batalha se devem à aprovação suprema desse Poder. O selvagem, o bárbaro e o patriarca partilham, cada um a seu modo, uma convicção análoga; mas, à medida que a experiência individual e nacional se acumula, e os princípios da investigação científica e da civilização se desdobram, as opiniões do selvagem e do bárbaro tornam-se mais refinadas, sistematizadas e, comparativamente, sublimadas.

Como prova desta afirmação, refiro o leitor ao fato de que, em vez das manifestações cruas e rudimentares da atenção suprema, reconhecidas pelo índio, encontramos expressões mais sublimes e dignas do desígnio e poder divinos nos escritos e opiniões dos patriarcas, sacerdotes e mestres modernos. Estes não se concentram tanto na mera formação do nosso globo, mas sim nas manifestações maravilhosas e sublimes de Poder e Propósito, que professam reconhecer como procedentes da Divindade para com os seus filhos na Terra, ocorridas há centenas de anos.

Assim, reconhecem intervenções especiais e imediatas de Deus no nascimento e descoberta de Moisés; no cativo, fuga e diversas experiências das tribos sob sua liderança; na sua iluminação, nos seus milagres, nos seus mandamentos e nos seus princípios de governo; e em tudo quanto os diversos Profetas foram habilitados a realizar; bem como no nascimento de Jesus, na sua encarnação, na sua vida, nos seus ensinamentos, nos seus milagres e na natureza da morte que sofreu; e ainda nos dons e encarnações de Profetas, Apóstolos, Papas, Padres, Bispos; e na autoridade suprema e absoluta investida na Bíblia Sagrada pela instituição do cânone sagrado. Assim, os patriarcas e mestres modernos desenvolveram e ampliaram as convicções do índio, que apenas vê o favor divino nas suas caçadas bem-sucedidas e nas batalhas vencidas.

A origem desta crença pode ser atribuída, em primeiro lugar, à ignorância. É ilógico esperar que um indivíduo possua uma visão mais ampla de Deus do que o índio ou o patriarca, se também acredita que a Terra é o centro da Criação e que os seus habitantes são os filhos prediletos do Criador. Aqueles que professam crer em manifestações sobrenaturais, ou em Providências Especiais, albergam em algum recanto da mente uma compreensão defeituosa da Divindade e das suas obras.

Mas a crença em Providências Especiais tem também uma origem secundária no Desejo. Algumas nações e indivíduos nutrem um desejo ardente de se considerarem particularmente importantes e justos aos olhos do Criador. É gratificante e reconfortante, para certos espíritos peculiares, pensar que são favorecidos por Deus, divinamente escolhidos, divinamente investidos; crerem-se os eleitos, detentores de um “alto chamamento”; e assim, movidos por esse desejo, muitos indivíduos — ao princípio iludindo os outros, para colher os benefícios e aplausos consequentes dessas posições e dons — acabam por enganar-se a si próprios.

Certa vez encontrei um indivíduo cujo amor pela distinção, aprovação, notoriedade e poder pessoal era tão intenso, e se sobrepunha tanto às suas qualidades de prudência e consciência, ainda mal desenvolvidas, que se viu movido a apresentar-se como o Messias dos judeus. A princípio, foi apenas uma pretensão; mas, com o tempo, ele próprio acreditou sinceramente nisso, e passou a realizar vários atos em

demonstração da sua suposta missão pessoal junto daquele povo desunido e ainda não evoluído.

Contudo, a crença que estamos a analisar também tem origem na Educação. Assim, ignorância, educação doutrinária (que não é mais do que ignorância sublimada), e desejo, são, em múltiplas formas e combinações, as causas da crença nas Providências Especiais ou Intervenções Imediatas.

Existe, no entanto, uma crença do entendimento — no governo local e universal de Deus — que é suficiente para satisfazer todas as exigências do intelecto puro e razoável. E esta é a crença na Perfeição, na Imutabilidade, e na Universalidade dos Princípios do Governo e Legislação Divinos. Estes princípios estão tão admiravelmente ordenados que abrangem, protegem e governam o Orbe Majestoso, o “pardal que cai”, o olho do inseto e a alma humana. Estes princípios são simplesmente as regras ou modos pelos quais o Grande Princípio em Movimento governa o Universo e concede o seu cuidado universal e bênçãos a todas as coisas criadas. Tais Leis, pelas quais Ele governa, são tão imutáveis e perfeitas que tornam as manifestações sobrenaturais tanto inúteis como positivamente impossíveis.

O milagre da transformação da água em vinho, atribuído a Jesus, é diretamente contrário às leis estabelecidas dos fluidos e dos gases; e, do mesmo modo, o milagre da ressurreição de Lázaro — após a morte e decomposição do seu corpo — contraria frontalmente as leis determinadas da vida e da organização; e o mesmo se pode dizer do nascimento milagroso de Jesus, que representa uma violação direta das leis imutáveis da reprodução e procriação.

A prova de que estas manifestações de Providências Especiais nunca ocorreram exatamente como são relatadas reside no fato de que a Divindade e as suas Leis são perfeitas e imutáveis. Mas poderá argumentar-se que tais milagres foram realizados de acordo com leis pré-ordenadas, embora anteriormente inativas — leis que só foram ativadas no momento e local em que esses milagres se deram; e poderá também ser dito que a Divindade, “conhecendo o fim desde o princípio”, instituiu e previu eternamente a ação especial de um conjunto de princípios, que antes ou depois do nascimento de Jesus não estariam destinados a entrar em vigor.

Esta hipótese, sustentada pelos teólogos mais inteligentes da cristandade, é refutada pelo simples fato de que a Divindade é um Ser inalterável; de que as suas leis são provas da sua imutabilidade; e, portanto, de que Ele não pode instituir um conjunto de leis para uma determinada era do mundo, cujos efeitos sejam contrários às suas formas de ser e agir universalmente estabelecidas em todas as outras eras. Pois, se fosse admitido que Deus agiu, em determinado período, em clara violação ou contradição com as suas próprias obras em todos os outros tempos, então a

imutabilidade e integridade do seu carácter estariam comprometidas — e toda a confiança na sua Perfeição Infinita estaria abalada e em risco.

Mas poder-se-á ainda argumentar que Deus é Todo-Poderoso, e que, por conseguinte, pode, a seu bel-prazer, suspender, transcender ou destruir qualquer conjunto de Leis que tenha tido origem nele próprio; e que os milagres atribuídos a Jesus e a outros, bem como as inúmeras instâncias de atenção especial e de intervenção divina registadas nas páginas da história profana e eclesiástica, ocorreram não por violação, mas por suspensão ou transcendência da operação daquelas Leis que, noutras ocasiões, se revelam constantes e imutáveis em toda a Natureza.

A esta objecção, a resposta volta a ser: a Perfeição e a Imutabilidade das Leis da Divindade tornam tais milagres e intervenções divinas não só desnecessários, mas **impossíveis**. E, além disso, não se deve, nem por um instante, admitir que a Divindade tenha **criado** as Leis que operam com tamanha consistência em todo o Universo ilimitado.

As Leis da Natureza, tal como a própria Natureza e a alma humana, não foram criadas pela Divindade, mas são e sempre foram atributos espontâneos da sua Existência e Constituição divinas. Noutras palavras, são os desdobramentos inevitáveis e indispensáveis da Essência Divina. Aqui afirmo que Deus não criou mais as Leis da Natureza do que estas criaram a Ele; são simplesmente as manifestações externas dos princípios internos e essenciais que constituem a sua própria existência e organização; e, por conseguinte, tanto a Divindade como as suas Leis estão igualmente fora do alcance da mudança, suspensão, transcendência ou destruição.

Todos os argumentos relativos à possibilidade de providências especiais, manifestações sobrenaturais ou milagres de qualquer espécie ou grau — que são defendidos e acreditados por muitas nações, seitas e indivíduos — podem ser avaliados no seu valor intrínseco através de uma simples demonstração lógica.

A crença consoladora que flui do entendimento para os afetos, e que é capaz de satisfazer as exigências racionais da alma, é a de que Deus é perfeito e imutável; que vive em todas as coisas, e que fez da vida, da harmonia e da felicidade algo alcançável por todos. Quando a mente humana concebe e acredita que Deus é imparcial, e que manifesta os seus atributos naturais e harmoniosos por toda a Natureza e até nos recantos mais profundos da Alma, então encontrará repouso — e será feliz.

Um indivíduo que assim acredita é invencível face às investidas e tempestades de uma educação falaciosa e dos preconceitos herdados que ainda abundam no mundo. Uma alma convencida não é perturbada por cada “vento de doutrina”; não se deixa

comover por sermões sobre manifestações milagrosas como prova de missão divina de qualquer homem; nem os dogmas da ressurreição física, do juízo final, da condenação eterna, ou qualquer outra das absurdidades e falácias das escolas populares, têm qualquer efeito sobre o seu entendimento esclarecido; pois sabe que Deus é um Íman Eterno de Bondade Concentrada, e que o caminho da humanidade é eternamente ascendente, rumo à Suprema Atração.

O autor teve e publicou uma visão interessante e instrutiva sobre o tema das providências especiais. Esta visão abrange toda a temática e apresenta-a sob uma nova luz. Ver “A Filosofia das Providências Especiais”.

Deus é suficientemente minucioso, local e imediato nas suas providências para infundir vida e beleza em tudo quanto existe nas inúmeras ramificações da Criação infinita. Ele possui em si mesmo os princípios de todo o Movimento, de toda a Vida, de toda a Sensação e de toda a Inteligência. É o Gérmen Infinito da Grande Árvore Universal da Causa; e, em conformidade com a sua existência subsistente por si só e absoluta, as suas essências celestes e princípios essenciais desdobram-se e fluem, com a mais minuciosa precisão, até aos átomos e organizações mais pequenos da Natureza.

Não é bom — nem é verdadeiro ou edificante — acreditar que Deus tenha originalmente planeado e instituído uma sucessão infinita de causas e efeitos, com o propósito expresso de dar origem a uma organização específica como a de Jesus, ou como a de qualquer outro indivíduo. Mas é bom e justo acreditar que Deus faz brotar e desenvolve, da plenitude inesgotável da sua Vida e Constituição Infinitas, uma vasta combinação de Leis e Elementos, os quais prosseguirão eternamente, elaborando espíritos humanos — e que continuarão a aperfeiçoá-los e a elevá-los na exata proporção em que as circunstâncias do nascimento, do clima, da educação e do governo progredirem rumo ao desenvolvimento intelectual e à perfeição individual.

Por isso, é irracional e injusto acreditar que Deus tome nota particular das numerosas transgressões que só prejudicam — e educam experimentalmente — o próprio indivíduo. Também não é saudável acreditar que Deus exerce o seu poder onnipotente com o intuito de interromper a ação das leis físicas, enviar chuva, conceder dons especiais, privilégios distintos ou satisfações particulares em resposta às orações dos chamados “justos”. Pois tal crença implicaria admitir que Deus é “respeitador de pessoas” — e também a causa de injustiças e sofrimentos inconcebíveis para alguns; ou seja, seria fazer d’Ele um Ser mutável.

Pensemos nesta proposição: imaginemos que um clérigo (digamos, o atual Papa Pio), considerado por muitos como um homem justo, ora pela proteção do rei, pela prosperidade do reino, e pela manutenção de um sistema monárquico ou teocrático de governo. E que, ao mesmo tempo, um representante do povo ora com igual fervor

pela queda do rei e pela instituição de uma república em vez do reino. Naturalmente, ambas as orações são dirigidas ao mesmo Deus. Ora, se a Divindade concedesse a oração de um deles, os desejos do outro ficariam necessariamente por satisfazer — e o favor particular concedido a uma das partes poderia resultar em grandes males para a outra.

Outro exemplo: um homem justo, vivendo na encosta de uma montanha, ora fervorosamente por chuva, para que as suas árvores de fruto e produções agrícolas prosperem; enquanto um outro, igualmente justo, morando no vale abaixo, já beneficiado por abundante pluviosidade — devido à água vinda das colinas vizinhas — sabe que mais chuva agora arruinaria as suas colheitas; e por isso ora a Deus por bom tempo. Ora, se uma das preces for atendida, o outro sofrerá danos materiais; e vice-versa. Logo, para ser justo e imparcial, Deus deve existir e governar de acordo com princípios universais e imutáveis.

Ao contemplar as providências especiais e universais com o entendimento esclarecido, o maior e mais elevado consolo provém da gloriosa — e já, para mim, demonstrada — verdade de que a nossa Terra está envolvida por um Mundo Espiritual. E não apenas a nossa Terra, mas também todos os outros planetas do nosso sistema solar. Na realidade, existe uma vasta esfera de existências espirituais que circunda, toca e abraça a esfera material, na qual atualmente existimos; e, em redor dessa esfera, ergue-se uma galáxia de esferas ainda maiores, mais refinadas, mais magníficas — habitadas por espíritos continuamente atraídos pelo íman eterno da Suprema Bondade.

Assim, existe uma cadeia que se estende do homem até à Divindade! E tudo aquilo que podemos desejar sob a forma de atenção e dádiva providencial é amplamente fornecido — e transmitido até nós — pelos habitantes espirituais das esferas superiores, os elos dessa cadeia de Amor.

A alma humana é construída sobre princípios musicais, os quais lhe conferem uma tendência constitucional para a harmonia e a felicidade. As diversas atrações a que os seus tons respondem são: o Amor-Próprio, o Amor-Conjugal, o Amor-Parental, o Amor-Fraternal, o Amor-Filial e o Amor-Universal. Mas o que desejo aqui salientar é que esses Amores são afinidades inatas que atraem alma a alma; que fazem com que a mente humana se sinta atraída por amores ou afinidades correspondentes noutras mentes, sem referência ao tempo, espaço, idade, posição, educação ou circunstância.

Assim sendo, se o Amor-Conjugal levar uma alma individual a orar por associação conjugal, e se o seu verdadeiro companheiro se encontrar no Mundo Espiritual, é quase certo que a oração do coração anelante será respondida por esse espírito, impelido por essa atração irresistível a procurar o seu verdadeiro par.

Mas que se recorde aqui: todos os espíritos e anjos foram, em tempos, homens; viveram em corpos físicos, como nós vivemos; e morreram, como nós morreremos, antes da sua partida para o lar espiritual. E todos nós temos lá parentes — pais, irmãos e irmãs, talvez, e também parentes segundo afinidades espirituais. E o Mundo Espiritual não está longe; está muito próximo, à nossa volta e acima de nós em todos os momentos; e aquilo que verdadeiramente se uniu aqui, não é separado ali; a morte não divide, nem afasta os amados para além do alcance dos desejos ou preces do espírito.

Tal como o Amor-Conjugal é respondido por algum espírito com atração correspondente, também os outros amores são respondidos por amores equivalentes; e, assim, chega até nós — e não raras vezes — uma grande variedade de boas sugestões e impulsos retos, provenientes de alguns dos nossos parentes naturais ou espirituais que agora residem em esferas superiores.

E assim também, quando a alma ora sinceramente por sabedoria com que orientar o governo social, ou por luz sobre o grande problema da reorganização e harmonização da sociedade, é perfeitamente razoável e seguro acreditar que os nobres espíritos que viveram entre nós, e que agora se encontram educados nesses mesmos temas, se aproximam e, talvez, insinuem alguns pensamentos valiosos na mente do espírito orante — isto será uma resposta ao Amor-Fraternal, ou amor ao próximo.

Podemos então afirmar com verdade que a Providência transmite informação especial — não por desígnio direto e imediato, mas pela operação das leis naturais e imutáveis que regem as combinações universais do Espírito e da Matéria.

A comunicação espiritual desenvolve-se e torna-se universalmente possível pela Lei da Associação, ou Lei das Afinidades. Assim, quem quer que deseje sinceramente — ou ore com verdade — por luz sobre assuntos governamentais e sociais, com o propósito de reformar a sociedade e cultivar harmonia entre os homens, esse poderá, caso seja receptivo a impressões interiores, receber algo — talvez — do agora educado Moisés, ou de Licurgo, ou de Sólon, ou de Platão; pois cada um destes indivíduos desenvolveu e educou, ainda que rudimentarmente, o Amor-Fraternal através das circunstâncias sociais que enfrentaram antes da sua partida para o País Superior.

Do mesmo modo, se alguém procurar com fervor ser esclarecido quanto às verdades espirituais e religiosas, se orar para conhecer melhor Deus e o Universo, é mais que possível — é provável — que o agora avançado Paulo, ou David, ou João, ou Fénelon, ou algum parente já partido, com o Amor-Filial plenamente desenvolvido e em constante exercício, lhe transmita doces ensinamentos e satisfaça o seu anseio.

Desejo que o leitor procure ilustrar e confirmar este fato, disciplinando e desenvolvendo a mente para a receção de impressões espirituais.

As respostas provenientes do Mundo Espiritual nunca serão contraditórias; e, por isso, se alguém orar e receber aquilo que considera ser uma resposta, e se essa resposta contradisser o que outros afirmaram ou revelaram, então o único critério pelo qual se poderá julgar a sua veracidade ou falsidade é o padrão infalível da Natureza e da Razão.

Por exemplo, se alguém afirmar, depois de uma oração intensa, ou num estado hoje chamado "magnético", que ouviu ou percebeu que o sol e a lua ficaram imóveis durante o período descrito por Josué, então tal afirmação deve ser testada pela Natureza, e a Natureza deve ser verificada pela Razão.

Mais uma vez: se alguém (como Emanuel Swedenborg ou Jacob Böhme, por exemplo) afirmar ter percebido no Mundo Espiritual que a Bíblia é a Palavra de Deus, que é um corpo sagrado de Verdade, isento de erros, então a veracidade de tal afirmação deve ser avaliada à luz do padrão imutável e inestimável da Natureza e da Razão.

A proximidade envolvente do Mundo Espiritual, e o seu acesso, proporcionam ao espírito toda a vantagem e satisfação desejáveis, por meio das dispensações providenciais ou da interposição divina. Mas se o coração cristão, ambicioso e devoto, se mostrar insatisfeito com a forma indireta e mediada pela qual as suas orações são atendidas — por estar descontente por o próprio Deus não escutar diretamente as suas súplicas — então desejo impressionar esse coração com esta verdade: que nenhum espírito humano concebeu ainda um pensamento, nem proferiu uma palavra, tal como concebe o Pai, suficientemente magnânimo, sublime ou expressivo, que possa ser aplicado sequer a um dos seres exaltados que, embora tenham habitado um dia a Terra, hoje caminham pelas sendas floridas do Lar Espiritual.

Não pensemos que, por Deus ser inconcebivelmente Grande, tão elevado acima da oração especial e da ação especial, esteja afastado dos nossos espíritos — não! Ele

“Vive na alma, anima a nossa parte mortal.”

E tão próximo está, que nele nós, diariamente e a cada hora, “vivemos, nos movemos e existimos” — estamos nele e somos dele; e assim como o corpo, os ramos, os rebentos, as folhas, os botões, as flores e os frutos de uma árvore são desdobrados e desenvolvidos minuciosamente a partir das essências e princípios que foram originalmente depositados no seu Gérmen, assim também a Grande Essência Germinal da Árvore Universal desdobra e desenvolve os menores ramos, botões, flores e organizações que perfumam e adornam o Todo Estupendo.

Se um determinado botão, ou um grupo escolhido de botões, reclamasse bênçãos e atenções especiais, e invocasse e implorasse ao Gérmén que lhes dispensasse uma porção maior da sua vida e dos seus fluidos, os outros botões poderiam permanecer perfeitamente tranquilos, sabendo que a justiça preside a toda a dispensação do princípio em movimento que lhes deu origem. Assim também, se um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, se arrogarem a condição de justos e, por essa razão, presumirem invocar, suplicar e implorar à Divindade para que lhes conceda favores especiais, imediatos e eternos, os restantes poderão descansar no absoluto conhecimento de que a Divindade e as Suas Leis estão igualmente para além da possibilidade de acaso, suspensão ou separação, e que, portanto, a Justiça Eterna presidirá à distribuição da vida e da felicidade divinas a cada flor e espírito, a cada átomo e serafim, em todo o vasto jardim de Deus.

Voltemos agora à nossa investigação: a ação elétrica de Deus sobre o Universo. A eletricidade é um meio de relação universal. Ela residia originalmente no Vórtice Poderoso dos mundos incriados, ainda não desenvolvidos. No princípio da estrutura atual do Universo, toda a matéria encontrava-se em estado de difusão e agitação, consequência das inconcebíveis preparações e rarefações necessárias à formação de um universo superior à estrutura precedente.

Os quatro grandes desenvolvimentos da matéria — o Fogo, o Calor, a Luz e a Eletricidade — espalharam-se a partir do Grande Centro por entre os reinos da infinitude, antes da associação e organização dos materiais que hoje designamos por sistemas planetários. O fogo foi a forma mais inferior da matéria; mas conservava em si o elemento de todos os objetos e princípios que embelezam e vivificam a Terra que habitamos, assim como todos os mundos que cintilam nos céus inumeráveis da infinitude. Do fogo desenvolveu-se o calor; do calor nasceu a luz; da luz foi desdobrada a eletricidade; e da agregação e organização desses elementos surgiu o sistema estupendo da Natureza, do qual a humanidade é uma porção.

Deste modo, percebe-se que a eletricidade foi o princípio mais elevado e onnipresente na Natureza; ela emergiu dos outros elementos e, tendo ascendido ao mais alto grau de perfeição primordial, foi necessariamente investida do poder de perpetuamente penetrar e interpenetrar o vasto universo da matéria, o qual, como um oceano sem margens, se agitava em vagas imensuráveis em torno da Mente Suprema.

Assim é, ainda hoje, com a eletricidade. Ela é constantemente eliminada de várias e inumeráveis fontes de matéria, fluindo daí para um vasto mar de elementos, e penetrando não apenas toda a Terra, mas todos os sistemas incalculáveis da imensidão. E à medida que se vai refinando em carácter e manifestação, mudamos-lhe o nome. Assim, uma modificação da eletricidade designamos por magnetismo, outra por galvanismo, outra ainda por influência nervo-vital, etc.; todavia, esses

nomes não passam de expressões da progressiva refinação e manifestação superior do Grande Princípio Único.

A Mente Divina emprega a eletricidade como meio de comunicação com todas as partes e partículas do universo. A cada instante, o Grande Espírito Positivo faz com que este elemento expresse as pulsações imutáveis da sua Alma através das múltiplas ramificações da Natureza. Essas leis imutáveis que governam as pulsações da vitalidade divina no universo são tão minuciosas e justas que a flor mais pequena e o astro que gira recebem, cada qual segundo a sua capacidade e necessidade, vida, direção e proteção.

Importa compreender que a eletricidade não é a causa do movimento planetário, mas o agente, ou veículo, dos grandes princípios anatômicos, fisiológicos, mecânicos e químicos que emanam da Mente Divina e que se expandem, em operação equitativa, por todo o universo ilimitado dos mundos. Já se afirmou que, segundo a Filosofia da Harmonia, os conceitos de atração, gravitação, condensação, etc., representam a associação de partículas com afinidades mútuas. Tais afinidades são organizadas e dirigidas, nas suas inúmeras disposições, pelo elemento universal: a Eletricidade.

Isto é ilustrado pelos fenómenos familiares da vegetação. A pequena semente depositada na terra está impregnada de afinidades com as forças e partículas circundantes da matéria. Ela atrai terra, ar, água, calor, luz e alimento dos elementos invisíveis para a sua constituição; assim, um único grão de trigo dará origem a multidões de outros da mesma espécie, a múltiplos representantes da sua natureza — mas a eletricidade não é a causa dessa atração entre as partículas, é sim o agente através do qual tais fenómenos se realizam.

E assim os mundos imensos, espalhados pela imensidão da infinitude, reciprocamente trocam partículas e substâncias; e, consoante a sua densidade ou raridade, os seus níveis mais baixos ou mais elevados de desenvolvimento, a sua condição mais grosseira ou mais refinada, são determinadas as suas magnitudes, distâncias entre si e os seus movimentos. Portanto, não são as eletricidades positiva e negativa que determinam as posições e os movimentos dos planetas; pelo contrário, a lei das afinidades associativas ou eletivas, que reside em tudo e sobre tudo atua, é a causa primária de toda a harmonia planetária.

Assim, conforme a densidade ou raridade de um planeta, são determinados a sua magnitude e a sua órbita, bem como a distância que o separa do Sol em torno do qual gravita. Foi deste modo que o Universo dos mundos se desenvolveu originalmente; e (conforme está relatado na *Revelação Divina da Natureza*) não houve força desconectada nem impulso externo aplicado aos corpos então formados, para os colocar em movimento harmonioso; nenhum poder estrangeiro os impeliu ou guiou na ordem dos seus planos respetivos de revolução. Antes, leis intrínsecas — o

desdobramento espontâneo e o funcionamento dos poderes involuntários de Deus — , capazes de controlar essas grandes manifestações planetárias, foram desenvolvidas progressivamente e postas em ação, sendo sempre maravilhosamente adaptadas às formas sobre as quais haviam de atuar.

Alguns filósofos há muito defendem a teoria que sustenta a origem elétrica do universo. E deve reconhecer-se que, de acordo com os princípios da filosofia indutiva, existem razões aparentes sobre as quais se poderia, provisoriamente, assentar tão vasto edifício teórico. No entanto, uma investigação mais profunda e analítica dos princípios imutáveis da Natureza, que emanam da constituição celeste de Deus e controlam todas as operações imponentes do universo, convencerá diretamente o espírito de que não há regressão positiva em nenhuma coisa, em nenhum domínio do Todo gigantesco.

A lei do Progresso universal e eterno está impressa em tudo — desde a pedra aparentemente inerte e sem vida, até às plantas, às árvores, aos animais, ao homem — e no espírito humano livre, inato, livre de grilhões, que se expande com os sentimentos interiores de uma existência eterna, repleta de alegrias intermináveis, sempre renovadas e eternamente bem-vindas pela virtude das suas incontáveis e progressivas diversificações — anseia por emancipar-se das limitações da Terra e entregar-se, com a confiança e a simplicidade de uma criança, ao sublime funcionamento desse princípio de progresso ascendente e constante!

Uma mente que tenha experimentado as emoções inspiradoras que o pleno reconhecimento do Progresso Eterno inevitavelmente desperta na alma não pode aceitar a origem elétrica da matéria. Não pode admitir a proposição de que a eletricidade, estando sujeita às leis da matéria, tenha sido gradualmente condensada, tornando-se cada vez menos rara, menos imponderável, menos imaterial, até finalmente se tornar densa, ponderável e formada por partículas, constituindo todos os objetos e substâncias, animados e inanimados, da criação. Não! Tal mente dirá: estou pronto a expressar as minhas convicções — uma fé tão forte e tão bem sustentada por toda a Natureza, que se confunde com o conhecimento absoluto — que todos os objetos e substâncias, animados e inanimados, entrelaçados na vasta malha da Natureza, serão gradualmente refinados, elevados e, por fim, fundidos na eletricidade; mas o raciocínio inverso não pode ser verdadeiro.

A origem elétrica da matéria contraria a lei do Progresso eterno e infinito. Tal teoria afirma uma deterioração ou retrogressão positiva (isto é, uma tendência para trás ou para baixo) dos grandes desenvolvimentos da Natureza. A eletricidade é feita descer da imponderabilidade para a ponderabilidade — de um fluido para um sólido — e, de elemento, supõe-se que se condensa até se tornar num rochedo de granito. Quando, na verdade, a lei da Natureza é o inverso disto: a ponderabilidade progride para a imponderabilidade — os sólidos transformam-se em fluidos — e a substância

mais inanimada está destinada a passar pelos grandes processos de eterização e espiritualização da Natureza, até finalmente ocupar um lugar elevado entre os elementos que permeiam infinitamente todas as coisas.

Os inumeráveis efeitos que fluem da ação da eletricidade sobre os vastos campos da Criação, e os muitos grandes propósitos que este elemento cumpre nos incontáveis reinos além das nossas percepções limitadas, são demasiado vastos e avassaladores para a compreensão humana. Mas sejamos gratos por possuímos a capacidade de penetrar até certo ponto nas maravilhas espantosas e nas sublimidades inefáveis do Universo, a ponto de podermos ser inspirados, como Dryden, pelo pensamento abrangente de que:

“Uma só Alma comum
Inspira, alimenta e anima o Todo.”

Tal pensamento opõe-se ao sobrenaturalismo e é fatal a todas as doutrinas da criação especial; e por isso mesmo, é uma razão poderosa para que tal concepção de Deus e do Seu Universo seja acarinhada. E a razão maior pela qual a humanidade deve nutrir concepções amplas de Deus, da Natureza e do Céu, é esta: sentimentos nobres e benevolentes fluem de mentes nobres e generosas; e quanto mais elevadas forem as nossas concepções de Deus e dos seus métodos de criação, mais bondosos, justos e sábios seremos nas nossas ações para com as diversas classes que compõem a humanidade. E essas classes, gradualmente, recebem os frutos desse bem; os seus corações alegram-se e os seus lares tornam-se felizes.

As revelações do telescópio, combinadas com a precisão absoluta das demonstrações matemáticas, contribuíram imensamente para o desenvolvimento da sabedoria humana. Por estes meios, a superstição foi desmascarada, e a sua horrenda deformidade foi exposta ao devoto demasiado enganado, ainda que presumido; e a Verdade pôde proferir as suas revelações divinas e eternas mais neste século do que em qualquer um dos anteriores. Infelizmente, porém, os seus discípulos continuam restringidos pelas convenções populares e pelas fortes amarras da vida social e cívica.

Mas nos recantos secretos da alma — no santuário íntimo do espírito — o estudante da Natureza pode permanecer em paz. Os seus pensamentos, ali, podem demorar-se longamente e com ardor sobre a Bondade imensa, a Bondade infinita, o Amor e a Sabedoria sem limites de Deus, com os quais as realidades da existência são embelezadas e adornadas. E, ainda, que alegria adicional! Que bênção inestimável! É ter, a pulsar em harmonia com o seu próprio peito, um coração honesto e superiormente iluminado, que escuta e responde prontamente aos gloriosos frutos das suas contemplações arrebatadas!

Em vista desta felicidade, que todos deveriam possuir, não posso deixar de exortar fervorosamente os casados a procurarem e preservarem uma concordância de fé e de pensamento. A menos que seja absolutamente inevitável, nunca sigam caminhos distintos na vossa busca por salvação e verdade; sobretudo, nunca sejais orgulhosos nem injustamente altivos um para com o outro; pois disso nasce a discórdia, e a vossa “casa dividida contra si mesma” será prenúncio certo da destruição de algo — talvez de uma rutura nas vossas afeições, ou nos vossos esforços em fazer o bem — e os vossos “deuses domésticos”, despedaçados, poderão jazer em ruínas sobre o altar familiar, donde a luz do lar se retirou.

Se fores sobrenaturalista (tecnicamente falando), muito provavelmente te agarrarás, por exemplo, à cronologia de Moisés quanto à idade da Terra, e recusarás perentoriamente considerar quaisquer razões ou argumentos em contrário. E se o teu companheiro ou companheira for um livre pensador, um investigador honesto da verdade, então não poderá haver grande prazer na vossa comunicação de pensamentos — pois estareis, nestas coisas, infelizmente alienados um do outro. Oh, por tudo o que valorizais na alegria da vida, nos sagrados encantos do lar, não permitais que isto aconteça! Enquanto tu repele qualquer argumento contra a cronologia de Moisés, o teu companheiro mais generoso e esclarecido poderá até desculpar-te, mas ao mesmo tempo lamenta a tua ignorância e dogmatismo.

Segundo o Génesis, Moisés afirma que a criação tem cerca de seis mil anos; todavia, para além de uma vasta coleção de demonstrações geológicas e zoológicas em contrário, a gloriosa ciência da astronomia informa-nos que, mesmo com a inconcebível velocidade a que a luz viaja, seriam necessários entre cem mil e trezentos mil anos para que a luz das chamadas estrelas fixas chegasse à Terra. Na verdade, há planetas na imensidão — planetas pertencentes ao nosso círculo de sóis — cuja luz ainda não chegou até nós, e de cuja existência a humanidade ainda não teve conhecimento, exceto por meio da percepção espiritual.

“Mas — exclama o sobrenaturalista — que importância tem tudo isso?” O filósofo responde: “Essas revelações astronómicas provam, de forma incontestável, que a nossa Terra existe há, pelo menos, trezentos mil anos, porque (admitindo que ‘o Senhor fez os céus e a Terra, e tudo o que neles há’ num dado momento), a luz levaria esse número de anos a alcançar os nossos sentidos materiais; logo, para calcularmos a idade do mundo, devemos abandonar a ideia de contar por centenas ou milhares de anos — temos de somar muitos milhões para trazer a idade do mundo para perto das declarações positivas da ciência geológica, zoológica e astronómica.”

Pela operação incessante de princípios imutáveis e constantes, o universo foi desdobrado, e adornado com movimento e vida, sensação e inteligência; juntamente com todas aquelas incontáveis variedades de formas e organizações que indicam as

inumeráveis ramificações e a onnipresença da Essência Divina. Mas a compreensão humana é demasiado limitada para formar algo que se aproxime de uma estimativa justa do tempo que essa Essência Divina consumiu apenas no desenvolvimento da nossa Terra; quanto mais, então, considerar a história cronológica do Universo Infinito, cujas vastas dimensões nenhum matemático pode calcular, cuja majestade arrebatadora e magnificência harmoniosa nenhuma linguagem consegue exprimir!

Ainda assim, por mais vã e imaginativa que a questão possa parecer a alguns espíritos, as perguntas — o que é o tempo? o que é o espaço? o que é a Eternidade? o que é o Infinito? — surgirão inevitavelmente na mente investigadora, e a Razão tentará, também inevitavelmente, encontrar-lhes uma solução.

Felizmente para a humanidade, no seu atual estado rudimentar e germinal de existência, a alma humana é dotada de poderes e atributos de percepção filosófica e entendimento, que lhe permitem converter muitos dos fatos anteriormente aceites como fictícios em verdades valiosas, e os romances mais extravagantes em sublimes realidades da existência futura; e, por outro lado, é igualmente afortunado para o homem que, através do exercício dessas mesmas faculdades, possa converter muitos dos fatos outrora tidos por certos em ficções, e muitas supostas realidades em simples fantasia.

Se a mente for refinada e expandida, o indivíduo passará a ter percepções proporcionalmente mais amplas do Tempo e das coisas que pertencem a uma existência imortal. Tempo é apenas um termo que usamos frequentemente — e de forma inconsciente — para significar a distância entre um acontecimento e outro. Os acontecimentos, ocorrências, circunstâncias e objetos estão separados entre si por espaços de várias extensões, e esses espaços constituem aquilo a que chamamos Tempo. Assim, Tempo e Espaço são idênticos. O Tempo é dividido, e infinitamente subdividido, para que se torne expressivo da extensão dos espaços que existem entre objetos e eventos.

Deste modo, o Tempo converte-se em Espaço, ao ser dividido em anos, meses, semanas, dias, horas, minutos e segundos; mas a razão pela qual a mente humana “sepulta” o Tempo nesse esquecido sepulcro chamado Eternidade é porque eventos, objetos e circunstâncias foram abandonados como conceitos aplicáveis ao modo de existência espiritual. Consequentemente, o nada e a eternidade mantiveram uma tal intimidade no pensamento comum, que considerá-los como sinónimos absolutos é simplesmente seguir o seu uso habitual.

Assim como o Tempo é dividido e classificado em proporções definidas, também o é o Espaço. Por exemplo: o Espaço mede-se em quilómetros, metros, palmos, pés e polegadas; e para se determinar com maior exatidão a relação ou distância entre objetos e lugares, quilómetros e metros, pés e polegadas são divididos e

subdivididos, ou multiplicados — e isto pode fazer-se até além do que a mente é capaz de compreender. Do mesmo modo, o Tempo é dividido em anos, meses, dias, horas, minutos e segundos, e essas medidas podem também multiplicar-se até a uma escala inatingível. Por isso, Tempo e Espaço são essencialmente idênticos.

Foi descoberto, através de experiências óticas, que a luz viaja a duzentas e treze mil milhas por segundo. Esta fascinante descoberta comunica simultaneamente duas ideias distintas mas inseparáveis à mente — uma ideia de Tempo, e uma ideia de Espaço. A luz, na sua passagem instantânea de um objeto ou localidade para outro, emprega e revela necessariamente o tempo e a distância. A luz que provém do Sol do nosso sistema solar leva cerca de oito minutos a chegar ao olho humano; vemos, portanto, o Sol como ele era há oito minutos atrás, e não como é no exato momento da observação.

A luz proveniente de um dos sóis distantes ou estrelas de sétima magnitude leva cento e oitenta anos até alcançar o olho humano; conseqüentemente, se a observarmos agora, vêmo-la como era há cento e oitenta anos atrás. E se, através do telescópio mais poderoso, contemplarmos uma estrela de décima segunda magnitude, vemo-la tal como era há quatro mil anos, e não como é no instante em que a contemplamos. Existem agora sóis, nas profundezas da imensidão, de tal grandeza imensurável e majestade inconcebível, que desafiam qualquer capacidade matemática da mente humana.

E ainda que a nossa Terra exista e gire sobre o seu eixo há milhões de anos, nenhum dos seus habitantes jamais captou um único raio da luz emanada por esses sóis longínquos; mas é altamente provável que, daqui a dez milhões de anos, os nossos irmãos que habitarem a Terra descubram um novo planeta ou estrela fixa, que considerarão de vigésima sétima magnitude — porque, só então, a luz daquele distante Astro terá alcançado a Terra. O astrônomo que fizer essa descoberta verá esse planeta tal como ele era há milhões de anos; e se, ao mesmo tempo, esse planeta for habitado por seres com capacidade visual semelhante à nossa, então eles veriam a Terra no seu estado primitivo, nos primeiros estágios de formação e consolidação.

Como verificação destes fatos, imaginemos que o leitor vive em Nova Iorque e o seu irmão em Pequim, na China. Se existisse um telégrafo magnético a ligar essas duas cidades, poderiam comunicar-se pessoalmente. Ora, se o leitor comunicasse ao irmão uma doença súbita no instante em que esta começasse, o irmão receberia essa informação não como ela estaria quando a mensagem chegasse, mas sim como era trinta segundos antes — que é o tempo que a corrente elétrica levaria a cumprir essa missão.

Para compreender a filosofia do Tempo e Espaço, da Eternidade e do Infinito, a mente deve refletir sistematicamente. O Tempo guarda para com a Eternidade a

mesma relação que o Espaço guarda com o Infinito — uma relação distinta, idêntica e inseparável. A Eternidade é composta de Tempo, assim como o Infinito é composto de Espaço. Sendo assim, uma vez que a Eternidade é feita de Tempo, não se pode escapar à conclusão de que eventos, acontecimentos, objetos e circunstâncias continuarão a existir e a desenvolver-se — pois é apenas através destes desenvolvimentos que a Eternidade pode ser medida e compreendida. Do mesmo modo, é impossível negar que objetos, distâncias, lugares, metros, pés e polegadas continuarão a existir; porque é apenas por meio de uma sucessão inumerável e contrastante de espaços que conseguimos formar qualquer ideia do Infinito.

Portanto, é justo afirmar que a Eternidade é uma sucessão de acontecimentos vastos e universais. A este respeito, remeto o leitor para aquela parte da *Revelação Divina da Natureza* onde fui inspirado a contemplar um Evento — uma mudança na constituição e arranjo universal das coisas — que deveria ser denominado como o fim de um tempo, o qual, de acordo com a concepção humana, constitui uma Eternidade. Por outro lado, o Infinito é uma sucessão de espaços ou locais concebíveis e inconcebíveis que, devido ao seu número e grandeza, ultrapassam todas as capacidades humanas de medição, e, por consequência, toda a compreensão humana.

A Eternidade é composta de tempo, ou de eventos, assim como o oceano é composto de gotas de água; e o Infinito é composto de espaços ou lugares, tal como os quilômetros são feitos de centímetros, ou os anos de minutos. Portanto, não se pode dizer que “o tempo já não existe”.

Comparativamente, é possível conceber a Eternidade e o Infinito — e até imaginar a aniquilação do tempo e do espaço; mas, falando com rigor, usando a linguagem no seu sentido mais absoluto, não há nenhuma concepção na mente humana que corresponda verdadeiramente a uma Eternidade ou Infinito, nem a uma aniquilação do tempo e do espaço. Assim, quando pensamos na Natureza e em Deus como existindo desde toda a eternidade, a mente não resiste ao impulso de perguntar: — Quando começaram a existir Deus e a Eternidade?

Habituada e educada por dias e horas, metros e polegadas, a alma humana não consegue pensar nem existir sem essas referências; mas através dos espaços, objetos e lugares imensuráveis do Infinito, e dos tempos, eventos e circunstâncias da Eternidade, o leitor imortal há de perceber e compreender que...

“Para Deus, o Tempo não é; para Ele tudo é
Presente Eternidade. Mundos, seres, anos,
Com todas as suas naturezas, poderes e eventos,
Cujos limites Ele molda e ordena,

Desabrocham como flores. O Tempo não deve ser
Contrastado com a Eternidade; — não é
Um segundo do Ano Eterno.”

A Eternidade é um oceano infinito, e esta vida não passa de uma única gota sobre as suas águas eternas; e mesmo que essa gota seja usada milhões de vezes por milhões de indivíduos, ela permanece, todavia, parte desse oceano universal — indestrutível. Do mesmo modo, o Infinito é uma vastidão eterna, e esta vida é apenas uma polegada desse espaço ilimitado; e ainda que essa polegada seja percorrida milhões de vezes, ela continuará a ser parte do Todo incomensurável — distinta, idêntica, inseparável.

Assim, o Tempo e o Espaço, a Eternidade e o Infinito, são idênticos. Um é medida e companheiro do outro; e, como o Amor e a Sabedoria, como a Verdade e a Virtude, como a Harmonia e o Céu, residem no e procedem do tecido universal da Grande Mente Positiva, cuja essência celeste movimenta e vivifica o Todo!

A inconcebível rapidez com que a eletricidade terrestre se desloca, e a forma instantânea como se propaga, graças à sua proliferação positiva e negativa em harmonia com elementos congêneres nos planos superiores de ação, torna o problema de como a Divindade “atua sobre o universo eletricamente” um dos mais difíceis de resolver. Filósofos deístas e cristãos têm feito muito para estabelecer uma clara e quase intransponível distinção entre as operações das leis no universo exterior e as chamadas manifestações especiais da Providência, que se crê emanarem diretamente de Deus.

As diversas ciências que foram sendo erigidas têm sido moldadas e organizadas sobretudo para acomodar as especulações dos pensadores cristãos — pensadores que, em geral, desconfiam daquela filosofia ousada e abrangente que declara e demonstra a verdade de que as operações variadas e imensas da Natureza não são senão manifestações involuntárias da Divindade, tal como, por analogia, observamos no corpo humano os fenômenos de digestão, circulação, assimilação, etc., que ocorrem naturalmente sob o governo involuntário do espírito.

Por via da investigação e dedução analógica, o raciocinador coerente não pode deixar de concluir que, do mesmo modo que a mente humana pode, através de diversos meios materiais, pôr em ação o sangue, os músculos e até interagir com substâncias inanimadas (como, por exemplo, pegar numa pedra ou num pedaço de carvão), também é perfeitamente razoável acreditar que Deus pode — e de fato o faz — manter contato constante com o mais baixo dos elementos físicos, através da ação de intermediários inumeráveis.

Há tanta confusão nas ideias sobre a onnipresença e a onipotência voluntária de Deus, como aquela que se dizia ter existido nas línguas dos povos que tentaram

erigir uma torre que os elevasse acima das cheias e das vicissitudes da vida presente. E as consequências destas concepções contraditórias do carácter de Deus e do seu modo de ser e agir no universo são, infelizmente, demasiado visíveis: vêem-se no sectarismo religioso, no ceticismo miserável e na superstição profunda que marcam tantas mentes das diversas nações da Terra.

Mesmo as mentes mais eruditas e esclarecidas — aquelas que professam grande fé na providência divina, que rezam por favores e pela salvação misericordiosa — geralmente não possuem concepções verdadeiramente definidas e elevadas acerca dessa organização superna de atributos celestes que chamamos Deus.

Se o leitor perguntar a um cristão inteligente — ou até examinar a sua própria mente — que concepção tem do Todo-Poderoso, a resposta será, provavelmente: “Deus é uma essência toda-sábia e onnipresente”. Sim, mas o que significa isso? Se Deus é um princípio que tudo preenche, então não será Ele “tão perfeito num cabelo como num coração”? — estará Ele igualmente presente na rocha de granito como na alma humana? Será isso verdade? Não, de forma alguma; porque mesmo o elemento mais ínfimo da alma humana contém mais da vida divina do que todo o granito de um hemisfério — embora este último não esteja totalmente destituído do Princípio que tudo anima.

É justo que nos aproximemos da investigação deste tema com o devido respeito — cientes de que pisamos solo sagrado — ao procurarmos ligar as nossas afeições e razão ao Santo Proprietário do Templo magnífico da Natureza; mas não há razão alguma para que, pelo fato de o tema ser vasto e, em parte, incompreensível à mente humana, abandonemos o justo esforço de ampliar as nossas concepções através da investigação honesta e da contemplação elevada.

Além disso, não é correto afirmar que o tema é “demasiado elevado” para as mentes finitas, que “os seres finitos não podem compreender o Infinito”; pois o leitor é capaz de reconhecer como verdadeira a afirmação de que a essência de Deus não está tão plenamente manifesta numa pedra como na alma viva, pulsante e amorosa de um ser humano. Nem se pode afirmar com verdade que Deus manifesta a mesma sabedoria — a mesma habilidade “anatômica e fisiológica”, por assim dizer — na constituição de uma pedra ou de uma planta, que manifesta na construção de um animal ou de um ser humano.

Permitam-me ser bem compreendido. Não afirmo que haja falta de Sabedoria Divina em qualquer domínio do império sem fim de Deus — pois vejo inteligência maravilhosa na formação do olho de um insecto, no pulsar do seu pequeno coração, na construção e coloração iridescente das suas frágeis asas; e reconheço a mesma habilidade, unidade, sistema, ordem, forma e harmonia em todas as coisas que adornam o universo material. Mas afirmo que há uma distribuição da Essência

Divina, da Sabedoria e do Poder, sempre proporcional à capacidade e posição do recetáculo; e, por isso, Deus não é onnipresente nem onnipotente no sentido em que tais termos são habitualmente utilizados.

Sigamos, então, esta investigação analítica até às suas últimas consequências, e confessemos a conclusão a que inevitavelmente chegamos — pois a Verdade é o mais alto guia e guardião da Alma. Se for aceite que Deus não está “tão plenamente num cabelo como num coração”, então também será aceite que Ele habita mais no Universo espiritual do que no natural; que Ele reside particularmente no centro resplandecente do Univercoelum — esse local central que podemos denominar o Grande Aparelho sensorial da Mente Infinita — e que, a partir desse centro, Ele irradia e expande as Suas essências de Amor e atributos de Sabedoria por toda a infinitude da vida e da animação.

Assim sendo, já não é justo falar ou pensar em Deus como estando igualmente distribuído em todas as coisas; pelo contrário, ao falarmos ou pensarmos na sua onnipotência, devemos admitir que, embora a Mente Infinita tenha uma habitação local fixa, Ele, contudo, vivifica e atua sobre todos os seres por meio da constante emanção das Suas essências de Amor, dos Seus princípios de Vontade e dos Seus atributos de Sabedoria.

O Grande Vórtice do Poder Positivo, o Grande Aparelho sensorial da Mente Divina, é, portanto, a Fonte Central de toda a ação e vitalidade — a Fonte Celeste de magnificência indizível e Perfeição inconcebível. Ele vive através de todas as coisas, mas de forma mais particular no grande sétimo Sol espiritual do Universo. Os elementos e atributos, princípios e essências da Sua Alma inesgotável fluem perpetuamente para tudo, em tudo e a partir de tudo o que existe — seja material ou espiritual — no domínio imensurável do ser. O Seu Espírito preenche toda a existência; mas as qualidades e propriedades mais interiores, e para a mente humana mais inconcebíveis, da Sua constituição celeste e infinita têm a sua origem nas profundezas do Centro do ser universal.

Deus é a Alma do Universo; logo, o Universo tem de ser necessariamente o Corpo de Deus. E unidade e sistema manifestam-se por toda a parte. No Grande “todo estupendo” não pode haver qualquer exibição contraditória ou antagónica de princípios divinos; uma cadeia perfeita e ininterrupta de correspondências ou analogias deve, por necessidade, percorrer e unir todas as coisas — conferindo-lhes coerência e proporções harmoniosas; e, portanto, dado que a unidade, a ordem e o sistema são universais, a mente humana é justificada ao raciocinar analogicamente, e ao compreender o homem como uma representação diminuta do Todo poderoso — tal como o espírito do homem vive no seu corpo, assim vive o Espírito de Deus no Universo. Tal como o movimento, a vida e a sensação se difundem pelos diversos órgãos, nervos e músculos na constituição do homem, assim também as essências,

elementos, propriedades, qualidades, princípios e atributos que existem na constituição Celeste da Mente Divina se difundem por todo o império ilimitado da Natureza visível e invisível!

Assim, o homem é, em grau finito, uma personificação do Infinito — especialmente na construção da sua alma e do seu corpo, e nos princípios sobre os quais ambos subsistem em conjunto; mas, na medida em que o homem, neste seu primeiro e rudimentar estado de existência, se encontra ainda muito por desenvolver e muitas vezes desorientado — particularmente nas porções afetivas e morais da sua natureza — a analogia que existe entre ele e o Infinito estende-se, por agora, apenas à sua conformação constitucional, abrangendo a sua mente e as suas operações involuntárias no seu organismo. Contudo, num plano superior de existência, o homem é, na sua forma material ou exterior, uma imagem exata do Universo; e, então também, a sua conformação espiritual é uma semelhança exata do Grande Poder em Movimento, que é a Divindade.

Desta forma, torna-se manifesto que todas as coisas materiais são formas, cada uma das quais é apenas um modo externo pelo qual a sua essência interior estabelece comunicação com o mundo exterior — sendo a forma apenas um meio de comunicação entre o interior e o exterior. A Natureza, portanto, é composta por essas inúmeras combinações de matéria, e é um tipo manifesto do Universo inteiro. A Grande Mente Positiva é a Essência Interior e Divina — é a Causa criadora de todos os efeitos exteriores. A Grande Mente Divina é uma Alma, existente numa organização perfeita de propriedades essenciais, essências e atributos; e o Modo como essa Essência ou Alma existe é a Forma, ou desenvolvimento exterior, de todo o Univercoelum. Sendo a Essência Divina a Alma, o Univercoelum é o Corpo.

Além disso, este último é um representante perfeito, ou, por outras palavras, uma expressão clara e poderosa das possessões interiores da Mente Divina. O Universo é o Modo pelo qual a Essência Divina existe: e esta não poderia existir como Organização sem ser tornada perfeita por uma Forma exterior correspondente, como é exibida nesse Universo grandioso, imenso e inexpressivamente harmonioso.

Assim se compreende que a forma é a imagem expressa do seu princípio interior ou da sua primeira fonte de vida e ser. E o uso de cada coisa é determinado pela especificidade das suas posses interiores e, especialmente, pela sua relação — em forma, em série, e em graus de perfeição — com todas as outras essências vivas na Natureza e no Universo.

É segundo o mesmo princípio que a forma humana é uma semelhança expressa da qualidade da sua alma interior. E foi absolutamente demonstrado que o homem, no plano material, é a perfeição de toda a matéria da Natureza, e que o homem, espiritualmente, é a perfeição de todo o Movimento. Portanto, o homem, no seu

todo, constitui um sistema completo de espírito e matéria organizados; e é assim que o princípio espiritual do homem é individualizado, e é expresso através da forma humana para o mundo exterior. E do mesmo modo o corpo é desdobrado pela essência específica e potencial da sua alma interior.

O homem está acima de todas as formas do ser, e acima de todas as congregações de formas; pois ele é o ponto, o centro e o destino para onde todas as outras formas fluem, e são aperfeiçoadas, refinadas, e tornadas úteis para a constituição total da Natureza e do Universo. Entretanto, o homem, na realidade, é invisível aos sentidos materiais; tudo o que os observadores sensoriais conhecem do homem é derivado apenas do seu representante exterior e da semelhança expressa que é a forma exterior assumida pelo seu ser interior.

A partir destas considerações, fica claro que cada forma humana possui um princípio interior organizado, pelo qual o exterior é determinado e desenvolvido. E tal como o corpo cumpre a sua função enquanto meio pelo qual o homem interior comunica com o mundo exterior, assim também o princípio interior desempenha uma função ao estabelecer uma ligação com o mundo interior. Assim, o corpo humano individualiza o espírito na sua relação com o mundo exterior, enquanto o espírito, agora ligado ao corpo, determina a perpetuidade e existência idêntica do espírito na sua ligação com o mundo interior — sendo a forma espiritual também uma expressão da sua alma interior. Deste modo, a alma é uma organização anterior; e ao desdobrar-se para o mundo exterior, assume apenas um revestimento, um corpo, uma forma, adequada à sua existência nesta esfera rudimentar da criação material e espiritual.

Tenho sido fiel às impressões que me guiam relativamente às necessidades intelectuais da humanidade e, por isso, desenvolvi de forma algo extensa a proposição da ação elétrica de Deus sobre o Universo no qual reside imutavelmente. É de importância suprema que a mente conceba a Divindade como habitando no Centro vórtice da existência — esse glorioso centro resplandecente com santas emanações aromáticas e manifestações brilhantes de perfeição inconcebível — e como sendo, tal como Ele é, a concentração focal e organização celeste de todo o movimento, toda a vida, todos os elementos e essências, todos os atributos e princípios que existem na constituição das coisas.

É essencial conceber a Personalidade Divina antes que o intelecto possa compreender como Deus — sendo a perfeição e organização suprema de todos os elementos e substâncias — consegue manter relações tão minuciosas e inseparáveis com formas e combinações de matéria comparativamente inanimadas e grosseiras, como aquelas indicadas pelos processos universais e imutáveis que decorrem em todos os departamentos da Existência.

Mais ainda: esta concepção definida de Deus é essencial para um entendimento claro e lógico do que constitui os seus poderes voluntários e involuntários — refiro-me às manifestações constitucionais da Sua natureza interior, que são imutáveis, e que se distinguem do exercício daqueles elementos mais elevados que dão origem às emoções de harmonia e felicidade — àquelas sensações profundas, insondáveis, infinitas, inefáveis de harmonia lírica — que as operações musicais do Universo e os júbilos consonantes de inúmeros espíritos despertam na Sua constituição divina.

Um entendimento claro destas verdades sublimes pode ser mais facilmente alcançado contemplando-as de um plano mais elevado de pensamento. Por isso, passo à consideração de uma proposição superior.

Sexto: Deus age sobre o Universo Magneticamente.

A contemplação exaltada eleva e alegra a alma. Pensamentos sublimes elevam invariavelmente a mente que os abriga. E quanto mais a alma habita e medita sobre temas divinos, mais se dilatará a sua capacidade, e mais refinados e purificados se tornarão os seus afetos. Para ser bom, ou semelhante a Deus, o homem deve fazer da bondade sua companheira constante, e da Divindade um tema de contemplação calma e deliberada. Justificados por estes axiomas incontestáveis, esforcemo-nos por contemplar a Mente Divina de modo mais definido—por fixar, se possível, no entendimento, uma concepção clara e abrangente da Divindade—ainda que seja, e sempre será, impossível à mente humana finita resolver o problema da Existência Divina, ou mesmo apreciar plenamente a capacidade e as manifestações sempre variáveis de um só atributo da Omnipotência.

Mas “os puros de coração verão a Deus”, e o entendimento esclarecido e dilatado pode, até certo ponto, compreendê-lo. A natureza pura e imaculada contempla Deus em todas as coisas e em todo o lado; mas o princípio reto da razão deve procurar investigar o seu modo de Ser, por meio de instrumentos científicos e filosóficos.

Como já foi dito, seria um ato supérfluo tentar demonstrar a existência de um Ser supremo, sapientíssimo, bom e perfeito; porque tudo—toda a forma, toda a combinação e organização de matéria—oferece prova plena e perfeita, que pode ser chamada de demonstração, da existência de uma Mente Divina e inteligente—um Governante do Universo. A fé do homem em Deus, contudo, está sujeita a mudanças e modificações; é demasiadas vezes fruto da sua educação religiosa—frequentemente uma “imagem” moldada à estrutura do seu próprio intelecto; e, assim, quando o caminho da vida se torna espinhoso e tempestuoso, a confiança e a fé do homem na bondade e sabedoria, e mesmo na existência de Deus, enfraquecem, e por vezes abandonam-no precisamente quando as provações são maiores, e quando uma fé verdadeira é mais desejável e necessária. Na verdade, não há segurança numa

fé, ou numa opinião, que não possua alicerces científicos e filosóficos na mente que a sustém. A ciência e a filosofia são a base de toda a verdadeira religião.

Mas o homem não pode confiar inteiramente nos seus sentidos em busca da verdade; pois os sentidos podem ser defeituosos, mal utilizados, e facilmente enganados; até mesmo a afirmação da ciência astronómica, de que a Terra completa uma revolução sobre o seu eixo a cada vinte e quatro horas, não pode ser acreditada com base no testemunho dos sentidos; mas deve ser, como qualquer outro problema ou maravilha importante da Natureza, demonstrada ao entendimento por meio de raciocínio e argumentação metafísica.

Do mesmo modo, para se possuir uma fé e uma confiança verdadeiras na Existência, Sabedoria, Poder e Amor do Ser Supremo, a mente deve interrogar as suas próprias profundezas e observar os misteriosos movimentos das suas próprias propriedades e princípios. Os sentidos, por si sós, não podem reconhecer Deus nas formas, processos e organizações da Natureza, no mundo exterior dos efeitos e fenómenos; mas a Mente pode, por meio dos sentidos, contemplar essas múltiplas indicações do Princípio Divino; e na sua consciência interior, a alma experiencia uma fé doce e inabalável, baseada no conhecimento, cuja natureza e composição nenhuma linguagem pode propriamente exprimir.

A consciência, quando se lhe permite agir em pleno e em harmonia, é uma fonte de fé e de conhecimento. Filosoficamente falando, a fé é uma confiança naquilo que fortemente e ansiosamente desejamos, ou uma série de desejos, que podem ser naturais e intuitivos, ou adquiridos e habituais; mas o conhecimento é aquilo que é incontestavelmente e inequivocamente conhecido pelo princípio da razão, no qual a Razão ocupa, ou deveria ocupar, o trono, sendo o Senhor e Governador de todos os afetos que vivem no domínio da alma.

É certo que “o Amor perfeito lança fora o medo”, tal como a saúde perfeita repele a doença; assim, segundo a validade desta analogia, é igualmente certo que o conhecimento perfeito e o desenvolvimento espiritual eliminarão todas as dúvidas e ansiedades quanto à existência de uma Personalidade Suprema. E quão necessário é, para a cultura mental, o refinamento, a felicidade e a progressão, que a mente seja coroada com Sabedoria, que é mais fiável e duradoura do que o conhecimento; porque a primeira é desdobrada a partir dos elementos mais interiores da mente, como as flores são desenvolvidas a partir da terra; mas o segundo (o conhecimento) é adquirido pelos sentidos.

E embora se assemelhe às feições e manifestações da Sabedoria ao ponto de muitas vezes serem confundidos e julgados indiscriminadamente, o conhecimento é uma iluminação relativamente efémera do intelecto, sendo eminentemente útil e

ornamental nesta vida, mas que, quando a Sabedoria estende a sua influência perene por todos os territórios da alma, desaparece como as nuvens diante do Sol!

A Sabedoria, portanto, é preferível ao conhecimento; mas a combinação de ambos—refiro-me à iluminação espiritual e ao discernimento interior, em conexão com as vantagens que fluem de uma rica posse do que se chama “sabedoria mundana”—proporcionará seguramente à alma um escudo contra toda a ansiedade e ceticismo quanto à existência e carácter da Mente Divina e às verdades da imortalidade. A “sabedoria mundana”, quando exclusivamente possuída, pode ser definida como consistindo num discernimento prático; numa estimativa não exagerada das coisas, eventos e circunstâncias que entram na soma da experiência humana; num juízo claro, discriminador ou científico—capaz de perceber os motivos e avaliar os caracteres dos homens; de calcular com precisão os meios de existência e subsistência física; e de se conformar com prudência aos modos populares ou vigentes de vida, educação e hábito, para que, ao menos, se preserve uma harmonia superficial e temporária nas várias comunidades.

Mentes desta estrutura raramente, ou nunca, se aventuram em especulações de carácter poético ou metafísico; nunca se permitem o impraticável ou o incompreensível; mas são profundamente versadas no comércio e nos negócios da vida ordinária, quotidiana—sendo, em tudo, zelosas defensoras das ciências exatas, do que é imediatamente útil, e daquilo que proporciona grande rendimento e riqueza.

Por outro lado, a Sabedoria interior, ou discernimento espiritual, quando exclusivamente possuída, pode ser reconhecida pelas contemplações eminentemente religiosas e profundas em que o indivíduo se encontra imerso; pela sua sede constante do interior, do profundo, do inacessível e do infinito; pelas suas meditações, cogitações, iluminações; e encontra-se sempre inquieto, e nervosamente afetado, pelas múltiplas dificuldades e perplexidades que fluem do estado social egoísta e corrompido em que a humanidade ainda existe. Mas é uma combinação bela—a união da Sabedoria interior com a “sabedoria mundana”, ou conhecimento adquirido.

Porque o indivíduo assim dotado está apto para o espiritual e para o natural—para um modo de existência interior e também exterior; e, assim, é um homem justo—um pilar sustentador e ornamental no mundo exterior, entre os homens—paciente, temperado, industrioso, hospitaleiro, religioso e superiormente iluminado. O homem de “sabedoria mundana” pode ser chamado homem de ciência; pois a ciência, no seu sentido mais amplo e definição mais precisa, é um sistema de efeitos e fenómenos externos, com o qual o indivíduo está, usualmente, bem familiarizado.

E o homem de “sabedoria interior” pode ser denominado filósofo; pois a filosofia, segundo a sua verdadeira definição, é um sistema de Causas e Princípios,

cuja investigação ocupa, em maior ou menor grau, o indivíduo espiritualmente inclinado. Assim, se o homem voltado para o mundo exterior tentar conceber a Existência Divina, os seus pensamentos tenderão naturalmente para uma inspeção dos “eventos e fenómenos” da Natureza externa. A sua mente admitirá a existência de “um poder—um princípio—ou algo” que os sentidos não conseguem perceber; contudo, ele “não sabe” se esse Grande Poder invisível e não visto poderá não ser “uma lei inerente à constituição da matéria”; não sabe se toda a Natureza não será o efeito de “um acaso fortuito de átomos”, pois “não vê nenhuma ação especial ou sobrenatural em parte alguma da Natureza ou entre os homens”, o que, pensa, provavelmente se manifestaria se, de fato, existisse um Ser Supremo que existe por si só.

Mas o homem espiritualmente inclinado ou interior investiga, e adquire uma concepção de Deus por meio da instrumentalidade das “causas e princípios”, que o conduzem de uma esfera de manifestações a outra—desta série de efeitos a esse conjunto de causas—até que chega à Causa Divina de todas as existências, onde a sua alma buscadora encontra doce tranquilidade e permanente satisfação. Ele considera todos os argumentos apresentados para provar a existência de um Princípio supremo, sábio e poderoso como inúteis—irrelevantes—supérfluos—imaginários e superfúos. Considera tolice discutir um assunto “tão evidente por si mesmo”. Deus vive na sua alma—inspira-o com pensamentos bem-aventurados e contemplações celestiais. Ele “caminha com Deus” pelos campos da Natureza e da meditação.

O seu “coração puro” vê Deus em tudo;—sim—no “verão e inverno, tempo de semear e de colher”, nos sistemas siderais, em cada e todos os departamentos da grande catedral da Natureza, o homem espiritualmente desperto vê a ação imutável da Onipotência e ouve as harmonias líricas das esferas invisíveis. A esta estrutura mental, a crença em Deus e alguma concepção dele são naturalmente formadas. O que é dito ser impraticável, incompreensível e inacessível na existência é contemplado com uma visão familiar e adoradora; e a verdadeira alma—sedenta, mas pacífica; ansiosa, mas satisfeita—vai dentro, fora e acima de si mesma, em busca desse Amor e Sabedoria que infunde vida e beleza em todas as formas e personalidades do Universo.

Acompanhados dos puros de espírito—das inteligências interiores, meditativas e filosóficas—sigamos, com a devida reverência e humildade, para uma compreensão justa, embora incompleta, da Divindade tal como ela existe na constituição da Natureza—a fim de que possamos compreender mais facilmente como Deus age magneticamente sobre o organismo universal.

Imaginai um oceano ilimitado, infinito, eterno de elementos superlativamente perfeitos; imaginai que esses elementos entretêm entre si as mais perfeitas e

indestrutíveis afinidades; imaginai a cristalização, interpenetração ou fusão de cada átomo desses elementos divinos; imaginai a Utilidade, a Justiça, o Poder—e a Luz, a Vida, o Amor e a Sabedoria—tudo quanto é inexprimivelmente puro e celestial; imaginai todas as essências—qualidades—propriedades—princípios—formas—movimentos—forças—tendências—beleza e harmonia; imaginai que todas estas posses celestiais estão encerradas nesses elementos superlativamente perfeitos que acabámos de contemplar; imaginai que estas propriedades e princípios refinados, perfeitos, eterizados e celestiais estão harmoniosamente organizados numa só Mente Eterna!

Imaginai esta Mente como a cristalização perfeita de todo o pensamento e sentimento—de todo o afeto e emoção—de todo o amor e sabedoria—de todo o poder e propósito; imaginai que ela existe e subsiste desde toda a Eternidade—sendo eterna, pura, perfeita, imutável, infinita. Imaginai esta Mente a residir nas porções mais interiores e superiores deste Universo ilimitado; imaginai que é capaz de ver, não com um órgão físico de visão, como o homem vê, mas por um princípio imutável de percepção.

E de ouvir, não como ouvimos, mas com um princípio auditivo cujo alcance é tão vasto como o infinito; imaginai esta Mente Eterna rodeada por um Grande Sol Espiritual composto por inúmeros elementos, resplandecente de tonalidades auroras—com emanções de vida e beleza imortais, pulsando com emoções indescritíveis, indicando os princípios eternos de vida que fazem palpar perpetuamente o Grande Coração da Natureza, tendo a Sabedoria como sua coroa; imaginai esta Mente superlativamente perfeita a irradiar, “sem variação nem sombra de mudança”, e a respirar, através do maravilhoso Universo, sem mudança, suspensão ou interrupção, todas as essências, princípios, propriedades, formas, movimentos, forças, belezas e harmonias que existem na sua constituição indestrutível e inconcebivelmente perfeita; imaginai a vida divina e os princípios essenciais desta Mente a fluírem—não por comando, nem obstrução, nem limitação—por todo o organismo da Natureza, como o sangue e os princípios da vida e da sensação fluem pelo corpo humano; imaginai tudo isto, vós que buscais e adorais o Infinito, e então poder-se-á dizer verdadeiramente que a mente humana formou, pela primeira vez neste mundo, uma concepção filosófica da estrutura e carácter daquele Ser Santo cuja morada está fixada e é eterna nos Céus!

Que a mente expanda os seus poderes de imaginação até ao seu limite máximo, e que os seus pensamentos sobre a Divindade se multipliquem em número incalculável; que os sentimentos da mente—essas emoções e impulsos que agitam as suas profundezas—se unam e se elevem às mais sublimes concepções de tudo o que é celestial e divino; e, ainda assim, a alma terá apenas obtido um esboço rudimentar, uma mera ideia imperfeita e incipiente da Grande Mente Positiva—do Deus Eterno

da Natureza!—do Inventor, Sustentador e Aperfeiçoador de todas as coisas!—da Alma Eterna do Universo!—de nosso Pai, que está nos Céus!

Pois jamais se formou som ou se proferiu palavra que pudesse transmitir sequer uma tênue concepção dessa Essência que tudo penetra, desse Grande Princípio Espiritual, dessa Mente Omnipotente e Positiva que habita no Vórtice de onde fluem milhões sobre milhões de Sóis, de Sistemas, de Universos, que se estendem por espaços indefiníveis quase ao ponto de preencher o próprio espaço—e que, contudo, tudo isso constitui nada mais do que a expressão de um único Pensamento emanado do Vórtice inesgotável da Pureza e Perfeição Infinitas! Nenhuma palavra ou expressão jamais proferida—e nem sequer aquela que fui dirigido a empregar—alguma vez transmitiu à mente do homem, neste seu primeiro plano de existência, a mais ínfima concepção do Princípio Divino e INFINITO.

Mas o contraste—quão grande! Quão indizivelmente doloroso! Refiro-me ao Deus da humanidade em comparação com o Deus da Natureza! Extraídas dos túmulos e pirâmides sagradas da Antiguidade, as tradições mitológicas de todas as seitas e nações relativas a um Jeová foram moldadas num só Ídolo, que é buscado e temido por quase todos os habitantes dos países civilizados da Terra. Este ídolo—este imaginário “Rei dos reis e Senhor dos senhores”—é buscado principalmente através de intercessores ou procuradores; através de credos, sacerdotes e igrejas; através da avenida da “fé” (e por vezes das obras)—uma fé medida por aqueles cuja ocupação reconhecida é a de se colocarem entre o povo e o seu Criador.

Se a humanidade fosse elevada e verdadeiramente iluminada—se os homens tivessem visões elevadas e santas da Natureza e do Céu—nunca sacrificariam a razão e o entendimento no altar da teologia popular e da autoridade religiosa—nunca procurariam a salvação por meio dos instrumentos hoje considerados tão essenciais para a imortalidade e felicidade futura. Estando a humanidade imersa em profunda ignorância e superstição, encara a existência de certos “meios de salvação” como evidência da “misericórdia Divina”; mas quão insignificante ou mitológica essa opinião ou fé se revela diante de um entendimento alargado e iluminado!

Sim, quando a mente livre é chamada a desviar-se das contemplações e concepções do Deus do Universo, então as crenças imperfeitas e orientais da humanidade, acerca daquilo a que chamam Deus, passam diante da sua visão como imagens distorcidas de sonhos infelizes!

O Fetichismo e o Politeísmo de todas as nações e eras, e os pensamentos, religiões e sentimentos que essas formas de fé suscitaram na mente humana, encontram-se belamente modificados e organizados no Monoteísmo dos dias modernos; —não! não Monoteísmo, (que significa a crença em um só Deus), mas antes que todas as superstições, especulações e sentimentos religiosos das eras passadas estão

condensados (e sancionados pela autoridade do Rei Jaime) num sistema de Dualismo, que significa dois—ou a crença num Bem absoluto, e num Mal absoluto, seja este uma personalidade ou princípio.

E é para redimir a raça de um estado pecaminoso (no qual essa suposta “entidade do Mal absoluto” teria seduzido e lançado a humanidade) que o plano de salvação foi, por misericórdia e longanimidade de Jeová, originalmente instituído. Interroguemo-nos, porém, sobre os detalhes desta crença num espírito maligno, para que o conhecimento seja ampliado e a sabedoria floresça entre os habitantes da terra.

Provavelmente, em toda a vastidão ilimitada da investigação humana, não há questões consideradas tão terríveis, tão solenes e inatingíveis como aquelas que dizem respeito ao que se concebe ser o Sumo Bem, e ao seu eterno antagonista, o Diabo. E é tanto impossível quanto inútil disfarçar o fato evidente de que, em nossa terra, a crença no Diabo e o medo dele são quase universais; mas que fique aqui gravado: todas as concepções acerca do Diabo, ou espírito invisível do Mal, diferem entre as nações tanto quanto diferem as suas peles, costumes e governos.

Contudo, a mais perfeita concepção da encarnação de um princípio do Mal—a mais impressionante concentração e personificação do ódio, da inveja, do amor voluntário ao mal, do vício puro, e de todos os princípios verdadeiramente perversos e demoníacos—é património exclusivo da Igreja Cristã. Se as percepções interiores do leitor estivessem abertas, e seu espírito interrogasse os labirintos da mitologia, e os meandros das especulações pagãs sobre Cosmogonia, Teologia e Demonologia, ele veria que as mais extravagantes histórias de demónios do mundo pagão não se comparam ao verdadeiro Diabo que se supõe presidir à Teologia da Cristandade. Com efeito, esse demónio superior não apenas preside, mas é considerado ingrediente indispensável na própria Teologia promovida pela chamada Ordem Evangélica de mestres e clérigos.

A universalidade da crença num Princípio do Mal é perfeitamente suscetível da mais clara e racional explicação. Entre os primeiros habitantes da terra, houve mentes que especularam sobre as causas do mal e da discórdia; e como o amor à aprovação é uma paixão poderosa na constituição humana, tornou-se ao mesmo tempo agradável e conveniente atribuir a causa das deficiências pessoais e da injustiça a seres invisíveis ou espíritos.

A princípio, sugeriu-se que os ventos seriam sinais da presença de Espíritos Malignos; não tardou até que essa sugestão, ou opinião, fosse considerada um fato estabelecido; e, em poucas gerações, esse suposto fato era não apenas acreditado e ensinado pelo seu carácter romântico e misterioso, mas também pela sua antiguidade. E assim foi que Parama, Vishnu e Siva receberam os seus lugares na cosmogonia oriental e mais antiga; sendo Siva identificado como a causa da

maldade e desvio humano. O alívio geral trazido por esta descoberta do arquimigo da humanidade pode ser facilmente imaginado e compreendido.

Em consequência dessa descoberta, os primeiros povos passaram a experimentar um certo sentimento de autojustificação em tudo quanto realizavam. Não muito depois de Siva ser feito regente das Regiões Infernais e atmosféricas do mal, o seu nome foi alterado e ele foi promovido, de mero princípio ou sopro (*spiritus*), a chefe forte e influente de pessoas, hostes e impérios malignos. Esta mudança foi introduzida por Zoroastro—que, nas suas sistemáticas especulações sobre Cosmogonia e Demonologia, chamou-lhe Ahriman.

Da mitologia hindu e persa-caldeia, o Espírito do Mal foi introduzido nas especulações egípcias e judaicas, sob os nomes mais suaves e indefinidos de Belial e Hiabolus—o primeiro significando simplesmente um libertino; o segundo, um acusador ou caluniador. Importa aqui observar que as escrituras hebraicas ou judaicas contêm apenas raras alusões à crença num Diabo pessoal. Os judeus não criam em nenhum Diabo mais perverso ou potente do que Belial e seus filhos. E será concedido que um indivíduo não pode ter inimigo mais penoso e talvez mais nefasto do que um libertino ou caluniador; e, pelo que se pode aprender dos escritos judaicos e do Antigo Testamento, não há quaisquer outros demónios além de Belial e Satanás (que significam, respetivamente, libertino e acusador) incorporados na Teologia dos egípcios, romanos e judeus. Apesar de o Antigo Testamento ser silencioso quanto à existência de um Diabo pessoal, é evidente que os judeus acreditavam num espírito ou princípio do Mal, não muito diferente da opinião dos primeiros povos.

Já o Novo Testamento é mais explícito sobre o tema—existem diversas passagens que deixam a impressão de que os historiadores e seguidores de Cristo acreditavam profundamente em demónios pessoais. Falam de muitas experiências com demónios; como lançar Satanás (ou demónios) para fora das pessoas e dentro de porcos, levando estes a correr desvairadamente por precipícios até ao mar; e várias outras demonstrações demoníacas são ali registradas—todas fornecendo prova suficiente de que os seus autores acreditavam em influências satânicas e personalidades malignas.

Os discípulos de Maomé também creem num Diabo pessoal com o nome de Eblis, correspondente ao Lúcifer dos cristãos. Os maometanos chamam também ao seu Diabo Azazel, mencionado no Antigo Testamento, no livro de Enoque*, significando pessoas refratárias, espíritos maus, e também perdição. É evidente que indivíduos refratários, (isto é, mal organizados em mente e corpo), oferecem aos povos mais avançados uma ideia do que um Diabo seria nos seus próprios domínios e habitações.

*Um dos livros rejeitados quando se compilou a atual Bíblia.

Assim, o Diabo de todo o mundo é uma personificação dos atos malévolos de indivíduos perversamente dispostos—e a razão de ele ser promovido à condição de personalidade e influência em toda parte, é que a mente humana dificilmente consegue conceber princípios sem corpo e sem localidade; e porque, também, é conveniente ter uma pessoa com quem lutar, satisfazendo a propensão superficial e não amável ao combate e à destruição. A isto se chama, “vencer o Diabo” e “colocar as suas tentações sob os pés”.

Assim, a princípio, os Ventos foram considerados Demónios, e denominados “Sopros”; depois, a multiplicidade de demónios foi sistematizada e concentrada na personagem mitológica que figura com destaque na cosmogonia hindu — e ainda mais antiga —, sob o nome de “Siva”; em seguida, surgiu o sistema zoroastriano, com um Espírito do Bem e um Espírito do Mal, que comandava inúmeros demónios subordinados a si, chamado “Ahriman”.

Depois vieram os diversos nomes e modificações dos demónios, fluindo pelos canais persa, egípcio, grego, romano, germânico e anglo-saxão das especulações teológicas e lendárias; e a consequência é que, hoje, os cristãos reuniram todas as contribuições de princípios e personagens malignos num único “Diabo”, que é a própria quintessência das imaginações do passado; e esta amalgamação faz do Satanás cristão o mais onipotente, o mais terrível, o mais insidioso, o mais perverso Demónio — e, ao mesmo tempo, o mais magnífico e poderoso Príncipe — existente em qualquer teologia, enquanto antagonista do Bem e da Divindade. Os seus nomes são variados em som e significado. Tem sido sucessivamente nomeado Siva, Ahriman, Génio, Belial, Eblis, Azazel, Lúcifer, Dragão, Serpente, Satanás, Diabo, Demónio, Mefistófeles, entre outros de sonoridade e conotação mais ou menos demoníaca.

Os cristãos, tendo as vantagens superiores da riqueza e da educação, lograram maior sucesso do que qualquer outro povo em definir a aparência, a morada e a disposição do fabuloso Diabo. E não posso deixar de pensar que, não fosse pelas sugestões mitológicas de um Demónio-serpente no início do Antigo Testamento, pelas confirmações e alusões sérias a ele no Novo, e pelas especulações independentes oriundas de outros livros teológicos — não fosse toda essa ajuda à imaginação — os poetas cristãos teriam fracassado nas suas tentativas de tornar Satanás naquilo que o tornaram nas suas produções clássicas.

Assistido pelos sistemas e sugestões mitológicos e teológicos, Milton imagina um esplêndido Pandemónio, iluminado por:

“uma fileira
De lâmpadas estreladas, e archotes flamejantes, alimentados
Com nafta e asfalto,” —

onde reside o majestoso Príncipe, ou

“Chefe de muitas potências entronizadas,
Que levaram os serafins à guerra.”

Essa concepção nada mais é do que uma civilização e promoção do poderoso Diabo zoroastriano, juntamente com os seus anjos subordinados, os génios. O mais esplêndido e apurado Príncipe Satânico já descrito ao mundo é o Diabo de Milton, cujos materiais para a construção de sua organização física e das suas inúmeráveis legiões foram fornecidos pela mitologia persa. Os persas geralmente acreditam que vive, algures, um Ser Maligno poderoso, cujas riquezas são inimagináveis, e cujos espíritos servos estão estacionados nos vários lagos, minas, montanhas, cavernas, florestas e estrelas pertencentes à terra ou visíveis aos seus habitantes. Em apoio a essa afirmação, remeto o leitor à célebre coleção de contos persas conhecida como “As Mil e Uma Noites”.

Os génios representados nesta notável obra são os exércitos infernais que Milton descreve a povoar o seu Pandemónio; e Lúcifer (o esplêndido “Príncipe das trevas”) é Ahriman, o Príncipe dos génios, governando em oposição a Ormuzd (ou Deus) num império de fogo, riqueza e magnificência.

Para satisfazer o espírito de que os poetas cristãos sublimaram e aperfeiçoaram infinitamente todas as concepções hindus, árabes e judaicas de um Diabo, o leitor pode consultar a vívida descrição de Pollok sobre a sua personagem, onde Satanás é retratado como tendo:

“o peito cheio de ódio, o rosto
Enegrecido pela inveja, e na alma gerados
Pensamentos culpados de rebelião contra o trono
Do Eterno Pai, e do Filho.”

E outras provas de que os cristãos possuem a mais perfeita concepção do Diabo mitológico podem ser encontradas naquela obra profundamente imaginativa e clássica chamada “O Peregrino”, escrita por John Bunyan enquanto encarcerado. Este livro, provavelmente o mais influente depois da Bíblia, é o mais representativo da superstição oriental e da mitologia sistemática jamais publicado na cristandade. É influente porque possui muitas das atrações que garantiram a popularidade dos contos árabes, e porque imprime fielmente na mente juvenil toda a filosofia e mistério da teologia cristã. Aqui, desejo que o leitor compreenda que não confundo religião com teologia.

Parece evidente que o Diabo do mundo cristão é manufaturado com materiais afins e homogêneos, que se encontram, em partes e fragmentos, entre todas as nações. A razão pela qual um Diabo, ou espírito maligno, foi concebido pela primeira vez é explicada na história mitológica do “Jardim do Éden”. Narra-se que Eva foi desobediente e, tendo feito o que era errado, desejou desculpar-se introduzindo uma causa externa e atenuante; assim, para justificar-se, acusou a serpente. Adão também pecou e sabia disso, e procurou desculpar-se atribuindo o seu erro à mulher; do mesmo modo, os primeiros povos desculpavam-se atribuindo os seus distúrbios pessoais, sociais e outros a causas invisíveis e seres infernais.

Este sistema de remeter a origem do desvio humano a influências externas tem duas causas fundamentais — Desonestidade e Ignorância. Algumas mentes não são suficientemente honestas para reconhecer as suas próprias falhas voluntárias e fraquezas constitucionais; e outras não são suficientemente filosóficas para rastrear os efeitos até às suas causas legítimas; e assim, entre estas duas causas (desonestidade e ignorância) temos as mais profundas revelações e as descrições mais sublimes de um magnífico Diabo, e dos seus incontáveis e vitimados súbditos. Com efeito, nenhum sistema iguala o de Swedenborg na filosofia das influências infernais; mas mesmo os materiais desse sistema encontram-se entre os persas, especialmente entre os adoradores do fogo, que acreditam que cada indivíduo é constantemente acompanhado por Espíritos Malignos ou Génios.

Esse hábito dos indivíduos, esse fato histórico, esse sistema das nações — de atribuir os males humanos, sociais e constitucionais a causas irreais e imaginárias, em vez de buscar e eliminar as reais — cega o entendimento, ao mesmo tempo que alivia a responsabilidade pessoal, atribuindo todos os erros a um inimigo perigoso da humanidade, decidido à destruição, cujo trabalho sobre a terra é ilustrado de modo notável por Pollok. Ele descreve o Diabo como desobedecendo à vontade de Deus, mas não sendo punido de imediato, e sim:

“Deixado a encher a medida do seu pecado,
Tentando e seduzindo o homem — demasiado cedo,
Demasiado facilmente seduzido! E desde o dia
Em que pôs o pé na terra, — cheio de rancor,
De orgulho, de ódio, de malícia, de vingança, —
Empenhou-se, com fim criminoso
E perseverança infernal, em arrancar
Todo o bem, e no seu lugar plantar todo o mal.”

Milton e Pollok ilustram, na linguagem mais explícita e bela, o fato de que a mente humana tem envidado esforços infrutíferos para conhecer a origem das suas muitas e diversificadas aflições. Cada descrição humana de um Diabo, e da sua perniciosa influência entre os homens, constitui apenas mais uma evidência a favor da

proposição de que a Ignorância e a Desonestidade (ou a falta de franqueza) implantaram na Teologia do nosso mundo explicações errôneas e não filosóficas dos males e desvios existentes.

Sinto-me impelido a declarar que, para a mente espiritualmente esclarecida, para o intelecto claro e de visão profunda, este tema apresenta um poderoso contraste entre os Erros da Teologia e as Verdades da Natureza. À direita, vê-se a Natureza com toda a sua beleza e encantamento; à esquerda, a Teologia com os seus objetos e princípios deificados. A Teologia faz tudo trevas. A Natureza ilumina tudo com a luz do dia. De um lado, são visíveis as pirâmides fantasmagóricas do Erro; do outro, os montes imponentes das Verdades Eternas.

Oh, se o leitor pudesse colocar-se sobre esses montes imensuráveis de elevação intelectual e de verdade divina, com as percepções espirituais tão abertas que lhe permitissem observar os mundos da mente abaixo, veria de um lado uma noite pavorosa de desorientação mental — erros colossais residindo em templos luxuosos, encadernados em livros sagrados, tendo por defensores e devotos as mentes mais talentosas.

Veria florestas de paganismo transformadas nos mais sedutores jardins de erros cristãos — erros veneráveis do passado — adornados com os trajes da educação e da riqueza, e potencializados pelo espírito da antiguidade. Perceberia que as ideias e realidades hipotéticas do Oriente foram (e são) sublimadas, sistematizadas, deificadas e magnificamente sustentadas no Ocidente; que os habitantes do Hemisfério Oriental forneceram o germe da Teologia moderna através da sua mitologia, e que os habitantes do Hemisfério Ocidental religiosamente nutrem esse germe e aperfeiçoam-lhe a flor.

Do outro lado, veria as Verdades douradas do Céu fluindo de monte em monte, de espírito em espírito, de flor em flor, dourando com encantadora imortalidade as obras mais fracas e mais fortes de Deus; — veria que tudo declara o caráter e a Divindade de sua missão ao cumprir sua função legítima, ao obedecer aos princípios da Natureza e, portanto, à Vontade do seu Criador; e que a Liberdade, a Verdade e a Harmonia são visíveis em todas as direções.

Em vez de demónios mitológicos, vê-se as realidades mais sublimes; e em vez da adoração falsa e da idolatria, há exibições da mais profunda reverência e admiração. Em lugar de fantasmas macabros, do vale das sombras aterradoras, e de lagos de fogo líquido, cheios de filhos frenéticos do Altíssimo, são visíveis as verdades mais belas e imutáveis — as montanhas fragrantas da progressão eterna; e o oceano de diamante do Amor Infinito, cuja maré universal de Vida Espiritual flui das fontes eternas, e que, ao contrário das marés da terra, jamais recua!

Verdadeiramente, o Deus deste sublime Universo não possui nenhum ser, espírito ou princípio antagonista com quem tenha de contender; Ele é o Tudo em Tudo — respirando seus elementos vitais e princípios essenciais pelos reinos e labirintos da Infinitude — banhando as estrelas inumeráveis com a luz de sua natureza, e santificando tudo ao fazer de cada parte um ingrediente indispensável em sua constituição superlativamente perfeita.

Ele não pode experimentar as flutuações e os tumultos da paixão que caracterizam a alma humana ainda não desenvolvida, indisciplinada e desviada. Ele não pode ser perturbado nem desorientado, como é o homem; pois Ele contém em Si mesmo os princípios de toda harmonia, de toda perfeição e imutabilidade, sendo, portanto, “sem variação ou sombra de mudança” — incapaz de alterar-se ou de ser alterado; Ele é a grande Totalidade do Ser; a Coroação do Universo!

Mas a teologia da cristandade está repleta de concepções opostas acerca de Deus. Nela, Deus é representado como um ser mutável, arrependido, caprichoso; como alguém que se entristece quando a humanidade é rebelde e pecadora; e que se alegra quando os seus “meios de salvação” são recebidos pelas multidões que preferem o seu reino ao de Satanás — o alegado antagonista da Divindade.

Com efeito, esta teologia é extremamente mitológica em cada uma de suas afirmações. Relata como, por ação direta de suas próprias mãos, Deus criou a terra e o mar; fez os animais para habitar a terra, os peixes para povoar o mar; plantou um jardim com árvores formosas; formou um casal de seres humanos imaculados; colocou-os no meio de tentações irresistíveis; e, finalmente, expulsou esse casal do jardim para os campos selvagens; e arrependeu-se — profundamente, sinceramente arrependeu-se — de ter feito o homem, e o lançou fora para morrer, amaldiçoando a terra por causa dele!

Assim, esta teologia priva Deus do atributo da onisciência, porque reconhece que, depois de ver e declarar tudo como “bom”, Ele desejou fervorosamente voltar atrás e desfazer o que havia feito — especialmente a criação da espécie humana. Certamente isto soa muito Oriental! Se essa Deidade teológica — ou melhor, mitológica — possuísse o atributo da onisciência, certamente não teria feito da criação do homem uma mera experiência de tentativa e erro; experiência essa que, em muitos aspetos, não teve o sucesso desejado, tornando-se fonte de profundo arrependimento e pesar para Si mesmo, e de miséria interminável e sem alívio para miríades de almas humanas!

Negar o caráter experimental e arriscado da criação do homem por meio da ação especial da Divindade, conforme descrito nesta mitologia moderna, seria negar a verdade mais clara nas páginas da história. Pois, quando foi descoberto pelo Criador que, embora inicialmente perfeito, o homem estava inclinado a desviar-se e a povoar

a terra com tiranos perversos e tribos assassinas, então Ele “arrependeu-se” de ter feito o homem, e viu-se compelido pelas terríveis consequências disso a instituir um novo plano para despovoar a terra de homens e de animais, salvando apenas germes (ou casais de cada espécie) para recomeçar o processo da criação sob circunstâncias mais puras e favoráveis.

Verdadeiramente, isso em nada se assemelha à “obra” de um Princípio ou Mente Onisciente e Onipotente; mas assemelha-se perfeitamente às operações e dispensações da Deidade Oriental, que, segundo as antigas concepções persas e egípcias (ou histórias), era o autor especial das coisas materiais.

A partir dos registros existentes, aprendemos que, mesmo depois de o homem ter sido removido da Terra pela universalidade do dilúvio, e uma nova ordem ter sido iniciada, a espécie humana continuou rebelde, e as abominações foram incontáveis. E, para prover ao homem os “meios” pelos quais ele pudesse “lavar” seus pecados profundamente arraigados e “escarlates”, e ser restaurado ao favor e amizade daquele Deus que autorizou as guerras e crueldades revoltantes de Josué, e destruiu as multidões da Terra por meio da água, um plano ainda maior foi instituído — nada menos do que a crucificação de um inocente.

Ao intelecto são, iluminado e intuitivo, este sistema parece um dos primeiros devaneios da imaginação, combinado com os encantamentos fabulosos da cronologia e da história peculiar de tribos antigas. Pois o Deus do Universo é indescritivelmente e inconcebivelmente superior a manifestações imperfeitas de seu poder formativo — na verdade, Ele é a própria essência do Amor infinito, da Vontade, da Sabedoria e da Perfeição; e dos elementos e princípios inerentes à sua constituição perfeita fluem toda a forma e ordem, toda a atividade e inteligência que embelezam os campos da natureza.

Mas o Deus da teologia mitológica é a própria essência da mutabilidade e da inconstância! Ele cria e destrói; institui planos e depois se arrepende de tê-los feito; estabelece leis e as revoga; declara que “quem derramar sangue de homem, pelo homem o seu sangue será derramado”, e Ele próprio ordena a seus exércitos favoritos que dizimem nações à espada; alegra-se e enfurece-se; ensina o amor aos inimigos e, então, mostra-se impaciente por colocar todos os inimigos debaixo de seus pés; “terá misericórdia de quem Ele quiser ter misericórdia, e a quem quiser endurecer, endurece”; declara-se “insondável”, mas afirma que todos o conhecerão, do menor ao maior; proclama “paz na Terra”, mas traz “uma espada”.

Diz “não matarás”, e ainda assim faz da morte do homem de Nazaré o último e indispensável ato no drama moral da salvação; professa ser amigo de todos os homens, mas lança as vítimas de sua ira em profunda e eterna miséria; envia sua chuva e bênçãos “sobre justos e injustos” aqui, mas lança as maldições devastadoras

de sua insatisfação sobre os últimos na vida futura; faz os profetas proclamarem sua onipresença, mas reconhece que uma parte da infinitude está ocupada pelo príncipe das trevas; inspira os homens a afirmarem que seu poder está acima de tudo — maior que todos os poderes e principados, todos os reinos e governos — e ainda permite que quintilhões e mais quintilhões de espíritos se percam irremediavelmente em um lago de fogo preparado para o diabo e seus anjos.

Certamente essas contradições tão flagrantes na teologia humana provam, sem margem para dúvida, sua origem mitológica. Despoje-se a teologia popular de hoje de suas grandes belezas literárias e adornos clássicos, juntamente com a harmonia superficial ou imaginária das interpretações que lhe foram dadas — obra de eruditos romanos e tradutores modernos — e ela não se recomendaria à razão de homem algum, o que mesmo agora não faz, senão pela força do costume e da educação; mas, removida sua custosa indumentária, o Deus que ela apresenta à mente humana não é menos caprichoso, nem mais digno de adoração religiosa, do que o Deus da mitologia dinamarquesa, que acabou por se tornar o sistema de cosmogonia sagrada adotado pelas antigas tribos indígenas e por nações mais civilizadas da América Central.

Nesta cosmogonia, assim como na teologia moderna, supõe-se que a Divindade tenha criado o sol, a lua, as estrelas, a terra, o homem, e tudo o que é visível e invisível. Mas, em consequência da desobediência de um único homem — que constrói um palácio suntuoso para satisfazer sua própria ambição, ao invés de erguer um altar de sacrifício sobre o qual deveria arder um fogo perpétuo, conforme ordenado pelo Senhor — a Divindade, inflamada com vingança terrível, envia um dilúvio colossal, que sobe tão alto e é tão universal que não apenas varre da terra todos os seres vivos (inclusive o homem), como também extingue o sol e a lua! Quando a Divindade contempla o que havia feito em sua ira excessiva — a terra e os céus agora desertos — chora amargamente por várias eras; e, enquanto lamenta, um serafim, esposa de um rei celestial de grande poder, vem até ele e promete, em troca de um presente valioso, repovoar a terra e restaurar os astros no firmamento.

Aceita a oferta, ela transforma um de seus próprios filhos em uma adaga de aço e a lança à Terra. Ao atingir o solo, ela se divide em mil e quinhentos cavaleiros de grande beleza e valentia. Esses cavaleiros imediatamente entram em guerra uns contra os outros, e constroem uma grande fogueira na qual queimariam aquele que fosse o primeiro a tombar vencido. Por fim, após um longo combate, o mais belo deles, chamado Zolotl, rende-se; ele é lançado às chamas e, à medida que seu corpo desaparece no elemento consumidor, os cavaleiros exultantes veem surgir no oriente um belo e fulgurante sol, no qual reconhecem os traços e a transfiguração do irmão supostamente vencido.

Esse acontecimento os torna ainda mais ousados, e ambiciosos de uma promoção maior. Começam, então, a disputar quem entre eles deveria ser o próximo a atravessar o fogo rumo à glória. E, enquanto discutem, um dos mais belos e cavalleirescos, sem esperar pela decisão da disputa, lança-se nas chamas. Mas, estando o calor grandemente diminuído, seu corpo queima muito lentamente. À medida que se consome e desaparece, surge, em outra parte dos céus, um orbe pálido e quase impercetível — a lua. Essa luminescência, desprovida do esplendor e brilho ofuscante do sol, desmotiva os demais cavaleiros de novas tentativas ambiciosas.

As gerações seguintes, (que supunham derivar seu poder ancestral e dignidade da cavalaria acima descrita), construíram no Oriente e na América Central dois belíssimos templos, solenemente dedicados, um à Lua e o outro ao Sol, em memória e honra da divindade que, embora tenha destruído a humanidade num momento de cólera, repovoou a Terra e iluminou os céus com seu poder misericordioso!

Assim, torna-se evidente que as melhores concepções formadas sobre um Ser Supremo, um Criador e Governador de mundos e da humanidade, são, em maior ou menor grau, de natureza mitológica. Em todos os sistemas religiosos existentes, corre um paralelismo que o intelecto discernente não pode deixar de perceber. Por exemplo, a mitologia dinamarquesa contém uma concepção de Deus, e uma história de suas manifestações providenciais entre os homens, distinguível da teologia judaico-cristã apenas por estar menos adornada de belezas históricas, menos rica em enfeites clássicos, e menos embelezada pela ciência.

Lembrai-vos: não confundo as divindades mitológicas com aquela Grande Inteligência Positiva que desdobrou este sistema estupendo de vida, atividade e ordem que preenche a Infinitude; pelo contrário, sinto-me impelido a considerar toda mitologia como a manifestação inicial daquela Teologia mais elevada e engrandecedora que permeia o sistema da Natureza. A mitologia pode ser vista como a primeira expressão exterior, ou encarnação, do sentimento religioso; assim como as pirâmides foram, nas idades primitivas e não mecânicas, os primeiros grandes desdobramentos do princípio arquitetônico imanente ao ser humano.

Que se recorde, portanto, que, embora eu repudie positivamente a teologia imperativa e dogmática ensinada nas escolas e nos altos púlpitos dos tempos modernos, não denuncio todo o sistema como sendo totalmente falso e perigoso. Ao contrário, há princípios puros, preceitos celestes, exemplos nobres, detalhes históricos e ditos de sabedoria naqueles antigos escritos testamentários, que não posso deixar de amar e ensinar; porque as verdades ali contidas são perfeitamente coerentes com as revelações da própria Natureza. Mas é a ideia ou crença de que esses registros contenham tudo o que o homem precisa saber — e de que, portanto, ninguém deve ousar ser “sábio além do que está escrito” — isso sim é o que me sinto impelido a denunciar como eminentemente falso e pernicioso.

Pois é inegável que, para alcançar algo próximo de uma concepção razoável, religiosa e compreensível de Deus, a mente humana precisa abandonar todas as formas e sistemas de teologia e voltar-se para a magnífica estrutura da Natureza Universal e para os mistérios de sua própria individualidade. Além disso, nas investigações científicas e filosóficas, o homem é frequentemente compelido a ir além dos limites estreitos do cânon sagrado — muito além dos ensinamentos e revelações de suas instituições religiosas mais queridas; ele deve avançar rumo à aquisição do conhecimento e da sabedoria muito “além do que está escrito” — ou o mundo faria pouco progresso naquilo que contribui para abençoar a vida presente do homem e desenvolver, em sua razão, um respeito mais profundo e, em seus afetos, um amor mais inteligente ao Princípio Supremo!

A mitologia dinamarquesa, como se pode perceber, ensina uma doutrina sobre a Divindade, e sobre seus tratos caprichosos com as gerações pecadoras e rebeldes da Terra, que não difere muito daquela que, de maneira mais sistemática e bela, adorna as páginas da história sagrada. Para obter, então, uma revelação plena e satisfatória do único e verdadeiro Deus — a majestosa Divindade que preenche todos os incontáveis reinos e firmamentos da Natureza com vida e felicidade inexprimível — a alma deve ser perfeitamente honesta consigo mesma e comungar com toda coisa viva.

Algum autor já disse: “um astrónomo sem devoção deve estar louco”; quanto mais insano, portanto, deve ser aquele homem que, ao estudar as leis e princípios — os elementos e atributos — que o tornam uno com a Natureza e com Deus, não consegue ver e sentir mais verdadeira religião do que aquela conhecida por qualquer devoto idólatra de um livro, sacerdote ou templo existente na Terra!

Harmonizar “a Natureza com a revelação” — fazer com que a história cronológica da Terra, conforme escrita por sua geologia, confirme exatamente o que é teologicamente afirmado na história sagrada escrita por Moisés — para isso, muito tempo e talento valiosos foram, infelizmente, empregados e desfrutados. E, ainda assim, não lamento tal esforço; pois os erros do passado são poderosos guias para o observador sensível em sua busca pela verdade; mas sinto-me impelido a dizer que esta é uma era propícia para confessar que as verdadeiras “revelações” de Deus estão no universo material e espiritual, e na Alma — em nossa consciência profunda — e são essas as únicas revelações que podem, de fato, harmonizar-se perfeitamente com as majestosas declarações da Natureza.

E quão animador e encorajador é, para a mente buscadora, sedenta e investigativa, descobrir que suas intuições sagradas e convicções sinceras estão belamente e concisamente expressas, em linguagem humana, em algum livro escrito por uma mente iluminada — ou por muitas. Para a alma livre e voltada ao Céu, a verdade é

preciosa onde quer que esteja — seja “em solo pagão ou cristão” — e o amor perfeito pela verdade lança fora todo medo do erro!